











# HISTORIA UNIVERSAL.

---

SEGUNDA PARTE:  
HISTORIA MODERNA,

---

*ESCRITA EM FRANCEZ*  
PELO ABBADE MILLOT;

*E TRADUZIDA EM VULGAR*

POR J. J. B.

*Professor de Lingua Franceza no Real Col-  
legio de Alcobaça.*

---

---

TOMO SETIMO.

---

---



LISBOA,  
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

---

MDCCLXXXVII.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

---

---

Historia Testis temporum ; Lux veritatis ;  
Vita memoriæ : Magistra vitæ ; Nuntia  
vetustatis.

*Cicero.*

---

---

DEC  
11  
1985



# HISTORIA UNIVERSAL.



## OITAVA ÉPOCA. O IMPERIO GREGO DESTRUÍDO PELOS TURCOS.

OS MEDICIS EM FLORENÇA. --- FERNANDO ,  
E ISABEL EM HESPAÑHA.

*Des do meado até quasi ao fim do decima  
quinto seculo.*

---

### C A P I T U L O I.

*Progreſſos dos Turcos des de Othmano até  
Mahomete II. --- Tomada de Conſ-  
tantinopla.*

**D**EPOIS que os Latinos foraõ expul-  
ſos de Conſtinopla por Miguel Paleologo  
em 1261, eſte Imperio, já ſem forças an-  
tes das Cruzadaſ, e arruinado igualem-  
te pelos Chriſtãos, pelos Turcos, e pe-  
los

Estado in-  
feliz do Im-  
perio Gre-  
go depois  
de Miguel  
Paleologo.

los seus proprios membros, só conserva-  
va, proximo á sua ruina, hum no-  
me apparente. O espirito monaçal parecia  
extinguir nelle toda a luz da boa razaõ;  
e algumas idéas fracas, e supersticiosas ser-  
viaõ de regras para o governo, e não  
suspendiaõ o curso dos grandes crimes.  
Deixou-se Andronico, filho de Miguel Pa-  
leologo, persuadir que protegendo Deos  
o Imperio Grego, era a marinha absolu-  
tamente inutil; e por conseguinte foi aban-  
donado este recurso, o mais util, e o  
mais necessario. Daqui resultou ser esta  
região primeiramente assolada por piratas,  
e depois inundada pelos Turcos.

Othmano  
restabelece  
os Turcos.

Infinitos Turcos tinhaõ-se refugiado  
para as montanhas, por não soffrer o ju-  
go dos Tartaros Mogores, e apparecêraõ  
novamente no principio do decimo quar-  
to seculo, capitaneados por Othmano,  
cujã posteridade ainda reina, e a ella de-  
ve o seu nascimento o Imperio dos Otto-  
mãos. As rápidas conquistas de Othma-  
no abríraõ caminho para as dos seus suc-  
cessores. Orcano, seu filho, senhor já de  
humã grande parte da Asia Menor, pre-  
parava-se para acometter a Thracia, quan-  
do Cantacuzeno, Collega do Imperador  
João Paleologo I., lhe deo sua filha em  
casamento a fim de o suspender. Canta-  
cuzeno, que tinha usurpado o Imperio,  
aca-

Orcano, seu  
filho, genro  
de Cantacu-  
zeno.

acabou os seus dias n'hum clausura , e João Paleologo , depois de ter pedido inutilmente soccorro á Italia , e ter-se sujeitado ao Papa Urbano V. , vio-se reduzido em 1370 a fazer hum tratado ignominioso com Amurath filho de Orçano , a quem pagou tributo. O Sultaõ tinha passado o estreito , e conquistado Andrinopla , e espalhava por toda a parte o terror. A milicia dos Janiszaros , tal como a vemos ainda em os nossos dias , foi estabelecida pelo mesmo Sultaõ , que foi assassinado por hum Christaõ fugitivo. Bajazeto , seu filho , intitulado *Ilderim* (o raio) foi muito mais tremendo. Não degeneraõ ordinariamente os conquistadores , senaõ quando gozaõ com descanço dos deliciosos fructos da conquista.

Constantinopla tributaria por Amurath I.

Todo o Imperio Grego quasi que se reduzia ao ambito de Constantinopla : onde todavia reinava sempre a discordia. Andronico , filho primogenito de João Paleologo , soblevava-se contra seu Pai , pelo qual fora condemnado a lhe tirarem os olhos. Estas dissensões eraõ fomentadas pelos Genovezes , senhores , (por causa da sua marinha) , assim do commercio , como de hum parte da Cidade. O Imperador esteve prisioneiro dous annos , e recuperando a sua authoridade , emprehedeo fortificar Constantinopla ; porém

Tumultos em Constantinopla fomentados pelos Genovezes.

Ba-

Bajazeto mandou-lhe ordem para demolir as obras, que com effeito foraõ demolidas: que prognostico de huma ruina inevitavel, e proxima!

Os Principes da Europa marchão cõtra Bajazeto I.

Com tudo os progressos do Turco na Europa atemorizavaõ, e excitavaõ os Principes Christãos para a guerra. Concorre a flôr da Nobreza Franceza, sob o mando de João Sem-medo, que entaõ era o Conde de Nevers. Era Commandante do exercito Sigismundo, Rei de Hungria, que depois foi Imperador; e asse-diada por elle Nicopoli, Cidade situada em o Danubio, chega Bajazeto, examina; e vendo que os seus inimigos tem só valor, mas não prudencia, os attrahe a huma emboscada, e alcança huma grande victoria em 1396. Daõ-lhe de rosto com a cruel mortandade de quasi todos os prisioneiros; de que os Francezes já lhe tinhaõ dado exemplo antes da batalha. Este era o tempo, em que a França estava exposta ao furor das facções no Reinado de Carlos VI., em que a humanidade não era mais conhecida, do que entre os Turcos.

Estes mesmos Principes vencidos, e derrotados em Nicopoli no anno de 1396.

Manoel Paleologo pede soccorros de todas as partes.

Já Constantinopla he sitiada. Manoel Paleologo, filho, e successor de João, compra huma paz apparente, sujeitando-se a hum tributo annual de dez mil peças de ouro; obrigando-se a deixar edi-fi-

ficar huma mesquita , e a receber hum Cadi , o qual julgará os Turcos domiciliados na Cidade. Vendo o mesmo Manoel Paleologo formar-se depois hum novo tumulto , parte , e dá hum espectáculo da sua fraqueza á Italia , á França , e á Inglaterra ; implorando o soccorro de todos , e não achando ninguém em estado de o soccorrer ; se bem que ainda o espirito das Cruzadas subsistia com outras muitas loucuras. Hum conquistador Tartaro foi o seu unico refugio.

Timour , ou Tamerlaõ descendente , segundo dizem , de Gengis-Kaõ por linha feminina , nascendo sem Estados em a Sogdiana (hoje em dia região dos Usbeques) , e dotado daquelle genio , valor , e talentos , que formão , e executão os grandes intentos , já tinha subjogado a Persia , as Indias , e a Syria. Os inimigos de Bajazeto , assim Musulmãos , como Christãos , attrahirão Tamerlaõ para a Asia Menor ; como hum heróe unicamente capaz de os libertar. Envia este Embaixadores ao Sultão , ameaçando-o com a guerra , senão restituir o que a huns , e a outros tem tomado. Marcha Bajazeto contra Tamerlaõ ; encontraõ-se perto de Ancyra na Frigia (Anguri) , e perde em 1402 , huma famosa batalha , em que morrêraõ , segundo dizem , mais de trezentos e quarenta mil

Tamerlaõ  
declara-se  
côtra Bajazeto.

Bajazeto  
vencido , e  
prezo por  
Tamerlaõ.

ho.

homens , e ficou prisioneiro o Sultão , que como dizem os Escretores Orientaes , em lugar de ser encerrado em huma gaiola de ferro , e pizado aos pés , como ordinariamente se conta , foi tratado generosamente pelo vencedor.

Os Turcos,  
com tudo ,  
sustêtao-se,  
e defendem-  
se.

O vencimento , e a derrota dos Turcos não lhes causou outra perda , senão de homens ; ou porque Tamerlaão encontrasse muita resistencia no seu valor , ou porque outros motivos o chamassem para longe da Asia Menor. E julgando Manoel não ter mais que recear , destruiu a mesquita de Constantinopla , e tomou novamente algumas Praças. Várias guerras civis , ateadas entre os filhos de Bajazeto , fortificárao as suas vãs esperanças. Porém depois da morte de Mahomete I. , a quem elle privára do Throno , e matára seu irmão Moysés , ou Musa , Amurath II. , filho deste Mahomete , sitiou em breve tempo Constantinopla. O mesmo Amurath levantou o sitio a fim de soffocar a rebelião de seu irmão Mustafá , e depois apossenhoreou-se de Thessalonica , sujeita havia pouco tempo aos Venezianos. Vio-se entao Constantinopla mais do que nunca ameaçada.

Constanti-  
nopla ame-  
açada por  
Amurath  
II.

Os Gregos  
rompem a  
união feita  
com a Igre-  
ja Romana.

Tinha Manoel fallecido Monge , e João Paleologo II. , seu successor , lançou-se , como temos referido , nos braços dos  
La-



Latinos, o qual julgando comprar o seu soccorro reunindo-se com a sua Igreja, não alcançou mais do que o odio dos seus vassallos. Voltando João Paleologo em 1440, achou o Povo amotinado pelos Monges, e furioso por causa do que se tinha passado em Florença. Dos Bispos da sua comitiva, abominados como infieis por ter assignado a uniaõ, a maior parte se retratáraõ; e o mesmo Imperador perdeu grande parte do seu zelo, quando julgou que já não era util para os seus interesses. Por pouca reflexaõ, que se faça a respeito do caracter sophistico, e supersticioso dos Gregos, e sobre a authoridade dos seus Monges, razões particulares, que tinhaõ para aborrecer os Papas, e procedimento dos antigos Cruzados em Constantinopla, facilmente se poderãõ conceber as razões, que perpetuáraõ o scisma.

Fazia com tudo Amurath guerra em Hungria, onde reinava Ladisláo VI., Rei de Polonia, coroado pelos Hungaros em prejuizo de Ladisláo, o moço, filho posthumo do Imperador Alberto; e o célebre João Huniades, á frente dos exercitos Hungaros atalhou este tremendo Conquistador, e o forçou a levantar o sitio de Belgrado, venceu-o em muitos recontros, e reduzio-o a pedir a paz. Ladisláo, e

Amurath  
suspeito por  
Huniades.

Amu-

Abdicação  
do Sultão.

Amurath juráraõ em 1444 huma tregoa de dez annos. Este , desgostoso da sua fortuna , entregou o Sceptro a seu filho Mahomete II. ; porém huma perfidia atroz dos Christãos o tirou do seu retiro , para sua propria desgraça.

Tregoa  
quebrada  
indignamẽ.  
te com os  
Turcos.

Descançando os Turcos na tregoa , que religiosamente observavaõ , tinhaõ divertido as suas forças para a Asia : o que foi huma das razões , que houve para os acometter ; pois se julgou ser facil vencellos , e livrar a Europa das suas armas. O Cardeal Juliaõ Cesarini , Legado de Eugenio IV. , homem violento , e velho , que se distinguio na Cruzada contra os Hussitas , persuadio que o tratado com os Turcos não obrigava , que era nullo , ímpio , sendo concluido sem a approvação do Papa ; e que por isso mesmo podia , e até devia ser violado. Este parecer confirmou Eugenio , o qual ordenou que a tregoa fosse quebrada , e desobrigou , segundo o uso estabelecido em Roma , havia muitos seculos , a Ladisláo dos seus juramentos.

Principios  
falsos dos  
Christãos  
daquelle  
tempo.

Por que razaõ , e por meio de qual incrível cegueira tinha triunfado dos primeiros principios da consciencia , e da razaõ esta absurda máxima , que *não se deve observar a fé aos hereges , e aos infieis* ? Não se via por ventura que tendo a dou-

tri-

trina do perjuro feliz exito em alguma occasião por muito leve que fosse, esta mesma doutrina guiava necessariamente para as mais funestas consequencias; authorisava os inimigos para fazer ludibrio dos proprios juramentos, destruia a fé pública; e rompendo os laços da sociedade, substituiu os roubos, as violencias, e os furores ao Direito das Gentes? Os Christãos tiverão motivos sufficientes para se arrependêrem da sua trahição.

Arrebatados com razão os Turcos da cólera, respirando só vingança, supplicação, e rogação a Amurath, para que se ponha de novo á sua frente; porque Mahomete seu filho era muito moço. Marcha Amurath contra os inimigos, vence-os em Varna na Bulgaria, e Ladisláo morreo nesta batalha juntamente com o Cardeal Juliao. Huma das cousas mais admiraveis he vêr Amurath, vencedor, renunciar segunda vez o Imperio.

Apenas tinha este chegado ao seu retiro, quando logo foi chamado, por causa das proezas de Jorge Castrioto, intitulado Scanderberg (*Senhor Alexandre*) filho de hum Principe de Albania, antigamente o Epiro. Este joven heroe, dado em refens, depois que a sua Patria fora conquistada, e educado na Corte de Amurath, tinha alcançado a sua amizade,

---

1444.  
Amurath  
vence, e  
derrota os  
Christãos em  
Varna, e  
renúcia se-  
gunda vez.

Scänderberg  
toma Alba-  
nia aos Tur-  
cos.

e obtido os seus favores por causa dos seus talentos, e do seu valor extraordinario. Depois que Scanderberg teve a noticia da morte de seu Pai, resolveo tomar aos Turcos a Cidade de Croya, Capital d'Albania. Capitaneava elle algumas tropas; e passando hum Secretario perto do seu campo, obrigou-o a assignar humma ordem, para que o Governador de Croya lhe entregasse a Praça. Esta ordem falsa teve seu effeito; porque matando Scanderberg cruelmente a guarnição, todos os habitantes da terra se pozerao debaixo das suas bandeiras. O mesmo Scanderberg se aproveitou tao bem da vantagem que lhe davao as montanhas, que Amurath não o pode já mais vencer. O Sultão morreo em 1451, e seu filho chegou a fer o terror dos Christãos.

Mahomete II., successor de Amurath II.

Mahomete II., que de ordinario pintado com cores tao odiosas, além dos vicios dos conquistadores, da injustiça, e da crueldade, possuía humma grandeza d'alma, humma prudencia, e luzes que merecem grandes elogios. Sabia diversas Linguas, amava as Artes, e cultivava a Astronomia. Vendo sahir duas vezes seu Pai da solidão a fim de occupar novamente o Throno, mostrou sempre humma rara moderação. Achar-se-hia por ventura outro, como elle, entre os Principes seus contempor-

temporaneos ? Na idade de vinte e dous annos , executou o grande projecto de seus Pais , e apoderou-se de Constantinopla em 1453.

O cerco desta Capital offerece objectos interessantes. O odio Theologico agitou os Gregos até o ultimo extremo : e estes todavia combatterão com o valor da desesperação. Não podendo Mahomete , acometter o porto defendido por grandes , e pezadas cadeias , mandou correr em huma noite , por cima de taboas untadas de cebo , parte da sua frota , distancia de duas leguas por terra , e por meio desta empreza quasi incrivel , achou-se repentinamente senhor do porto. Ha quem pretenda que elle tinha huma peça de artilharia tão prodigiosa , que para a sua condução eraõ necessarias setenta juntas de bois. A respeito do que observa Voltaire que não podendo huma muito grande quantidade de polvora accender-se juntamente , não podia a bala produzir hum effeito muito consideravel. Talvez , diz o mesmo Voltaire , que os Turcos por ignorancia empregassem taes peças , e que os Gregos pela mesma ignorancia as temessem. Constantino Paleologo , successor de João II. , foi morto entre a multidão de combattentes , quando os Turcos acometterão a Praça. Tinha Constantinopla de sob-

1453.  
Cerco de  
Constanti-  
nopla.

Constantino  
Paleologo  
morto , e a  
Cidade to-  
mada.

sobmetter-se ao jugo do alcorão, no Reinado de hum Constantino, assim como no de hum Augusto tinha Roma passado ao dos barbaros!

Mahomete  
naõ se com-  
porta como  
barbaro.

Sem embargo de Mahomete ser sanguinolento, grande he a honra, que lhe faz o modo, com que tratou os vencidos; pois deixou-lhes algumas Igrejas, metteo nellas de posse hum Patriarca, enfreou o furor dos seus soldados, fez exequias magnificas ao Imperador, e contribuiu para que Constantinopla fosse feliz, e florecente. Finalmente, por muito arguido que Mahomete mereça ser a certos respeitos, todavia sempre deo mostras de grande homem em meio dos seus vicios.

Sucessos  
dos Turcos  
em o seu  
Reinado.

Teve Huniades a gloria de salvar Belgrado, sitiada pelo Sultão. (\*) Os Cavalheiros de Rhodes, hoje em dia de Malta, resistirão-lhe na sua Ilha com o mesmo successo; mas elle conquistou novamente Albania depois da morte de Scander-

---

(\*) João Capistrano, Franciscano canonizado, hum dos mais zelosos contra os Hussitas, Judeos, e Turcos, entrava nesta expedição, como Prégador da Cruzada. Huniades, e Capistrano, nas suas relações, nada diffirão hum do outro. A qual dos dous cumprirá attribuir a glória do successo, se ao Prégador, ou ao General? A questão não estava bem decidida naquelle tempo, e hoje em dia o parece estar.

derberg: apoderou-se de Trebisonda, onde se conservava ainda o nome de Imperio Grego: chegou com as suas armas até Trieste: e ameaçava Veneza, dizendo a respeito da cerimonia com a qual o Doge, se recebe com o mar Adriatico, *que o mandaria consummar o seu matrimonio para o fundo do mar.* Os seus Tenentes tomárao Otranto, e entrárao pela Calabria. A Italia, e toda a Europa, tremêrao, como no tempo dos Arabes.

Este terrivel conquistador morreo em 1481, n'hum idade em que ainda podia executar as mais vastas empresas, não tendo senão cincoenta, e hum annos. A sua posteridade reina sempre em Constantinopla, donde as letras, e as sciencias são desterradas. Os Gregos tinhaõ-se feito muito despreziveis, para que os Turcos; cujo governo, e religião estavaõ estabelecidos, adoptassem as suas leis, usos, opiniões, e gostos. Desta conquista resultou o mesmo, que das conquistas dos Germanos; destruidores do Imperio do Occidente: quero dizer, extinguir-se a pouca luz que havia.

Nenhuma potencia da Europa se armou para salvar Constantinopla: em cuja defensão porém havia maior interesse sem dúvida, do que na conquista de Jerusalem. Mas a fraqueza dos Estados, as

Sua morte  
em 1481.

Nenhuma  
Potência da  
Europa de-  
fêdo Con-  
stantinopla;  
e porque?

dis-

diffensões intestinas, a experiencia de tantas infelicidades produzidas por aquellas guerras longiquas, a falta de politica, e harmonia entre os Principes, e talvez que tambem os embaraços da Corte de Roma, que já não gozava do mesmo imperio, foraõ parte para que as armas Ottomanas encontrassem tão poucos obstaculos. Grandes exercitos, commandados por taes Cabos, como Huniades, ou Scanderberg, teriaõ provavelmente confundido as esperanças de Mahomete. Tornemos aos negocios do Occidente.

---

## C A P I T U L O II.

*Fim do Reinado de Carlos VII. --- Luís XI., até a morte do ultimo Duque de Borgonha.*

Fim de Carlos VII.

**C**ARLOS VII., depois de expulsar os Inglezes por meio das armas dos Dunois, dos Richemonts, dos la Hires, &c. seus illustres Capitães, continuou a reparar por via de hum sabio, e prudente governo as horrorosas infelicidades da Nação. Soblevando-se Luís, seu filho, de genio perigoso, e máo coração, envenenou o fim da sua vida, e se retirou para os Estados do



do Duque de Borgonha. Tambem se fez suspeito de meditar hum parricidio : e Carlos morreo de paixão em 1461.

Durante o seu Reinado foraõ restrin-  
gidos os privilegios da Universidade de  
París, a qual sahindo da sua esfera, e in-  
gerindo-se em os negocios de Estado,  
mais inquietava entaõ o governo, do que  
illuminava os Cidadãos. Porém o que im-  
porta especialmente observar; he o esta-  
belecimento de quinze companhias de or-  
denanças, cada huma de seis centos ca-  
vallos, e de hum corpo de quatro mil  
infantes (\*). Estas tropas eraõ reguladas,  
e estavaõ sempre promptas para pegar em  
armas. Para a sua conservação se estabe-  
leceo o direito perpetuo da *taille*; que  
ao principio importou sómente hum mi-  
lhaõ, e oitocentos mil francos; e sem-  
pre recrescerá em cada Reinado. Facil  
he julgar qual força dava hum exercito  
permanente á Real Authoridade; e sem  
este meio, que he só o infallivel, como  
se podia sobmetter a independencia dos  
vassallos?

Reforma  
da Univer-  
sidade.

Tropas re-  
guladas.

O direito  
perpetuo  
da *taille*.

Naõ devemos ignorar que hum rico  
negociante, Jacques Cœur, contribuiu  
TOM. VII. B mui-

Jacques  
Cœur, ne-  
gociante,  
feito Minis-  
tro.

(\*) Estes infantes eraõ archeiros : o que prôva  
que o uso da mosqueteria ainda naõ era commum na  
Europa.

tro dos erarios, indignamente perseguido

muito para o successo feliz das armas Francezas, por meio dos soccorros que deo ao Rei. O ministerio dos erarios foi o premio dos seus servicos, e não o livrou das injustiças da Corte: seus inimigos intentarão, e conseguirão a sua perdição. Foi Jacques accusado de ter envenenado Ignez Sorel; accusação tão absurda, que per si mesmo se desvanecce. Tambem o accusarão especialmente de ter remettido quantias de dinheiro aos Musulmãos, com os quaes traficava. Justificou-se elle allegando a licença, que tinha de dous Papas para traficar com elles: apologia tão extravagante, como a imputação. Os seus proprios inimigos forão os seus Juizes, os quaes condemnando-o a desterro, o despojárao dos seus bens. Se Jacques foi inteiramente limpo ou não, de mãos, esta injustiça, no Reinado de hum bom Principe, não he menos propria para fazer lamentar assim os costumes do seculo, como os perigos dos grandes cabedaes. Não achou Jacques Cœur soccorro, senão no reconhecimento de alguns particulares (\*).

Luís

---

(\*) Jacques Cœur retirou-se para Chypre, onde por meio do soccorro dos seus feitores, estabeleceo hum novo commercio muito florescente. Parte dos seus bens confiscados forão restituídos a seus filhos.

Luís XI., filho de Carlos VII., era velhaco, hypocrita, supersticioso, e cruel: avigorou a Authoridade Real, por hums meios mais proprios de hum tyranno, do que dignos de hum Rei. As acções de sabedoria, e prudencia, que se observavaõ no seu Reinado, não podéraõ desvanecer as perfidias, e atrocidades, que elle commetteo. O fundamento da sua politica foi enganar, e opprimir. Experimentou porém algumas vezes, que com a subtileza, e com a velhacaria, se expõem os homens á má fé de outrem; e que fazendo-se abominar, constituem-se infelizes pelo mesmo poder, que cobizaõ. Como inimigo da Nobreza, valeo-se de almas baixas, que o satisfizeraõ por meio da trahiçaõ: e sendo desconfiado, e sanguinolento como Tiberio, como este soffocou o merecimento, fez desaparecer os homens grandes, e em lugar de vassallos teve escravos. Com tudo a Monarquia lhe deveo algumas obrigações, porque ao menos a libertou da tyrannia dos Fidalgos.

Logo ao principio, cahio Luís XI. nas filadas da Corte de Roma. Eneas Sylvio Piccolomini, célebre Secretario do Concilio de Basileá, no qual se distinguira contra Eugenio IV., tendo mudado de opiniaõ a respeito dos beneficios, (porque Eugenio assim o acareou) tinha re-

---

1461.  
Idéa do Rei  
nado de  
Luís XI.

Pio II., sen-  
do Papa,  
muda de  
principios.

Extinção  
da Pragmática de Carlos VII.

cebido a Thiara em 1458, com o nome de Pio II. Cuidou logo em condemnar as appellações para o Concilio geral, *como hum abuso abominavel, e inaudito da antiguidade*. Pretendia absolutamente abolir a Pragmatica de Carlos VII., fundada nos proprios decretos de Basiléa, cuja authoridade tinha defendido com grande ardor: o que conseguiu, promettendo ao Rei assentar a Renato de Anjou, no Throno de Napoles. Foi todavia Fernando de Aragoão, filho natural, e successor de Afonso, sustentado pelo Pontifice; e indignado Luís por vêr-se enganado, e vergonhoso por causa da extincção da pragmatica, permittio ao Parlamento que a mantivesse em grande parte; e os Magistrados, desprezando as fulminações de Roma, o vingárao.

Carta singular do Papa a Mahomete II.

Para não tratarmos mais de Pio II., o qual se queixava amargamente que *o Juiz dos Juizes, o Pontifice Romano, estivesse sujeito ao parecer do Parlamento*, indiquemos neste lugar huma das suas cartas dirigida a Mahomete II. Participa-lhe Pio em substancia: “Se pretendeis dilatar  
„ o vosso Imperio entre os Christãos, de  
„ bem pouca cousa necessitais, e essa fa-  
„ cil de achar-se; de huma pouca de  
„ agua para baptisar-vos. Neste caso cha-  
„ mar-vos-hiamos Imperador dos Gregos,

„ e

„ e do Oriente : implorariamos o vosso  
 „ braço contra os usurpadores dos bens  
 „ da Igreja Romana ; e seguindo o exem-  
 „ plo dos nossos predecessores Estevão ,  
 „ Adriaõ , e Leão , que transferirão o Im-  
 „ perio dos Gregos a Pepino , e a Carlos  
 „ Magno , recorreríamos a vós , e não  
 „ vos seríamos ingratos. „ Esta carta de  
 hum Papa para o Sultão Turco , por ven-  
 tura que não causa tanta admiração , co-  
 mo os esforços de alguns escritores , pa-  
 ra achar nella provas de zelo admiravel.

Como Luís XI. pretendia especial-  
 mente abater os grandes , as suas intri-  
 gas produzirão em breve tempo huma re-  
 belliaõ. Philippe , o Benigno , Duque de  
 Borgonha , Principe magnifico , e generoso ,  
 que , depois da sua reconciliação com  
 a Coroa , pagou o resgate do Duque de  
 Orleans , prisioneiro em Inglaterra , e sa-  
 crificou hum odio violento ao glorioso  
 gosto de fazer bem ; Philippe , digo , era  
 muito velho , e muito prudente para atear  
 a guerra civil. Mas seu filho , Carlos , o  
 Temerario , inimigo pessoal do Rei , fez  
 huma liga com o Duque de Berri , ir-  
 maõ de Luís , e com os Duques de Bor-  
 bon , e de Bretanha , sob pretexto de re-  
 formar o Estado , e aliviar os Póvos. O  
 mesmo Dunois , o virtuoso Dunois , unio-  
 se com os rebeldes ; tão grandes eraõ as

Liga do bẽ  
 público cõ  
 tra Luís XI

revoluções, que causavaõ as injustiças do governo !

O Rei faz  
hum trata-  
do ignomi-  
nioso, para  
o violar.

Naõ decidio nada a batalha sangui-  
nolenta de Monthleri em 1465. O astuto  
Monarca todavia, cuja politica foi sem-  
pre negociar, e tratar para enganar, fez  
a paz com condições infames, cedendo  
a Normandia a seu irmão, e desmembran-  
do o dominio a favor dos Principes, ca-  
beças da rebelliaõ. Esta liga chamada *do  
bem público*, deixou subsistir, e augmen-  
tou tambem as infelicidades públicas, co-  
mo sempre succede, todas as vezes que a  
ambiçaõ, ou a inquietaçaõ se sobleva com  
a máscara de zelo.

Luís he sus-  
peito de ter  
mandado  
matar seu  
irmão,

Naõ se passou muito tempo, que  
Luís naõ dèsse a conhecer as suas idéas.  
Tomou a Normandia a seu irmão; o que  
foi nova origem de discordia, e conce-  
deo-lhe depois a Guienna em morgado.  
Porém o novo Duque de Guienna morreo  
em breve tempo, envenenado por hum  
Monge, seu Capellaõ, sendo o Rei geral-

Luís cahio  
em a mes-  
ma cilada,  
para a qual  
pretendeo  
attrahir o  
Duque de  
Borgonha.

mente suspeito de semelhante crime. Por  
outra parte, ao mesmo tempo que Luís  
trabalhava secretamente para soblevar os  
Liegezes contra o Duque de Borgonha  
Carlos, successor de Filippe, o Benigno,  
teve a confiança de conferir com Carlos  
em Perona, sem dúvida a fim de lhe ar-  
mar huma cilada; mas a sua perfidia foi  
mal

mal succedida ; porque a rebelliaõ de Liege se manifestou , mais depressa do que elle imaginava. Ultrajado o Duque , e furioso , tendo aprezado o Rei , pretendia mandallo logo matar ; mas contentou-se com huma humilde satisfação , e o obrigou a acompanhallo contra os Liegezes. A sua Cidade reduzida em breve tempo a cinzas , experimentou todos os horrores da mais barbara vingança.

Estes dous Principes se deshouvéraõ continuamente , em desprezo dos seus tratados. A má fé de hum irritava o violento impeto do outro. Finalmente cahio Carlos

Ambição, e temeridade do Duque Carlos.

nõ abysmo , que a temeridade sempre prepará. Apossado Carlos de ambas as Borgonhas , e de Artois, Flandres , e de quasi toda a Hollanda , tinha comprado os dominios de hum Duque d'Austria na Alsacia ; não satisfazendo a sua ambição nem tanto poder , nem tanta riqueza. Queria Carlos o titulo de Rei , propunha consigo mesmo sujeitar os Suissos , e conquistar a Lorena. Em vaõ lhe representáraõ os Suissos por meio de huma deputação a pobreza da sua região , a qual não valia , diziaõ os mesmos Suissos , nem os freios dos seus cavallos , nem as esporas dos seus cavalleiros. Marchou contra os Suissos , e mettendo-se nos seus desfiladeiros , foi vencido em 1476 em Granson , e em Morato :

Vencido, e derrotado Carlos pelos Suissos, foi morto na Lorena.

e no anno seguinte, perdeu tambem a batalha de Nanci, em que foi morto.

Simplicidade dos Suíços.

Hum particularidade digna da Historia, he que depois da batalha de Granfon, a sua baixella de prata vendeo-se por baixella de estanho (\*), e o seu diamante mais precioso, avaliado em perto de dous milhões, passou de mão em mão pelo valor de hum florim. Tal era a simplicidade dos Suíços. Hum Povo, que nem idéa tinha do luxo, era digno sem dúvida da liberdade adquirida com o preço do seu sangue. Este mesmo Povo terá ao diante hum conhecimento mais perfeito das doçuras da sociedade, e dos agrados da vida. Feliz elle, se sempre assim proceder com sabedoria, e prudencia, sem se corromper, nem invejar a oppulencia, e tão pou-

---

(\*) Feliz simplicidade ! Não pretendo exaggerar o que o nosso Author diz neste lugar, como se elle tivesse feito injúria á Nação Helvetica. Com tudo não he de crêr que todos os Suíços estivessem no caso de vender baixella de prata por estanho. Como o despojo foi muito consideravel em Granfon, e em Morato, e o dinheiro era raro em toda a Europa, e especialmente em Suissa, os preciosos effeitos, que se achárao no campo dos Borgonhezes vendêrao-se por infimo preço. O famoso diamante foi comprado em Luzerna em 1492 por 50000 florins do Rheno, e vendido a mercadores Genovezes por 70000. Estes o dêrao ao Duque de Milão por 110000 ducados. Demais disto esta guerra produziu mudanças nos costumes da Nação.



pouco perder os sentimentos da igualdade, com que a virtude republicana se alimenta! Em outro lugar trataremos do governo dos treze Cantões, que principia-va a formar-se.

Sendo Maria, filha do Duque Carlos, a sua unica herdeira, ficou o Ducado de Borgonha, que era feudo masculino, unido á Coroa pela Lei dos mórgados. E casando-se a Princeza com o Delfim, podia-se-lhe unir tudo o mais. He verdade que Luís formou este intento, mas não o conseguiu: pois inspirando a Maria desconfiança, fez-se odioso aos Flamengos. Este Povo indocil, e sedicioso senhoreou-se do governo, mandou executar dous Ministros da sua Soberania, e a obrigou a casar com Maximiliano de Austria, filho do Imperador Frederico III. Este matrimonio será huma origem de guerras, e de calamidades para os Póvos.

A Borgonha unida á Coroa de França.

Matrimonio da herdeira do Duque cõ Maximiliano de Austria.

## CAPITULO III.

*Facções de York, e de Lancastre, que destroem a geração dos Plantagenetes. ---  
Tratado de Pecquinh.*

Rebelião  
do Duque  
de York cõ-  
tra Henri-  
que VI.

MUITO tempo havia já que as facções de York, e de Lancastre, a primeira indicada com a *rosa branca*, e a segunda com a *rosa encarnada*, se irritavaõ humma contra a outra em Inglaterra, onde o genio turbulento, e feroz da Nação se entregava a toda a raiva das discordias civis. Temos visto a casa de Mortimer despojada da Coroa pelo Duque de Lancastre, o qual reinou com o nome de Henrique IV. Ricardo, Duque de York, herdeiro daquella casa, emprehendeo verificar os seus direitos contra o fraco Henrique VI., e rebellando-se em 1455, prendeo o Rei na batalha de Santo Albano. Como era naturalmente moderado, e irresoluto, deixou o titulo de Rei a Henrique, e contentou-se com o de protector.

A Rainha  
Margarida  
de Anjou  
cõbatte co-  
mo heroi-  
na.

Huma mulher digna de comparar-se aos Heróes da cavallaria (a Rainha Margarida de Anjou) restabeleceo, mas por pou-

pouco tempo , a Authoridade Real (\*). Perdeo a batalha de Northampton em 1460 contra o famoso Conde de Warwick , e ficou Henrique segunda vez prisioneiro. Sua mulher ainda o livrou por meio de duas victorias , n'humas das quaes perdeo a vida o Duque de York. Com maior successo sustentou , e defendeo Duarte , filho deste Duque , Principe moço taõ des-temido , como ambicioso , as pretensões de seu Pai. Foi acclamado em Londres em 1461 , e logo venceo contra Margarida a sanguinolenta batalha de Tuton. Trinta e seis mil homens foraõ as victimas deste dia. O parlamento reconheceo depois o direito do mais poderoso , apezar das actas de tres Reinados a favor da casa de Lancastre. Deste modo até as proprias leis , e principios dependem dos caprichos da fortuna.

---

1461.  
Henrique  
privado do  
throno por  
Duarte IV.

Volta a intrépida Margarida , com alguns soccorros de Luís XI. , e da Escócia , a acometter o usurpador , e segunda vez ficou vencida em Hexham em 1464. Fugindo esta Rainha pelos mattos , e encontrando-se com hum ladraõ , que vinha

Margarida,  
vencida se-  
gunda vez,  
e fugitiva.

---

(\*) Tinha Margarida , mulher valerosa , e resoluta , além dos talentos do governo as virtudes guerreiras ; mas entregou-se aos furores da ambição , e provavelmente o Duque de Gloucester , tio de seu esposo , foi victima sua.

nha sobre ella com a espada na mão : *Chega, amigo*, lhe disse apresentando-lhe o filho, *de ti confio o filho do teu Rei*. E admirado o ladrao a pôs em seguro : de maneira que em breve tempo se refugiou em França ; e o infeliz Henrique VI. ficou prezo na torre de Londres.

Duarte atrahê a si o odio do Cô-de de Warwick.

Avigorava Duarte IV. a poder de muito sangue hum Throno comprado com tantas, e tão cruéis mortandades ; mas quanto mais cruel se mostrava, tanto mais se expunha ás rebelliões. Hum erro, a que o amor o arrastou, mudou a face dos negocios. Ao mesmo tempo que Warwick, a quem Duarte devia principalmente a Coroa, contratava para o mesmo Duarte hum casamento com Bonna de Saboia, irmã da Rainha de França, casou elle occultamente com Isabel Widevilla, viuva de hum simples Fidalgo, da qual estava excessivamente enamorado, sem poder enganar a sua virtude. Indignado Warwick com esta noticia, passa novamente para Inglaterra, onde fôrma intrigas, atrahê ao seu partido os descontentes, e o mesmo Duque de Clarença, irmão do Rei, vai reconciliar-se com a Rainha Margarida, sua mortal inimiga ; e empreheende restabelecer o Rei, que desthronisára, e privar do Throno o Rei, que estabelecêra.

Intrigas deste Cavalheiro.

Mal se pôde imaginar a promptidão da execução. Chega Warwick, mais de sessenta mil homens se alistão debaixo dos seus Estandartes: Foge Duarte, depois de hum nocturno combate: Onze dias bastarão para lhe tirar o Reino: Henrique VI., liberto da sua prizaõ, he novamente reconhecido; e o parlamento abroga os actos, por meio dos quaes outros muitos actos estavaõ abrogados.

Henrique VI. restabelecido.

Nova revolução se levantou sete mezes depois. Tendo Duarte IV., obtido hum fraco soccorro do Duque de Borgonha, desembarca com dous mil homens nas costas de Inglaterra, a fim de metter-se sómente, como elle mesmo dizia, na posse do seu Ducado de York. Concorrem os seus seguidores, e Warwick combatte em Barnet, sem esperar pela Rainha Margarida: e com a batalha perde juntamente a vida. Combattè tambem a heroína em Teukesbury; e perdendo a batalha, perde a liberdade. Ficando o Principe de Galles, seu filho, prisioneiro juntamente com a Mãe, falla soberba, e altivamente ao vencedor, do qual recebe huma bofetada, e he logo degollado pelos Duques de Gloucester, e de Clarença. Tendo este trahido a Warwick, liou-se com o Rei seu irmão. Finalmente a morte de Henrique VI., assassinado poucos dias depois,

Nova, e repentina revolução.

---

1471.  
Homicidios dos Principes.

des-

descobre o enredo de huma tragedia tão horrorosa.

Duarte IV.  
acomette a  
França.

Huns costumes tão atrozes não servião de obstaculo para Duarte entregar-se ás delicias. Esta a sua paixão dominante; mas despertando-o no centro da sensualidade o odio nacional do nome Francez, excitado pelas intrigas de Carlos, o Temerario, que ainda vivia, citou a Luís XI. para restituir a Normandia, e a Guiena, e veio, á frente de hum numerofo exercito, tomar o que não podia obter.

Luís XI. cõ-  
pra huma  
tregoa.

Se o impetuoso Borgonhez, em vez de esperar pelos Inglezes, não se tivesse precipitado contra a Lorena, tinha a França que temer tudo. Evitava Luís cuidadosamente a guerra, e as suas armas eraõ a astucia, e o dinheiro. Sendo poucos os estímulos de honra, que tinha, com tanto que desviasse o perigo, entra em negociação, soborna os Ministros de Inglaterra, e compra, mediante o Tratado de Pecquinhí em 1475, huma tregoa ignominiosa de sete annos, por huma pensão, ou tributo annual de sincoenta mil escudos de ouro. O unico artigo honorifico do tratado foi a liberdade de Margarida de Anjou (\*). O Rei pagou o seu resgate, e ef-

Tratado de  
Pecquinhí.

---

(\*) Era Margarida de Anjou a unica, que tinha conservado a vida em meio do sanguinolento catastrofe,

esta heroína veio acabar os seus dias na Patria.

Como a ordem das idéas he digna de ser preferida á ordem das datas, sigamos rapidamente até ao fim a Historia trágica das duas *rosas*. Duarte IV., tão cruel como sensual, manchado com o Real sangue de York, derrama ainda o de seu irmão, o Duque de Clarença, a quem era todavia em parte devedor da ultima revolução. Aborrecia-o Duarte, e desconfiava d'elle; e mandando-o prender, entrega-o ao Parlamento, escravo então da Corte. Foi o Duque de Clarença condemnado á morte sem prova alguma de crime capital; deixárao-lhe sómente a eleição do supplicio, e este Principe foi affogado, como pedio, em hum tonnel de malvasia.

Duarte mã-  
da matar  
seu irmão.

Morre Duarte em 1482, tempo em que se preparava para começar novamente a guerra contra a França. O Duque de Gloucester, outro irmão seu, monstro de maldade, Regente do Reino na menoridade de Duarte V., filho primogenito do ultimo Rei, fórma o projecto de se apoderar da Coroa de Inglaterra. Não havia cousa que mais quimérica houvesse de

Depois da  
morte de  
Duarte IV.  
usurpação  
atroz do  
Duque de  
Gloucester  
(Ricardo  
III.)

pa-

---

se, em que morrerão seu filho, e seu esposo; e tiveram-a prisioneira, na esperança de hum grande resgate.

parecer á primeira vista ; porque não sómente havia dous filhos de Duarte IV., mas tambem outros do Duque de Clarença , primogenito de Gloucester. Esta consideração porém não o suspende ; pois que por meio de hum homicidio se livra do Cavalleiro Hastings , Camareiro mór , e vassallo zeloso : toma a ousadia de publicar que o Rei defunto , e o Duque de Clarença eraõ bastardos ; diffamando deste modo sua propria Mãi , ainda viva ; dá-se por unico herdeiro legitimo , e sendo acclamado por alguns miseraveis , cujas acclamações compradas lhe pareciao a voz do Povo , manda affassinar em a torre a Duarte , o moço , e o Duque de York , seu irmão segundo. Reinando já o Duque de Gloucester em 1483 , foi o Parlamento obrigado a reconhecello por força , com o nome de Ricardo III.

Ricardo  
privado do  
Thronope-  
lo Cõde de  
Richmond  
( Henrique  
VII. )

Tantos , e taõ grandes horrores não podiaõ deixar de soblevar huma Nação valerosa. O partido de Lancastre animou-se de novo. Olháraõ para Henrique , Conde de Richemond , neto daquelle Owen Tudor , que tinha casado com a viuva de Henrique V. Era elle herdeiro da Casa de Lancastre ; porém por linha feminina , e tambem por hum ramo legitimado , que era excluido da Coroa pelo auto de ligitimação. Proscrito Richemond procurou asylo na



na Bretanha. O odio , que a tyrannia inspirava , era sómente capaz para o collocar no Throno. Eis-aqui hum novo exemplo daquellas repentinas revoluções , tão frequentes na Historia de Inglaterra. O Conde , com quasi dous mil homens dados pela França , chega ás côstas de Galles em 1485 , onde vendo-se logo com hum exercito , acomette Ricardo em Bosworth ; que abandonado por hum dos seus Generaes , perde a batalha , e morre combattendo com muito valor.

Deste modo , depois de trinta annos de guerra civil , e de doze batalhas cam- Casa d. Plā- tagenet ex- tincta em sangue. paes , e innumeraveis barbaridades , extinguiu-se em ondas de sangue a Casa de Anjou Plantagenet , que havia trezentos , e trinta annos , que reinava. Deste modo os parentes , e os irmãos , irritados huns contra os outros , se servirão todos mutuamente de algozes , rasgando ás entranhas da propria Patria. Se a ambição não se atemorisa com estes terriveis successos , ao menos tremaõ os povos de ser os instrumentos do seu furor , para vir a ser cedo , ou tarde victimas suas !

Chegando Richmond a reinar com o nome de Henrique VII. , lembrou-se de mandar confirmar os seus direitos por meio de huma Bulla do Papa ; e por consequente julgava-os fracos , e incertos , Henrique VII. arrou se com huma Bulla do Papa.

Idéa do seu  
Reinado.

posto que o Parlamento tivesse declarado que o direito de successão residia na sua pessoa. Casando Henrique com Isabel, filha de Duarte IV., como desejava a Nação, reunio deste modo os titulos de York com os titulos de Lancastre. E vivendo quasi sempre tranquillo, por espaço de hum Reinado de vinte e quatro annos, vello-hemos humilhar a principal Nobreza, augmentar as prerogativas da Coroa, e governar a Inglaterra, quasi do mesmo modo que a França era governada por Luís XI., com menos rigor, mas com as mesmas idéas de interesse, e de politica.

A Authori-  
dade Real  
devia aug-  
mentar-se.

Se os Reis tinham naquelle tempo a idéa, ou o fim de dilatar a sua authoridade, isto podia fer effeito das paixões sobre o Throno. Com tudo o bem público parecia que assim o exigia, pois que não havia outro meio para estabelecer o socoço, e a boa ordem, e fazer reinar as leis. Vastas Monarquias destruidas continuamente, não por meio de hum zelo de liberdade politica, mas por via de facções de Cavalleiros dispostos sempre a acometter; esta he a pintura que a Historia nos offerece em muitos Seculos. Se a Authoridade Real ficasse sempre sem poder, como se haviaõ de enfrear semelhantes desordens?

## CAPITULO IV.

*Particularidades do Reinado de Luís XI.*

**T**INHA Luís morrido em 1483. Ajuntamos neste lugar, debaixo de huma idéa geral, alguns factos interessantes do seu Reinado, dos quaes não podemos fazer menção n'outro lugar. Se elle tirou aos Reis o uso de *recompensar os pagens*, conforme a expressão de Francisco I., e se sobjugou os Grandes, tudo foi á força de injustiças, e crueldades. Viraõ-se cahir em hum cadafalso as cabeças mais illustres; o Condestavel de S. Paulo, seu cunhado, o Conde de Armagnac, o Duque de Alençon, e o Duque de Nemurs: os filhos deste ultimo forão regados com o sangue de seu Pai, por ordem do Rei. Estas execuções podiaõ ser a pena das rebelliões; mas a tyrannia presidio mais, do que a equidade em a maior parte das sentenças. As suspeitas serviraõ muitas vezes de provas; e estas mesmas se multiplicavaõ á proporção do odio, que inspirava o desconfiado Monarca. Entre os inventores dos supplicios se faz célebre hum Tristaõ, o Eremita, preboste sanguinolento, seu amigo, e ministro das suas vinganças.

Crueldades  
de Luís XI.  
para com  
os grandes.

Todos os feudos principaes , excepto Bretanha , e Flandres , reunidos á Coroa.

Sem a força militar estabelecida no ultimo Reinado , e sem a vigilancia , que teve Luís XI. de evitar a guerrá á custa da sua propria honra , teria semelhante governo soffrido cruéis , e violentas agitações. As circumstancias forão a seu favor. Dos antigos vassallos principaes havia somente os Duques de Bretanha , e de Borgonha. A morte deste ultimo , que falleceu sem filhos varões , augmentou o poder da Coroa , a qual teria aproveitado muito mais , se sua filha casára com o Delfim. Tambem se adquirio a Provença , em virtude do testamento do Conde da Marcha , sobrinho , e herdeiro de Renato de Anjou.

Razão por que a anarquia feudal diminua todos os dias.

Depois que os Cavalleiros se arruinárao por causa das Cruzadas , e os Povos se livrárao da escravidão ; depois que a appellação ás justicas Reaes estava sólidamente estabelecida , e os Parlamantos , compostos de Jurisconsultos , seguiao principios constantes ; depois que os Reis , ordenando como Legisladores , recuperavao os direitos principaes da Soberania , arruinava-se cada vez mais a anarquia feudal.

Regulamento a respeito dos Mórados.

Os Estados , juntos em 1468 , fizeram hum regulamento muito proprio para prevenir as desordens , que tantas vezes tinhao motivado o desmembramento da

da Monarquia. Os mesmos Estados declararam que a Normandia não podia desfazer-se da Coroa ; e que o Rei podia , por causa de seu irmão , ater-se a huma declaração de Carlos V. , a respeito do morgado dos filhos de França : cujo morgado era estabelecido em doze mil libras de renda , em bens de raizes , erigidos ou em Ducado , ou em Condado. Estas doze mil libras seriaõ hoje em dia equivalentes a perto de cento , e vinte e quatro mil libras.

Hum Monarca cheio de vícios , e de contradições , absoluto sem dignidade ; popular sem bondade ; injusto por sistema , e zeloso da administração da justiça ; velhaco , e pérfido , patenteando a sua subtilidade ; violando os primeiros deveres da moral , e entregando-se ás mais ridiculas superstições ; intitulando-se *Christianissimo* , e constituindo a sua Religião ou desprezível , ou odiosa ; tyranno dos seus vassallos , e tímido escravo do seu medico ; Luís XI. em fim abateo a Real Dignidade , e não obstante a avigorou. A razão he , porque soube empregar o dinheiro , que he hum recurso muito efficaç. Tinha elle augmentado o direito da talha , que importava em tres milhões ; e segundo a sua frase , não recebia os bens do Povo senão para conservar o seu sangue ; como senão po-

Contra-  
dições de  
Luís XI.

O dinheiro  
foi o seu  
meio prin-  
cipal.

podesse conservar-se juntamente huma, e outra cousa. Mas pelo menos teve a prudencia de desprezar aquella funesta ambição, que antepoem o dilatar-se ao avigorar-se. Isto era na realidade conservar o Povo.

Luís nada pretendeo de Genova, que ao mesmo tempo que se sujeitava, se soblevava.

A República de Genova, mal governada, porque os Grandes opprimiaõ a plebe, tinha muitas vezes procurado hum Senhor, e tanto sabia obedecer, como conservar a sua independencia. Tinha-se entregado a Carlos VI., e ao mesmo tempo soblevado contra elle, e successivamente sujeitado ao Marquez de Monferrató, ao Duque de Milão, a Carlos VII., e contra todos se tinha soblevado. Pretendeo sujeitar-se a Luís XI., o qual respondeo, *eu vos sujeito ao diabo*. Sendo herdeiro dos direitos da Casa de Anjou ao Reino de Napoles, nunca pôz a mira nelle. Seu filho será menos prudente, e experimentará grandes infellicidades.

Luís não pensou em Napoles.

Postas estabelecidas.

Ordem de S. Miguel.

Estabeleceo Luís XI. as póstas, destinadas ao principio unicamente para os negocios do Rei, e do Papa: do que tinha dado exemplo a Universidade de París, por meio dos correios, que sustentava. Creou a Ordem de S. Miguel, que junta com a Ordem do Toesaõ d'ouro, instituida pelo Duque de Borgonha, Filippe, o Benigno, contribuiu muito para fazer dec-

cahir a antiga Cavallaria. Animou os Francezes ao commercio, o qual a sua ignorancia abandonava aos Estrangeiros, e fazia tenção de publicar hum Codigo a fim de reformar a justiça. Mas que se deve julgar de hum Principe, cujos Ministros forão hum Cardeal Balue, e hum Oliveiro, o Gamo? O primeiro exaltado, e tirado por elle do lodo, sujeito de animo vil, e sem bons costumes, o trahio como facinoroso; e o segundo, chegando a ser grande cavalleiro, depois de ter sido seu barbeiro, foi enforcado por hum crime infame, no principio do Reinado de Carlos VIII.

Commercio.

Ministros indignos deste Rei.

## CAPITULO V.

*Governo tumultuoso de Florença, até Lourenço de Medicis inclusivamente.*

**F**ITAREMOS a nossa attenção na Italia, onde os Francezes, buscando conquistas, só achárao sepulturas. Porém antes de seguir as suas guerras no Reino de Napoles, tratemos da Florença, e vejamos a Época da glória dos Medicis.

Em Florença he que reinava especialmente o espirito de liberdade, depois que

Florença não obra bem para a

fundaçãõ de  
hum Re.  
pública.

as Cidades de Italia tinhaõ sacudido o jugo do Imperio de Allemanha. Os Florentinos, cuja actividade, e engenho merecem grandes elogios, teriaõ fundado hum República poderosa, e permanente, se tivessem podido extinguir o furor das facções. Mas por desgraca sua, aquella simplicidade de costumes, que deve ser a base de hum Estado Republicano; aquella igualdade, taõ necessaria para que todos os Cidadãos sejaõ sujeitos ás Leis; e aquelle amor do bem geral, a que tudo deveria ceder, naõ podiaõ renascer senaõ por meio de prodigios de legislaçãõ, dos quaes a Italia moderna naõ dá exemplo algum.

Governo  
feliz; por-  
ém breve,  
depois da  
môrte de  
Frederic. II.

Por môrte de Frederico II., reuniráõ-se em Florença os Guelfos, e os Gibellinos. Confiou-se o governo a doze Magistrados annuaes, e foraõ eleitos dous Juizes Estrangeiros para decidir os negocios; taõ grande era o receio que havia de que os Cidadãos naõ causassem desconfiança aos mesmos Cidadãos! Estes principios foraõ taõ felizes, que em dez annos attrahiráõ os Florentinos á sua alliança Pistoia, Sienna, e Arezo; sujeitáraõ Valterra, e domináraõ na Toscana.

Facções,  
e revolu-  
ções.

Em breve tempo se animáraõ de novo as facções. Os Guelfos expulsáraõ os Gibellinos; estes tambem expulsáraõ os Guel-



Guelfos, e successivamente se expulsavaõ huns aos outros. Por muito tempo foi esta huma serie perpetua de tumultos, variações, e violencias. Os nobres, os *citadinos*, ou cidadãos, e a infima plebe, abraçáram também outros tantos partidos inconciliaveis.

Em 1282, toda a Nobreza foi excluida do governo, e este entregue a vários mercadores, e artifices, com o titulo de *Senhores*. Creou-se depois hum gonfalonheiro, eleito d'entre o Povo, o qual tendo tropas ás suas ordens, soccorreria á Senhoria. Novas desordens produzio a nova administração. A fim de refrear os nobres não que lhes cumpria, inventou-se hum meio proprio sómente para os soblevar. Como as testemunhas não ousavaõ depôr contra elles, tiveraõ os Magistrados authoridade para sentencear confôrme a pública notoriedade. Não se via que a licença devia augmentar-se por meio de huma justiça arbitraria.

A Nobreza excluida do governo.

Gonfalonheiro.

Justiça arbitraria.

Os Nobres ficáraõ superiores, e aproveitáraõ-se; porém dividiráõ-se em dous partidos, *brancos*, e *negros*, armados hum contra o outro, a fim de arruinar a Patria. As suas forças, dividindo-se, cada vez diminuiaõ mais. As Cidades de Toscana cessáraõ de obedecer. Castruccio Castracani, senhor de Luca, e de Pisa, fez

Os Florentinos arruinados-se.

tre-

tremem os Florentinos : os quaes tendo-se sujeitado por cinco annos a Roberto , Rei de Napoles , sujeitáraõ-se tambem a Carlos , filho de Roberto ; e recuperando a sua liberdade em 1328 , ainda a perdêraõ , e tornáraõ a recuperar.

Com tudo os Florentinos conservão-se.

Conservavaõ com tudo os Florentinos , a pezar de tantos tumultos , huma reputação falsa , pois que com o offerecimento , que elles fizeraõ ás Cidades rebeldes de renunciar a Soberania , e de contentar-se com a sua alliança , entráraõ estas Cidades segunda vez voluntariamente para o seu dominio. O Papa Gregorio XI. , e os Viscontis lhes fizeraõ guerra , mas não os domáraõ. Em semelhante circumstancia conhecido he o estylo da Corte de Roma. Eis-aqui todavia huma singularidade bem notavel , pondo o Papa o interdição na República , condemnou os Cidadãos á escravidão , entregando os bens deste Povo excommungado ao primeiro , que se mettesse de posse delles.

Bulla de Gregor. XI. contra os Florentinos.

As reformas nada remedeão.

Inutil , e fastidioso seria individuar humas agitações perpetuas , e humas pequenas reformas sempre inuteis. Apenas Florença hia gozando de alguns annos de socego , logo os tumultos renasciaõ com violencia. Os Guelfos perseguiaõ os Gibelinos ; o Povo não podia soffrer os Nobres ; os Nobres , e os Cidadãos forma-

vão cabalas a fim de subjugar o Povo. Esta era a imagem da democracia de Athenas: mas faltou-lhes hum Solon, e ainda careciaõ da humanidade dos Athenienses; razão por que as discordias eraõ muitas vezes sanguinolentas.

A familia dos Medicis, que se enriquecêra com o Commercio, adquirio finalmente, á força de meritos, e beneficios, a authoridade necessaria para extirpar tantos abusos. Silvestre de Medicis, Gonfalonheiro, quasi no fim do seculo decimo quarto, lançou os fundamentos de huma refórma, que não teve ao principio grande successo. O Povo todavia principiou a não ter mais o mesmo Imperio.

Sabedoria,  
prudencia,  
e authori-  
dade dos  
Medicis.

Veri de Medicis applacou tumultos, e podendo assenhorear-se do governo, preferio antes obrar sempre como Cidadão. Seguiu o seu exemplo João de Medicis, e chegou a exercer todas as dignidades sem ambição, moderou com sua prudencia o rancor dos differentes partidos, e fez com que a República gozasse de huma felicidade, até aquelle tempo não conhecida. Cosme, filho de João, teve a glória de o exceder. Os seus invejosos o accusáraõ perante a Senhoria, e foi banido, como os Aristides, e os Camilos; mas quasi ao mesmo tempo perdoado, e chamado, porque na sua ausencia tudo  
eraõ

Cosme, Pai  
da Patria.

eraõ defordens. O titulo de Pai da Patria, que lhe deraõ , era digno galardão das suas virtudes.

Cõmissãõ  
para go-  
vernar.

Todo o governo vicioso no seu principio, fluctuando á discrição das facções, prompto sempre a dissolver-se por falta de leis, e de boa harmonia, não se pôde reformar, senão por huns meios extraordinarios. Quanto mais licenciosa he a liberdade, tanto mais insensivelmente se chega a República á Monarquia. Foi necessario estabelecer huma commissão em Florença para governar, e renovalla seis vezes no espaço de vinte hum annos, até o de 1455. Cosme de Medicis foi o cabeça, e a alma desta magistratura; empregando sómente a sua authoridade a favor do bem público. Finalmente várias intrigas foraõ parte para supprimir-se a commissão; por quanto os ambiciosos queriaõ tambem governar. Pitti, attrevido Gonfalonneiro, restabelecendo a commissão por meio da força, exercitou cruelmente a sua authoridade, e Cosme, abatido por causa da idade, obrava menos, do que o seu Collega Pitti.

Cõspiração  
contra os  
Medicis.

Sendo Pedro de Medicis, successor de Cosme em 1464, por causa da sua má faude quasi incapaz de administrar os negocios, os inimigos desta poderosa, e respeitavel familia conspiráraõ para a destruir.

Mas ;

Mas a sua conspiração não teve feliz exito ; de maneira que a commissão se renovou , e todavia a inacção de Pedro chegou a ser huma origem de intrigas. Juliaõ , e Lourenço , seus filhos , soffrêraõ depois da sua morte , todas as perfidias do odio , e da inveja.

Os Pazzis , cuja casa era huma das mais illustres de Florença , resolvêraõ assassinar aquelles dous Cidadãos , os quaes não podiaõ abater , senão por meio de hum crime. Não se envergonhou o Papa Sixto IV. de condescender com elles ; e hum certo Salviati ; Arcebispo de Pisa , animou taõ infame conjuração. Com apparencias de amizade , se tinha pretendido attrahir os Medicis para huns banquetes , onde a morte os esperava. E não tendo Juliaõ acceitado o convite , bem que sem desconfiança , elegeo-se a propria Igreja para theatro do assassinio. Durante a Missa , á elevação da Hostia , signal que se tinha dado , mettem os conjurados maõ aos seus punhaes , e ferem as duas victimas. Expira logo Juliaõ ; mas Lourenço se defende , e foge. Vinga o Povo no mesmo instante os seus bemfeitores , e os homicidas são cruelmente mortos ; por maneira que o mesmo Arcebispo de Pisa , foi enforcado.

---

1478.  
 Juliaõ , e  
 Lourenço ,  
 assassinados  
 na Igreja.

Florêça ex-  
cômugada  
por Sixto  
IV. cumpli-  
ce da conf-  
piração.

Florença  
protegida  
por Luís XI.

Abfolvição  
dos Floren-  
tinos.

Lourenço  
governa co-  
mo homẽ  
grande.

Deveria , como parece , Sixto IV. dis-  
simular , e callar-se a fim de encobrir a  
sua propria infamia ; mas lança contra os  
Florentinos todas as fulminações da Igre-  
ja , e estes desprezárao ao principio o in-  
terdicto , e implorárao a protecção da  
França. Luís XI. , que ainda vivia , teve  
ou a generosidade , ou a politica de decla-  
rar-se a seu favor. Ameaçou de restabe-  
lecer a Pragmatica Sanção ; mandou al-  
gumas trópas , e não cedeo aos artificios  
de Roma. Finalmente o Papa concedeo  
o mesmo , que já não podia negar. Po-  
rém a Authoridade Pontificia triumphava  
sempre , por meio das humiliações , que  
desarmando-se impunha. Os Embaixado-  
res de Florença foraõ fustigados com as  
varinhas , ao mesmo tempo que os absol-  
vérao.

Nada justificou melhor o zelo dos  
Florentinos para com os Medicis , do que  
o modo como Lourenço governou a sua  
República. Como Protector das letras , e  
das bellas artes , semelhante ao grande  
Cosme , seu Avô ; liberal com huma gran-  
de , e illustrada magnificencia , e procu-  
rando muito menos brilhar , do que fa-  
zer bem ; simples Magistrado em a sua  
Patria , e continuando o commercio de  
seus Pais ; excedeo Lourenço a todos os  
mais Príncipes seus contemporaneos , não

fô por meio do verdadeiro merecimento, mas tambem da influencia que teve em os negocios da Italia, e por meio dos successos da sua asisada politica.

Restabelecer a paz em Italia, onde depois de muitos seculos não se viaõ se-  
 não usurpações, guerras, e catastrofes, era hum projecto digno de hum homem superior; e tal foi o de Lourenço de Medicis. Vexados os Venezianos, por hum parte pelo Turco, acomettiaõ por outra parte a Lombardia. Já Ludovico Sforça, chamado o Mouro, tinha tomado Milaõ ao joven Duque Joaõ Galeas, seu sobrinho, a quem só deixava hum titulo vaõ. Fernando, Rei das duas Sicilias, filho natural de Affonso, sogro de Joaõ Galeas, estava tanto mais animado contra Ludovico, quantas eraõ as pretensões do mesmo Fernando a respeito do Milanez. Tudo annunciava pois novas guerras, e Florença não podia deixar de entrar nel-  
 las. Não deixou Lourenço de as precaver; pois reconciliou Fernando com Ludovico, e obrigou-os a entrar em huma liga com os Florentinos, para a conservação da paz. Os Venezianos suspendêraõ as suas conquistas, e o Papa Innocencio VIII. empenhou-se, mas em vaõ, por privar do Throno o Rei de Napoles. Respirou a Italia, e conheceo finalmente a sua felicidade,  
 mas

Lourenço determina estabelecer a paz em Italia.

O mesmo Lourenço consegue o seu intêto.

Sua morte  
em 1492.

mas perdeu muito cedo a Lourenço de Medicis, que morreu em 1492, com quarenta e tres annos de idade. Seu filho Pedro, succedeo-lhe sem merecimentos; e o fogo da guerra abrazou tudo em breve tempo.

---

## C A P I T U L O VI.

*Reinado de Carlos VIII. em França. ---  
Conquista esteril da Napoles.*

Tumultos  
no principio do  
Reinado de  
Carlos VIII.

**D**ES do anno de 1483, reinava em França Carlos VIII., Principe moço, mal educado, temerario, e incapaz de qualquer applicação. Subio este ao Throno na idade de treze annos, e Anna, sua irmã primogenita, mulher de Pedro de Borbon, Senhor de Beaujeu, devia, em virtude do testamento de Luís XI., governar o Reino, na menoridade do Rei; e isto deo occasião a huma guerra civil. O Duque de Orleans (o qual reinará com o nome de Luís XII.) pretendia o governo; do qual querendo-se assenhorear, e não o conseguindo, soblevou-se. Alliado o mesmo Duque de Orleans com o Duque de Bretanha, e com Maximiliano de Austria,

O Duque  
de Orleans,  
rebelde, e  
prisioneiro.



tria, perdeu a batalha de Santo Albino, na qual ficou prisioneiro.

Pouco tempo depois morreo o Duque de Bretanha, sem filhos varões. Anna, sua filha, herdeira desta grande Provincia, tinha já casado por procuração com Maximiliano, viuvo da herdeira de Borgonha. A fim de unir o Ducado com a Coroa, conseguio-se, não sem trabalho, anullar hum casamento, que Anna desejava, para a fazer casar com o Rei de França, a quem aborrecia. O Duque de Orleans, posto que amante da Princeza, teve a generosidade de servir a Carlos VIII. em ponto tão delicado. Este illustre sedicioso veio a ser hum vassallo zeloso, e mandando-o o Rei soltar, inspirou-lhe a gratidão; de maneira que o Duque só cuidava em desvanecer a sua rebellião por meio do esplendor das suas virtudes.

Casamento do Rei com a herdeira de Bretanha.

Margarida de Austria, filha do Archiduque Maximiliano, promettida havia muito tempo a Carlos para casar, e educada na mesma Corte de França até o tempo de ter idade para casar, estava a ponto de ser repudiada, no que recebia seu Pai a hum tempo duas affrontas, e respirando vingança, tomou armas, como tantas vezes tinha feito. Porém sendo pouco o seu poder em os Paizes Bai-

O Archiduque Maximiliano, duas vezes offendido, toma as armas.

xos, e recebendo apenas alguns soccorros do Imperador Frederico III., tellohiaõ provavelmente despojado de huma parte das suas Provincias, se a mania das conquistas Estrangeiras não tivesse encantado os animos. Os lisonjeiros, que estudão as paixões dos Principes para dellas se aproveitarem, excitavaõ Carlos a defender os seus direitos ao Reino de Napoles. Enlevado este em semelhante projecto, entregou a Maximiliano o Franco-Condado, e Artois, de que Luis XI. se tinha senhoreado (\*). Entregou do mesmo modo o Rossilhon, e Cardenha a Fernando, o Catholico (do qual brevemente trataremos); não requerendo d'elle, senão a neutralidade na guerra da Italia. Partio em fim, quasi sem ter disposto cousa alguma, para esta perigosa expedição, que elle havia como huma viagem de divertimento.

Carlos VIII.  
em lugar  
de despojar  
o Archi-Du-  
que, pertê-  
de conquif-  
tar Napo-  
les.

1494.  
Carlos em  
Florença.

Ludovico Sforça, e o famoso Alexandre VI. (Borgia), tinhaõ convidado Carlos para vir a Florença; porque depois da morte de Lourenço de Medicis já

---

(\*) A paz concluida em Senlis com Maximiliano, fez-se pela intercessão dos Suiços, interessados na conservação da Borgonha. Houve infinitos soldados desta Nação, no exercito do Rei na Italia, a pezar dos desvélos dos Cantões, que se empenhavaõ em chamallos.

já não existia o systema da paz, e uniaõ. Fiar-se nos mesmos Ludovico Sforça, e Alexandre VI. não era a menor imprudencia de Carlos VIII. Pedro de Medicis negou temerariamente a passagem; atemorizado porém das armas Francezas, concedeo tudo quanto se pretendeo, e foi expulso pelos Florentinos mais firmes na sua resolução. Apparece o Monarca em Florença com o apparato de hum Conquistador, e pretende impôr condições intoleraveis. Hum deputado porém da República lhe responde soberba, e altivamente: *Visto que exigis semelhante coisa, tocai as vossas trombetas, que nós tocaremos os nossos sinos.* Esta acção de valor determina a contentar-se Carlos com a alliança dos Florentinos.

Attrevimẽto dos Florentinos.

Já o Papa se tinha arrependido de ter acareado os Francezes, contra os quaes se alliara com Affonso II. Rei de Naples. Marcha Carlos em direitura para Roma, onde entra á frente das suas tropas, e Alexandre VI., mettido no Castello de Santo Angelo, he reduzido a fazer a paz. Beija-lhe entãõ o Rei os pés, administra-lhe o lavatorio no tempo da Missa, e toma o lugar abaixo do Deão dos Cardeaes.

Alexandre VI. trahidor a Carlos.

Paz entre elles.

O que ha mais para notar he que o Pontifice foi obrigado a pôr-lhe nas

Zizim entregado, e envenenado.

mãos hum Principe Turco, chamado Zim, filho do tremendo Mahomete II. O qual, depois de huma infeliz rebellião contra Bajazete seu irmão, tinha-se refugiado entre os Christãos. Determinava Alexandre provavelmente entregallo ao Sultão, cujo soccorro solicitava, e houve quem suspeitasse delle, que o tinha envenenado, antes de entregallo ao Sultão. Todo o genero de suspeita podia cair neste monstro, o opprobrio da tiara, e da Igreja.

1495.  
Conquista  
rápida do  
Reino de  
Napoles.

Os Italia-  
nos não co-  
nheciam a  
arte da  
guerra.

Com tudo os mesmos Napolitanos pareciaõ chamar o Conquistador. Affonso, odioso por causa da sua tyrannia, foi occultar-se em hum claustro na Sicilia, e Fernando II., seu filho, retirou-se para huma Ilha; de maneira que Carlos teve somente o trabalho de apparecer, e cinco mezes depois da sua partida, estava já senhor de Napoles. Taõ rápidos successos, com hum pequeno exercito sem dinheiro, não se pôdem attribuir senão ao terror dos Italianos: os quaes nenhum conhecimento tinhaõ da guerra, posto que sempre combattellem entre si; careciaõ de tropas reguladas, e de peças grandes de artilharia; os seus combates não eraõ de algum modo senão humas justas, em que se espalhava muito pouco sangue: rechassar o inimigo, e ganhar o campo de ba-

ta-

talha, era para elles victoria brevemente decidida, ao mesmo tempo que as suas facções intestinas, e as suas vinganças pessoais, produziaõ innumeraveis homicidios. Não podia pois o impetuoso valor do Francez deixar de destruir tudo logo ao primeiro ataque. Esteril vantagem, se a prudencia não avigorára huma conquista menos difficullosa de fazer, do que de conservar. Porém a prudencia não se alliava ainda com a viveza dos Francezes.

Os prazeres, as festas, as vexações, a avareza, e a liberdade, nenhum cuidado em respeitar os novos vassallos, nenhuma cautela contra as emprezas exteriores; estes os meios, que empregáraõ ao principio tão tremendos vencedores, para segurar o seu dominio. Carlos divertia-se, e entregava os negocios a huns homens indignos da sua confiança. Os seus inimigos não socegáraõ, e foubéraõ aproveitar-se dos seus defeitos. O Papa Alexandre, Maximiliano, que por morte do frouxo Frederico subira ao Throno Imperial, em 1493, Fernando, o Catholico, Rei de Hespanha, os Venezianos, e Ludovico, Duque de Milaõ, cujo sobrinho despojado já não vivia, formáraõ huma liga a fim de expulsar os Francezes, e restabelecer Fernando II.

Erros dos  
Francezes.

Liga con-  
tra Carlos.

Sem esconjurar a tormenta, nem  
acon-

Carlos vol-  
ta para Frã-  
ça.

aconfelhar-se com as circumftancias, cuida Carlos unicamente na fua retirada; e deixando em Napoles tres, ou quatro mil homens, poem-se a caminho com o refto do exercito, que fe reduzia a sete, ou oito mil. Os confederados, que montavam a trinta mil, o esperavam no Parmezano. Atemorifados porém do feo atrevimento, deliberaõ por muito tempo, fe o haõ de acometter. Finalmente resolvem-se, daõ a batalha de Fornoue, ficão vencidos, e derrotados em menos de huma hora, perdem tres mil homens, contra duzentos que mataõ ao inimigo.

Sua vitória de Fornoue.

1496.  
Perda do Reino de Napoles.

Morte de Carlos VIII. em 1498.

Esta gloriofa victoria de Carlos VIII. fõ fervio para a fua feurança. O Reino de Napoles perdeo-se no fequinte anno de 1496, e Gonçalo de Cordova, célebre General Hefpanhol, expulfou facilmente hum pequeno número de Francezes, abominados no Paiz. Legitima ventura fora para a França, fe este defastre fervira de lição para fe haverem com fabeldoria, e prudencia. O Rei morreo no viçoso da idade em 1498: e como feus quatro filhos erão mórto, fuccedeo-lhe Luís, Duque de Orleans. N'outro lugar trataremos da Época do Reinado deste Principe, que todavia com as fua grandes virtudes, não fe pode livrar da funefta ambição de reinar em Italia.

CA-

## CAPITULO VII.

*A respeito da Hespanha. Reinado de Henrique IV. em Castella. --- Principios do Reinado de Fernando, o Catholico, e de Isabel.*

A HESPAÑHA, tanto tempo dividida, fraca, e quasi alheia do systema geral da Europa, chega a ser huma Potencia consideravel, na qual fitaremos daqui em diante os olhos. Para descobrir a origem da sua grandeza, he necessario chegar ao Reinado o mais infeliz, e denigrado de opprobrios.

Henrique IV., intitulado o *impotente*, a pezar das suas desordens continuadas, occupou o Throno de Castella em 1454. Era elle descendente de Henrique de Trastamára, que segundo temos visto, chegou a ser Rei por meio de hum fratricidio. Como que á nova Corte caracteriza tudo quanto o vicio tem de mais infame. Vivia Henrique, e passava o seu tempo com validos, e concubinas; a Rainha Joanna, seguindo o seu exemplo, vivia, e passava tambem o seu tempo sem constrangimento algum com amantes. Só

Henrique IV. (o impotente), Rei de Castella.

Desordens, e vicios desta Corte.

se

se cuidava em passatemplos, e conseguin-  
tamente os negocios não podiaõ deixar de  
ser cada vez mais desprezados. Hum faul-  
to prejudicial parecia constituir a verda-  
deira grandeza. Tendo Luís XI. sido elei-  
to para arbitrio entre os Reis de Castel-  
la, e de Aragaõ, Henrique, n'hum con-  
ferencia que teve com Luís, offendido  
da mesquinha simplicidade, que este Prin-  
cipe affectava, concebeo o maior despre-  
zo assim contra elle, como geralmente  
contra todos os Francezes. Porém zom-  
báraõ d'elle em a negociação os mesmos,  
de quem mais confiava. Reconhecida a  
sua aleivosia, privou-os Henrique da sua  
presença, e nomeou em seu lugar a Bel-  
traõ de la Cueva, cujo trato adultero  
com a Rainha escandalizava o Reino. O  
fogo da rebelliaõ estava occulto, e ma-  
nifestou-se com esta eleição.

Beltraõ de  
la Cueva  
valido.

Rebelliaõ  
contra He-  
rique.

Os descontentes com Carrilho, Ar-  
cebispo de Toledo, á sua frente, formaõ,  
e executaõ projectos quasi incriveis. Em  
1464, obrigáraõ o Rei a reconhecer Af-  
fonso, seu irmão, por herdeiro da Co-  
roa, em prejuizo de Joanna sua filha, a  
quem já se tinha dado juramento: man-  
dáraõ pedir a Roma a dispensa deste ju-  
ramento, que violáraõ; e depozeraõ Hen-  
rique IV. no anno seguinte, em estatua,  
n'hum cadafalso; cerimonia tão extrava-  
gan-

Henrique  
deposto em  
estatua.



gante como nova. Todos corrêraõ ás armas. A batalha de Olmedo não resolveo nada ; e não se achando o Rei nella fez-se crêdor de muito maior desprezo. O Arcebispo de Toledo, trazendo huma Estóla sobre as suas armas defensivas , combateo na mesma batalha com grande valor ; e posto que ferido , foi o ultimo que se retirou. Veremos ainda outros muitos Prelados distinguirem-se na guerra.

Batalha de Olmedo, é a qual o Arcebispo de Toledo se distingue.

Em Hespanha havia tambem heroínas ; huma dama de Villalva, que defendia em Castella a causa Real, e huma Rainha de Aragaõ, que combatia a favor do seu esposo contra Joaõ de Anjou, Duque de Lorena, acclamado em Barcelona.

Heroínas Hespanholas.

Coroado Affonso, pelos Castelhanos rebeldes, morre repentinamente em 1468, na idade de quinze annos ; mas este acontecimento não diminue a sua audacia. Impoem os descontentes a Henrique IV. condições, obrigando-o a declarar a Isabel, sua irmã, herdeira da Coroa, a desherdar Joanna, sua filha, e a mandalla com a Rainha para Portugal. Hum Legado teve parte no tratado. Suppunhaõ ser Joanna filha bastarda de la Cueva, e esta supposição, defendida por huma intriga furiosa, a privou de huns direitos, que sem dúvida se respeitariaõ em outros tempos.

Henrique IV he obrigado a desherdar sua filha Joanna.

Che-

Isabel, sua  
irmã, e sua  
herdeira,  
procurada  
para casa-  
mento.

Chegou o matrimonio de Isabel a ser ao mesmo tempo hum objecto de intriga, e de ambição. O Rei de Portugal pretendia casar com Isabel: Luís XI. a pedia para seu irmão, e o Rei de Aragoã, para seu filho Fernando. Importava muito aos rebeldes preferir este ultimo, mais capaz de os defender. Henrique inclinava-se para outra parte, mas nada podia. Como o negocio se dilatava muito, achou-se hum meio para o concluir, digno de tudo quanto havia precedido. Chegou Fernando, disfarçado, a Valhadolid, onde o matrimonio foi occultamente celebrado pelo Arcebispo de Toledo, certificando ter dispensa do Papa, a qual dispensa só chegou no fim de tres annos. Semelhante Prelado merecia certamente ser cabeça da conspiração.

Como Isabel foi casada com Fernão de Aragoã.

Nova guerra civil.

FuriOSO Henrique por causa desta em- preza, desherda sua irmã, e restabelece os direitos de sua filha: offerece esta em casamento ao Duque de Guienna, irmão de Luís XI., e sendo por este desprezada, offerece-a ao Rei de Portugal, que tambem a despreza; tão pouco havia que esperar da sorte da Princeza! Atea-se por todo o Reino huma guerra civil: os nomes de Joanna, e de Isabel, armaõ todos os sediciosos: e por fim reconcilia-se o Rei com sua irmã, e com Fernando. Tendo

cea-

ceado juntamente com elles, ao sahir da meza, foi assaltado de humas dores de entranhas tão violentas, que o atormen- Môrte de  
Hêrique IV  
em 1474.  
tárao até á môrte, que succedeo no mes-  
mo anno de 1474, depois de ter decla-  
rado novamente ser Joanna sua filha, e  
sua herdeira. A Rainha tambem jurava o  
mesmo, e ninguem lhe queria dar crédi-  
to. As suspeitas de ser o Rei envenenado, Suspeitas  
de ser o Rei  
envenena-  
do.  
espalhadas contra Fernando, e Isabel, não  
servirão de obstaculo á sua fortuna. Am-  
bos erao dotados de talentos, e de gran-  
de politica. O seu Reinado, que he tão  
nomeado, não parecerá todavia nos olhos  
dos sifudos, digno de todos os elogios,  
que alguns Historiadores lhe prodigaliza-  
rao. Desconfiemos sempre das preocu-  
pações nacionaes, e especialmente das dos  
séculos de ignorancia.

Os principios forao procellosos. Fer- Fernando  
ao principi-  
o descontê-  
te em Cas-  
tella.  
nando, a quem só se concedia o titulo  
de Rei, ao mesmo tempo que a autho-  
ridade se achava nas mãos da Rainha,  
esteve quasi nos termos de retirar-se para  
Aragão; e Isabel chamando-o seu Rei, e  
seu senhor, e obrando sempre como se-  
nhora do Reino, soube-o lisonjear, e de-  
ter. O Arcebispo de Toledo, cioso do  
conceito, que Fernando, e Isabel faziao Isabel o  
detem.  
do Cardeal Mendoza, entregando-se á pai-  
xaõ da cólera, dizia: *Eu darei muito bem*

tra-

*traças , para que Isabel torne a tomar a roca , que deixou por minha causa.* O Arcebispo se retirou , e motivou intrigas ; e Affonso V. Rei de Portugal , tendo-se em fim determinado a casar com a Princeza Joanna , filha de Henrique IV. , foi esta acclamada Rainha de Castella em Placencia. Porém no fim de alguns annos de guerra , em 1479 , renunciando Affonso o casamento , e as suas pretensões , abraçou Joanna o estado Religioso. O Arcebispo de Toledo tinha sido obrigado , por causa do sequestro dos seus bens temporaes a submeter o seu orgulho ao jugo da obediencia.

Guerra cõ Portugal acabada em breve tempo.

Desordens públicas , q se pretendẽ reprimir.

A Santa Irmandade.

Era necessario hum governo sábio , prudente , e vigoroso para soffrear as desordens públicas , que tinhaõ chegado ao ultimo auge. Por toda a parte não se encontravaõ , senão salteadores : os Cavalleiros favoreciaõ , ou commettiaõ roubos , e os seus palacios podiaõ considerar se como praças inimigas no centro do Estado : n'humas palavras , todos os abusos do governo feudal se mantinhaõ pela força , e excessiva liberdade. Resolvêraõ destruillos. Formou-se a Congregação da *Santa Irmandade* , destinada para oppôr-se aos homicidios , aos roubos , e ás violencias de qualquer especie , e foraõ-lhe consignados fundos , e certo número de tropas. Este

estabelecimento, e outros semelhantes encontráramos infinitas opposições da parte dos Grandes, interessados nos crimes, de que se aproveitavam, como temos visto em todo o resto da Europa.

Tolher pois os crimes por meio do terror, arrazar as fortalezas dos Cavalleiros, que inficionavam as terras, revogar os favores, que apuravam o thesouro, e livrar os Povos da oppressão dos Grandes, e sujeitallos todos á Real Authoridade, foi o objecto principal de Isabel, e Fernando. Porém entre estes uteis cuidados, os vemos estabelecer por toda a parte, com zelo violento, tudo quanto o Tribunal da Inquisição tem mais contrario aos direitos da humanidade, e ás máximas bemfazejas do Evangelho.

Torquemada, Dominico impetuoso, e cruel, tinha obrigado a Rainha a jurar, antes de ser reconhecida, que empregaria todo o seu poder, quando chegasse a occupar o Throno, em exterminar os Impios, Judeos, Musulmaos, Hereges, e feiticeiros. O Cardeal Mendoza, inflamado pelo dominio, se valeo deste juramento. Foi a Inquisição estabelecida com rigores juridicamente tyrannicos, dos quaes não havia ainda exemplos tão barbaros. Sendo Torquemada, Inquisidor geral, fez queimar em quatro annos seis mil pessoas,

Governo  
vigoroso.

Torquemada, e Mendoza tor-  
nao atroz  
a Inquisi-  
ção.

foas , e o seu zelo perseguiu mais de cem mil Cidadãos. Hum negro terror , e hum fanatismo feroz apoderárao-se das familias ; a infame denúncia transformou-se em virtude ; as mais leves suspeitas , e imprudências , algumas faltas imaginarias , e supostas , forão titulos para encarcerar , diffamar , e pôr em desesperação huma multidão de innocentes.

Processos  
odiosos del  
te Tribunal  
sem appel-  
lação.

Os mais iníquos processos decidiaõ da fortuna , honra , e vida : não conhecendo o accusado o accusador , nunca era acareado com elle ; era necessario que adivinhasse seu crime. Envolto nas filadas de hum interrogatorio capcioso , confessava-se muitas vezes culpado sem saber porque. O testemunho dos parentes mais chegados , das mulheres de vida escandalosa , era admittido , como se se receasse não haver outros denunciantes. E posto que os calumniadores devessem soffrer a pena do taliaõ ; e as inimizades pessoas , e loucuras supersticiosas multiplicassem necessariamente as falsas accusações ; não havia exemplo algum de calumniador castigado pelo Santo Officio ; nenhum recurso contra as Sentenças deste Tribunal ; nenhuma appellação para o Soberano , protector de seus vassallos.

Seus Satel-  
lites.

Vio-se huma infinidade de Satellites , carregados de privilegios , e immensas quan-

quantias de dinheiro , empregadas para a desgraça da Hespanha , em preferencia ao triunfo da fé. Aquelles horrorosos supplicios , cobertos de victimas amontoadas , aquelles *Autos-de-fé* , que , ao narrallos , causão horror , forão autos de Religião , e espectáculos , que os Reis hiaõ voluntariamente vêr. Se julgarmos , como  
 Reflexões  
 sobre estes  
 rigores.

vários Escritores , que Hespanha , e Portugal devem felicitar-se de ter desterrado por este modo o Mahometismo , o Judaismo , ou a heresia , he necessario abrutecer a razaõ , e tyrannizar os homens , he necessario , que o ferro , e o fogo devastem , o mundo para fazer Christãos , e Catholicos ! Assim he que se estabeleceo a fé Christã ? Felizmente para os Póvos , e attrevo-me a dizello , para a Religião , o Governo de Hespanha , que cada dia he mais illuminado , e mais humano , temperou muito estes rigores , que inspiravaõ as preocupações do seculo. A Historia nos dirá quantas chagas profundas fizeraõ ao Estado (\*).

Achou-

---

(\*) O Author desta *Historia Universal* , assim como muitos outros Autores , quando fallaõ da Inquisição , cahem em muitos absurdos , por não saberm a fundamento quaes são as providentissimas Leis , que este Regio Tribunal tem para se reger , e cuidar no processo dos réos , e por ouvirem as vozes soltas , e apaixonadas de alguns , que escapando aos  
 seus

Fernando  
herda Ara-  
gão, e Sici-  
lia.

Achou-se Fernando em 1479 senhor dos Reinos de Aragoão, e Sicilia, pormórte de seu Pai João II. Quatro annos depois, fallecendo o joven Phebo de Foix, Rei de Navarra, pedio Fernando em cas-

seus bem justos castigos se retirárao a Paizes estranhos. E estes em lugar de mostrarem as suas culpas, gritaõ contra o Tribunal, para deste modo serem mais ouvidos, e estimados daquelles, que caprichaõ de serem humanos. Nenhum processo he mais bem fundado, as testemunhas em parte alguma se examinaõ com tanta cautela, e miudeza: aqui não pôde entrar o soborno, a cavilacão, e a intriga. Tudo he visto com perspicacia, e inteireza. A humanidade he o unico alvo, a que se reduz todo o cuidado dos seus Ministros. Se os Estrangeiros fallassem de algum abuso, que neste Tribunal aconteece nos seculos, em que em todos os do Reino grassava huma falta de instrucção, e sciencia, talvez que se lhes soffresse fallar destes mesmos abusos: mas clamar contra a sua utilidade, e necessidade, he erro, ignorancia, e falta de luzes. Lembrem-se do modo, com que no nosso Portugal sempre se sentencearaõ os reos, dos confpicuos Magistrados, de que se compoz sempre; Ecclesiasticos de ordem superior, sábios, virtuosos, e desabusados. Não ha ainda muitos dias, em que fomos oculares testemunhas da sua piedade, humanidade, e rectidão; a tanto chegou, que homens de differente, e estragada Religião, chegárao a confessar que andavaõ enganados a respeito da Inquisição. Para se confundirem, de que não sabem as cousas, fenaõ por más informações, leaõ-se immensos Tractados Hespanhoes, e Portuguezes, aonde se mostra a fórma de processar deste Tribunal, que logo se apresentará que he tudo contrario, do que loucamente se diz. Donde quem lêr esta passagem neste Author, note bem que elle como não tinha em França In-

qui-



famento , para seu filho , a Catherina , irmã , e herdeira de Phebor ; e para fazer mais efficaz a negociação , apoderou-se de Pampelona. Veremos o Reino de Navarra invadido por Fernando ; e huma po-

Seus inten-  
tos sobre  
Navarra.

*TOM. VII.*

E

li-

quificação , tudo quanto ouvia de lá de Hespanha , e Portugal , he de informação , e quasi sempre de homens réos , e fugidos , que basta esta condicão para não serem ouvidos. E devem de assentar para se provar a sua utilidade , e necessidade , que basta que hum Rei tal , tão sábio , e amante de seus vassallos , como o Senhor D. João , o III. , a quiz , estimou , e a condecorou com o caracter de Tribunal Real , e deo aos seus Ministros toda a liberdade de sentenciarrem , ainda mesmo com penas temporaes , como Delegados dos Monarcas. Os Francezes por alguns abusos , que muitas vezes os Ministros della fizeraõ em França , assentaõ que em toda a parte he o mesmo. Que immensos males não lavrariaõ ? Que desordens , que manchas , e nodos não soffreria a Santa Religiaõ , senão houvesse este tão necessario freio ? Que atrevidos desbocados não teriaõ a damnada liberdade de insultarem as cousas Sagradas para com as suas indignas subtilizas , e invenções encobrirem os erros , e desvarios dos seus corações corruptos , e peccaminosos , se acaso neste Sagrado Tribunal não houvesse o grande poder de soffocar tão insultadoras , e libertinas linguas , que tanto derrancaõ aos outros ? Todos os dias ouviriãmos blasfemias. Que doutrinas estragadas , e livres não appareceriaõ , se este respeitavel , e Regio Tribunal não estancaisse tão revoltosos falladores ? O seu fim he terem sequazes nos seus erros para mais francamente peccarem. Parece-me que com esta *Nota* se poderá conhecer a injustiça do Author , e de outros a elle semelhantes , e os que lerem *esta Obra* , lendo o que o Author diz , e a *Nota* poderão facil , e ajuizadamente conhecer com quanto erro fallaõ os Estrangeiros.

litica artificiosa, fustida pelas armas, augmentará continuamente o poder de Fernando, e Isabel.

## C A P I T U L O VIII.

*Conquista do Reino de Granada. --- Expulsão dos Judeos de Hespanha.*

Os Mouros  
de Granada  
divididos  
entre si.

O REINO de Granada, unico resto da dominação Mahometana na Hespanha, atrahia as attensões dos Principes ambiciosos, aos quaes parecia que assim o zelo, como o interesse convidavaõ a invadillo. Causa admiração vêr, que os Mouros não se aproveitáraõ das dissensões de Castella, no ultimo Reinado, e até se sujeitáraõ a pagar tributo. Porém divididos entre si, diminuiaõ-se as suas forças cada vez mais. As discordias, que recrescêraõ até ao ultimo furor, causáraõ finalmente a sua ruina total, assim como tinhaõ causado a de tantos Imperios famosos. Albohacen, Rei de Granada, combatteo com hum dos seus filhos, e este, com hum dos seus Tios. Por toda a parte reinavaõ as guerras civis, quando Fernando, e Isabel movêraõ as suas forças contra aquelle Estado já abalado, o qual por cau-

causa dos dons da natureza, deveria ser o centro da felicidade.

Depois de ter pedido ao Papa Sixto IV. huma bulla de Cruzada, e licença para impôr hum subsidio ao Cléro ( porque a politica ainda necessitava de taes meios ), pôz-se Fernando á frente das trópas em 1483; continuou sempre a guerra com successos rápidos, e felizes, e em muitas expedições o acompanhou Isabel. Ambos estiverão em perigo de morrer no cerco de Malaga, Cidade importante, defendida valerosamente, e tomada em 1487. Acomettêrão Baza em 1489, depois de ter perdido vinte mil homens: Guadix, e Almeria lhes foraõ entregues por hum dos Principes Musulmãos, que disputava a Coroa; tão cobarde, e tão cégo, que pretendeo por este meio voltar as suas armas contra o seu competidor. Finalmente he Granada sitiada em 1491 por Isabel, e por Fernando: O seu campo distante duas legoas da Cidade foi consummido por hum incendio horroroso: e os dous Principes, a fim de não se acharem mais expostos a semelhante desastre, mandão edificar no mesmo lugar huma Cidade, á prova de fogo; e a esta obra se dá fim em menos de três mezes. Esta Cidade he a de *Santa Fé*, que ainda hoje sobssiste. De nada careciaõ os cercadores, e os cer-

Fernando, e Isabel a-  
comettem] o Reino de  
Granada cõ  
feliz luc-  
cesso.

---

1491.  
Sítio de  
Granada.

cados padeciaõ todos os rigores da penuria; a Praça foi reduzida á ultima extremidade.

O Rei Mou-  
ro capitula  
cobarde-  
mente.

Hum entusiastado Musulmaõ alenta de novo nesta occasiaõ por meio da sua eloquencia os animos abatidos. Vinte mil homens, persuadidos dos seus discursos, preparaõ-se para o seguir, e emprehender tudo o que se lhes mandasse. Parece que dever-se-hia aproveitar da sua desesperaçãõ; porém Abo-Abdeli, pelo qual Albohacen, seu Pai, tinha sido privado do Throno, temendo pelo contrario os effeitos de semelhante movimento, diligenciou capitular, e obteve para si lugares, e rendimentos nas Alpujarras, montes fertilissimos, e para os habitantes, a segurança dos seus bens, o uso das suas leis, e o exercicio da sua Religiaõ. Amaldiçoado Abo-Abdeli pelo seu Povo, deo hum entranhavel suspiro, olhando para a admiravel capital, que abandonava. *Tens razãõ, lhe disse sua mãi, para chorra como huma mulher, pois que não soubestes conservar como homem valeroso huma Cidade semelhante.* Deste modo acabou em Hespanha o Imperio dos Arabes, fundado havia quasi oitocentos annos.

Reprehen-  
sões de sua  
Mãi.

1492.  
Expulsãõ  
dos Judeos  
a fim de os  
despojar.

Quanto mais util, e gloriosa era esta conquista, tanto mais nos devemos admirar da politica funesta, e igualmente in-

injusta , por meio da qual foraõ os Judeos expulsos immediatamente depois. Vendendo-se victimas do odio , e desprezo dos Christãos , reparavaõ o seu damno por meio da sua industria ; achavaõ nas riquezas huma compensação de honra ; e sendo os unicos , que commerciavaõ commettendo grandes usuras , eraõ senhores de quasi todo o dinheiro da Nação. Os Nobres , que eraõ pobres , liavaõ-se com os Judeos por meio de casamentos , assim como com os Mahometanos ; mas nem por isso deixavaõ de ser menos seus inimigos. Várias imputações absurdas , taes como as que procedêraõ sempre dos odios religiosos , inflammavaõ a raiva popular. O governo deixou-se persuadir , e arrastar ou de hum zelo cego , ou de hum interesse muito mal entendido ; de maneira que os Judeos tiveraõ ordem para sahir do Reino. Seis mezes lhes foraõ concedidos para vender os seus bens ; prohibio-se-lhes porém , sobpena de morte , levar prata , ouro , e pedras preciosas : isto he , foraõ expulsos a fim de os espoliar.

Semelhante Decreto causou huma perda á Hespanha de mais de trinta mil familias , que montavaõ ao menos a cento cincoenta mil pessoas , as quaes leváraõ consigo a industria , as artes , e o com-

Semelhan-  
te violen-  
cia arruina  
o Estado.

mer-

mercio. Esta injustiça foi bem parecida com as alterações das moedas, que arruinavaõ os Principes a trocõ de hum recurso momentaneo, de que lhe serviaõ. Os espolios dos Judeos pareciaõ hum grandissimo bem, e todavia o Estado cahio de subito na ultima miseria. Nada pode supprir ás grandes contribuições que os Judeos pagavaõ, e ninguem soube onde se havia de ir buscar o necessario, pois que o haviaõ das suas mãos laboriosas. Não haveria pois meio algum para refrear a usura dos Judeos, sem privar-se do commercio? Se por ventura se pretendia ser injusto, não era ao menos necessario lançar bem as linhas para precaver os inconvenientes da injustiça? E ainda assim teria esta produzido o seu effeito, isto he muito maior mal do que bem, assim como todas as violencias comettidas sob pretexto de Religiaõ.

O que os  
Judeos che-  
gáraõ a fer.

Portugal, com a expulsaõ dos Judeos de Hespanha, adquirio quasi oitenta mil vassallos. Quinze mil se retiráraõ para Africa, onde foraõ tratados mais cruelmente do que em Hespanha. Os Mouros, segundo dizem, abriaõ os corpos aos Judcos, a fim de tirar-lhes das entranhas o ouro, que tinhaõ engolido. De lá voltáraõ alguns milhares, os quaes fingíraõ abraçar o Christianismo, e sobre os Judeos he que

a Inquisição estendeo principalmente as suas sanguinolentas mãos ; a qual podia ser considerada como hum flagello forjado pelos inimigos da Hespanha , a fim de despovoar o Reino.

Naõ tenhamos receio de ajuntar a estas calamidades públicas o descobrimento do novo mundo , feito no mesmo anno , em que os Judeos foraõ expulsos. Trataremos delle na Época seguinte , em que o Reinado de Fernando , e de Isabel offerecerá tambem feitos memoraveis. Falta-nos alguns pontos para observar a respeito de tudo quanto interessa mais o espirito humano.

## C A P I T U L O IX.

### *Observações geraes.*

**T**ODAS as cousas mudaõ , ou se preparam para a mudança no decurso do seculo decimo quinto ; porque os homens sahẽ de hum dilatado lethargo , exercitaõ as faculdades da sua alma , e humas novas invenções abrem nova carreira ás idéas. Veremos como a agulha de marear, achada casualmente depois de muito tempo , mas muito tempo inutil , por falta de

Revolução geral, que começa em o decimo quinto seculo.

de procurar-lhe o uso , produzio huma immensa revolução.

Arte mili-  
tar diffe-  
rente.

Decadência  
da cavalla-  
ria.

Politica  
mais culti-  
vada , po-  
rém com  
subtilezas  
funestas.

A invenção da polvora principiava a mudar a arte militar , e á proporção que se dilataſſe eſte fatal deſcobrimento , mais conſideravel devia ſer a mudança. A cavallaria já não tinha a meſma força nos exercitos , e por conſequinte nem o meſmo luſtre no Eſtado , e perdeu muito por causa do eſtabelecimento das Ordens da Jarreteira , do Toeſão de ouro , de S. Miguel , &c. Eſtas condecorações liſonjeavaõ muito mais a vaidade , pois obriga-  
vaõ os Cavalleiros a viver ſempre na Corte dos Principes , que procuravaõ todos os meios de reſtabelecer , ou augmentar a ſua authoridade.

Facil he de obſervar , particularmen-  
te em França , os progressos da politica , depois que era tida em tanta honra a ſciencia do direito. Os Jurisconſultos , e os parlamentos , bem que ainda imbuidos de opiniões falſas , tinhaõ introduzido os principios mais favoraveis para a Monarquia. Negociando , ou lutando com a Corte de Roma , tinhaõ ſe acostumado a exercer os negocios mais delicados. Talvez que neſta fonte ſe tiveſſem bebido as ſubtilezas ſagazes , que em breve tempo ſe mudaraõ em ſyſtema. De todas as partes vemos ex-  
tender as Potencias da Europa as ſuas idéas.



e intentos, formar ligas, e allianças; mas também vemos a perfidia chegar a ser arte nos maiores, e mais consideraveis negocios. Toda a glória de Luis XI., e de Fernando, o Catholico, consistio em enganar. Geral chegou a ser a contagião. Deshonrar o Throno, e o Altar por meio da impostura, foi hum dos ordinarios divertimentos. Tudo quanto ha de mais inviolavel, os Tratados, e os juramentos, fervirão de laço para sorpresar os seus inimigos com a capa de amizade; sem considerar que era este o meio de ter inumeraveis inimigos, e amigos infieis. O successo feliz de qualquer velhacaria dura muito pouco tempo, e as suas consequencias sempre são perigosas: o que se mostrará por meio de mil factos, até ao nosso tempo.

Este he mais que nunca o tempo de crimes infames, assassínios, e venenos. Todos os contemplaõ como huma producção da Italia, onde eraõ muito ordinarios por causa do furor, e cobardia dos partidos. A politica Italiana, inficionada certamente com todos os vicios do Imperio inferior, inficionou as Cortes da Europa com seus exemplos, e lições. A moral desappareceo insensivelmente, e com ella a segurança do trato da vida. A impiedade, junta com a superstição, des-

Os crimes  
multipli-  
caõ-se; e  
porque.

vaneceo os primeiros principios da obri-  
gação. Porque he que a passagem da bar-  
baridade para a cultura dos talentos, não  
fez, em muitas cousas, senão substituir  
aos vicios brutaes vicios mais sublimes,  
e mais funestos, senão porque os enten-  
dimentos não forão guiados pela recta ra-  
zão, e porque subtilizando-se, seguiraõ a  
inclinação das paixões, e finalmente por-  
que os costumes públicos dependem dos  
governos, os mesmos governos em geral  
tudo referiaõ á fortuna?

A Typogra-  
fia utilissi-  
ma, a pe-  
zar dos a-  
busos que  
della se de-  
viaõ fazer.

A Typografia, inventada em Estras-  
burgo no anno de 1440 por Joaõ Guttem-  
berg, aperfeiçoada em Mogúncia por Joaõ  
Fust, e por Pedro Scoeffer, devia espal-  
har igualmente assim as verdades, como  
os erros; mas deve também contar-se en-  
tre os grandes bens, qualquer que fosse  
o abuso, que della se podesse fazer; por-  
que a ignorancia per si mesma multiplica  
os erros, ao mesmo tempo que a verda-  
de não passa, senão por meio de infinitos  
obstaculos. Se ainda com o soccorro dos  
Livros, são vagarosos, e incertos os seus  
progressos, que seria, sem esse soccorro,  
em as trévas da ignorancia? Hum dos  
abusos principaes da Typografia será dar  
alimento ao fanatismo dos Seitarios; mas  
bastantes alimentos tinha este já antes del-  
la. Por meio della só communicar-se-hão

pe-

pelo contrario cada vez mais os principios da razaõ , e da moral , os quaes destruirão por fim o furor das feitas. Que utilidade para a humanidade !

Hum Cidadão de Harlem , chamado Kuster , tinha já impresso , abrindo em madeira as paginas inteiras , do mesmo modo que os Chinas praticavaõ , havia muitos seculos. Este methodo , a respeito dos caracteres movediços de fundiçaõ , he quasi semelhante ao que os Jeroglificos - são a respeito das letras alfabeticas. A invençaõ da Typografia pareceo taõ maravilhosa , que os primeiros que trouxêraõ as suas amostras para París , passáraõ por feiticeiros. Todos aquelles , que obravaõ qualquer cousa , que o vulgo admirava , eraõ tidos naquelle tempo por feiticeiros. O mesmo Parlamento deixou-se ao principio persuadir disso : de maneira que toda a novidade util foi hum monstro nos olhos da prevençaõ.

Esta invençaõ admiravel foi calumniada.

Se houveramos de attribuir o renascimento das letras a alguma causa estranha , antes a attribuiriamos á Typografia , do que aos Gregos , que se ausentáraõ de Constantinopla. Alguns sábios fugitivos , premiados , especialmente por Cosme , e por Lourenço de Medicis , ensináraõ o Grego , ou inspiráraõ o seu gosto : no que se aperfeiçoou sem dúvida a literatura. Porém

Falsamente se attribue aos Gregos o renascimento das letras.

rém a carreira estava já antecedentemente aberta : a Poesia , e a eloquencia se cultivavaõ ; e estudava-se pelos exemplares da antiga Roma. Por ventura Terencio , Virgílio , Horacio , Cicero , Tito-Livio , Salustio , &c. não seriaõ sufficientes para dar as idéas de tudo quanto he bom , e admiravel ? Acaço não teriaõ elles formado os Poetas , os Oradores , e os Historiadores do décimo quinto , e décimo sexto seculo ?

As linguas  
sábias fizé-  
raõ ao pri-  
cipio mais  
pedâtes do  
que homêes  
de gosto.

Posso dizer affoitamente , que as Linguas sábias mais foraõ ao principio humana origem de erudição grammatical , do que de gosto , e luzes. O estudo das palavras foi preferido ao das cousas. Hum pedantismo , armado com ninharias , e ridiculas citações , caracterisava a maior parte dos novos sábios : os quaes compiláraõ , commentáraõ , imitáraõ como escravos laboriosos , e nunca pensáraõ. Devia o seu trabalho facilitar aos verdadeiros engenhos os conhecimentos , de que podiaõ necessitar. Persuadir-se porém , como se fazia , que o estudo dos antigos era equivalente a tudo , adorar os seus proprios defeitos , ter os seus pareceres por oraculos , imaginar que bom só he o que lhes era semelhante , e copiar supersticiosamente a sua linguagem , era meio , não de aperfeiçoar o gosto , e

a razão, mas de retardar os seus progressos.

Teria sido necessario cultivar as Linguas vulgares, estudando as Linguas mortas (\*). Quando a Italia seguiu este methodo contrario, teve huns *ciceronianos* sem idéas, ou huns toscos compiladores. As outras Nações, em quanto o pedantismo servio de obstaculo ás pessoas litteratas para escrever na lingua nacional, para illuminar por este meio o público, e para elles mesmos se instruirem na sua escola, foraõ muito tempo inferiores á Italia. Comines, e Monstrelete, cujas Historias ainda nos interessaõ n'huma linguagem antiga, teriaõ excitado a emulação dos Escritores em França, se se tivesse visto que o Grego, e o Latim, dando exemplos, devessem ensinar a pensar, e escrever melhor na sua propria Lingua.

Desprezã-  
raõ-se infe-  
lizmente as  
linguas vul-  
gares.

As disputas da Escola, que chegavaõ a ser sempre negocios de Religiaõ, e de Estado, saõ huma triste prõva da escravidãõ, em que estava preza por muito tempo a razão. Aristoteles, condemnado em o decimo terceiro seculo, por várias sen-

Preocupa-  
ções da es-  
cola

Em a qual  
reina Aris-  
toteles.

---

(\*) Parece que não se podiaõ aperfeiçoar as Linguas vulgares, senão depois de ter feito hum estudo profundo das Linguas mortas. Tambem se observou que o estudo das palavras devia facilitar o estudo das cousas.

tenças ecclesiasticas, e restabelecido por outras tão razoaveis, reinava soberanamente entre os Doutores. Reformando hum Legado a Universidade de París, quasi no meado do decimo quinto seculo, tinha promulgado huma Lei para que se ensinasse a doutrina deste Filosofo; cuja doutrina só era conhecida pelos commentarios dos Arabes. Deste modo, Averroés, em nome de Aristoteles, dictava oraculos nas Escólas Christãs. A Fysica, a Moral, e a mesma Theologia, estavam de algum modo sujeitas ás suas idéas inintelligiveis. Todas as Seitas se fundavaõ assim sobre a sua authoridade, como sobre a authoridade da Escritura Santa. Esta, e Aristoteles eraõ igualmente citadas; e esta extravagante mistura, que degradava a Religiaõ, fazia hum monstro da Philosophia.

Disputas ridiculamẽte sérias dos realistas, e dos nominalistas.

Duas Seitas absurdas, os *realistas*, e os *nominaes*, os primeiros defendendo as *essencias*, e outras abstracções, como entes reaes, e os ultimos combattendo tal quiméra por meio de falsas subtilezas, destruiaõ-se com furor, e invocavaõ, além das excommunhões da Igreja, os soccorros do braço secular. Luís XI., declarando-se contra os nominalistas, mandou prender os seus Livros. A disputa, segundo o uso; nem por isso deixou de ser menos fer-

fervorosa. Sahindo os Livros do cativeiro, continuou-se o combatte: e se Descartes não tivesse por fim vindo, talvez que ainda combattelsem por semelhantes parvoices.

Por este mesmo tempo os Thomistas, e os Scotistas, ou os Dominicos, e os Franciscanos, perturbavaõ o mundo com as suas obstinadas disputas. Huns negavaõ a immaculada Conceição da Virgem Maria, da qual outros pretendiaõ fazer hum novo dogma. Huns concediaõ as chagas a Santa Catharina de Sienna, Religiosa da sua Ordem, e os outros defendiaõ que semelhante privilegio sómente pertencia a S. Francisco, seu fundador. Huns diziaõ que em quanto Jesus Christo esteve na sepultura, a divindade não estava separada do seu sangue; e os outros a separavaõ. Huns, e outros mutuamente se chamavaõ hereges; fazendo, quanto podiaõ, de huma opinião de corpo huma regra universal de fé; pois que a isto se encaminhavaõ ordinariamente os systemas em materias theologicas.

Disputas de Thomistas, e de Escotistas, mais fúrias.

Jeronymo Savonarola, Dominico entusiasmado, prégador célebre de Florença, foi a victima da competência das duas Ordens. Tinha Savonarola declamado contra o Papa Alexandre VI.<sup>o</sup>, cujos escandalos faziaõ horror, e foi accusado de

Savonarola accusado por heresia.

pes-

Experiência  
do fogo, q  
se offerece,  
e que se  
recusa soffrer.

peffima doutrina. Hum dos seus Religiosos offerece-se para o justificar, soffrendo a próva do fogo. Hum Franciscano, a fim de justificar que Jeronymo he culpado, offerece-se para soffrer a mesma próva: no que se consente, e se apraza o dia. O Franciscano treme, teme, e retrata-se. Outro o substitue, e lhe succede o mesmo. Finalmente hum Leigo da mesma Ordem entra na contenda. Os Magistrados, e o Povo de Florença concorrem para o espectaculo: accendêraõ-se as fogueiras, e lembra-se o Dominico muito a tempo de não querer entrar nellas senão com a Eucharistia; não que não se consente, ou por motivo de respeito ao Sacramento, ou porque o Franciscano se lhe oppoem; e cada hum se retira sem concluir cousa alguma.

Supplicio  
de Savonarola.

Nem por isso deixou Savonarola de ser queimado em 1498, juntamente com outros dous Dominicos. Era este hum daquelles homens meio velhacos, e meio fanaticos, os quaes abusaõ da credulidade popular, a fim de estabelecer as suas preocupações, e o seu dominio. Refere Comines que Jeronymo Savonarola prognosticára o successo da batalha de Fornoue; mas não discorre sobre a supposta profecia.



Cóclusões  
de Pico de  
Mirandola.

Ao mesmo tempo que huns Theologos davaõ estes humildes espectáculos para o humano entendimento, Pico de Mirandola Principe Soberano ainda muito moço, desejava ambiciosamente a reputação de Doutor Universal. Em 1486, tendo de idade vinte e tres annos, defendeo em Roma conclusões sobre todas as sciencias, Theologia, Mathematicas, Fysica, e sem exceptuar a *Cabala* (\*), e a Magica, da qual se fazia, assim como da Astrologia, hum dos mais serios estudos. Tendo Pico estudado principalmente por Santo Thomaz, e por Aristoteles, não se livrou com tudo das censuras. As suas conclusões foraõ differidas para Innocencio VIII., o qual condemnou nelas treze proposições. Escreveo a sua apologia, e não teve grande trabalho em confundir os seus accusadores. Invektivando hum destes contra a *cabala*, da qual não tinha idéa alguma, perguntáraõ-lhe que cousa era *cabala*. Não se ignora, respondeo elle, *que cabala he hum herege, que blasfemou contra Jesus Christo, e cujos sequazes se intitulaõ cabalistas*. Este Principe, o prodigio do seu seculo, em materia de saber, consumido do estudo, morreo na idade de trinta e

Sua condemnacão  
em Roma,  
e sua apologia.

TOM. VII.

F

tres

---

(\*) Especie de sciencia absurda, e misteriosa dos judeos.

tres annos. Tinha obtido a absolvição de Alexandre VI., e renunciado a sua soberania, para entregar-se ás boas obras.

A Corte de Roma não estava reformada.

Sempre he curioso, e necessario considerar a Corte de Roma, menos poderosa, do que antigamente era por causa do terror das excommunhões; mas não menos ambiciosa, mais politica, mais poderosa por causa dos seus dominios, e abalando ainda o universo ou por meio da religião, ou por meio das intrigas. Todos aquelles grandes projectos de reforma ecclesiastica, na cabeça, e nos membros, tinhaõ-se desvanecido em fumo. Quando os mesmos decretos de Constança, e de Basilea tivessem acomettido o mal na sua raiz, a sua execução devia ser nulla, des que as Potencias em nada se metião pertencente aos mesmos decretos. Que podem contra os costumes, humas leis, que qualquer Junta faz de passagem, e que os principaes cabeças da legislação não pretendem manter? Qual he a auctoridade, que lhes poderia dar força, e vigor?

Conducta interessada dos Papas.

Calixto III.

Esta he a razão porque a historia representa neste lugar os Papas occupados sempre em os seus interesses, e muito pouco no bem da Igreja. Calixto III., successor de Nicoláo V., alcançou o Pontificado por meio das facções: não cessou de

de prégar a guerra contra os Turcos ; e com este pretexto , pôz os reinos em contribuição , preparou , e armou galeras , e nada conseguiu que bom , e util fosse. Pio II. Pio II.  
II. , successor de Calixto , he hum politico sagaz , e orgulhoso , que se empenha em aniquilar tudo quanto elle mesmo julgou necessario no Concilio de Basilea , e que dá o exemplo de sacrificar a verdade á fortuna. Depois de Pio , veio Paulo II. Paulo II.  
lo II. violar sem pejo os juramentos , em virtude dos quaes se obrigára no conclave , em que se tinha jurado a observação de várias regras , uteis pela maior parte aos Cardeaes : applica Paulo as suas murmurações , dando-lhes barretes vermelhos , e lisonjeando a sua vaidade com bagatelas. Sixto IV. affás se deo a conhecer na Sixto IV.  
conjuração de Florença. Hum dos seus cuidados principaes foi ajuntar dinheiro , a fim de expulsar o Turco , e empregar as suas riquezas no estabelecimento da sua familia. Os Romanos saqueárao o seu Palacio depois da sua morte. Innocencio VIII. Innocencio VIII.  
cujos costumes erao desacreditados , seguiu pontualmente o mesmo systema ; e Alexandre VI. , seu successor , excedeo ainda a tudo quanto se tinha visto neste Alexandre VI.  
genero. Já temos observado as infinitas consequencias procedidas do estylo de proceder dos Papas. Sendo estes virtuosos ,  
F ii re-

teriaõ precavido as maiores infelicidades e feito os maiores bens, seguindo o exemplo dos antigos exemplares do Pontificado; e sendo viciosos, a que culpa não expunhaõ a Igreja, perturbando, depravando a sociedade?

Infelicidades próximas,

Com tudo os animos se agitavaõ. A heresia de Wiclef, e de João Hus tinha deixado huma occulta fermentação, que recrescia com a leitura, disputas, escandalos, e excessiva liberdade. Materias inflammaveis, juntas debaixo da terra, comprimidas, e em movimento rompêr-se-ha em breve tempo, e abrirão caminho para a sua passagem: e a terra se toldará de ruínas, e incendios por causa do impetuoso e terrivel rompimento das mesmas materias inflammaveis.



---



---

## NONA ÉPOCA.

CHRISTOVAÕ COLOMBO,  
OU DESCOBRIMENTO DO NOVO MUNDO.

LIGA CONTRA VENEZA. --- LEAÕ XI, E  
LUTHERO.

*Des do fim do decimo quinto Seculo, até o  
anno de 1519.*

---

### C A P I T U L O I.

*Progressos da navegação, até o descobrimen-  
to da America.*

**O**S prodigios originados pela navega-  
ção, os mananciaes de riquezas, e de  
conhecimentos, que a mesma navegação  
produzirá, e o movimento que ha de im-  
primir no systema politico da Europa, me-  
recem ser annunciados no principio de  
huma Época da Historia. Esta Época annun-  
cia novas calamidades para o genero hu-  
mano, com as apparencias de glória, e  
felicidade; porém aperfeiçoando-se a hu-  
manidade juntamente com a razaõ, tal-  
vez virá tempo, em que as comarcas,  
que

Influencia  
da navega-  
ção sobre  
o systema  
politico.

que amaldiçoáraõ a tyrannia Europea , se dem os parabens reciprocamente das utilidades , que alcançarem finalmente por causa das nossas luzes , leis , e artes.

Primeiros  
navegâtes.

Naõ se ignora que a industria , excitada pela necessidade , e interesse , formou os primeiros navegantes. Os Phenicios , e os Carthaginezes , sem outro socorro mais que o da inspecção dos astros , e com huma prática incerta , extendêraõ ao longe o seu commercio maritimo ; algumas das suas viagens são phenomenos de atrevimento , e de felicidade. Os antigos Dinamarquezes , particularmente os da Noruega , povo pirata , intrépido , e totalmente barbaro , executáraõ empresas tão admiraveis , que tudo deviaõ ao seu valor ; e chegando em 874 até a Islandia , estabelecêraõ nella huma colônia consideravel. Em 982 descobríraõ a Groenlandia , e ahi fizêraõ hum estabelecimento.

Corpos dos  
antigos Di-  
namarque-  
zes.

Pretende-  
se que os  
Dinamar-  
quezes a-  
portaraõ á  
America.

Mas o que parece incrivel , e Mr. Mallet dá por sufficientemente provado , he que pouco tempo depois , aportáraõ os Dinamarquezes a huma terra da America , á qual déraõ o nome de Vinlandia ; e nella fundáraõ huma nova colonia , da qual fallaõ as Chronicas Islandezas muitas vezes até o anno de 1121. “Des da-  
,, quelle tempo , diz Mr. Mallet , parece  
,, que ]

„ que a Vinlandia principiou a ser esque-  
 „ cida pouco a pouco em o Nórte , até  
 „ que finalmente sendo perdida a Groen-  
 „ landia Christã , a Islandia inteiramente  
 „ descahida do que d'antes tinha sido , o  
 „ Nórte assolado pela peste , e enfraque-  
 „ cido por causa das suas divisões intes-  
 „ tinas , perdeu-se totalmente a lembrança  
 „ de tudo , ao mesmo tempo que cessando  
 „ a Colonia de Vinlandia de ter  
 „ commercio com a Europa , degenerava  
 „ da sua parte , por motivos , que são  
 „ mais facéis de imaginar , do que de re-  
 „ ferir com certeza. „ Conjectura-se ser  
 a Ilha da terra nova a Vinlandia dos No-  
 ruegueses , e serem os Eskimaos os des-  
 cendentes da sua colonia. Com effeito ,  
 este Povo tem a pelle branca , barba ,  
 cabellos ordinariamente louros , e hum  
 corpo bem feito , que o distinguem dos  
 outros salvagens da America. ( Vide in-  
 trodução à *Histoire de Danemarck* , pag. 174 ,  
 &c. ) Eu sei quanta dúvida podem deixar  
 estas tradições , e conjecturas ; que pelo  
 menos são mais interessantes , do que as  
 fabulas dos nossos antigos compositores de  
 Chronicas.

Julga-se  
 que os Es-  
 kimaos pro-  
 cedem dos  
 Dinamar-  
 quezes.

No decimo quinto seculo , antes dos  
 descobrimentos do illustre Christovão Co-  
 ombo , parecia quiméra a existencia dos  
 antipodas. Este erro se avigorava com

Idéas abso-  
 das a re-  
 peito  
 antigos  
 e  
 se

superstiçaõ, companheira, e protectora da ignorancia, misturando com elle a Theologia. Como poderião ter huns homens, separados de nós por meio dos abyssos do Oceano, a mesma origem que nós temos, descender de Adaõ, e participar do beneficio da redempçaõ? Este o modo como os Theologos discorriaõ, havia muitos seculos. Os máos philosophos, isto he, os replicadores, não tinhaõ idéas mais justas. A convexidade da terra, conhecida pelos antigos, apresenta-se ao entendimento como idéa repugnante. Huns entes colocados em hemisferio opposto ao nosso, andariaõ com a cabeça para baixo. Que absurdo, exclamavaõ todos! E desta fórte era huma verdade de facto havida por hum dos erros absurdos, e por impiedade. Grande liçaõ, quer para os juizes presumidos, que decidem arrogantemente sem conhecer; quer para os pusilanimos entendimentos, que abatidos com o cativoiro estaõ cheios de preocupações, sem se quer duvidar, se tem algum direito para desprezar-se delle.

Invençaõ  
da bussola.

Se a bussola não fora inventada, talvez teria sido invencivel a illusaõ. Descobrendo huma agulha o caminho dos mares, supprindo aos astros, que algumas vezes não se percebem, e indicando o pólo mais exactamente, do que a mesma



ma estrella polar ; assim que os navegantes tiverão este seguro guia , chegáráo a ser capazes de emprehender tudo. Entráráo a usar della no seculo decimo quarto. As Ilhas Canarias foraõ antes disso descobertas pelos Hespanhoes. Este hum novo motivo de esperança , e de valor.

O Infante D. Henrique , filho de D. João II. Rei de Portugal , excitou por motivo do seu genio , no principio do decimo quinto seculo , o fervor da navegação. Voltáraõ-se os Portuguezes para as côstas occidentaes da Africa ; e passando o cabo de *Naõ* , tido por huma barreira invencivel , descobríráo a Ilha da Madeira em 1420 , onde plantáraõ cannas de assucar ; producção das Indias , que os Arabes tinhaõ trazido para Sicilia , e para a Ilha de Chypre , e que se transplantou depois para a America.

D. Henrique excita os navegantes em Portugal.

Este Infante de Portugal julgou que devia dirigir-se a Roma , a fim de animar mais huma Nação supersticiosa , e Martinho V. favorecendo as suas idéas , como Soberano do Universo , concedeo aos Portuguezes o direito de conquista des do Cabo de Bojador , até os extremos das Indias Orientaes , e indulgencia plenaria a todos aquelles , que morressem em taes expedições. Semelhantes Bullas eraõ muito uteis para o projecto ; porque com

D. Henrique obteve de Martinho V. hum direito de conquista , com indulgencias.

as fadigas , e perigos não poderiaõ deixar de esfriar a pouco , e pouco a audacia dos conquistadores , se huma especie de fanatismo não fizera mais ousada a sua cobiça.

Descobri-  
mento do  
Cabo da  
Boa Espe-  
rança.

Por mórte de Henrique em 1461 , continuáraõ os Portuguezes , as suas em-  
prezas , passáraõ finalmente o Equador ,  
chegáraõ á ponta da Africa , e deraõ ao  
Cabo das *Tempestades* o nome de Cabo da  
*Boa Esperança*: e entaõ he que se pode com  
effeito esperar muito destes descobrimen-  
tos , até entaõ mais admiraveis , do que  
proveitosos.

## C A P I T U L O II.

### *Viagens de Christovão Colombo ao no- vo Mundo.*

Cõjecturas  
e projectos  
de Christo-  
vão Colõ-  
bo.

JÁ hum engenho superior estendia as  
suas idéas para o outro hemisfério. Chris-  
tovaõ Colombo , Genovez , que se esta-  
belecera em Lisboa , vendo os felices suc-  
cessos de tantos navegantes affoutos , sol-  
tando vélas ás suas idéas , e reflectindo  
na figura da terra , com o soccorro de  
hum pessimo mappa de Geografia , per-  
suadio-se de que o Oceano Atlantico in-  
cluia

cluia terras não conhecidas ; ou que navegando sempre para o Oeste , acharia passagem para as Indias , e China. Esta ultima conjectura , posto que falsa , foi a origem do maior descobrimento a que os homens tinhaõ chegado. Mas se Colombo não tivera o valor de hum Heróe , ter-se-hiaõ as suas vastas idéas perdido entre as quiméras.

Não deixou , como bom Cidadão , de propôr logo a empresa á sua Patria , como meio para tirar o rico commercio das Indias para Veneza , que o fazia pelo Egypto , e mar Vermelho. Tiveraõ-o os Genovezes , por fantastico , e quimerico , e este mesmo conceito fizeraõ delle as Cortes de França , Inglaterra , e Portugal , a que successivamente se dirigio. Este grande homem , inflamado pelo enthusiasmo que inspiraõ as grandes cousas , e que as produz , não se desanimou : e desprezando as zombarias , e insultos , tratou do seu negocio em Hespanha com D. Fernando , e D. Isabel de quem não obteve cousa alguma nõ espaço de oito annos ; e para alcançar licença de lhes procurar Reinos , foi reduzido a pôr em praxe as machinações do zelo de Religiaõ. Hum Franciscano , e outros dous sujeitos Ecclesiasticos , movidos dos seus discursos , determináraõ

D.

Christovaõ Colôbo he tratado de fantastico e Genova, e em outras partes.

O que determina a Corte de Hespanha a empregar Colombo.

D. Isabel a abraçar huma empresa, que podia dilatar, e ampliar a fé christã. Não havendo dinheiros, vendeo Isabel as suas joias, hum particular adiantou dinheiro, e finalmente teve Christovão Colombo ás suas ordens tres navios pequenos com o titulo de Almirante.

1492.  
Primeira  
viagem de  
Christovão  
Colombo  
para Ame-  
rica.

Hôras, que  
Colôbo re-  
cebeo quan-  
do voltou  
da sua via-  
gem.

Colônia de  
Hispaniola  
ou S. Do-  
mingos.

Satisfeito pois, e alegre, embarca-se a 3 de Agosto de 1492: e depois de trinta e tres dias sómente de navegação, exposto de contínuo ás murmurações, e rebelião da sua gente, acha huma das Ilhas Lucayas: e descobrindo em breve tempo as outras, descobre tambem Cuba, Hispaniola, ou S. Domiugos, e volta quasi no fim de nove mezes, com ouro, e alguns Americanos. Confundida estava a preocupação. D. Fernando, e D. Isabel honrãrão grandemente aquelle mesmo, que tinha sido tratado por louco antes do successo. Alcançou Christovão a honra de comer á mesma meza do Rei, e da Rainha, de sentar-se, e cobrir-se na sua presença, como hum Grande de Hespanha. E sendo nomeado Almirante das Indias Occidentaes, déraõ-lhe dezoito náos para a segunda viagem, da qual se esperava maiores fructos, e elle fez vela em o mez de Setembro de 1493.

O meio de aproveitar os descobri-  
mentos, era, estabelecer colonias, e fez-  
se

se eleição da Ilha de S. Domingos. De tudo se admiravaõ os salvagens. Homens a cavallo, com armas de fogo, eraõ para elles deoses terriveis, armados com o trovaõ. Que idéa deviaõ os salvagens ter daquellas grandes náos, que vomitavaõ chammass, e raios, á maneira de volcões, que se moviaõ á discrição dos que as mandavaõ? Com tudo Colombo os conservava, e respeitava com prudencia, e sabedoria; sendo menor a inquietação, que elles lhe causavaõ, do que a dos mesmos Hespanhoes, que se lisonjeavaõ de ajuntar sem trabalho ouro, e prata. Hum estabelecimento trabalhoso, e huma disciplina exacta, tudo os soblevou contra o Almirante. A sua paciencia, e prudencia foraõ expostas ás mais cruéis experiencias. Tinha Colombo descoberto ultimamente a Jamaica, e ao chegar achou soblevada a sua colonia, e os Americanos armados para a destruir. Ao mesmo tempo que elle quietava huns, e dissipava outros, he calumniado em Hespanha pelos seus invejosos; de maneira que foi mandado hum inspector a fim de o opprimir, e constrianger. Conheceo Colombo a necessidade de passar outra vez para a Europa, onde sem grande custo se justificou; mas se o mesmo Colombo obteve alguns soccorros para terceira viagem, foi á força de solli-

Rebelião  
dos Hespanhoes  
contra Colombo.

Colombo  
vai justificar-se  
para a Corte.

licitações , e depois de mil demoras affectadas.

Colombo  
descobre o  
continente  
da America.

Embarcou-se outra vez em 1498 : e chegando ao continente da America , remonta por algum tempo o rio Orenoque ; mas cedendo ás inquietações dos seus marinheiros , dá de mão ao seu descobrimento , e navega para S. Domingos , depois de ter traficado nas Cóstas com differentes salvagens , mais com a mira em conhecer o Paiz , e os habitantes delle , do que por interesse. Estes bons Americanos julgavaõ-se felices de poder dar as suas perolas , e o seu ouro em pó , em troca de pedaços de vidro , ou de algumas peçassinhas de estanho.

Novas injustiças que  
Colôbo experimenta.

Depois de chegar Christovaõ Colombo a S. Domingos , experimentou novamente as perfidias da ingratidaõ , e da inveja. Os seus inimigos triunfavaõ na Corte no tempo da sua ausencia. Hum Governador , que chegára para rendello não se envergonhou de o carregar de ferros , e remettello como hum criminoso para Hespanha. Muito grande injustiça era esta , e teve as mesmas consequencias , que a primeira. Foi Colombo mandado á frente de huma frota , fez quarta viagem em 1502 , encontrou ainda perseguidores , e ingratos , e descobrio todavia o isthmo de Darien. Porém tendo Colombo experi-

men-

mentado huma violenta tempestade , arribou á Jamaica.

Nesta parte he , que desprovido Colombo de viveres , e cercado de sediciosos , salvou-se com huma traça taõ célebre , que soube dar o seu ardil. Sabendo que estava proximo hum eclipse de Lua , ameaçou os salvagens com a mais terrivel vingança , no caso que lhe negassem provimentos , declarando-lhes para prova do que tinhaõ para temer , que a Lua se escureceria a taes horas. Assim que o eclipse principiou , concorrêrão os Americanos assustados , e se tiveraõ por muito ditosos de o applanar com os soccorros , que pedia.

Uso que Colombo : faz de hum eclipse.

Voltando Colombo para Hespanha já não achou a Rainha D. Isabel sua protectora , e Fernando lhe pagou os serviços , que tinha feito com grandes promessas. Morreo Christovão Colombo opprimido de dissabores , e enfermidades , em 1506. Admira-se a sua constancia em servir huma Corte ingrata , de quem recebêra tantos desgostos ; e tambem se deve admirar a sua humanidade para com os salvagens , que tratou quasi sempre com sabia circumspecção.

Fim desgraçado deste grande homem.

Depois de Colombo , desenfreado-se huma sanguinolenta barbaridade contra estes infelizes : os quaes foraõ inteiramente ex-

Barbaridades contra os salvagões.

ter-

terminados para as Ilhas de S. Domingos, e Cuba, onde lhes soltavaõ cães de fila para tragallos. Póde por ventura causar admiração que hum Cacique, ou maior dos salvagens respondesse aos Missiõnarios, que o exhortavaõ a ganhar o Paraizo por meio da paciencia: *Não quero nada do vosso Paraizo, se houver lá Hespanhoes?* Notemos porém em geral que as colonias só se compunhaõ da parte mais vil da Nação, de sujeitos miseraveis sem principios, nem costumes, que só respiravaõ homicidios, e roubos. Desta mesma natureza foraõ quasi todas as Colonias Europeas na sua origem; e mal podiaõ consequentemente os crimes da Europa, por assim dizer, deixar de espraiair-se por todos os Paizes, onde a audacia hia buscar riquezas.

Americo  
Vespucio  
attribue a si  
injustamente  
o descobri-  
mento do  
novo mun-  
do.

Com a noticia das viagens de Colombo despertou a emulação, ou para melhor dizer a cobiça de huma multidão de aventureiros. Americo Vespucio, natural de Florença, commandava hum dos navios desta República, e attribuiu a si a honra de ter descoberto o novo mundo em 1498, cinco annos depois da primeira viagem de Christovão Colombo. Mas, quando este não tivera achado o Continente, a sua glória não teria igual poder para eclipsar a daquelles, que não fizeraõ mais que seguir



guir os seus passos? Com tudo a America tomou o nome do Florentino, pouco digno da immortalidade: tão sujeita está a propria reputação aos caprichos da fortuna! Mas huma palavra não póde enganar os justos apreciadores do merecimento.

Alguns Inglezes pretendêrão que Ma-  
doc, Principe de Galles, fosse o primeiro, que entrára, em o duodecimo seculo, no novo mundo, onde morrêra. Este facto, muito menos provado do que o dos Dinamarquezes da Noruega, he muito semelhante ás fabulas inventadas pelo orgulho das Nações.

Não tinhaõ D. Fernando, e D. Isabel deixado de sollicitar de Roma o direito de conquista a respeito das terras descobertas, e que se houvessem de descobrir, e facilmente o obtivêrão; porque os Papas, concedendo o que lhes não pertencia, faziaõ conquistas para si mesmo. D. João II., Rei de Portugal, quiz todavia participar com os Hespanhoes, de hum despojo tão consideravel, e a frota, que preparava para este fim, veio a ser consequentemente motivo de hum litigio. Foi Juiz entre ambas as Coroas Alexandre VI., que lhes fixou limites em 1493 por meio da linha de *marcação*. Esta linha passava distante cem leguas da Madeira, dos Açores,

Pretensões de alguns Inglezes a semelhante descobrimento.

Os Hespanhoes, e os Portuguezes disputão entre si os seus direitos estranhos de conquista.

O Processo terminado singularmente por Alexandre VI.

res , e do Cabo verde ; e no anno seguinte , foi necessario traçar outra linha , chamada de *demarcação* , que passava pelas Canarias. Deste modo dividia-se o mundo incognito entre Hespanha , e Portugal ; dava-se a huns o Occidente , e a outros o Oriente , e não se advertia que o que era Oriente de huma parte do globo , da outra parte era Occidente. Todos antevem a instabilidade de semelhantes regulamentos ; os quaes parecião realizar para os Papas o Imperio do mundo (\*).

CA-

---

(\*) Admiramos o genio , e valor daquelles homens famosos , que descobrião hum novo mundo ; mas huma questão resta , que o nosso Author deixa indecisa , e eu me atrevo a propôr a todos os Professores , que se servirem desta *Historia Universal* , para argumento das suas lições de Historia , do mesmo modo que a todos os Leitores illuminados : Por ventura os trabalhos destes homens grandes forão uteis , ou funestos á humanidade em geral , a toda a Europa , e aos Póvos commerciantes , que invadirão vastas comarcas , sujeitáráo Imperios oppulentos , e fundáráo poderosas colonias ?

## CAPITULO III.

*Conquistas dos Portuguezes na Asia. — O Mexico, e o Perú conquistados pelos Hespanhoes.*

QUANTO mais estimulado tinham os descobrimentos dos Portuguezes o genio de Christovão Colombo, tanto mais excitáram os de Colombo aos Portuguezes para tentar novas empresas. Os moveis do entendimento humano foram sempre o exemplo, e o successo. D. Manoel I., Rei de Portugal, cheio assim como os seus antepassados, de grandes idéas, mandou em 1497 ás Indias Vasco da Gama, com cento cincoenta homens, entre soldados, e marinheiros. E porque tão pouca gente, senão por igualarem ainda os receios, ou excederem ás esperanças? Vence Vasco da Gama todos os perigos do Oceano; faz o gyro da Africa, chega a Moçambique, a Calicut, nas Indias Orientaes, e volta dous annos depois a dar conta dos seus descobrimentos: os quaes assim como a navegação da America, eram proprios para mudar toda a face da Europa, por causa dos thesouros, que se-

Os Portuguezes vão ás Indias pelo Oceano.

guramente promettiaõ aos Senhores do Oceano. Em breve tempo attrahio o novo caminho infinitos Portuguezes. Os seus Capitães, especialmente Affonso de Albuquerque, atterraraõ o interior do Levante. Goa, Malaca, Ormuz, a Ilha de Ceilaõ, fertil em canella, e em pedras preciosas, e as Ilhas Molucas, donde vem o cravo, constituiraõ grande parte das suas conquistas. Fundáraõ Macáo na China; entráraõ até o Japaõ, e estabelecêraõ hum commercio immenso, que arruinou o dos Venezianos; não podendo estes dar pelo mesmo preço as fazendas da India, que extrahiaõ de Alexandria.

Barbaridade, e superstiçaõ n'estas vastas empresas.

Todas estas empresas são admiraveis á primeira vista. Mas se advertirmos que estas mesmas empresas irritáraõ a fêdo do ouro, de tal fôrte que fizêraõ esquecidos os verdadeiros bens da sociedade, e da natureza; que fizêraõ correr rios de sangue, em nome de Jesus Christo; que os cruéis aventureiros, com o crucifixo na mão, trucidáraõ milhões de homens, com o pretexto de estabelecer o Christianismo, que deshonoravaõ; e que huma superstiçaõ insensata não os constituiu menos ferozes, do que a insaciavel avareza, admiraremos por huma parte prodigios de industria, e valor, e por outra lastimarmos-nos-hemos de excessos dignos de horror.

Os

Os Missionarios mettêrão muitos milagres na narração destas conquistas, em que he facil reconhecer o espirito das Cruzadas, e os costumes sanguinolentos, e preoccupações odiosas, que tão longo tempo forão funestas para o Genero Humano.

Para que vejamos a hum tempo aquellos objectos, que são da mesma natureza, e por outra parte não se unem ainda com o systema geral da Europa, antecipemo-nos hum pouco a respeito do tempo, e vamos com os Hespanhoes ao Mexico, e Perú. Era o resto da America povoado de Salvagens, mais ou menos parecidos com os brutos. Vemos aqui dous grandes Imperios, onde as artes são cultivadas, os costumes doces, e a riqueza produz huma especie de magnificencia. Estes mesmos Imperios vemos conquistados por hum pequeno número de aventureiros, e a Monarquia Hespanhola augmenta-se repentinamente de hum modo prodigioso, sem que os Reis fação para semelhante fim o menor esforço. Não se dá talvez phenomeno tão singular em materia de fortuna.

Tudo esta-  
va salvagẽ  
na America  
excepto o  
Mexico, e  
o Perú.

O Imperio do Mexico, assim como os do antigo mundo, tinha-se formado por meio de conquistas. A pouca antiguidade, que se lhe dá, parece provar que a sociedade tinha feito neste Imperio

Imperio de  
Mexico.

rápidos progressos. Mas por ventura os primeiros Authores, que escrevêrão ácerca do Mexico, e Perú, affás merecem a nossa confiança? Onde acháraõ elles memorias, pois que a escriptura não era conhecida em tal Paiz? Taõ pessimos criticos, taõ exaggeradores são por vaidade, e pela propensão, muito natural, a preferir mentiras a respeito de terras incognitas, que apenas se pôde hoje em dia crer huma parte dos feitos que elles narraõ, como recentes, ou daquellas mesmas cousas, que deviaõ entaõ incitar os olhos. No conceito destes mesmos Authores, o Mexico, capital da Provincia deste nome, povoada de quasi sessenta mil familias, incluia estabelecimentos, e obras dignas de hum Povo civilisado: mercados, tribunaes, escólas para a mocidade, casas de pedraria, templos, e palacios ornados de columnas, e dourados, arsenaes cheios de armas offensivas, e defensivas, jardins de plantas medicinaes, &c. Os do Mexico conheciaõ o anno de trezentos sessenta, e cinco dias, e por conseguinte estavaõ adiantados na Astronomia.

Fernão Cortes entra no Mexico com muito pouca gente.

No Reinado de Carlos V., Velasques, Governador da Ilha de Cuba, fórma o projecto de tomar alguma porção deste vasto continente, e confia esta empre-

preza a Fernão Cortes, homem habilitado, e affouto, capaz de executar grandes cousas com pequenos meios. Embarca-se este em 1519, com quinhentos homens de infantaria, e quasi sessenta cavallos, entra pelo golfo do Mexico, e funda a Vera Cruz, e obrigando o mesmo Cortes a República de Tlascalá a dar-lhe alguns soccorros, adianta-se affoutamente até á Capital do Imperio. Hia sempre o terror na dianteira aos Hespanhoes. As suas náos, cavallos, artilharia, e armamento de ferro, eraõ para os Americanos cousas tão novas, e tão medonhas, que sem ser simples como os salvagens, era logo naturalmente para suppôr, nesta especie de homens, alguma cousa muito superior ás forças humanas.

Terror que  
Cortes infu-  
pira.

Montezuma, undecimo Imperador do Mexico, vio-se obrigado a receber honorificamente huns hospedes perigosos, de que não podéra livrar-se nem por meio dos seus offerecimentos, nem por meio dos seus artificios, e tratou-os com todas as demonstrações de affecto. O seu General porém participou-lhes logo, que os Hespanhoes tinhaõ sido acõmettidos, e que alguns ficáraõ feridos, e outros mortos. Teve o attrevimento de reprezar o Imperador no centro da sua Capital; e obrigando-o a reconhecer-se vassallo de

Cortes obriga o Imperador Montezuma a sujeitar-se

Car-

Carlos V., Rei de Hespanha, exigio por tributo immensos thesouros. Mandava como Senhor absoluto ao Senhor de huma vasta Monarquia.

Em vão se pretendia tirar-lhe o mando.

Desavindo todavia Velasques, com Fernão Cortes depois da sua partida, manda hum pequeno exercito, capitaneado por Narvaes, a fim de tirar-lhe o mando. Fernão, sem se affombrar do perigo deixa no Mexico oitenta homens, marcha com o resto das suas tropas contra Narvaes, seu inimigo, sorpreza-o, prende-o, e attrahe ás suas bandeiras aquelle mesmo exercito, que o devia castigar como hum rebelde.

Os Mexicanos sobleva-se por causa de huma violencia.

Durante a sua ausencia, tinhaõ os Hespanhoes morto cruelmente em hum Templo muitos Mexicanos illustres, com o pretexto de conspiração, e esta barbaridade excitou huma soblevação geral. Chega Cortes, dá sobre os Mexicanos, e faz nelles horrorosa mortandade; mas não os desbarata. Sendo a menor perda consideravel para Cortes, obriga a Montezuma a apparecer, e ordenar aos seus vassallos que se submettaõ.

Fim tragico de Montezuma;

Este infeliz Principe, d'antes idolatrado, era já tido pela plebe, como hum escravo. Foi Montezuma insultado de palavras, e sendo apedrejado, ficou ferido, e morreo poucos dias depois, sem ter



ter querido permittir que o curassem ,  
(1520).

Era o Imperio electivo , e Guatimosino , genro de Montezuma , foi seu successor , o qual emprehendeo expulsar os Hespanhoes ; sitiou-os em Mexico , e desfez as calçadas , que uniaõ com o continente esta Cidade , assentada no meio de hum lago. Na Praça não havia viveres , e Cortes , á sombra da noite , conseguiu retirar-se , vencendo toda a casta de ob-  
staculos , e perigos , e servindo-lhe de ponte os cadavares dos Mexicanos. Mais de duzentos Hespanhoes perdêraõ a vida em hum combatte nocturno ; e desastre como este não tinhaõ elles ainda experimentado na America.

Cortes sitiado em Mexico.

Se Cortes não tivera tantos recursos em seu genio , e valor , se a superioridade dos Europeos , fora menos admiravel , livrava-se o Mexico do jugo estrangeiro. Porém breve appareceo o General outra vez para sitiar a capital. Tinha este mais de duzentos mil Americanos debaixo das suas bandeiras , e Guatimosino , taõ prudente como valeroso , queria acceitar proposições de paz. A isto se oppozêraõ os Sacerdotes em nome dos seus Deoses , promettendo a victoria a todos os que defendessem o antigo culto ; mas este fanatismo não se pode defender contra a ar-  
ti-

Cortes étra novamente vencedor nesta Cidade , e sobjuga o Imperio.

tilharia dos Hespanhoes , e apezar dos heróicos esforços , e estratagemas do Imperador , foi Mexico tomada , em 1521 , e todo o Imperio subjugado. Este Imperio he hoje em dia a nova Hespanha , e comprehende duzentas legoas de Nórte ao Sul.

Supplicio  
do Impera-  
dor Guati-  
mosino.

Estava Guatimosino prisioneiro , e Cortes o tratava com moderação. Huns malvados cobicçosos , sem o General saber , pozêraõ este Principe sobre carvões em braza , a fim de obrigallo a confessar onde tinha occultado os seus thesouros. Dando hum Mexicano , companheiro do seu supplicio , altos gritos : *E en* , lhe disse o Imperador , *por ventura estou deitado sobre rosas ?* Chegou entaõ Cortes , tirou-o deste horroroso trato ; mas passados tres annos mandou-o enforcar sob pretexto de conspiração.

Cortes mal  
recompen-  
sado.

O Conquistador do Mexico foi tambem perseguido do mesmo modo que Colombo ; porque o odio , e a inveja andavaõ sempre em seu alcance ; de maneira que Carlos V. tirou-lhe o governo , deo-lhe hum Marquezado em Hespanha , e por outra parte o desprezou. Se houvermos de dar crédito ao célebre Dominicano Las Casas , Bispo de Chiapa , tinha Cortes mandado matar quatro milhões de Americanos no Mexico. He bem cer-

to que os Hespanhoes derramáraõ por toda a parte rios de sangue. As victimas humanas , que este Povo sacrificava , e de que era arguido , tanto menos justificavaõ as suas barbaridades , quanto os mesmos Hespanhoes blasonavaõ de combatter sempre pela mais suave de todas as Religiões. Grande he todavia a exaggeraçaõ de las Casas (\*).

Outro Imperio , em que o ouro , e a prata serviaõ para o mesmo , que na Europa o ferro , augmentou repentinamente a Monarquia Hespanhola. Huns aventureiros conquistáraõ facilmente este Imperio , para hum Rei que em tal não pensava. Piçarro , Almagro , e hum Sacerdote , chamado Luques , ouvindo fallar do Perú , formáraõ juntamente o intento de o invadir. Os juramentos , e as ceremonias religiosas avigoráraõ a sua uniaõ , até que o ciume os podesse dividir , como em breve tempo succedeo. Depois de algumas tentativas infructuosas , produziráõ as Artes matadoras da Europa o effeito ordinario.

Obedecia o Imperio do Perú a huns Senhores chamados Incas. O primeiro de  
to-

Tres aventureiros comprehendem a cõquista do Perú.

Os Incas; suas obras, &c.

---

(\*) Supposto que las Casas diga dez vezes mais do que na realidade era , diz hum Filosofo , motivo sufficiente resta para causar horror.

todos era tido por filho do Sol, e o seu poder se tinha estabelecido assim por meio da superstição, como por meio das armas. Atabalipa, duodecimo Imperador desta geração, adorada como divina, reinava naquelle tempo por usurpação, tendo tomado a Coroa a seu irmão: o que era origem de discórdias. Ha quem pretenda que seu Pai tinha mandado construir, por entre montanhas, e precipicios huma grande estrada de Cusco para Quito, no espaço de quasi quinhentas legoas. A cada meia legua havia messageiros sempre promptos para dar as ordens do Principe. Acrescentaõ-se infinitas maravilhas pouco criveis a respeito da povoação do Perú, e do número, e magnificencia das Cidades, Palacios, &c. Para Garcilasso da Veiga (\*), tudo era maravilhoso; porém nenhum vestigio existe de tantas obras soberbas.

Costumes  
dos Peruvianos.

Os costumes dos Peruvianos se representam doces, puros, e simples. Tinhaõ  
es-

---

(\*) Garcilasso da Veiga, descendente dos Incas, que passara para Hespanha, escrevia a Historia dos seus infelices antepassados quasi no principio do decimo setimo seculo. Não podia ter conhecimentos bem individuados, e completos, pois todo o Povo da America ignorava a escriptura, e os Peruvianos transmittiaõ á posteridade os principaes factos, por meio de certos nós, que davaõ em cordas. Mas o Pai de Garcilasso podia ter sido testemunha da revolução, cuja Historia referia seu filho.

estes no seu culto huma prática barbara, pois feriaõ mininos, a fim de regar com o seu sangue huma especie de paõ bento, que se distribuia no Templo; porém a superstição sempre he de alguma sorte oposta aos costumes. Os Incas tinhaõ o poder mais absoluto, e todavia se mostrá- raõ como os Pais do Povo. Outra especie de contradicção.

Assim que os Hespanhoes entrá- raõ nesta Região, em 1531, favorecidos pe- lo irmão do Inca, mandáraõ, segundo o seu costume, Embaixadores offerecer a sua amizade, e annunciar a sua Religião. Recebeo-os Atabalipa benignamente, e sabio a receber Piçarro. Hum Monge lhe fez hum Sermaõ sobre os nossos Myste- rios, ameaçou-o com o Inferno, e com as pragas do Egypto, quando seu coração resistisse á graça. Em quanto hum intrep- te explicava bem, ou mal os sentimentos de huma, e de outra parte, queriaõ cer- tos soldados saquear hum Templo. Fez- se alguma resistencia, e tomou fogo a ac- ção. O Peruvianos foraõ cruelmente mór- tos, e o Inca ficou prisioneiro, e offere- ceo para seu resgate todo o ouro, que podesse caber n'huma das salas do Palacio, até á altura do seu braço levantado sobre a sua cabeça, e logo deo as ordens ne- cessarias para a execução desta promes-  
sa

Particulari-  
dades desta  
conquista.

sa (\*). Não podendo porém os Peruvianos cevar a cobiça dos Conquistadores, condemnáramos estes em breve tempo Atabalipa ao fogo, como idolatra, concubinario, e conspirador. O Monge, que lhe tinha pregado ao principio, move-o então a receber o baptismo, e baptisado que fosse, o degoláramos, e lançáramos ás chamas.

Os Cõquistadores irritados huns contra os outros.

Chegáramos Piçarro, e Almagro a ser inimigos irreconciliaveis. O primeiro mandou cortar a cabeça ao outro, e foi assassinado por vingança. Hum filho de Almagro, e hum irmão de Piçarro, pretendêramos reinar no Perú, e ambos morreram de morte violenta. Deste modo a ambição, a avareza, e os crimes dos oppressores da America, vingavamos nelles mesmos a oppressão dos Americanos.

Enfermidade de ignominiosa, e outros males q̃ devemos á America.

A ignominiosa, e cruel enfermidade, que os Hespanhoes trouxêramos desta região, depois da primeira viagem, era já hum grande flagello da Europa. Talvez que os thesouros do novo mundo chegassem a ser muito mais funestos. Quanto sangue não

---

(\*) Só a quinta parte do resgate do Inca importava mais de treze milhões duzentas sessenta, e cinco mil libras de ouro, sem contar a prata. A cada Cavalleiro Hespanhol cabia pela sua parte duzentos e quarenta marcos de ouro. Com que furor não se devia correr para a America?

custáraõ semelhantes thesouros ! quantas ruinas não produzirão ! O assucar por ventura, e o café, o cacão, a cochonilha, a quina, &c., são capazes de compensar tudo o que a Europa perdeu para assolar a America ? Esta conquista he causa da horrorosa escravidão dos negros, que nella fazem trabalhar como vís animaes, e de huma parte das nossas guerras.

Não entro a individuar os descobrimentos. Os Portuguezes descobrirão o Brazil em 1500. Magalhães, Portuguez empregado no serviço de Hespanha, descobriu em 1519 o Estreito intitulado com o seu nome, e em 1535, aportando a Chili Almagro, o competidor de Piçarro, ahenoreou-se deste Reino.

Descobrimētos feitos em diferentes tempos.

---

## C A P I T U L O IV.

### *Costumes dos Americanos salvagens.*

**O**S costumes dos Americanos offerecem hum espectáculo muito interessante, em que não nos permitem demorar-nos os limites desta obra. Bastar-nos-há hum pequeno número de observações.

Excepto o Perú, e o Mexico, onde a força tinha estabelecido o despotismo

Governo dos salvagens.

mo, e as artes tinhaõ, sem dúvida, hum particular influencia nos costumes, eraõ os Americanos, geralmente fallando, a imagem do estado primitivo das sociedades, antes que as leis civis procedessem da agricultura. Acostumados os Americanos á fadiga (\*), e ás injúrias do tempo, nós, e não tendo nada de seu, passavaõ parte do anno no exercicio da caça, e a outra parte n'hum profunda indolencia. Vivendo elles sem leis, governavaõ-se conforme os usos. As causas de qualquer povoação se decidiaõ pelos anciãos juntos. As povoações tinhaõ ordinariamente hum maioral, cuja authoridade todavia se reduzia á persuasão (\*\*). Não havia força coactiva, nem pena decretada contra os crimes. Qualquer criminoso era entregue á vingança pública: o qual não era castigado como hum membro da sociedade, porém matavaõ-o como hum inimigo. Em hu-

Nenhuma  
pena havia  
regulada  
para o cri-  
me.

---

(\*) Os novos descobrimentos, feitos no mar do Sul, nos dêraõ a conhecer huns Povos salvagens, que vivem em hum clima temperado, e não tem esta rudeza de costumes. As observações, que se fazem a respeito dos costumes, são semelhantes ás que se fazem na fysica: e hum vez que as querem generalisar, faz-se hum systema, e deixa-se a verdade.

(\*\*) Os salvagens do mar do Sul tem Soberanos, Nobres, e hum jaerqnia de Cidadãos, que vivem em hum dependencia suave, e voluntaria dos seus Maiores.



humana palavra, a grande liberdade era, e he ainda a paixão dominante destes selvagens. Os Iroquezes conservão a mesma especie de governo; que como emana da natureza, o modo de governar era uniforme em quasi todas as povoações não civilisadas.

São os Americanos, graves, sérios, Sens costumes, mais meigos, e mais ferozes. amadores da hospitalidade, bons amigos, e inimigos implacaveis, e só são ferozes na vingança, e na guerra. Os seus prisioneiros são tratados do modo mais barbaresco; e a constancia com que desprezaõ, e sopportão tormentos horrorosos, parece ser o ultimo esforço da natureza. Nisto se reconhece o caracter dos antigos Celtas: porém muito longe estão ainda os selvagens de parecer-se com elles no valor. Surprezar o inimigo por astucia, he o seu modo de fazer guerra.

Posto que a Polygamia (\*) não seja rara entre os Americanos, contentaõ-se estes ordinariamente com hum mulher. Casamentos, educação, &c. Antes do casamento he o sexo muito corrupto, e depois chega a ser muito casto: para o que contribue, sem dúvida, o tempo.

TOM. VII.

H

mor;

---

(\*) Os Otahicienses, este o nome d'aquelles Povos novamente descobertos no mar do Sul, cedem suas mulheres, e filhas aos Estrangeiros, sem o menor escrúpulo; e isto constitue parte da sua hospitalidade.

mor ; porque o marido tem direito para castigar as infidelidades de sua esposa. Diversas causas contribuem para que os matrimonios sejam pouco fecundos : a grande humidade do Paiz , a difficuldade das subsistencias , huma vida excessivamente aspera , e o costume em que estão as mulheres peçadas de fazer diligencia por abortar. A educação dos filhos tem por alvo constituillos , como insensiveis á dôr , aos mesmos golpes , e aos insultos. Quanto ao demais nunca os castigão para os corrigir ; deixão-os n'huma inteira liberdade , porque a julgaõ fer o mais precioso de todos os bens. Com tudo as mãis são quasi escravas.

Idéas religiosas.

Poucos salvagens ha que não tenham alguma idéa confusa de hum Ser Supremo , mas não lhe rendem culto algum. Além de que tem infinitas superstições (\*), até na sua propria medicina. Os espiritos, os sonhos , os presagios , a adivinhação , e a mágica , muito os preoccupaõ. Quantos Póvos civilizados não vemos nós dar crédito a estas loucuras , que parecem ser o fructo das primeiras reflexões do homem ignorante , tanto mais tímido , e cre-

---

(\*) Os Otahicienses reconhecem hum Ser creador , porém o seu culto se reduz a muito pouca coisa , e tem infinitas superstições.

credulo , quanto he certo que tudo o persuade , e que de nada sabe a causa.

Hum dos phenomenos da America , he que a industria humana se tenha manifestado no Mexico , e no Perú , sem aquelles soccorros , a que he quasi impossivel supprir. A escriptura era desconhecida na America ; de maneira que admirado prodigiosamente Atabalipa de vêr os Hespanhoes lêr , e escrever , duvidava se seria isto algum dom particular da natureza. Estes Póvos pintavaõ o mesmo , que de longe pretendiaõ dar a entender. Os *quipos* dos Peruvianos , por meio de huns nós differentemente combinados , formavaõ humas especies de geroglificos , a fim de communicar os pensamentos , e conservar a lembrança das cousas. O uso do ferro era ignorado entre elles. Que apparencia há de que os Americanos , sem ferro , nem escriptura , tenhaõ-se exaltado ao ponto de industria , e conhecimentos , que suppoem relações evidentemente suspeitas ? Se a maior parte dos viajantes proferiraõ mil mentiras , por ventura os Hespanhoes d'aquelles tempos são dignos de credito ?

Industria humana descoberta no Mexico, e no Perú.

Sem embargo de tudo isto , os salvagens são dignos de mais nota , do que os outros Americanos. Nós os julgamos infelices , e todavia nenhum tem

Os salvagẽs mais dignos de observação.

podido acostumar-se ao nosso modo de viver ; pois preferem as suas florestas , e a sua liberdade. Por estúpidos os temos , e com tudo víraõ-os , especialmente na America Septentrional , dar próvas frequentes de sabedoria , e grandeza de alma , discorrer como os Spartas , formar confederações como os antigos Gregos , e seguir hum plano de politica razoavel. Elegem hum maioral em caso de necessidade : os seus velhos formaõ humma especie de Senado ; a que ajuntaõ suas Juntas nacionaes a favor do interesse commum. Eis-aqui o que he ser homens (\*).

CA-

---

(\*) Cujos conhecimentos são muito imperfeitos, os affectos muito apertados , as posses muito limitadas , a mesma liberdade menos preciosa por isso mesmo que he illimitada.

## CAPITULO V.

*Luís XII., e Fernando, o Catholico, até a liga de Cambrai. --- Alexandre VI.*

**T**ORNEMOS de novo ao fio da Hif-  
toria da Europa em Luís XII., que d'an-  
tes era Duque de Orleans, Monarca ado-  
rado pelos Francezes, porque os amou,  
e aliviou dos impostos, mas cujas em-  
prezas imprudentes, e cuja economia tam-  
bem muitas vezes mal applicada expo-  
zêrao o Estado a grandes infelicidades.  
Assim que Luís subio ao Throno, todos  
os seus cuidados empregou no bem pú-  
blico, esquecendo-se dos seus resentimen-  
tos pessoaes. Todos admiraõ estas admi-  
raveis palavras, que Luís proferio per-  
doando aos seus inimigos: *O Rei de Fran-  
ça não vinga as injúrias do Duque de Or-  
leans.*

Naõ tendo Carlos VIII. deixado pos-  
teridade, naõ tinha já lugar a reuniaõ da  
Bretanha ao Reino. A paixãõ antiga de  
Luís para com a Rainha Anna, herdeira  
desta Provincia, fortificou as razões poli-  
ticas, que lhe inspiravaõ o desejo de ca-  
sar com ella; e Joanna, filha de Luís XI.,

1498.  
Luís XII.  
occupa o  
Throno.

Luís pretê-  
de repul-  
liar  
sua mulher  
a fim de ca-  
sar com a  
herdeira de  
Bretanha.

Prin-

Alexandre VI. tudo concede, e Borja seu filho he reconhecido.

Princeza virtuosa , porém muito feia , havia vinte annos que era sua mulher. Os motivos de divorcio não faltavaõ : este casamento tinha sido forçado , e esteril. Para o anullar , tratava-se de obter huma sentença do Papa Alexandre VI. , que não podia deixar de condescender com tanto que achasse nisso interesse. Pretendia este Papa fazer particularmente ditoso o Cardeal Cesar de Borja , seu filho , e tres Commissarios seus pronunciáraõ a sentença de divorcio , depois dos procedimentos ordinarios ; e o Cardeal , que foi o portador da bulla , teve o Ducado de Valentinois com huma tença consideravel. Este Cardeal mudou voluntariamente de habito. Os seus costumes eraõ semelhantes aos de seu Pai.

1499.  
Conquista do Milanez contra Ludovico Sforça.

Hum dos grandes objectos de Luís XII. foi seguir para desgraca sua as pizzas de seu predecessor para Italia , para onde o arrastou a paixã das conquistas. Os seus primeiros successos felizes o precipitáraõ no infortunio. Tinha-lhes sua Avó , Valentina Visconti , transmettido várias pretensões a respeito do Milanez , do qual Ludovico Sforça se mettêra de posse. Este Principe sem soccorro estrangeiro , e com hum exercito todavia tão numeroso , como o de França , não se pode defender contra o valor Francez. Os Es-

ta-

tados de Milão , e Genova foram conquistados em vinte dias. Porém no anno seguinte , estava já o Duque restabelecido. Passou novo exercito Francez os Alpes , e trahido Sforça pelos Suissos (\*) a quem pagava soldo , cahio nas mãos dos inimigos , e foi conduzido prisioneiro para França , onde morreo alguns annos depois. Esta he huma daquellas conquistas , que se pôdem considerar como origem de infortunios.

Volta Luís logo as suas idéas para o Reino de Napoles , e offerece a Fernando o Catholico dar-lhe huma parte da conquista. Aceita este logo o offerecimento , bem que hum Principe do seu sangue , Frederico de Aragoão , Rei de Napoles , ha-

1501.  
Liga com Fernando , o Catholico , para a conquista de Nápoles.

ja

(\*) Quando o exercito Francez chegou á vista de Navarra , podia Ludovico ter fugido , e este conselho lhe foi dado pelos Officiaes Suissos , que o acompanhavam ; mas rejeitando este saudavel parecer , foi a Praca acometida , e descoberto o Duque , que se vira reduzido a fugir disfarçado , por hum peido , o qual foi punido de morte por este crime , em Uri , sua Patria. Os Officiaes , e Soldados Suissos , que foram presos juntamente com o Duque , não voltaram para a sua Patria , senão para receber o castigo , que huma Nação , cujo valor , e fidelidade não receberão já mais mancha alguma a respeito da reputação , julgou dever-lhe impôr , não por ter sido trahidor ao Duque , mas por ter entregado a Praca , onde com elles se encerrára o mesmo Duque. Qualquer Historiador deve pesar as palavras , quando se trata de reprehender vilipendiosamente hum Povo inteiro.

Gonçalo  
de Cordo-  
va.

ja de ser a vítima do seu Tratado. Era Alexandre VI., interessado com Luís, e Fernando, a fim de tirar delles alguma utilidade. Gonçalo de Cordova, denominado o grande Capitão, tão sagaz como seu amo, e que tinha por máxima que *a teia da honra deve ser tecida grosseiramente*, chega com o pretexto de defender o Rei de Napoles: une-se logo com os Francezes a fim de opprimillo, e Frederico pede a Luís XII. hum asylo em França, para onde vai viver com huma tença.

Os Hespanhoes, senhores da conquista.

Assim que se tratou de dividir a conquista, houve disputas, e desavenças. O grande Capitão, digno instrumento do Rei Catholico, depois de ter zombado dos Francezes, alcançou contra elles duas victorias em 1503. A de Cerignola custou a vida ao Duque de Nemurs, ultimo Principe da Casa de Armagnac, de que era tronco Cariberto, filho de Clotario II. O Reino de Napoles ficou todo inteiro aos Hespanhoes: que quando o valor não era prudente, triunfava a astucia.

Morte de Alexandre VI.

Fortunaca-  
uca de Ce-  
sar de Borja.

Morreo por este tempo Alexandre VI., cheio de crimes os mais infames, e odiosos. Cesar de Borja, seu filho bastardo, metteo-se de posse á força de trahições, ou de homicidios, dos feudos da Romania, possuidos por diversos Senhores. A venda das Indulgencias, e outros abu-



abusos da Authoridade Pontificia, fornecerão os meios para satisfazer a sua ambição. Mas qual será o fructo disto? Hum Papa ambicioso, e guerreiro, Julio II., despojará o filho de Alexandre VI., e as conquistas de Borja augmentarão os domínios da Igreja. Este heróe de Machaviel perderá quanto se lhe tinha dado em França; será remettido para Hespanha apprehendido por Gonçalo de Cordova; refugiar-se-ha na Corte do Rei de Navarra, seu cunhado, e será morto em huma guerra occasionada pelas suas intrigas. A decadencia dos grandes, quando são facinorosos, he huma lição que a Historia deveria muitas vezes inculcar.

As imprudencias dos Reis, e dos Ministros tambem he outra lição, da qual podiaõ os governos tirar infinitas luzes. Não se cuidava em França senão em restaurar o Reino de Napoles. Mandou-se hum grande exercito para Italia, e se as operações tivessem sido tão promptas como antecedentemente, parecia infallivel o feliz successo. Porém o Cardeal de Amboisa, Ministro recto de Luís XII., desejou a Tiara, que Alexandre VI. deixava vaga. Demorou pois as tropas á vista de Roma, a fim de determinar a eleição do Conclave. Os Italianos, que eraõ mais subtis que elle, enganáraõ-o com boas pala-

---

1503.  
O Cardeal  
de Amboisa  
pretende ser  
Papa; o que  
causa hũa  
grande infe-  
licidade.

lavras, persuadindo-lhe que arredasse semelhante apparato de guerra, para que parecesse livre a sua eleição. Quando cessou o receio, foi eleito hum Italiano, Pio III., a quem succedeo em breve tempo o famoso Julio II., Juliaõ da Rovera. Assim perdeu o Cardeal d'Amboisa o Pontificado, e o tempo; as chuvas não déraõ lugar ás operações, e Gonçalo de Cordova ainda expulsou os Francezes.

Tratado de Blois, cujo fim era desmembrar a França.

Outro erro incomprehensivel foi o tratado de Blois, em 1504, por meio do qual promettia Luís sua filha em casamento a Carlos de Austria, neto do Imperador Maximiliano, e de Fernando, o Catholico, juntamente com a Bretanha, Borgonha, Milanez, e com Genova, no caso que o Rei morresse sem filhos varões. Já se arrependiaõ de hum procedimento tão ignominioso, quando os Estados Geraes representáraõ fortemente ser este contrario ás Leis do Reino. Deo entaõ Luís XII. sua filha, ao Conde de Angouleme, seu herdeito presumptivo, que reinará com o nome de Francisco I. e cometterá tambem grandes erros.

Fim da Rainha Isabel em Castella.

Temos visto, como o matrimonio de Isabel, Rainha de Castella, com o Rei de Aragaõ, mudou a face da Hespanha. Esta Princeza, acautelada sempre contra a ambição de Fernando, seu esposo, era

governada pelo seu confessor Ximenes, illustre Franciscano, que veio a ser depois Arcebispo de Toledo, e Cardeal. A mesma Princeza havia pouco tempo que dera a eleição aos Mouros que ficavaõ no Reino, ou de receber o baptismo, ou de ser desterrados. Sendo despovoada a Hespanha por causa da expulsão dos Judeos, e Mouros, e com as continuadas viagens para America, esta Monarquia, á proporção que adquiria maior grandeza, hia-se fazendo cada vez mais fraca; e desta sorte hum governo taõ célebre não se deve citar para exemplo.

Grandes tumultos resultáraõ da morte de Isabel, em 1504. Joanna, a Louca, sua filha, Esposa do Archi-Duque Philippe, o Formoso, era sua unica herdeira. O Rei Fernando, que se achava ao principio de posse da Regencia, foi obrigado a renuncialla, e a retirar-se para Aragoã. Por fim morreo Philippe, e a loucura de Joanna favorecia as desordens. Carlos de Austria, seu filho, (Carlos V.) era moço, e estava longe: Ximenes julgou que Fernando, o Catholico, podia restabelecer o socego; e entregando-se-lhe a regencia, todos os tumultos cessáraõ por effeito da sua constancia.

Tumultos  
depois da  
sua morte.

Fernando  
he nomea-  
do regen-  
te.

Chegando entaõ Ximenes a ser Cardeal, e Inquisidor geral, vio-se na posse

Oraõ con-  
quistada pe-  
lo Cardeal  
Ximenes.

se do poder, e da fortuna. Porém deixou prudentemente a Corte, porque conhecia o caracter desconfiado do Rei, e propoz depois disso o tentar á sua propria custa a conquista de Oraõ em Africa. Persuadido Fernando, de que não se conseguiria nada, consentio na empresa, com a idéa de perder o Cardeal, e escreveu a Pedro Navarro, Commandante da frota, em que Ximenes se embarcára, dizendo-lhe: *Empenhai-vos para que o bom homem não passe novamente tão depressa para Hespanha; he necessario deixallo gastar a sua pessoa, e o dinheiro.* Mas enganava-se o Rei; porque os Mouros ficáraõ vencidos, e Oraõ foi tomada. Este Cardeal austero não imitava os Prelados guerreiros; pois contentava-se de invocar, como outro Moysés, o Deos dos exercitos, e da victoria, inspirando huma especie de entusiasmo utilissimo em taes expedições.

Ximenes  
faz estabe-  
lecimentos  
para as le-  
tras.

Este, grande homem, que maior teria sido, se tivera vencido as preoccupações do seu seculo, fundou, ou restabeleceo a Universidade de Alcalá; mandou imprimir huma famosa Polyglota (\*); e mostrou tanto zelo a respeito das sciencias,

---

(\*) He huma edição dos Livros Santos traduzidos em diversas Linguas Orientaes, huma das quaes serve para explicar a outra.

cias, e letras, como da refórma dos Monjes. Cultivárao-se por meio da sua vigilancia, e disvélos as linguas sábias. A Hespanha produziu muitos Jurisconsultos, e muito mais Theologos. Porém que obstaculos não oppunha a Inquisição a toda a verdade nova, e util? Não abrirá Hespanha os olhos sem embargo de todas as suas Universidades, senão muito tempo depois dos Póvos muito menos capazes, que ella.

Trazia então Julio II. inquieta a Italia. Como altivo, que era, ambicioso, intrepido, enlevado de todo nos seus projectos de grandeza, tinha já tomado a Romania á Borja, Perusa á Baglioni, e Bolonha á Bentivoglio, e soblevado Genova contra Luís XII., a quem não obstante vivia obrigado, e meditando expulsallo, totalmente de Italia, suscitava-lhe inimigos de todas as partes. Tendo este Principe reduzido os Genovezes á obediencia, ainda foi enganado pelo Pontifice na famosa liga contra os Venezianos. Digamos neste lugar alguma cousa de Veneza, a fim de ter alguma noticia de hum Republica, que chegou a ser motivo de ciúme para as principaes potencias da Europa.

Emprezas  
ambiciosas  
de Julio II.

## CAPITULO VI.

*Des da liga de Cambrai contra Veneza até  
o fim de Luís XII. — Julio II.*

Governo  
de Veneza,  
desde a sua  
origem em  
o quinto  
seculo.

Tribunos.

Doge.

Conselho  
principal.

**N**ASCEO Veneza no quinto seculo, quando a Italia era victima das inundações dos barbaros. As Ilhas pequenas das Lagunas do golfo Adriatico foram o asylo dos Povos vizinhos, que subsistiaõ ao principio da sua pescaria. Cada Ilha tinha o seu Tribuno para a governar, e cada Tribuno chegou a ser hum tyranno. Vendo aquelles tyrannos a necessidade, que tinham de reunir-se, elegêraõ hum Duque, ou Doge no principio do oitavo seculo. Os Doges por via de hum abuso frequente daquelle poder, que senão tinha podido coarctar, occasionáraõ muitas vezes tumultos, dos quaes foram muitas vezes victimas. Hum conselho, composto de cento e quarenta Cidadãos de todos os Estados, no qual residia a Soberana authoridade, suspendeo finalmente assim as empresas destes primeiros Magistrados, como as violencias dos tumultos populares. Mas os ricos ambiciosos tinhaõ infinitos meios de alterar a constituição em utilidade sua.

A

A esta fôrma de governo democrático, succedeo em 1289 a aristocracia hereditaria, por meio de hum regulamento, que anniquilou a igualdade, concedendo a algumas familias o direito exclusivo de formar o Conselho principal. Sempre a aristocracia annuncia rigores, dos quaes necessita para manter-se, e conservar-se.

Aristocracia hereditaria em 1289.

Era impossivel que hum número de familias exclusas deixassem de formar conspirações. O tremendo Conselho dos Dez foi estabelecido, a fim de precaver os seus effeitos. Este Conselho pôde sentenciar todos os Cidadãos, e as denuncias algumas vezes lhe parecem provas. O Tribunal dos Três Inquisidores de Estado foi hum freio muito mais terrivel. O mesmo Doge se achou sujeito aos seus occultos procedimentos, e arbitrarías sentenças. Espias espalhadas por toda a parte servirão de accusadores; Magistrados, particulares, cidadãos, estrangeiros, qualquer pessoa suspeita devia recear-se de perder a vida, sem formalidade alguma de justiça. Todo aquelle que fôr condemnado sem o saber, pelos tres Inquisidores, não pôde evitar a morte. Qual he a Monarquia, onde se veja tal despotismo!

Conselho dos Dez.

Inquisidores de Estado.

Deste modo chegou a ser o terror o principio do governo de Veneza; e he o que especialmente a conservou, tanto tempo

Veneza governada por meio do terror; mas de hum modo invariavel.

po invariavel. Tudo nella he combinado com tanta arte, a respeito já das eleições, já da duração ou funções das Magistraturas, que quasi não ha meio algum de perturbar o Estado. Ao mesmo tempo que o Povo está sujeito pelos Nobres, os Nobres vigião continuamente huns aos outros. Ou estes são unidos pelo interesse, ou estão impossibilitados de fazer intrigas. Donde procede aquelle plano immudavel, aquella estabilidade de principios, dos quaes não se acha em outra parte exemplo algum. Talvez que a Inquisição de Estado seja igual á Inquisição Ecclesiastica; a qual perpetuando muitos abusos, produz huma certa tranquillidade.

Ambição  
desta Repú-  
blica.

Rica Veneza, com o commercio, entregou-se á ambição das conquistas, sempre perigosas para as Repúblicas commerciantes. No tempo das Cruzadas, tinha-se consideravelmente dilatado para a parte da Grecia, e ultimamente invadido em Italia muitas terras dos seus vizinhos, no proprio Estado Ecclesiastico. Os successos felizes, inspiraõ orgulho, e traz do orgulho vem a imprudencia. Cercados os Venezianos de inimigos poderosos, desprezãõ o perigo, sem antever que se reuniriaõ para opprimillos.

1508.  
Veneza  
arrita o Im-  
Pedia-lhe o Imperador Maximiliano,  
que pretendia ser coroado em Roma, pas-  
sa-



fagem pelas suas terras , e foi-lhes concedida pelos Venezianos com a condição, perador Maximiliano, e derrota as suas tropas. que passaria sem tropas : o que era o mesmo que negar-lha. Enojado Maximiliano manda publicar por hum bando , que os Venezianos sejam tratados como rebeldes ao Imperio , e intitulava-se *Imperador eleito* , cujo titulo lhe confirma Julio II. por huma Bulla. Que necessidade ha de semelhante Bulla ? Para que ha de estar sujeita Veneza ao bando do Imperio ? O certo he que em todas as occasiões appareciaõ pretensões antigas. As armas do Imperador não defendêraõ o seu altivo procedimento contra a República , e dous exercitos Imperiaes foraõ derrotados , e vencidos pelos Venezianos com o soccorro dos Francezes , e não obstante concluíraõ huma tregoa sem consultallos.

Formou-se então occultamente a famosa liga de Cambrai , de que Veneza devia ser a victima. O Papa, o Imperador, os Reis de França, e Hespanha, e o Duque de Saboia, uníraõ-se para tirarlhe as suas conquistas. Cada hum delles revendicavaõ dominios consideraveis : O Papa, Arimino , e Ravena ; Luis XII. Brescia , Bergamo , e a Cremona Veneziana ; Maximiliano, Verona , Padua , Vicencia , Trevisa , e o Friul ; Fernando , Brindes , Trano , e Otranto ; e o Duque de

Liga de  
Cambrai.

Saboia a Ilha ou o Reino de Chypre. Se a união tivesse subsistido entre estas Potencias, ficava Veneza perdida sem remédio. Porém Julio II. só pretendia aproveitar-se das circumstancias, bem resolutos a libertar depois a Italia, se podesse, destes estrangeiros, aos quaes chamava barbaros. E podia-se por ventura fiar na fé de Fernando, o Catholico?

Veneza recusa o soccorro do Turco.

Esta ambiciosa liga cobrio-se com a capa de religião. Fingirão os confederados acometter os Venezianos, a fim de voltar depois o seu zelo contra os Turcos. O Turco offereceo soccorros á República, que os recusou, não tanto talvez pelo receio de ter hum protector tão perigoso, como diz Fra-Paolo, quanto pelo receio dos clamores, que excitaria semelhante alliança (\*).

Luís XII. obriga os Venezianos a se humilharem.

Pertencia a Luís XII. principiar a guerra em pessoa. Os seus primeiros successos opprimirão de tal sorte os Venezianos, que o Senado depois da batalha de Agnadel junto do Adda, acompanhada de rápidas conquistas, offereceo-se a reconhecer o Imperador por Suzerano, e pagar-lhe hum tributo annual de cincoenta mil

---

(\*) E pela politica certeza, que podia ter, de que huma liga formada entre Potencias competidoras, e cheias de desconfianças, nunca já mais subsistiria.

mil ducados. A recusação porém de Maximiliano lhes restituiu o valor, reduzindo-os á desesperação. Tomárao novamente aos Allemaes infinitas Praças, fizéram o seu tratado com Julio II.; e a sua politica interessada os salvou.

Tinha Julio II. fulminado contra os Venezianos as mais terriveis excommunições, de maneira que até chegou a permittir que se assenboreassem dos seus bens, e que as suas pessoas fossem reduzidas á escravidão. Para obter a absolvição, que as circumstancias constituiaõ necessaria, importava ceder as Cidades da Romania, e receber leis do Pontifice. Vendo o Senado que não havia mais que este triste meio de salvação, sujeitou-se humildemente a tudo, e Julio, infiel aos seus alliados, desobrigou da sua liga o Rei de Hespanha, concedendo-lhe a total, e inteira investidura do Reino de Napoles, e voltou contra o Rei de França toda a actividade do seu odio. Tinha Luis recusado, por motivo de huma economia mal entendida, augmentar as tenças dos Suissos, tratando-os com desprezo em hum colerico movimento (\*). O

I ii

Pa-

(\*) As intrigas do Cardeal Bispo de Sião mettrão os Suissos neste procedimento, a pesar das prodigiosas profusões dos Ministros de França. Esta Épo-

Papa armou os Suíços contra Luís; acommetteo o Duque de Ferrara, alliado da França; sitiou Mirandola, onde entrou pela brecha, depois de ter vencido os maiores perigos, posto que em idade já adiantada.

Escrupulos  
perniciosos  
em França.

Perde-se o  
Milanez, e  
Genova.

Ao mesmo tempo que Julio obrava manifestamente como inimigo, consultou o Rei o Cléro de França a fim de saber se se lhe podia declarar guerra. Era sem dúvida a consulta superflua; porém ao menos a resposta do Cléro foi justa, e favoravel. Com tudo os escrúpulos da Rainha Anna de Bretanha, causáraõ grandes prejuizos aos negocios; porque Luís os respeitou mais do que mereciaõ. Da batalha de Ravena, vencida em 1512 por Gastaõ de Foix, Duque de Nemurs, resultou glória esteril. Assim que o Milanez se evacuou (\*\*). Soblevou-se logo Geno-

---

ca foi gloriosa para a Nação Helvetica, que se vio procurada por todas as potencias, e influio na sorte da Italia, particularmente na do Ducado de Milão. Mas cumpre conceder que a nobre simplicidade dos antigos Suíços deo lugar ao luxo mais pernicioso, e a necessidade de satisfazello fez recorrer aos meios mais odiosos. Nenhum caso se fez das ordens do Soberano; a corrupção foi pública, e excessiva. Os Suíços perdêraõ 300000 homens em o Milanez, e a desunião se introduzio entre os diversos membros da República.

(\*\*) Os Suíços tivêraõ a principal parte em a conquista do Milanez.

nova, faltava dinheiro para as tropas, e os Generaes não se uniaõ. Que podia obrar a valentia dos Heróes Francezes? Bayardo, e seus imitadores obráraõ prodigios, de que só resultou a admiração.

O Rei de França, e o Imperador tinhamõ empenhado alguns Cardeaes a convocar hum Concilio geral em Pifa: para o qual tinha sido citado Julio II. Este ajuntou em Roma outro Concilio, para excommungar o primeiro: o que foi motivo para que João de Albreto, alliado, e parente de Luís XII., perdesse o Reino de Navarra. E procurando Fernando o Catholico hum pretexto para despojallo, achou-o na excommunhaõ, fulminada contra os adherentes do Concilio de Pifa. Julga-se que aquelle Reino lhe fora concedido por huma bulla, e bem que esta não se ache, parece digna de hum emulo de Gregorio VII. A Navarra, desde a usurpação de Fernando, ficou sempre pertencendo á Monarquia Hespanhola, e a Rainha Catharina de Foix, a quem a Navarra pertencia, disse a João de Albreto, seu esposo: *Se acaso tivessemos nascido, vós Catharina, e eu D. João, não teriamos perdido o nosso Reino.*

Morreo Julio em 1513, tendo mais de setenta annos, sem desistir do grande intento de expulsar de Italia todos os Es-

tran-

Côcilio de  
Pifa contra  
o Papa.

---

1512.  
Fernando  
usurpa a Na-  
varra, em  
virtude de  
huma excô-  
munhaõ.

Môrte de  
Julio II.

Succeſſo  
de ſuas em-  
prezas.

trangeiros, os Alemães, os Heſpanhoes, não exceptuando os Francezes. Tendo Julio ſido feliz, e igualmente attrevido nas ſuas emprezas, augmentou conſideravelmente o Eſtado da Santa Sé. Obrigou o Imperador a ceder-lhe Parma, Placencia, e Reggio: ſabendo reunir, e dividir as Potencias á ſatisfação dos ſeus intereſſes. N'humas palavra, brilhou como Principe, como guerreiro, e como que ſe eſqueceo de que era Papa. Refere ſe humas Anecdota a reſpeito do modo com que Julio tratava os negocios Eccleſiaſticos. Pedindo-lhe os Allemães, ſegundo ſe diz, licença para comer carne em dia de São Martinho, quando cahiffe em dia de peixe, conſentio Julio no ſeu requerimento, com condição porém de que neſſe dia não beberiaõ vinho.

Leão X. lhe  
ſuccede.

O Cardeal de Medicis, muito deſcreditado por cauſa dos ſeus coſtumes, e recomendavel por cauſa dos ſeus talentos, chegou a ſer Papa, com o nome de Leão X. Era eſte filho do famoso Lourenço, e tinha os meſmos goſtos de ſeu Pai, mas não as qualidades de Biſpo. Nunca a Igreja todavia teve maior neceſſidade de hum Papa virtuoso, digno de a governar. A literatura, e as Artes mereciaõ protecção; porém os negocios Eccleſiaſ-

siaticos requeiraõ a maior sabedoria , e prudencia.

Por espaço de vinte e seis annos que durou o Reinado de Henrique VII., não teve Inglaterra influencia alguma no exterior. Este Principe avarento , e desconfiado , temendo a guerra , ajuntou hum thesouró , e firmou a sua authoridade. Debalde lhe disputáraõ a Coroa dous aventureiros , suscitados pelos seus inimigos. Hum , chamado Simnel , filho de hum pádeiro , foi muito feliz , depois de ter sido coroado em Irlanda , em ser empregado na cozinha do Rei. Perkin ( este he o nome do outro ) , filho de hum Judeo , fez cinco annos o personagem de filho de Duarte IV. , e acabou deixando a cabeça n'hum cadafalso. Livre Henrique de semelhantes inquietações , por meio de hum governo cruel , e vigoroso , unindo a industria com a força , animando os Barões a vender as suas terras , e augmentando deste modo as riquezas , e o poder dos Cidadãos , enfraqueceo a Nobreza principal , e constituiu a Real authoridade quasi absoluta. Seu filho Henrique VIII. , que lhe succedeo em 1509 , manifestar-se-ha com grande estrondo. Muita gloria lhe podiaõ alcançar os talentos , e as virtudes ; mas guiado pelas suas paixões , vello-hemos ser hum exemplo da maior tyrannia.

Henrique VII. tinha firmado a sua authoridade em Inglaterra.

Simnel , e Perkin.

Henrique VIII.

Liga con-  
tra Luis  
XII.

Picardia, e  
Borgonha  
invadidas.

Dijon sal-  
vada.

Tinha Henrique VIII. entrado , em 1512 , na liga que o Papa Julio formára contra França. Por morte deste Papa , animou-se novamente a liga no tempo de Leão X. Já os Francezes tinham tomado ultimamente o Milanez , donde foram outra vez expulsos pelos Suíços , que restabelecêram Maximiliano Sforça (\*). Luís XII. , alliado então com os Venezianos , teve contra si o Papa , o Imperador , os Inglezes , e os Hespanhoes. Por outra parte , accometteo Henrique VIII. a Picardia , juntamente com Maximiliano , a quem sustentava. Sabendo Henrique vencedor da batalha de Guinegata , tomou Teruana , e Tornai ; ao mesmo tempo que por outra parte os Suíços sitiavam Dijon. Perdida estava esta Cidade , se Tremoille , Governador de Borgonha , não tivesse obrigado os Suíços a levantar o cerco , promettendo-lhes tudo quanto quizeram ; e concluido o tratado , retiraram-se os Suíços. A Corte fingio condemnar , e arguir o Governador , anullou hum tra-

---

(\*) O Duque foi mettido de posse em 31 de Dezembro do mesmo anno. Senhores os Suíços daquelle região , tinham negado constantemente entregalla a outros , que não fosse aquelle , a quem ella legitimamente pertencia ; em cuja região adquiriram os mesmos Suíços tres bailios além dos Alpes , e hum rença de 40.000 ducados. Pagaram-lhes 200.000 ducados pelos gastos da guerra.



tratado , cujas utilidades tinha recebido , e acautelou-se contra huma nova invasão. Estes Republicanos altivos, os quaes dizião ser os protectores da Santa Sé , eraõ muito mais valentes do que sagazes. (†)

Neceffitando com tudo Luis da paz, humilha-se na presença do Papa ; renuncia o Concilio de Pisa , transferido para Leaõ ; e obriga-se a perseguir tambem com mão armada , se necessario fôr , os adherentes do Concilio , e deste modo pareceo estar reconciliado com Roma. Menos trabalho teve em grangear a amizade do Rei de Inglaterra , enojado contra Fernando por causa da sua má fé. Ficando Luis viuvo por mórte de Anna de Bretanha, casou com Maria , irmã de Henrique VIII. : mas este matrimonio comprou elle de algum modo , por hum milhaõ de escudos de ouro : tão critico era o estado dos seus negocios ! Casado pois com huma Rainha ainda moça, esqueceo-se da sua idade de cincoenta e tres annos ; de maneira que as delicias do thalamo o consum-

---

1514.  
Paz de Luis  
com o Pa-  
pa , e com  
Inglaterra.

---

(†) Excitados os Suissos pelo Imperador , e obrigados pelo estado dos seus negocios a dar occupação a huma mocidade turbulenta , consentirão em entrar na Borgonha. Trimouille salvou Dijon por meio de hum engano inexcusavel , e os Suissos deixáráo-se enganar com incomprehensivel facilidade. Quasi neste tempo he que Apenzel , decimo terceiro cantaõ , foi recebido na alliança.

Sua morte. summíraõ, e morreo no seguinte anno, levando á sepultura o intento de tomar outra vez o Milanez; intento, que veremos ser mais funesto para o seu successor.

Bondade,  
e erros de  
Luís XII.

Abençoada será sempre a memoria de Luís XII.; porque a pezar das suas guerras, e desgraças, não augmentou os impostos, depois de ter diminuido a metade delles. Applaudido será sempre o que Luís dizia para justificar a sua economia: *Eu gosto mais de vêr rir os Cortezãos da minha avareza, do que de vêr chorar o meu Povo por causa dos meus gastos* (\*). Com tudo não deveria por ventura elle poupar infinitas lágrimas ao seu Povo, sacrificando-lhe a perigosa ambição das conquistas de Italia, ou levantando subsidios sem os quaes não podia deixar de haver grandes infortunios? Alcançou Luís algum recurso por meio da venda dos empregos, e isto servio de exemplo muito perigoso, posto que a venalidade não comprehendesse os empregos de judicatura. Ninguém imaginava que huns empregos, que suppoem tantas luzes, e virtudes podessem já mais chegar a ser venaes; e todavia

---

(\*) O Rei tinha quasi treze milhões de rendimento; os quaes valem hoje em dia pouco mais, ou menos, cincoenta milhões de livras. *Abregé d'Hist. Gener.* (vinte milhões de cruzados.)

estes mesmos empregos o virão a ser logo no principio do Reinado seguinte: especialmente quanto aos contratos regios, e ao erario; pois que a hum abuso seguem-se quasi sempre outros maiores.

## CAPITULO VIII.

*Principios de Francisco I., até á origem do Lutheranismo.*

**F**RANCISCO, Conde de Angulema, primeiro Príncipe de sangue, foi o successor de Luis XII. Era moço, esperto, valente, ambicioso, e tinha qualidades nobres, e amaveis, mas sem prudencia, e voltou logo as suas idéas para Italia. Não sendo sufficientes os preparos, que já estavam feitos, a necessidade de dinheiro inspirou a venda do direito mais augusto, do direito de sentencear os Cidadãos. Este expediente, imaginado pelo proprio Regedor da Justiça, e pelo Chanceler do Prat, era tão contrario a todos os principios, que muito tempo depois, até o anno de 1597, jurava-se no parlamento, não ter comprado o seu emprego. Pelo que era necessario de algum modo hum perjuro a fim de exercitar a justiça nos

1515.  
Francisco I.  
entrega-se  
ao gosto  
das conquistas.

Venalidade  
odiosa dos  
empregos.

tribunaes ! Eis-aqui até onde pôdem guiar os abusos do governo.

Batalha de  
Marinhan  
contra os  
Suíços.

Achou Francisco I. , depois de ter passado os Alpes , huma occasião não esperada de distinguir o seu valor. Posto que tratasse com os Suíços , este Povo guerreiro , excitado pelo Cardeal de Siao , isto he , pela Corte de Roma , tinha-se armado contra elle. Venceo-os porém , e derrotou-os na famosa batalha de Marinhan , que durou dous dias (\*). He facto referido em todas as Historias , que Francisco dormira sobre a carreta de hum pedaço , cincoenta passos distante de hum batalhão Suíço. Os Historiadores affáz daõ a conhecer o Heróe , e nós observaremos mais frequentemente os defeitos do Rei , porque nos servem de maior instrucção. A conquista do Milanez foi o fructo da sua victoria ; e Maximiliano Sforça morreu em França do mesmo modo que Ludovico,

---

(\*) O velho Marechal de Trivulço chamava a esta batalha huma *batalha de gigantes* , na qual os Suíços , sem cavallaria alguma , resistirão por espaço de quasi dous dias á violencia , e impeto d'aquelles grandes cavallos de batalha , que a todo o instante acomettiaõ os seus batalhões. Retiráraõ-se finalmente os Suíços , mas sem derrota , deixando sels mil homens no campo da batalha , e desde entaõ se deixáraõ em o Milanez de semelhantes expedições , que quasi sempre lhes fôraõ funestas.

co, seu Pai. Nem por isso o Milanez deixará de ser o precipicio da França.

Perdeo Hespanha em 1516 a Fernando, o Catholico, o qual veremos substituido pelo tremendo Carlos V. Se a capacidade, sagacidade, e os successos são a gloria dos Soberanos, poucos ha que possaõ ser comparados a Fernando. A elle he devedora a Monarquia Hespanhola do seu augmento. Atribuem-lhe tambem hum projecto de Monarquia Universal, cuja execucao fizeraõ os seus successores reccear. Porém a arte de enganar, que Fernando empregou tanto, assim como a arte de vencer, he por ventura digna de hum homem grande? Por ventura o zelo de Religiao, com que Fernando cobrio as suas empresas, não as constitue mais odiosas? Não he a sua memoria manchada com todo o sangue derramado pela Inquisicao?

1516.  
Morte de  
Fernando,  
o Catholico.

Como Fernando mere-  
ce ser arguido.

Empenhou-se Fernando em estabelecer no Reino de Napoles, depois da conquista, aquelle tribunal tyrannico nos olhos dos Francezes, e tão contrario ao espirito da Religiao, como aos principios de hum bom governo. Os Napolitanos, posto que muito supersticiosos, nunca já mais quizeraõ sujeitar-se á Inquisicao, e o zelo do Rei limitou-se por estaõ em expulsar os Judeos. Não amando Fernan-

Os Napolitanos não  
quizeirão  
accitar, a  
pezar de  
Fernando,  
a Inquisi-  
cao.

Deixa Fernando to-  
das as suas

do

Coroas a  
Carlos a  
quem não  
amava.

do a Carlos de Austria, seu neto, tinha destinado a Hespanha para Fernando, irmão segundo de Carlos; porém mudando de resolução por conselho dos seus vassallos, mandou passar todas as suas Coroas para a mesma cabeça. Digno era Carlos de possuillas.

Regencia  
de Ximenes  
o qual abate  
os Grandes.

Sendo o Cardeal Ximenes nomeado Regente de Castella até á chegada do Archi-Duque, aborrecido dos grandes, a quem dominava com altiveza, teria experimentado hum rebelliao, se fora dotado de menos capacidade, e valor. Perguntarão-lhe os sediciosos hum dia com que direito governava a Castella, e diffêrao-lhe que Fernando, o qual só era hum méro administrador do Reino, não tivéra poder para conceder-lhe a Regencia delle. Não deo Ximenes a isto outra resposta mais do que mandar disparar na sua presença hum bataria de artilharia, dizendo: *Eis-aqui os meus direitos, por ventura vos atreveis a contestallos?* Este Ministro, armando os Cidadãos, abate cada vez mais a Nobreza. Costumes austéros, e irreprehensiveis, hum engenho profundo, e elevado, hum magnanimidade para tudo, a sua reputação, e os seus serviços, apenas balanceavam a averção, que inspirava a altiva severidade do seu caracter. Morreo Ximenes na desgraça, em 1517.  
de

de idade de oitenta annos, antes de vêr o novo Senhor da Hespanha.

Por sua morte deixou Maximiliano Morte do Imperador Maximiliano, que tinha pretendido ser Papa. vago o Imperio, em 1519. Este Principe inquieto tinha estado sempre em guerra, sem forças, e sem dinheiro. As suas idéas

extendêrao-se até chegar a possuir a Tia-ra, no tempo de huma enfermidade de Julio II.; de maneira que o Bispo de Gurck tinha a seu cargo distribuir pelos Cardeaes trezentos mil ducados para comprar os seus votos, cuja quantia foi emprestada pelos mercadores de Ausburgo. Que personagem teria podido representar hum Imperador Papa, se tivera unido ambos os poderes? Mas ter-se-hia consentido semelhante cousa, em hum tempo em que a politica movia, e ligava todos os Estados? Não ignorava Maximiliano que os Imperadores tinham sido senhores de Roma: e talvez formava para a sua geração projectos a respeito desta Cidade, tão capaz de tentar a ambição.

Durante este Reinado, foi Allemanha dividida em circulos. Ao principio houve seis, que forão os de Baviera, Franconia, Saxonia, Rheno, Suabia, e Vessphalia. Pouco tempo depois, augmentáralhe os de Austria, Borgonha (nos Paizes-Baixos), os do Rheno inferior, e Saxonia superior. Por este meio se facilitava

Circulos de Allemanha.

cf.

especialmente a cobrança dos dinheiros públicos. Pretendia-se também estabelecer a boa ordem, e tranquillidade; porém os abusos da Anarquia, n'humas palavras, o governo feudal devia ainda por muito tempo fazer desta parte da Europa hum theatro de tumultos, discordias, e guerras civis.

Camera  
Imperial.

Conselho  
aulico.

Em 1495, creou huma dieta de Vormes a *Camera Imperial*, estabelecida hoje em dia em Wetzlar, Tribunal Supremo, que sentença em ultimo lugar as causas civeis dos Estados. O Conselho aulico, cujos membros são todos nomeados pelo Imperador, pôde julgar do mesmo modo as mesmas causas; de maneira que o Author pode eleger hum destes Tribunaes. Porém as causas feudaes, e as que respeitam á Italia pertencem unicamente ao Conselho aulico. Quanto ao mais, fluctuante, e incerta a constituição Germanica até o Tratado de Vespahia, nunca já mais adquirirá por este mesmo Tratado outra cousa, senão huma consistencia imperfecta. Que hum corpo dividido em tantas Soberanias independentes, no qual tantos são os interesses particulares, que se oppoem ao interesse geral, pouco capaz he de huma boa constituição.

Exacções  
da Corte de  
Roma em  
Alemanha.

Hia sempre a Corte de Roma exercitando a sua tyrannia a respeito da Allema-



manha. Por muito util, que fosse para os Papas a Concordata de 1448, governando Frederico III., só se praticava naquelles pontos, que redundavaõ em beneficio seu. Os antigos abusos se aggravavaõ com novas exacções, e segundo a opiniaõ do mesmo Maximiliano tirava a Santa Sé do Imperio mais de quinhentos mil Ducados de renda. Este Imperador antepoz padecer o mal, de que se lamentava, ao disconcordar com huma Corte, cujas forças invisiveis eraõ taõ tremendas.

Hia-se todavia armando a tempestade, os animos estavaõ inflammados: qualquer sementelha de fanatismo podia produzir hum incendio; e Leão X. com toda a sua capacidade, aticou de algum modo o fogo, que era necessario extinguir. Breve veremos brechas irreparaveis, feitas á Santa Sé.

Circunstâncias criticas para o Papa.

Tinha o Pontifice tido em 1516, depois da batalha de Marignan, a industria de mover Francisco I., contra o qual se ligára, a hum ajulte o mais vantajoso para a Corte de Roma. A Pragmatica de Carlos VII., tantas vezes anathematizada, foi abolida pela célebre Concordata, que concede ao Rei a nomeação dos beneficios principaes, e assegura ao Papa as annatas, sem dellas fazer menção expressa. O Rei apresenta os sujeitos que nomea;

Concordata de Leão X. e de Francisco I. em 1516.

e o Papa os institue , e cobra a annata. Com que direito approvava este huma nomeação , que lhe não pertencia ? E por que razão a comprava o outro , constituindo tributaria a Igreja de França ? Reconhecido está o fructo dos antigos abusos. A Universidade , o Cléro , e o Parlamento defendêraõ a Pragmatica com grande fervor , mas tanto por preocupação como por zelo ; pois pretendiaõ manter especialmente as mesmas eleições sujeitas a tantos abusos. A concordata , registrada por força em 1518 , ainda hoje se observa.

## C A P I T U L O VIII.

*Estabelece-se o Lutheranismo no Pontificado de Leão X.*

Leão X.  
manda vender Indulgencias.

**T**RIUNFANDO Leão X. por assim dizer , de hum grande Reino , tinha de ser vencido , e despojado por hum Monge ; pois que das suas imprudencias procedeo o Lutheranismo. A soberba Igreja de São Pedro , que Julio II. começára , a magnificencia , e delicias da Corte Romana , os beneficios prodigamente concedidos , assim aos sujeitos literatos , como aos artistas , mil despezas pomposas , que apuravaõ  
os

os thesouros do Papa, nenhum escrúpulo fez este de valêr-se de hum recurso, que a superstição, havia muito tempo, fazia facil, e igualmente fructuoso. Com o pretexto, vezes cento renovado, de huma guerra contra os Turcos, publicou Leão Indulgencias a favor de todos os que dessem dinheiro, e estas Indulgencias foraõ vendidas com escandalo em Allemanha, nas proprias tabernas. Tetzcl, da Ordem dos Prégadores, fez-se especialmente célebre por meio de excessos indisculpaveis.

Taõ acostumados estavaõ todos aos abusos, e taõ estúpida era a credulidade popular, que a Corte de Roma tudo conseguia á sua satisfação, quando huma disputa monastica, conforme a maior parte dos Historiadores, chegou a ser o signal de huma furiosa revolta. Tinhaõ os Dominicanos recebido do Papa a commissão de prégar a Indulgencia, o que satisfaziaõ, exaggerando, segundo o uso, de hum modo absurdo a virtude destas graças espirituaes. Envejosos os Agostinhos, por não terem tido a preferencia, a qual julgavaõ ser-lhes devida, estavaõ contra os Prégadores. Imbuído já Martinho Luthero, docto, e árdido Theologo desta Ordem, em opiniões atrevidas, aproveitou-se fervorosamente da

Levanta-se  
Luthero cõ  
audacia cõ-  
tra o abu-  
so.

ocasião para distinguir-se ; de maneira que desacreditou em Saxonia as máximas dos Dominicanos a respeito da Indulgencia, mostrou os seus inconvenientes, e declamou contra os vícios, fraudes, e exações da Corte Pontificia; todos o ouvirão, todos lhe dêrão attenção, e o defendêrão, por estarem já enfadados de pagar para o luxo de Roma.

Luthero é  
lugar de ser  
applacado,  
he irritado  
imprudê-  
mente pelo  
Pontifice.

Naõ acomettia Luthero ao principio, senão cousas dignas de condemnar-se. Mostrava muito respeito, e sujeição á Santa Sé. Com prudencia teriaõ talvez grangeado, e socegado a Luthero, e este era o melhor partido que se devia tomar, posto que hum Inquisidor Dominicano exhortasse Leão X. a empregar contra elle o ferro, e o fogo. Mas em vez de quietallo com prudencia; desprezaraõ, e enojáraõ tão temeroso adversario; de sorte que o resentimento, e a desesperação inflammáraõ a sua audacia; e passando Luthero de hum para outro objecto, dos abusos passou aos dogmas.

Luthero  
nada mais  
respeita.

Debaixo da sua penna, as Indulgencias foraõ loucuras, o purgatorio huma fabula, o poder Pontificio huma usurpação, os votos Monasticos, a maior parte das ceremonias, e dos Sacramentos, outras tantas monstruosas superstições. Rompeo desbocadamente em injúrias, que ain-  
da

da se tomavaõ por humas razões : inculcou a moral a mais severa , que sempre foi a mais respeitavel ; apresentou a escriptura , como a unica regra de fé , a pezar dos sentidos contrarios , que muitas vezes se lhe tem dado ; convidou todos os Christãos a hum lisongeiro exame para o amor proprio , do qual todavia tão poucos homens são capazes ; n'humas palavras, erigindo-se reformador , fez por meio do fanatismo aquella revolução , que a razão não podia fazer. A *consubstanciação* , que Luthero admittia na Eucharistia em vez da *transubstanciação* , só era bastante para provar quanto Luthero em sua maneira de arrazoar se apartava do verdadeiro caminho.

Appellou Luthero , em 1518 , para o Concilio geral , de hum Decreto a favor das Indulgencias , por meio do qual o Papa dizia ser o dispenheiro do Thesouro espiritual , que dimanava da superabundancia dos merecimentos de Jesus Christo , e dos Santos , e o Papa Leão publicou em 1520 hum Bulla , a fim de condemnar a sua Doutrina , que continha quarenta Artigos. Hum dos Artigos condemnados diz que queimar os Hereges he obrar contra a vontade do Espirito Santo ; e outro , que os Principes , e os Prelados não fariaõ mal em dar sumiço de

Luthero  
condemna-  
do pelo Pa-  
pa com ri-  
gor.

todas as faccólas dos mendigantes. Era por ventura prudencia confundir estas proposições com heresias? Nem só condemnava a Bulla ao fogo as Obras de Luthero; ordenava tambem que o perseguissem, e aos seus adherentes, quando não retratasse os seus erros dentro em sessenta dias. O effeito desta Bulla, foi mandalla Luthero queimar juntamente com as decretaes, por hum Decreto da Universidade de Vitembergue.

Sua Bulla,  
e as decre-  
taes quei-  
madas.

Progressos  
rápidos do  
Luthera-  
nismo.

Duas cousas contribuíraõ infinitamente para o successo da refórma; o interesse dos Príncipes, e Póvos, que procuravaõ livrar-se do jugo de Roma; e a facilidade de espalhar as novas opiniões por meio da prensa. A Igreja Romana perdeu em poucos annos a Saxonia, Hesse, o Estado de Brunswick, a Dinamarca, e a Suecia. Zuric, Berne, e huma grande parte da Suissa, adoptáraõ a doutrina de Zuingle, Cura de Zurich, mais atrevido do que Luthero contra o Dogma da Eucharistia. Genebra seguiu logo este exemplo, e chegou a ser livre, mudando de Religiaõ (\*). Veremos Inglaterra, Escossia,

os

---

(\*) Era Genebra antigamente huma Cidade consideravel dos Allobrogos. Os Borgonhezes se assenhoreáraõ della no quinto seculo; e passando depois ao dominio dos Francos, fez parte do terceiro Reino de Bor-

os Paizes Baixos, e huma parte da França seguir a torrente da novidade. Nenhuma revolução mercede mais ser examinada, quer nos seus principios, quer nos seus effeitos.

Huma das grandes vantagens da Seita Lutherana foi ser defendida por Theologos litteratos, que possuíam as linguas scientificas, revolviam na antiguidade ecclesiastica, e alcançavam a estimação, e confiança dos homens sábios, ao mesmo tempo que os entusiastados inflammavam

A sciencia dos seus Theologos contribuiu muito para o Lutherismo.

---

Borgonha. Procurando os Condes de Genebra fazer-se independentes, foram os direitos do Imperio entregues aos Bispos. Os Condes de Saboia adquiriram em Genebra o passar atestações, e valeram-se de todos os moveis da politica para chegar a ser mais poderosos nesta Cidade. Para resistir a este tremendo inimigo, augmentaram os Bispos os direitos da Cidade, e com ella se liaram em 1478 com os Cantões de Berne, e Friburgo. Esta liança foi renovada sómente quanto á Cidade em 1526. O primeiro d'entre estes Cantões favoreceu a reforma, ao mesmo tempo que o outro se lhe oppunha com todo o seu poder. Em 1533 foi solemneamente recebida a doutrina de Calvino, que he igual á doutrina de Zuingle. O Bispo perdeu todos os seus direitos, e chegando a República a ser Soberana, e independente, foi devedora de huma parte das suas Leis a este célebre reformador. Com a liberdade floresceram as artes, e o commercio. Genebra chegou a ser huma das Cidades mais oppulentas da Suissa, e as sciencias, e bellas artes foram cultivadas em Genebra: a sua Academia produziu homens célebres, e conservou entre muitos perigos o precioso thesouro da liberdade.

o Povo. Facil lhes era desacreditar os abusos, introduzidos na Igreja por huma grande, e crassa ignorancia, os quaes infelizmente se obstinavaõ a defender algumas vezes com tanto ardor, como os dogmas. Muito mais facil lhes era desacreditar a Theologia dominante, que de ordinario só os combattia com algumas subtilidades, e hum orgulho pedantesco.

Erasmo tinha razão em os seus pareceres.

O mesmo Erasmo, constantemente afferrado á Igreja, ridiculifou assim os Doutores de París, como algumas antigas superstições: razão porque a sua fé foi suspeita. Mas poderíamos nós hoje em dia duvidar do grande beneficio, que se teria tirado; se os principios deste homem taõ illuminado fossem seguidos? Não teriaõ os innovadores tido pretexto algum de rebelliaõ (\*).

He verdade que huma reforma era muito difficil.

Quanto ao mais, não se pôde negar, que quanto mais necessaria, tanto mais difficultosa era huma grande reforma. Entre tantos exemplos que o mostraõ, só referirei hum. Empreheendo o Cardeal de Amboisa, como Legado de Alexandre VI., reformar os Religiosos. Alguns Bispos se passaõ para este fim aos Conventos dos Dominicanos em 1503. Tomaõ estes

---

(\*) Se os principios de Erasmo fossem seguidos, he provavel que a revoluçãõ não teria tido lugar.



tes armas, e mil e duzentos, ou mil e trezentos. Estudantes vem em seu soccorro; e os reformadores são expulsados. Encontraõ estes a mesma indocilidade entre os Franciscanos, porém sem aquelle apparato de guerra. Os obstaculos deviaõ ser muito mais terriveis da parte de Roma: e todavia a mesma politica exigia sacrificios, e esforços; mas não quizerão dobrar-se a cousa nenhuma.

Leão X., homem sabio, e de grandes conhecimentos, cujos Secretarios principaes Bembo, e Sadoletto, occupavaõ distincto lugar na literatura; e que em fim era hum dos politicos mais capazes do seu tempo; não devia por ventura conhecer que hum despotismo fundado na opiniaõ ameaçava ruina; huma vez que a opiniaõ estivesse incerta, e duvidosa por causa de agitações violentas? Não devia elle vêr que para manter a fé, era necessario moderar os abusos da authoridade? Como podia imaginar a Corte de Roma, que adquirindo os homens luzes, e instrucções, procederiaõ sempre como cegos?

Porém o Papa cegava-se extraordinariamente.

Bem se pôde dizer que Roma dava armas contra si mesma. Approvou Leão o Poema de Ariosto por meio de huma Bulla, ameaçando com excommunhaõ, a quem quer que offendesse o Impressor; e Clemente VII. passou huma Bulla seme-

Dava-se materia para desprezar as Bullas, e as excommunhões.

lhando.

lhante a favor das Obras licenciosas de Machiavello. Pretendiaõ os Papas, que huns severos entusiastados, que continuamente tinhaõ na bocca o *puro Evangelho*, respeitassem as suas Bullas, e censuras? Huma das imprudencias maiores, até ao nosso tempo, foi o obrar continuamente, assim como nos seculos, em que não se discorria, ou ao menos não se cessava de fallar contra a razão.

A razão só  
teria produ-  
zido pouca  
mudança.

Muito era necessario que a razão, sahindo de hum abyssmo de trévas, abrisse os olhos a respeito de certas cousas intoleraveis. Porém, como ella seja moderada, circunspecta, inimiga dos excessos, e pouco capaz de mover a plebe, não podia deixar de fazer gemer hum número pequeno de sabios, ou quando muito abrir caminho para huma vagarosa revolução. Por ventura os Filósofos de Athenas, e de Roma graváraõ já mais o culto nacional, com descobrir as extravagancias do polytheismo? Outras pois foraõ as causas, que produzirão semelhante mudança. A primeira idéa della procedeo da Theologia: nella encontrou a politica o seu interesse, e o fanatismo procurou a sua execução. Hora o fanatismo he hum volcão, cujas chammas não se apagaõ, senão depois de espantosas, e medonhas erupções.

Verdadei-  
ras causas  
de revolu-  
ção.

Des-

Deste principio procedeo o enthusiasmo invencivel dos Prégadores dos protestantes, e seus sequazes. Deste mesmo principio procedêraõ depois as guerras de Religião, cem vezes peiores, do que quantas desordens excitavaõ tantas, e taõ grandes lamentações. O fanatismo armou em breve tempo os Cantões catholicos de Lucerna, Zug, Eschwitz, Uri, e Undervalden, contra os outros Suissos rebeldes á Igreja Romana. Morto Zuingle em hum combatte, foi dividido o seu cadaver em quatro partes, e queimado como para inflammarmos o odio atroz de ambos os partidos (\*). E inspirando o fanatismo a paixã da independencia, ou igualdade quimerica a huma grande parte dos camponeses de Alemanha, trocou-os em outros tantos animaes ferozes. Muncer, seu chefe o mais perigoso, acabou a vida em hum cadafalso, depois da cruel mortandade dos seus sequazes. Naõ desanimou este exemplo a nova Seita dos Anabaptistas, assim chamados, porque pretendiaõ segundo baptismo, considerando como nullo o baptif-

O fanatismo armou em breve tempo os Suissos, e os camponeses de Alemanha.

Anabaptistas.

---

(\*) Obrigado Zuingle, a seguir o exercito de Zuric, para exercitar as funcções do seu cargo, podia prever qual seria a sua sorte. Morreo defendendo a sua vida. Os reformados perdêraõ duas victorias em duas acções muito fortes. Estas agitações intestinas duráraõ felizmente pouco tempo.

tismo dos mininos. Entre os Anabaptistas não havia superiores, nem dignidades; todos os bens deviaõ ser communs. Hum dos seus chéfes, João Boccold (\*), ainda moço, e alfaiatê de Leyde, não deixou, fallando em nome de Deos, de se fazer coroar Rei em Munster. Defendeo porfiadamente esta Cidade contra o Bispo, e as trópas do Imperio; e finalmente foi preso, e atanazado. Quasi todos aquelles furiosos enthusiasmados foraõ degollados, porque não tinhaõ, nem General, nem disciplina. Em fim o fanatismo, já perseguido, já perseguidor, fará na Europa huma carniceria, e a encherá de carnagem, com o pretexto de zelo a favor desta religião de caridade, que manda amar a todos os homens, e fazer-lhes todo o bem.

CA-

---

(\*) Casou Boccold com quatorze mulheres. Tendo huma destas mulheres mostrado alguma dúbida a respeito da sua supposta missão divina, cortou-lhe Boccold a cabeça, depois de lhe ter estranhado semelhante blasfemia. As outras treze dançáraõ com grandes demonstrações de alegria ao redor do cadaver. Bem se vê que o fanatismo guiava a hum tempo para a desordem, e inhumanidade. *Nota do Author.*

## CAPÍTULO IX.

*Revoluções em o Nórte , especialmente na  
Suecia , e Dinamarca.*

**L**ANCEMOS os olhos para o Nórte, sepultado sempre na barbaridade, o qual todavia offerece neste lugar o espectáculo de huma revolução importante, cujas consequências interessarão em breve tempo toda a Europa.

Todas as Coroas destas regiões, segundo o antigo uso dos barbaros, eraõ electivas. Margarida de Valdemar, intitulada a Semiramis do Nórte, unio em 1397 as Coroas de Suecia, Dinamarca, e Noruega, e os tres Póvos n'huma dieta de Calmar concordáraõ em que o Rei fosse eleito successivamente em os tres Reinos; que cada Nação conservaria as suas leis, usos, privilegios, e dignidades. Porém esta uniaõ entre Póvos competidores, e guerreiros só podia subsistir sob hum governo prudente, e sábio.

Em vida de Margarida tudo esteve focogado. A sua prudencia, e valor fizeram com que todos se esquecessem de que obedeciaõ a huma mulher. Mas por sua

Margarida de Valdemar unio Suecia, Dinamarca, e Noruega.

Por sua morte quebrou-se a uniaõ.

mór-

môrte, despertáraõ as antipatias nacionaes. Os Reis, contra a ordem estabelecida, determináraõ a sua residencia em Dinamarca, e a Suecia, e Noruega foraõ tratadas, como Provincias. Soblevando-se aquella elegio para seu Rei a Canutson, tio do famoso Gustavo-Vaza; e vendo-se de novo opprimida, pouco havia que facodira o jugo, entregando-se a hum administrador, quando Christiano II. subio ao Throno de Dinamarca em 1513. Era este hum tyranno capaz de sacrificar tudo ás suas paixões; mas pelo menos experimentou que ninguem pôde ser o flagello dos Póvos, sem expôr-se a ser a victima da sua vingança.

Christiano II.

Troll, Primaz de Suecia, trama hum sedição a favor do tyrão.

Perfidia de Christiano.

Troll, Arcebispo de Upsal, Primaz de Suecia, muito poderoso por causa da sua dignidade, e muito perigoso por causa do seu caracter, convencido de ter trato com Christiano, foi deposto pelo Senado; e Troll recorrendo ao Papa Leão X., obteve hum Bulla contra a sua Patria, e com ella deo vigor á causa do tyranno. Mas nem por isso deixou este de ser vencido na primeira expedição. Porém encobrando os seus cruéis intentos com o véo da perfidia, e fingindo querer ajustar-se, prometteo ir para Stokolmo, com tanto que lhe trouxessem sete refens, entre os quaes seria hum delles o joven Gus-

tavo-Vasa , sobrinho do Rei Canutson , cujo merecimento , e valor já se davaõ a conhecer. Conduzidos os refens para a sua fróta , levou-os prisioneiros , fazendo ludibrio da fé dos tratados , do mesmo modo que da vida dos homens.

Esta perfidia era o preludio das mais horrorosas barbaridades. Foi Suecia reduzida a sujeitar-se ; e Christiano , coroadado na Capital , disfarçou-se com a capa da bondade , a fim de manifestar impunemente toda a sua raiva. Mandou que se fizessem festas , e juntos os principaes do Senado , e da Nobreza para hum banquete , pede repentinamente o Primaz Troll satisfação , em nome do Papa , e logo lançã-se vários bedéis sobre os convidados , e prezos estes são condemnados , como hereges. Erico Vasa , Pai de Gustavo , noventa e quatro Senadores , &c. forão cruelmente mortos , depois de lêr-se publicamente a Bulla do Papa Leaõ. Toda a Cidade de Stockolmo se vio logo inundada de sangue , e finalmente parece que a tyrannia se vio fortificada por meio da mortandade (1520). Que triumpho para hum Rei , e especialmente para hum Bispo !

Todavia levantava-se hum vingador do crime. Gustavo , fugitivo da sua prisão , refugiado em as montanhas da Dal-

O Senado de Suecia morto cruelmente.

Suecia libertada por Gustavo.

le-

lecarlia, confundido com os camponezes, trabalhando nas minas, sem ter outra cousa a que recorrer mais que ao seu valor, meditava huma revolução, que podia executar; e dando-se a conhecer, teve em breve tempo sequazes, a quem deo armas, e triunfou de todos os obstaculos. Já os Dinamarquezes tinham perdido em 1521 huma parte da Suecia. Christiano vingou-se de hum modo digno d'elle, mandando affogar a mãe, e a irmã daquelle heróe. Mostrando-se pois tão insensato como barbaro, o Nero do Norte, (este o titulo que com justiça lhe deraõ) não via que quanto mais odioso se fazia, tanto maiores eraõ os precipícios, em que se mettia.

Vingança  
atroz do  
tyranno.

Christiano  
privado do  
Thronope-  
los, Dina-  
marquezes  
por meio  
de huma  
sentença do  
Senado.

Opprimidos os seus proprios vassallos, julgáraõ ter direito para sacodir hum jugo intoleravel. Foi Christiano deposto pelos seus mesmos vassallos em 1523. Muncio, Regedor da Justiça de Jutlanda, veio affoitamente intimar-lhe o auto, que o privava da Coroa. Applaudindo-se este Magistrado de huma acção tão valerosa, dizia: *O meu nome deveria ser escrito na porta de todos os Principes máos.* Não pôde Christiano já mais vêr-se restabelecido por Carlos V. seu sogro, e Frederico, Duque de Holstein, seu tio, foi eleito Rei



Rei de Dinamarca ; e Gustavo Vasa , Rei de Suecia.

Vio-se em breve tempo nestes Reinos huma mudança de Religião , tanto mais notavel , pois que se executou quasi sem tumulto , nem oppressão , ou violencia. A Bulla de Leão X. , que tinha servido de pretexto para tantos horrores , o trafico que o Nuncio Arcemboldi fizera das Indulgencias , cujo producto importava , conforme se diz , em quasi dous milhões de florins a pezar da pobreza do Paiz , as grandes riquezas do Cléro , o imperio que elle exercitava com os Póvos , e as usurpações dos Bispos , que tambem se tinhaõ assenhoreado da maior parte das fortalezas do Reino : tudo era parte para que desejasse a refórma todo aquelle , que abrisse os olhos a respeito dos abusos. Gustavo , e Frederico favorecerãõ destramente o Lutheranismo , sem se mostrar ao principio claramente a seu favor. Começou entãõ o Cléro a mover-se : o que foi mais hum motivo para ramatar-se a mudança. Finalmente os estados de Dinamarca , e a mesma Igreja de Suecia , abraçãõ solemnemente a Doutrina de Luthero. O Povo mudou em breve tempo de crença á satisfação dos seus chéfes , pouco mais ou menos como no tempo , em que o Christianismo se tinha introduzido entre os bar-

Mudança de Religião no Nôtre , executada facilmente.

baros. Morreo Gustavo em 1560. O seu governo foi absoluto, mas nem por isso foi menos feliz a Suecia em obedecer-lhe.

Moscovia,  
e Polonia.

Escusado fora alargar-nos a respeito da Moscovia, e Polonia. A primeira, quasi desconhecida naquelle tempo, bem que o Cesar João Basilevitz I. tivesse conquistado os Reinos de Casan, e de Astracan, não sahirá da obscuridade, senão quando hum grande Principe, dotado de hum engenho creador, lhe der o nascimento da policia, e das artes no principio do decimo oitavo seculo. A segunda, tão pouco illuminada, era o theatro da anarquia.

Os Jagel-  
lões.

Ladisláo, o primeiro dos Jagellões, eleito Rei em 1382, teve para successores infinitos Principes da sua geração. Porém não dispondo das tropas, nem dos erarios, nunca passáram de principaes de huma República, onde o defeito das leis, e da subordinação fazia impossivel hum governo

Governo  
Polonez  
cheio de  
vícios.

razoavel. Como teria a Polonia tido alguma sombra de governo, ao mesmo tempo que o *voto* de cada Nobre podia exceder a todos os votos, da maneira que ainda hoje se vê; ao mesmo tempo que todo o Povo, escravo dos Nobres, só tinha o sentimento da sua baixaza, e trabalhos; e ao mesmo tempo que qualquer Cavalleiro, que mataste hum dos seus servos,

vos, não tinha mais pena, que pôr algum dinheiro sobre a cova? Estes abusos, arraigados pelos séculos, não podem deixar de perpetuar as infelicidades de huma Nação, até que alguns successos extraordinarios lhe arruinem tudo, a fim de renovar tudo.

Tendo a Ordem Teutonica subjugado a Prússia, com o pretexto de destruir-lhe o Paganismo, a opprimia com suas injustiças. A Prússia tinha-se soblevado no meado do século decimo quinto, para se entregar ao Rei de Polonia; e daqui procedêraõ sangüinolentas guerras. Abraçando Alberto, Margrave de Brandeburgo, Grão-Mestre da Ordem, o Lutheranismo, e querendo augmentar-se á custa daquelles Religiosos Militares, dividio a Prússia com Sigismundo, Rei de Polonia, seu tio, com a condição de render homenagem áquella Coroa. (1525.) Isto foi parte para que se distinguisse a Prússia Real, e a Prússia Ducal. Os descendentes de Alberto conserváraõ a ultima, isenta da vassallagem em 1657, e erigida em Reino no principio do nosso século. Que origem de hum Estado, que hora vemos tão poderoso, governado por hum tão grande Rei! Bem se pôde dizer que Luthero lhe lançou os primeiros fundamentos.

A Prússia em o tẽpo da Ordem Teutonica.

Alberto de Brandeburgo divide a Prússia com o Rei de Polonia.

---

DECIMA ÉPOCA.  
CARLOS QUINTO,  
IMPERADOR.

PODER DA CASA DE AUSTRIA. --- CON-  
CILIO DE TRENTO.

*Des do anno de 1519 , até quasi o an-  
no de 1560.*

---

CAPITULO I.

*Eleição de Carlos V. --- Suas guerras até  
à batalha de Pavia.*

Idéa desta  
época

**G**RANDES systemas de politica , e  
ambição ; guerras continuadas ; de que  
procederão outras guerras ; principios ab-  
solutos , cujos caprichos constituem o des-  
tino dos Póvos ; hum poder excessivo ,  
prompto para subjugar a Europa, e a Ame-  
rica ; huma Religião nova , arruinando a  
Igreja , e destruindo com esforço o jugo  
do Summo Pontificado ; a sede das rique-  
zas , irritada pelo ouro do novo mundo ;  
e a cultura do entendimento , produzindo  
ao principio muito mais veneno , do que  
ver-

verdadeiros bens : eis aqui o que constitue especialmente esta Época tão interessante. A grandeza da Casa de Austria no tempo de Carlos V. , he a origem dos principaes successos , que nos offerece a historia dos ultimos seculos.

Este Principe , que no anno de 1500 nascêra em Gand , do Archi-Duque Filipe , filho do Imperador Maximiliano , e de Joanna de Hespanha , filha de Fernando , o Catholico , era dotado de todas as qualidades proprias para fazer a primeira figura. Tinha valor , actividade , applicação , prudencia , vasto engenho , cultivado por meio do estudo , e trabalho : a que por desgraça unia huma ambição illimitavel , e aquella artificiosa politica reduzida a systema por Fernando seu Avô.

Qualidades  
de Carlos  
V.

Subindo ao Throno de Hespanha em 1516 , logo experimentou os tumultos quasi isseparaveis dos novos governos. Hum Flamengo , Arcebispo de Toledo , e varios Ministros Flamengos , depositarios da authoridade , chegárao a ser objecto de odio para os Hespanhoes. Formárao-se sociedades pelas Provincias. O Cardeal Adriaõ , Mestre do Rei , nomeado para a Regencia de Castella , homem virtuoso , mas de engenho muito inferior ao seu emprego , em vez de applanar , e extinguir a fermentação , augmentou-a. A santa liga

Carlos V. ,  
Rei de Hes-  
panha em  
1516.

Rebelião  
sabia , e  
prudente-  
mente ap-  
placada.

( es-

(este o nome que tomáraõ os Castelhanos rebeldes), mandou ao Rei, em 1522, vários requerimentos, e petições quasi tão fórtes, e tão atrevidas, como as que fizeraõ os Communs de Inglaterra no governo dos Stuarts. O espirito da liberdade ateou huma violenta guerra civil. Sendo Padilha, General da liga, vencido, prezo, e executado, Maria Pacheco, sua viuva, defendeo Toledo como huma heroína, até que o Cléro, furioso por ella ter expoliado as Igrejas para defender a guerra, soblevou o Povo contra ella, descrevendo-a como feiticeira. Estes tumultos duráraõ até o anno de 1522, quando a presença de Carlos os dissipou. *He muito sangue derramado*, disse Carlos, depois de ter dado alguns exemplos. Hum perdaõ concedido aos rebeldes foi mais efficaz do que os rigores; e o Rei firmou a sua authoridade por meio da clemencia. Descobrimdo-lhe hum certo Cortezaõ da sua Corte o retiro de hum dos principaes sediciosos, respondeo Carlos com humanidade: *Deverieis antes avisar-lhe que eu estou aqui, do que dizer-me, onde elle está.*

---

1519.  
Carlos he  
eleito Im-  
perador, a  
pezar de  
Franciscol.

Já Hespanha, as duas Sicilias, os Paizes Baixos, e a Borgonha, se achavaõ debaixo do dominio de Carlos; quando a mórte de Maximiliano, que ultimamen-

te o elegêra Rei dos Romanos, lhe descobrio o caminho do Imperio. Francisco I., que era mais velho do que Carlos seis annos, e mais célebre por causa das suas proezas, pretendia tambem a Coroa Imperial; e o poder de ambos inspirava huma justa inquietação aos Allemães, zelosos da sua liberdade. Porém os votos compravaõ-se. O Embaixador de Hespanha tinha dous mil marcos de ouro para repartir: e demais disso, o Sultão dos Turcos, Selim I., conquistador da Syria, Mesopotamia, e Egypto, ameaçava a Europa, e só lhe poderia ir á mão hum Imperador poderoso. Todavia o Eleitor de Saxonia foi eleito. Era este, Frederico, o Sabio, famoso protector de Luthero. Rejeitou este, e determinou os votos a favor de Carlos V.; pois que Francisco I., como estrangeiro, e como mais visinho de Alemanha, parecia-lhe menos digno, e mais para temer.

Cuidou-se em fazer assignar a Carlos huma capitulação, a fim de manter a liberdade, e os direitos do corpo germanico. Declarava a capitulação expressamente que o Imperio não seria hereditario, do qual a Casa de Austria não deixou de gozar sempre. Com hum Chefe muito tremendo, chegaria o Imperio, sem dúvida, a ser huma simples Monarquia, quan-

Capitula-  
ção assigna  
da por Car-  
los V.

quando o resto da Europa tivesse tido menos interesse em se lhe oppôr.

Carlos V.  
naõ mada  
para Roma  
a embaixa-  
da de obe-  
diencia.

Era costume des de Otton IV., que os novos Imperadores mandassem huma Embaixada á Roma, para annunciar a sua eleição, e dar *obediencia* ao Papa. Dispensou-se Carlos V. desta Embaixada, e o seu exemplo prevaleceo a respeito das pretensões Romanas; porque muitas vezes affás he hum exemplo para abolir antigos usos, estabelecidos por outro exemplo contrario. Este altivo Soberano, Senhor de tantos Estados, e o primeiro que introduzio o titulo de *Magestade*, pegou, naõ obstante, no freio, e no estribo ao Papa, quando Adriaõ VI. o coroou em Bolonha em 1530; e no mesmo dia foi nomeado Conego das duas principaes Igrejas de Roma. Quasi tudo he contradição no mundo.

Com tudo  
o mesmo  
Carlos pe-  
gou depois  
no freio, e  
no estribo  
ao Papa.

Cõpetência  
de Carlos, e  
de Frãcisco.

Posto que os Reis de França, e Hespanha tivessem pretendido o Imperio, com todas as apparencias de huma mutua amizade, a preferencia concedida a hum devia infallivelmente enojar o outro, mórmente quando a sua competencia naõ se limitava a este objecto. Bem podia o Rei de Inglaterra, Henrique VIII. ter entre elles o equilibrio: assim parecia exigir a politica; mas as suas paixões, e as do seu Ministro o apartaão de hum  
sif-



systema tão glorioso. Erros continuados cometterá este Príncipe, pois que só obra-  
rá por capricho.

Era naquelle tempo Henrique VIII. governado por Wolsey, filho de hum car-niceiro, e depois de chegar a ser Arce-bispo de York, Bispo de várias Sés, Car-deal, Legado, Chancellor, e Ministro ab-soluto, lisongeava os gostos do Monar-ca, e interessava-se em os seus passatem-pos, a fim de o dominar ao mesmo tem-po, que lhe procurava os seus divertimen-tos: era quasi tão rico como a Co-roa, e não obstante tão infaciavel como pródigo; finalmente era hum daquelles homens, cujos talentos superiores movem os Estados á satisfação da sua propria am-bição. O interesse de Wolsey era a alma da Inglaterra.

Wolsey,  
Ministro de  
Inglaterra.

Grangeado que tivesse o Rei de Fran-ça a amizade de Wolsey á força de lison-jas, obteve a restituição de Tornay, co-mo dote da Princeza Maria, prometti-da ao Delfim. Este, e a Princeza eraõ mininos, e huns matrimonios tão incer-tos muitas vezes eraõ a base dos Trata-dos. Meditando Francisco a guerra con-tra o Imperador, e pretendendo ter Hen-rique VIII. por seu alliado, propôz-lhe huma conferencia em Calais. Carlos V., que era muito mais sagaz, foi visitar Hen-ri-

O Rei de  
França, e  
o Impera-  
dor grãge-  
aõ successi-  
vamente a  
amizade de  
Wolsey.

rique a Duvres , cortejou muito a Wolsey, prometteo-lhe a Thiara , e moveo-o a seguir o seu partido. A célebre conferencia de Calais , chamada *o campo de panno de ouro* , ramatou n'hum a ostentação prejudicial de magnificencia , em que dando se festas , nada se concluiu. Recebeo depois o Imperador em Gravelines hum a visita de Henrique , na qual acabou a sua obra concedendo ao Cardeal Wolsei os reditos de dous Bispados de Hespanha.

Variações  
políticas de  
Leão X.

Entre ambos estes competidores , procedia Leão X. , da sua parte , artificialmente , de maneira que o interesse do Pontificado prevalecia ao bem público. O seu objecto principal era restaurar Parma , e Placencia , apoderar-se de Ferrara , e expulsar de Italia os Estrangeiros , depois de os ter empregado no seu augmento. Tinha-se opposto á eleição de Carlos V. , sob pretexto de hum a Lei de Clemente IV. , que excluia do Imperio os Reis de Naples. Prometteo depois disso ao Imperador a investidura daquelle Reino , e dahi a pouco tempo interessou-se por Francisco I. ; e não se passou muito tempo que o não desamparasse para se interessar por Carlos V. N'hum a palavra , o partido mais vantajoso para Leão era desde logo o mais justo ; e a arte de semear discordias , assim como a de ajuntar dinheiro , a uni-  
ca

ca cousa, em que consistia a politica de Roma.

Atea-se logo o fogo da guerra. Henrique de Albreto, aproveitando-se dos tumultos da Hespanha, e da distancia do Austriaco, restaura com as tropas de França a Navarra, tomada á sua Casa. Tinha Carlos, em virtude do tratado de Noyon em 1516, promettido restituilla; porém não cumpria a promessa. Os Francezes entrã-  
 raõ imprudentemente pela Castilha, e os Hespanhoes nesta occasião unem-se contra elles, e os expulsaõ da Navarra, quasi na mesma occasião da conquista. Tendo-se o Duque de Bulhaõ, Roberto da Mark, attrevido a declarar guerra ao Imperador, este a declara ao Rei de França, persuadido com razão de ser elle o motor de semelhante empreza. Perde Francisco o Milanez, e Genova, por culpa de Lautrec, Governador destas terras, abominado pelos Italianos, e Suissos, e vencido, e derrotado em Bicoca (\*). Porém esta infelicidade podia-se especialmente attribuir ao mesmo Rei, e á Duqueza de Angouleme, sua

1521.  
 Navarra  
 tomada, e  
 reconquis-  
 tada.

A França  
 perde o Mi-  
 lanez, e  
 Genova.

---

(\*) Os Suissos renováraõ a sua alliança com a França em 1521. O furor das guerreiras expedições custava-lhes rios de sangue. A pezar das prohibições dos Soberanos, cada partido achava meios para levantar tropas.

sua Mãi, cujos desperdícios não deixavaõ dinheiro algum para as trópas.

As delicias,  
e dissipaçõ-  
es da Corte  
causas das  
infelicida-  
des.

Ter amado as delicias tanto como a guerra, sem conhecer já mais a economia, tão necessaria na mesma paz, he a causa principal das infelicidades de Francisco I. Samblançai, superintendente dos erarios, perdeu a vida enforcado, como se fora obrigado a fazer milagres.

Adriaõ VI.  
succede a  
Leaõ X.

Por este tempo morreo Leaõ X., de quarenta e quatro annos de idade. Carlos V., que pretendia hum Papa á sua disposição, empenhou-se para que fosse eleito o seu Mestre, Adriaõ VI. Era para temer a paixão de Wolsey; porém sendo Adriaõ velho, consolou o Imperador o Ministro Inglez com a esperança de ser o seu successor. Finalmente, n'hum viagem, que Carlos fez á Inglaterra, obrigou a Henrique VIII. a armar-se, e sendo vigilante, incansavel, seu proprio negociador, e negociador capaz, que ventagem não tinha a respeito de hum inimigo, que todo se dava a delicias, e passatempos? Parecia Francisco não poder fahir dos seus lethargos, sem o estrondo das armas.

Carlos grã-  
gea nova-  
mente a a-  
mizado de  
Wolsey.

Procedi-  
mento do  
novo Papa.

O novo Papa mostrou o seu agradecimento, ou por meio da extinção do tributo de oito mil onças de ouro, que o Reino de Napoles pagava; ou concedendo á Coroa de Hespanha o direito de apre-  
sen-

sentação aos Bispos, e a administração perpetua de Graó Mestre das Ordens Militares. Era elle devedor da sua fortuna ás letras, assim como Leão X. a ellas devia a sua gloria. A este estranhaõ ter-se esquecido dellas, assim que subio ao Throno dos Pontifices; mas quanto ao effencial que consta era a sua literatura? A philosophia, a theologia das escólas; quando muito huma erudição de pedante. Se não tinha gosto, nem genio, e se era austero, cruel, e muito economico, pôde por ventura causar admiração que os sujeitos litteratos não tenhaõ encontrado nelle hum Medicis?

Já Francisco Sforça se tinha restabelecido a Milão, porque os Suissos, por falta de pagamento, não tinhaõ servido. Huma liga terrivel se formou para opprimir Francisco I. O Papa, o Imperador, o Rei de Inglaterra, o Archi-Duque Fernando, a quem Carlos V., seu irmão; tinha cedido os Estados da Casa de Austria em Allemanha, os Milanezes, os Venezianos, os Florentinos, e os Genovezes, se unirão contra huma unica Potencia; e gosto dá vêr o valor deste Principe desprezar a tormenta. Porém muito mais teria valido a prudencia, do que o valor. Hum novo erro acabou de pôr o Estado em maior perigo.

Grande li-  
ga contra  
a França.

1523.  
O Condestavel de Borbon perfeito.

Borbon abraça o partido de Carlos V.

Bonnivete vécido em Italia.

Ninguém era mais digno de attenção, do que o Condestavel de Borbon, tão distincto pelos seus meritos, como pelo seu nascimento. Obra era sua em grande parte a victoria de Marinhão. A Duqueza de Angouleme o aborrecia, depois que elle a rejeitára por esposa. Buscou todas as occasiões de o perder, e o Chanceller do Prat servio muito para dar satisfação ao odio desta Princeza. Litigárao com o Condestavel sobre os bens de sua Casa, e elle perdeu o processo. Desesperado com isso tratou logo com o Imperador: do que tendo o Rei aviso, e podendo segurar-se da sua pessoa, deixou-se enganar, e Borbon fugio. Sabido he o dito de hum Cavalheiro Hespanhol, cujo Palacio lhe foi destinado: *Se o Condestavel se alojar em minha casa, assim que se fôr, largar-lhe-hei fogo, como a hum lugar inficionado da perfidia.* Porém estes nobres sentimentos, que imprimiriaõ no crime saudavel vergonha, raras vezes servem de regra ás Cortes. Honra-se a perfidia, quando nella se acha utilidade.

Aos grandes Generaes de Carlos V., Borbon, Pescario, e João de Medicis, oppoz sómente o Rei de França em Italia hum valido, que era o Almirante Bonnivete, com forças muito inferiores ás dos inimigos; e foi tal o successo, qual se devia

via esperar : exito nenhum sólido , e per-  
das consideraveis. A batalha de Biagrasia ,  
ou de Rebec he menos célebre pela der-  
rota dos Francezes , do que pela morte  
de Bayardo , o exemplar dos Cavalleiros.  
Estando para morrer , respondeo ás de-  
monstrações de compaixão , que lhe da-  
va o Duque de Borbon : *Mais digne de*  
*compaixão jois vós , que combateis contra o*  
*vosso Rei , Patria , e juramentos.*

Morte do  
célebre Ca-  
valleiro  
Bayardo.

Os Francezes defendêraõ-se pelo me-  
nos gloriosamente em o seu Reino , posto  
que acomettidos de todas as partes. O mes-  
mo Borbon , a quem o Imperador , e Hen-  
rique VIII. pretendiaõ estabelecer Rei de  
Provença , foi mal succedido no cerco de  
Marselha. Este cerco tinha Carlos V. or-  
denado , a fim de ter hum porto em Fran-  
ça , e tendo Pescario o mando , devia di-  
rigir-se pelos pareceres de Borbon. Des-  
contentes hum do outro , pôde ser que  
a sua competencia fosse hum obstaculo  
para o bom successo da empreza.

Sítio de  
Marselha  
levantado.

Parece que a confiança de Francisco  
I. se augmenta com os perigos , e os seus  
erros com a sua confiança. Voa elle para  
Italia , entra novamente em o Milanez ,  
e restaura sem trabalho a Capital. Porém  
só o imprudente Bonnivete he ouvido. Tei-  
maõ no cerco de Pavia , e mandaõ hum  
destacamento consideravel acometter o  
Rei.

Novos er-  
ros de Frã-  
cisco I.

Reino de Napoles. Os inimigos adiantaõ-se ; envergonhaõ-se de retroceder , dá-se huma batalha , em que não foi possível vencer. Francisco he acomettido , ferido , prezo , e as suas trópas derrotadas. Borbon , que pouco havia que levantára á sua propria custa doze mil Allemães , ( porque o Imperador não tinha com que pagar , pois não era assás absoluto para exigir novos impostos ) Borbon , digo , gozou das satisfações amargas da vingança. Bonivete , author deste desastre , tinha procurado a sua morte no combatte , e Francisco I. escreveo á Duqueza de Angoulême , sua Mãe , dizendo : *Tudo se perdeu , excepto a honra*. Acaço a honra de hum Rei se limita só a combatter ?

Este era o  
fructo de  
huma te-  
meridade  
inexcusa-  
vel.

Muito mais indesculpavel parecerá a sua temeridade por causa das circumstancias. Todos os recursos pecuniarios estavaõ exauridos , e tinha sido necessario vender até huma grade de prata massiça , com a qual Luís XI. tinha enriquecido a sepultura de S. Martinho. Muito se fazia em defender o Reino : que a guerra feita fôra delle não deixava de expollo muito mais , e podiaõ seguir-se horrorosas consequencias de huma batalha perdida. Por outra parte , faltando o dinheiro aos mesmos inimigos , não podiaõ estes deixar de enfraquecer , e desgostar-se , e era natural dis-



dissolver-se a sua liga ; assim como insupportavel para muitos o grande poder do Imperador. Sem dúvida que Wolsey , duas vezes enganado pelas suas promessas , pois que Clemente VII. , da Casa de Medicis , era o successor de Adriaõ , desejava particularmente huma mudança. Cumpria pois em vez de correr traz de hum fantasma de gloria , e conquistas , defender-se , e entrar em tratado. O Rei tinha-se como precipitado na infelicidade , e senão fora o valor , capacidade , e boas disposições de sua Mãi , que chegára a ser Regente , era natural que o Estado não podesse resistir. A tudo proveo a Duqueza , e entrou em negociação a fim de dividir os inimigos.

Brevemente se dêraõ a conhecer os sentimentos dos confederados para com Carlos V. Clemente VII. , os Venezianos , e o Duque de Milaõ fizeraõ liga , para tirar-lhe Napoles , cujo Reino destinavaõ para o Marquez de Pescara. O qual entrou na conspiração , depois que certos casuistas decidiraõ que hum vassallo podia tomar armas contra o seu Principe para obedecer ao direito Senhor , de quem dependia o Reino. Porém , ou fosse por inconstancia , ou por motivo de remorsos , ou de falta de esperanças de conseguir feliz exito , tudo revelou ao

Liga cõtra  
o Impera-  
dor.

Imperador. Foi Sforça declarado rebelde, e como tal despojado do Milanez.

A alliança  
de Inglaterra  
que-  
brou-se.

Durante estas intrigas, quebrou-se a alliança de Inglaterra; porque affoerberado Carlos com seus successos felizes, offendendo o amor proprio de Henrique VIII., em não escrever-lhe mais de seu proprio punho, e em deixar de assignar-se *vosso afeitoado filho, e primo*. Não era somenos o desejo, que Wolsey tinha da sua vingança pessoal. O que a politica teria devido fazer ao principio, affás foraõ alguns intentos de pouca consideração para determinar a isso a Corte de Londres, que se preparava para ter mão na balança, que os caprichos de Corte deixavaõ ao acaso.

## CAPITULO II.

*Tratado de Madrid sem execução. --- Tratado de Cambrai. --- Divorcio de Henrique VIII., e scisma de Inglaterra.*

Condições  
prescriptas  
por Carlos  
V. a Fran-  
cisco I.

**N**ÃO acometteo Carlos V. a França depois da victoria de Pavia. Affectava humma moderação hypocrita, e queria todavia prescrever ao Rei prisioneiro várias con-

condições intoleraveis : pois pedia para si mesmo a Borgonha ; para o Duque de Borbon , a Provença , e o Delfinado com titulo de Reino ; para Henrique VIII. , as Provincias antigamente conquistadas aos Inglezes ; e finalmente huma renunciação absoluta dos direitos a respeito da Italia. A tudo isto respondeo Francisco , que estimaria mais morrer na prização , do que desmenbrar o seu Reino ; além de que , quando elle fosse tão cobarde , que em tal cousa consentisse , os seus vassallos nunca consentiriaõ nisso. Aborrecido porém de tão rigorosa prização , onde a paixão lhe tinha causado huma enfermidade mortal , cedeo a sua altivez , e consciencia ás conjuncturas. Persuadio-se de que promessas obrigadas nada valiaõ , que ao menos poderia eludir a sua execucao , e obrigou-se pelo tratado de Madrid de 1526 a espoliar-se da Borgonha , e pôr-se novamente nas mãos do Imperador , se a Borgonha não lhe fosse entregue dentro em seis semanas. Dous filhos do Rei , o primogenito e o segundo , serviraõ de refens.

---

1526.  
Tratado de  
Madrid.

Apenas se vio livre , logo o viraõ liar-se com o Papa , com o Rei de Inglaterra , e com os Venezianos pela liberdade da Italia , e a fim de metter o mesmo Francisco Sforça , a quem tinha

Semelhãte  
tratado não  
se executa.

pretendido expulsar do Milanez, na posse delle. Desobriga-o o Papa dos seus juramentos, e nenhum artigo do tratado de Madrid se executa. Os Estados de Borgonha, de concerto com a Corte, declaram que não podendo o Rei alienar o seu dominio, nunca a sua Provincia passará a dominio estrangeiro. Recusa Francisco I. voltar para Hespanha, queixando-se das injustiças do seu inimigo: e offerecendo o resgate de seus filhos, arde em desejos de vingar as suas injurias, e reparar as suas infelicidades. Não pode o Imperador deixar de estranhar a si proprio o ter faltado a hum tempo a generosidade, e politica.

---

1527.  
Roma sitiada por Borbon.

O Duque de Borbon, seu General, a quem Carlos V. tinha promettido a investidura do Milanez, não tendo dinheiro para completar a sua conquista, e vendo amotinados os seus soldados, que de tudo necessitavaõ, guia-os a Roma, para onde o attrahiaõ os thesouros do Papa. Irresoluto Clemente VII., e intimidado, tinha negociado, e não esperava que lhe pozessem cerco. Excommungou pois o General juntamente com as suas tropas, tratando os Hespanhoes de Mouros, e os Allemães de Lutheranos. Apezar da excommunhaõ, deo Borbon o assalto, em que ficou morto; mas os Impe-

periaes tomáráo a Cidade , e nella commetêrão horrorosos excessos : e não satisfeitos de saquear , trucidar , e violar , mofárao do Principe da Igreja , e seus Cardeaes , por meio de huma especie de mascarada impia , e acclamárao Papa a Martinho Luthero. Outra comedia representou o Imperador em Hespanha. Sabendo este que Clemente VII. estava prisioneiro , em vez de expedir ordens para livrallo , ordenou que se fizessem Procições pela sua liberdade , e requereo depois hum resgate. De que serve fingir , quando com isto só se lucra a reputação de velhaco ?

Hipocrisia  
do Imperador.

Como Carlos V. se mostrava inflexivel a respeito do tratado de Madrid , El-Rei de França , e Henrique VIII. declarárao guerra contra elle. Os desmentidos , e carteis de desafios , passados , e entregues entre este Principe , e Francisco I. , erao ralhos indecentes. Não teve effeito o duelo ; mas este exemplo não servio para excitar o falso brio , pelo qual se multiplicárao os duelos muito mais , do que nos seculos da barbaridade. Com tudo estava a Italia exposta ás hostilidades. Nella levárao os Francezes ao principio a vantagem , e Pavia foi cruelmente saqueada em memoria da batalha que nesta Cidade se tinha perdido.

Carteis de  
desafios , e  
desmentidos  
entre dous  
grâdes Mo-  
narcas.

Separação  
funesta de  
André Do-  
ria.

André Doria, illustre Genovez, servia utilmente a França com as galéras de Genova. Estava Napoles assediada, quando Doria, descontente da Corte, abraçou repentinamente o partido do Imperador. Muda então a fortuna: renova-se os erros antigos: as doenças dão cabo do exercito, e levanta-se o cerco. Esta expedição, igual a outras muitas, só servio para perder o sangue humano. Restituiu Doria a liberdade á sua Patria, onde podendo reinar, depois de ter lançado fóra os Francezes, contentou-se com a authoridade que o seu merecimento lhe dava. Quasi que nenhuma mudança se fez ao antigo governo, que tinha grande necessidade de refórma.

1529.  
Tratado de  
Cambrai.

Finalmente o tratado de Cambrai suspendeo o curso de tantas calamidades. Duas mulheres o concluírao a favor de ambos os Monarcas, a Duqueza de Angouleme, e Margarida de Austria, governadora dos Paizes Baixos. Francisco I. abandonou os seus alliados, sacrificou os seus direitos a respeito de Milão, e o seu senhorio a respeito de Artois, e Flandres, e obrigou-se a pagar dous milhões de escudos de ouro, pelo resgate de seus filhos. Além destas vantagens, reservou Carlos V. sempre para si o direito de proseguir por meios judiciais nas suas pretensões

ções a respeito da Borgonha, e Sforça ficou com o Milanez. Esta a condição de hum tratado já concluido entre o Papa, e o Imperador, por meio do qual os Medicis deviaõ recuperar a sua authoridade em Florença. Os Florentinos tinhaõ restabelecido a Repúbica, e hum exercito imperial os obrigou em 1530 a reconhecer por Soberano a Alexandre de Medicis.

No estado, em que a França se achava, não podiaõ os dous milhões de escudos de ouro ser pagos sem o soccorro de Inglaterra. Deo Henrique VIII. dinheiro, e resolutio a repudiar sua mulher, Catharina de Aragoã, tia do Imperador, bem antevia os tumultos, a que este divorcio o exporia; motivo porque se unia intimamente com huma potencia, da qual necessitaria em breve tempo. Era Catharina viuva de Arthur, irmão de Henrique, o qual morrêra seis mezes depois de casado, sem o ter consummado, se dermos credito á voz pública; e pretendendo Henrique VII. conservar ao Reino as utilidades de huma alliança semelhante, tinha obtido a dispensa de Julio II. para casar a Princeza com Henrique ainda moço. Vinte annos havia que subsistia a sua união, a qual tão respeitavel faziaõ os muitos filhos, que tiveraõ, e de que só lhes resta-

Henrique VIII. prepara-se para o divorcio.

va Maria destinada para o Throno , quanto a Rainha se distinguia pela sua virtude , e docilidade. Mas Henrique amava outra mulher , e não podia moderar as suas paixões.

Sua paixão  
por Anna  
Bolena.

Anna Bolena , filha de hum Fidalgo , mulher formosa , amavel , e dotada de muita capacidade , tinha captivado aquelle coração violento. Com sua resistencia accendeo mais os desejos do Principe , e o amor persuadio ao Rei que o seu matrimonio era nullo ; S. Thomaz de Aquino , seu oraculo ( porque Henrique se prezava de saber Theologia ) , deo as suas provas , e o Principe des d'então valeo-se de todos os meios para desfazer o sagrado vinculo , que o impedia de satisfazer a sua inclinação. O Papa Clemente VII. , que estava em guerra com o Imperador , mostrou-se algum tempo muito favoravel aos intentos de Henrique , e devia sentencear esta causa Wolsey , como Legado. Estava já prompta a Bulla do divorcio ; mas mudando Clemente de situação , mudou de systema. O crédito de Carlos V. o convenceo ; de maneira que o Papa , depois de affectadas demoras , evocou a causa para Roma.

Henrique  
enganado  
por Clemē-  
te VII.

Desgraça  
de Wolsey.

Indignado , impaciente , mas não se atrevendo ainda Henrique a vencer os obstaculos , vinga-se em Wolsey , de quem  
sus-



suspeita ter-lhe sido contrario. Despede este Ministro tão poderoso, e pede depois o parecer dos Theologos contra o matrimonio, que pretende annullar. As Universidades de Inglaterra, França, e Italia resolvem que nenhuma dispensa pôde authorisar o matrimonio de hum irmão com a viuva de seu irmão, pois que a Lei divina o prohibe em o Levitico; mas que o Deuteronomio o ordena, quando o primeiro esposo morra sem filhos. O uso frequente dos Doutores foi sempre, fundar as suas decisões n'hum authoridade, sem cuidar em procurar authoridades contrarias. Creio Henrique o que queria crêr. A sua consciencia, ou para melhor dizer a sua paixão, lhe deo motivo urgente para o divorcio. Não quiz comparecer em Roma, para onde o citava Clemente VII. ; repudiou Catharina, e casou com Anna Bolena, de quem teve em breve tempo a célebre Isabel.

Os Theologos approvão o divorcio cõ hum pessima razão.

Catharina de Aragoã repudiada.

Já o Cléro tinha sido obrigado a reconhecer Henrique por *protecção*, e *cabeca da Igreja de Inglaterra*, e o Parlamento, do qual Henrique foi sempre senhor absoluto, tinha já diminuido hum grande parte de tudo quanto se pagava ao Papa. A unica idéa todavia de romper com a Igreja Romana atemorizava o Rei, tão apaixonado pelos seus principios de Theo-

Inovações religiosas.

Com tudo Henrique ceava quebrar com Roma.

Theologia , como pelo objecto do seu amor. Tinha elle escrito contra Luthero , a quem aborrecia especialmente, como desprezador de S. Thomaz , que o mesmo Luthero refutára com injúrias , até chegar a dizer , que *era mais louco do que a propria loucura , &c.* Taõ offendido estava Henrique desta insolencia , quanto lisonjeava ao seu amor proprio , o titulo de *defensor da Fé* , que de Leão X. tinha recebido. Aborrecia o nome de herege ; desejava com ambição a glória de catholico zeloso , e finalmente consentio em ser sentenceado pelo Consistorio , com tanto que os Imperiaes não fossem do número dos Juizes. Se Roma , procedêra com prudencia , teria triunfado deste Principe altivo ; mas a politica Romana descansava sempre nas preocupações antigas.

---

1534.  
Scismacau-  
sado pela  
precipita-  
ção do Pa-  
pa.

A desmesurada precipitação causou hum mal irreparavel. Não chegando no dia aprazado o Correio , que devia trazer a resposta positiva de Henrique , confirmou o Papa a validade do primeiro matrimonio , e o excommungou se persistisse no seu divorcio : e passados dous dias apresenta o Correio a carta. Não se retractaõ em Roma , e por conseguinte já não ha mais remedio. Com effeito , o scisma he logo consummado. O Rei appella para o Concilio geral , segundo o uso : declara o Cléro  
que

que o Bispo de Roma não tem authoridade alguma no Reino, e o parlamento dá ao Soberano o titulo de cabeça suprema da Igreja, e como tal aboliu Henrique VIII. os Mosteiros, apoderou-se das suas rendas, decidio a respeito do dogma, e tanto perseguio os Catholicos fiéis ao Papa, como os Hereges inficionados com o Lutheranismo. Tudo dependia das suas opiniões, e fantesias.

Ultrajado Carlos V., na pessoa de sua tia, achava-se por outra parte cercado de embaraços, e cuidados. Os Turcos, e os Lutheranos igualmente o inquietavaõ. Por huma parte, Solimaõ II., filho de Selim I., muito mais tremendo, do que seu Pai, tinha tomado Belgrado em 1521, e depois tomou Rhodes, donde os Cavalheiros de S. João de Jerusaleem passáraõ para Malta, que lhes foi dada pelo Imperador. O mesmo Conquistador se tinha feito senhor de huma grande parte da Hungria em 1526. Luís, Rei de Hungria, e de Bohemia, fallecido na batalha de Mohacz contra os Turcos, e o Archi-Duque Fernando, herdeiro de ambos estes Reinos, por parte de sua mulher, tinha tido hum competidor, o qual, tendo-se posto debaixo da protecção dos Ottomanos, lhe havia dado occasião para dilatar as suas conquistas. Esta Potencia se fazia cada vez mais

Progressos  
dos Turcos  
governado  
Solimaõ II.

Tomada de  
Rhodes.

Hungria,  
e Bohemia  
disputadas  
ao Archi-  
Duque Fer-  
nando.

mais tremenda, ou por meio das suas proprias forças, ou por meio das desavenças dos Christãos. Solimaão sitiou Vienna em 1529; porém o inverno o obrigou a retirar-se, depois de ter perdido quasi sessenta mil homens.

Progressos  
das Seitas  
inimigas da  
Igreja Ro-  
mana.

Por outra parte, o progresso das seitas, inimigas da Igreja Romana, suspendia o Imperador, posto que a Religião não parecesse influir muito no seu procedimento, cujos primeiros principios foram sempre a ambição, e o interesse. Mostrava-se todavia Carlos defensor da Catholicidade, e conjectura-se que esperava constituir-se por este meio senhor absoluto da Alemanha. Vejamos o que se tinha passado de maior importancia a respeito da reforma; pois importa seguir os seus progressos, visto que ella produzia huma das maiores revoluções na Europa. Se a Doutrina da Igreja chegou a ser infelizmente o ludibrio da politica dos Principes, assim como das paixões, ou preocupações de tantos particulares, não percamos de vista o primeiro principio desta infelicidade; choremos os abusos, que tinham offuscado a mesma verdade; aprendamos quanto he essencial manter a Religião por meio dos costumes, e da prudencia, e sabedoria.

## CAPÍTULO III.

*Em que se trata do Lutheranismo depois da Dieta de Worms. --- Carlos V. vencedor dos Turcos.*

**A** DIETA de Worms de 1521, depois de ter estabelecido hum conselho de regencia na ausencia do Imperador, citou a Luthero; excommungado por Leão X. Munido com hum salvo conducto, não duvidou comparecer; mas recusou alta, e poderosamente retratar-se, em quanto não lhe mostrassem os seus erros. Se prevalecêra o conselho de alguns Ecclesiasticos teria este innovador a mesma sorte, que João Hus. Deixáráo-o partir; porém poucos dias depois, se publicou huma rigorosa sentença, a qual ordenava que o prendessem, des que o salvo-conducto não tivesse já valor. O Eleitor de Saxonia prevenio o golpe, mandando que o levassem para huma floresta, e o encerrassem n'hum castello, onde habitou nove mezes, sem que ninguem tivesse noticia delle. Neste Castello he onde Luthero principiou a traduzir a Escriitura Sagrada. Poucas obras tem sido tão uteis pa-

Dieta de Worms, e a qual Luthero compareceo.

Como Luthero escapou aos Catholicos

ra os feitarios ; porque dando ao Texto Sagrado hum sentido favoravel ao seu systema , tiravaõ d'elle os mesmos feitarios próvas , a que não se sabia ainda responder bem.

Adriaõ VI.  
exhorta pa-  
ra o profe-  
guir , e faz  
protestos  
singulares.

Operações  
notaveis da  
Dieta de  
Nurember-  
gue.

Como a sentença de Worms não se cumpria , e o Lutheranismo se augmentava cada vez mais , Adriaõ VI. , que era sevéro em seus costumes , e Theologo inflexivel , dirigio hum breve á Dieta de Nurembergue em 1524 , por meio do qual exhortava ás ultimas extremidades contra Luthero. Causa notavel ! Este Pontifice reconhecia por outra parte que a corrupção da Corte Romana era a origem do mal ; promettia remediar os abusos , e pedia parecer á mesma Dieta a respeito dos meios de defarrigar a heresia. Porém o zelo dos Allemães não correspondeo por esta vez ás idéas de Adriaõ. Representáraõ que Luthero tinha demasiados seguidores , para que o podessem perseguir com violencia ; propozéraõ hum Concilio geral , como remedio o mais efficaz , e necessario , remettêraõ huma lista de cem itens contra a Corte de Roma , os quaes continhaõ tudo quanto se lhe tinha tantas vezes arguido , exacções , usurpações , injustiças , e escandalos de toda a especie , e concluíraõ finalmente que se a Santa Sé não cuidasse promptamente no remedio , elles em-  
pre-

pregariaõ a sua propria authoridade , a fim de se isentarem destes encargos intoleraveis. Os protestos do Papa , e os cem itens da Dieta , foraõ hum triumpho para o Lutheranismo. Se Carlos V. se tivesse declarado a seu favor , toda a Allemanha teria provavelmente mudado em breve tempo de Religiaõ.

Matrimo-  
nio de Lu-  
thero com  
Catharina  
de Bore.

O casamento de Luthero com Catharina de Bore , religiosa que o mesmo Luthero tinha tirado dos claustros , excitou novos clamores contra elle , e pareceo indecente aos seus proprios amigos , posto que conforme fosse com os principios da Seita. Este exemplo teve infinitos imitadores ; o que deo motivo para hum dito admiravel de Erasmo : *Por mais que se diga que o Lutheranismo he alguma cousa tragico , quanto a mim , nada acho mais cómico ; porque o fim do enredo sempre he hum casamento.* Sensivel ás reprehensões , mas firme nos seus intentos , continuou Luthero a escrever , prégar , augmentar o número dos seus seguidores , e a rechassar os ditos dos seus adversarios. O seu valor era excitado pela grande figura , que fazia no mundo.

A guerra do Imperador com o Papa Clemente VII. , não podia deixar de ser favoravel á refórma. Tudo o que Carlos pediu á Dieta de Spira , em 1526 , foi ef-

Progresso  
da reforma  
no tẽpo da  
guerra do  
Imperador  
cõ Clemẽ-  
te VII.

esperar com paciência pelo Concilio geral, sem dar alento ás novidades. A Dieta todavia vio os Sacerdotes Lutheranos do Eleitor de Saxonia, e do Landgrave de Hesse-Cassel, prégar publicamente a sua Doutrina, e administrar os Sacramentos, conforme os seus ritos. Hum violento manifesto do Imperador contra o Papa animou muito mais os Lutheranos. Mais de huma terça parte da Allemanha tinha já sacodido o jugo de Roma. Os Catholicos, abalados por causa do exemplo, e dos discursos, perdiaõ muito daquella profunda veneração para com a Santa Sé, tão propria para manter os dogmas entre os maiores abusos.

Dieta de Spira d'onde procede o nome de protestantes.

Tudo o que o Imperador, depois do seu ajuste com o Papa, julgou que podia pedir á segunda Dieta de Spira, em 1529, foi que se prohibisse, até ao Concilio geral, que não se accrescentasse nada as innovações, especialmente quanto á Missa, abolida já em muitos Estados. Por muito moderado, que devesse parecer a este respeito o Decreto da Dieta, o Eleitor de Saxonia, o Landgrave de Hessia, outros Principes, e quatorze Cidades Imperiaes, ou livres, protestáraõ. Daqui procedeo o nome de *protestantes*, que veio a ser commum para todos os religiosos.



No seguinte anno, assistio Carlos V. Confissão de Ausburgo. em pessoa á Dieta de Ausburgo, na qual apresentaõ os protestantes a sua confissão de fé, composta por Melancthon, o mais sábio, e prudente de todos os discipulos de Luthero. Examina-se esta confissão: os Theologos disputaõ, como de ordinario, sem outro fructo, que o de se obstinarem mais, cada hum nos seus sentimentos. Hum decreto severo condemna Decreto severo contra os reformados. muitos artigos da doutrina Lutherana, prohibe que não seja tolerado nenhum dos que os ensinaõ, e ordena que se observem exactamente os ritos antigos; com promessa de sollicitar o Papa para convocar em seis mezes hum Concilio geral, no qual se terminariaõ as disputas. Que apparencia podia haver, de que ambos os partidos se sujeitassem já mais ao parecer deste Concilio!

Naõ duvidando entaõ mais os protestantes de que se naõ meditasse a sua ruina; ajuntáraõ-se em Smalkalda, e formáraõ Os protestantes ligáraõ-se em Smalkalda. huma liga em sua defeza, para a qual Francisco I. concorreo occultamente pouco tempo depois. Henrique VIII. muito occupado com o seu divorcio, deo sómente vagas esperanças, e Carlos acabava de Fernando, eleito Rei dos Romanos. fazer eleger Fernando, seu irmão, Rei dos Romanos, com o pretexto de que o Imperio, na sua ausencia, necessitava de

hum chefe poderoso, capaz de rechaçar os Turcos. A Casa de Austria ameaçava evidentemente a liberdade Germanica.

Liberdade  
de consciên-  
cia conce-  
dida por  
causa dos  
Turcos.

As conjunções todavia não davaõ lugar ao Imperador para abater hum partido formidavel por si mesmo, e animado pelo enthusiasmo do zelo de Religiaõ. Via Carlos a Solimaõ prompto para acometter a Hungria com todas as suas forças, a fim de vingar a affronta, que as suas armas tinhaõ recebido á vista de Vienna. Conhecia a necessidade, que havia de lhe oppôr o corpo do Imperio, e receava que enojados os Lutheranos não se esquecessem do interesse geral dos Christãos. A politica fez cahir a mascara do zelo. Em virtude de hum tratado concluido em Nurembergue com os protestantes, e ratificado em Ratisbonna em 1531, concedeo-lhes Carlos a liberdade de consciencia até ao tempo do Concilio, annullando todas as sentenças proferidas pela Camera Imperial contra elles, que se obrigáraõ a soccorrello poderosamente contra o Turco.

1532.  
Grande vã-  
tagẽ alcan-  
çada por  
meio da li-  
berdade de  
consciencia  
contra So-  
limaõ.

Com effeito, nunca se vio exercito Imperial mais possiante do que este. O Imperador, que ainda não tinha apparecido á frente das suas tropas (o que admira em hum seculo de heroismo) tomou esta vez o mando, e teve a gloria de inter-rom-

romper os projectos de hum inimigo terrível, cujas forças constavaõ, segundo se conta de trezentos mil homens. Retirou-se Solimaõ, sem que a campanha tivesse produzido cousa alguma memoravel. Tal foi o fructo de huma concordia infelizmente muito fragil, que o interesse público deveria ter avigorado, e a que outros motivos porém deviaõ em breve tempo dividir.

A esta se seguiu outra expedição mais gloriosa. O célebre Barba-Ruiva, simples corsario nos principios da sua fortuna, tinha-se athenoreado do Reino de Argel, e a fim de o conservar, tinha-se valido da protecção de Solimaõ; e depois de chegar a ser seu Almirante, tirou por traição, e violencia do Throno a Muley-Hascen, Rei de Tunes. Não achando este soccorro algum em Africa, implorou o de Carlos V., que se aproveitou cobiçosamente da occasião, para se distinguir, na esperança de dissipar os terrores com que Barba-Ruiva atemorizava a Hespanha, e Italia. Embarca-se o Imperador n'huma frota de quasi quinhentas velas, com hum exercito de trinta mil homens, com pouca differença; toma de hum assalto a Goletta, Cidade maritima bem fortificada, e guarnecida com trezentas peças de artilharia; marcha para Tunes; encontra-se

Barba-Ruiva usurpador de Tunes.

---

1535.  
Barba-Ruiva vencido e derrotado por Carlos V.

Saque de  
Tunes.

com Barba-Ruiva na frente de cincoenta mil combatedores, e vence-o n'uma batalha. Durante a acção, rompem as prisões, em que estavam dez mil escravos Christãos, fechados em o Castello, e apoderam-se desta fortaleza. Os habitantes de Tunes, vendo-se em estado de se não poderem defender mandam as suas chaves ao vencedor, e furiosa a soldadesca sem esperar as ordens de Carlos, que delibere a respeito do tratamento, que se lhes ha de dar, corre ao saque, espraia-se pela Cidade, comette nella as violencias mais horrorosas, e mata cruelmente mais de trinta mil pessoas.

Tratado cõ  
Muley Hascen.

Muley Hascen foi restabelecido, com a condição de se reconhecer vassallo da Coroa de Hespanha, á qual largaria todos os Pórtos fortificados; de pagar doze mil escudos cada anno para a conservação da guarnição da Goletta, &c. Barba-Ruiva tinha-se retirado para Bona, (antigamente Hipponia.) Ha quem pretenda que podendo Doria acometter a Barba-Ruiva em Bona, não o fizera, para que o Imperador necessitasse sempre dos seus serviços. Este altivo Musulmaõ fará ainda tremer os Christãos, cujas discordias lhe serão uteis.

Negociações  
de Francisco I., sem  
effeito.

Ao mesmo tempo que o Imperador enfatuado com a sua fortuna triunfava com

tudo o fausto em Italia, onde fazia alarde, e ostentação da sua grandeza, o Rei de França se entregava aos sentimentos de odio, vingança, e ambição, que já tinhão produzido successos tão fataes. Francisco I., depois do humilde tratado de Cambrai, meditava novos projectos de guerra, e empenhava-se em mover todas as potencias da Europa; mas as suas idéas não tivêraõ exito feliz. Clemente VII., cuja amizade adquirira Francisco fazendo casar com o Duque (que depois veio a ser Henrique II.) Catharina de Medicis, sobrinha do Papa, morreo antes de cumprir as suas promessas, e Henrique VIII. occupado com as consequencias do seu divorcio, não se quiz metter n'huma empreza arriscada. A liga de Smalkalda, enojada com o procedimeto do Rei a respeito dos protestantes de França, negou-lhe todo o genero de soccorro.

Este Principe acabava de fazer huma acção propria para sobrevar os religionarios. Tendo alguns fanaticos posto editaes contra o Cléro, e contra a Eucharistia, ordenou que se fizesse huma solenne Procissão a fim de reparar o escandalo, á qual elle mesmo assistio, com huma tocha na mão: seus filhos pegáraõ no Palio, e o mesmo Rei pronunciou hum discurso no palacio do Bispo de París com

Zelo que Francisco I. affecta contra os religionarios, aos quaes tinha-se mostrado favoravel.

fer-

fervor, dizendo que *se algum dos seus membros estivesse inficionado de heresia, elle o entregaria, para que o cortassem, e que sacrificaria o seu proprio filho, se acaso o achasse culpado de semelhante crime.* Seis Lutheranos foraõ depois queimados do modo o mais cruel; porque postos em huma máquina os faziaõ descer até chegar ás chamas, das quaes os retiravaõ alternativamente, até que expirassem.

Francisco I.  
procura os  
meios para  
reunir os  
animos.

Tinha todavia Francisco convidado a Melancton para vir-lhe dar conselho a respeito dos meios de reunir os animos. Acerca dos pontos da controversia tinha mostrado aos Allemães da liga huma moderação singular, e não ignorava, que sua irmã Margarida, Rainha de Navarra, amava, e favorecia as novidades. Porém a fermentação dos animos era sem dúvida tão grande, que Francisco julgou não a poder socegar, senão por meio d'aquellas apparencias de zelo, cujos effeitos allás não antevia.

Francisco I.  
tem novos  
intentos á  
respei o do  
Milanez.

Bem que Francisco se visse privado do soccorro dos seus alliados, emprehendido acometter o Milanez, com o pretexto de hum insulto, que Sforça lhe fez na pessoa de hum dos seus Ministros. A primeira cousa, que fez, foi assenhorear-se dos Estados de Carlos, Duque de Saboya, de quem tinha motivos para se queixar,

e desconfiar. Desta circumstancia se aproveitou Genebra, para se constituir absolutamente livre (\*). Morrendo por este tempo Francisco Sforça, e não deixando filhos, apoderou-se o Imperador do Milanez. Pretende então o Rei ser restituído aos seus direitos sobre este Ducado. Entra-se em negociação. Carlos V. demora industriosamente a causa quanto pôde, promette a investidura, humas vezes ao filho segundo, outras vezes ao filho mais moço de França; entretém deste modo o seu competidor, que n'outro tempo tão impetuoso fora, e dispoem-se para opprimillo por meio das armas. Finalmente chegando Carlos a Roma, declama contra Francisco I. em pleno Consistorio, com tanta indecencia, como animosidade, e escandalo; e depois deste insulto, ainda Francisco negocea, ao mesmo tempo que toda a tormenta estava a ponto de cahir sobre elle.

Deixa passar o tempo, quando he necessario obrar.

CA-

---

(\*) Ou para melhor dizer a fim de isentar-se das pretensões sempre novas dos Duques de Saboya.

## CAPITULO IV.

*Carlos V. acomette a França. --- Alliança de Francisco I. com os Turcos. --- Tregoa de Niza. --- Rebelião dos Gantezes.*

1536.  
Carlos V.  
pretende co-  
quistar França.

SE a infelicidade tinha constituido o Rei de França muito circunspecto, a prosperidade tinha inspirado ao Imperador huma presumpção activa, que verificava em seu animo as quiméras do orgulho. Lisonjeava-se Carlos de conquistar facilmente França. Por toda a parte se espalhavaõ não sei que prognosticos magnificos, a que o Imperador dava crédito, talvez por amor proprio, ou de que estimava que fosse instruida a credulidade vulgar. Marcha á frente de cincoenta mil homens, contra o parecer dos seus melhores Generaes, para Piemonte, aproveita-se da perfidia do Marquez de Salussa, homem, a quem Francisco I., tantos favores fizera, e afaz ingrato para abrir o Reino ao inimigo. A Provença he innundada pelos Imperiaes.

A Provença acometida, e libertada.

O Marechal Anna de Montmorenci, e depois Condestavel, tinha felizmente concertado com o Rei os meios de defender-se



se sem perigo. Sacrificando Montmorenci os interesses particulares ao bem geral, tinha assolado todos os campos, e abandonado todas as Cidades, excepto Arles, e Marselha, onde tinha boas guarnições: e elle mesmo estava intrincheirado perto de Avinhaõ, em hum campo que não podia ser acomettido pelo inimigo. A viveza dos Francezes murmurava de hum procedimento tão opposto ao genio nacional; porém Carlos V. conheceo por experiencia propria toda a sua sabedoria. A fome, e as enfermidades, consummíraõ em breve tempo as suas tropas; de maneira que não pode sitiar Arles, e Marselha, nem acometter Montmorenci, e tão pouco movella a huma batalha. Fez huma precipitada retirada, e os Camponezes Provençães matáraõ-lhe tambem parte dos seus soldados (\*). Não foi mais gloriosa huma invasão dos Flamengos na Picardia; pois levantáraõ o sitio de Peronna. Nunca se vio melhor quantos recursos tem a França n'huma guerra defensiva. Que razão póde haver para derramar pródigamente-

Invasão tão  
bem inutil  
na Picardia.

---

(\*) Quando Carlos V. entrou em França, disse a Paulo Jove, seu Historiador, que fizesse provimento de tinta, e de papel, porque lhe daria muito que fazer. Melhor fora, diz hum judicioso Historiador, esperar o successo. *Abregé Chron. de l'Hist. de France.*

mente fóra do Reino o sangue de huma Nação, que póde achar dentro do seu proprio Reino a sua felicidade, e a dos seus Principes?

O Imperador citado para o Parlamento.

Os dous illustres competidores, desde do principio das suas contendas, tinhaõ muitas vezes chegado a insultar-se, e a proferir injúrias, indignissimas da sua Magestade. O odio de Francisco ainda se assignalou com a indecencia; pois ajuntou o Parlamento contra o Imperador. Houve quem pretendesse que *Carlos de Austria*, tendo violado o Tratado de Cambrai, que por conseguinte já não subsistia, devia ser reputado por vassallo do Rei em razão dos Condados de Artois, e Flandres, e que sendo culpado de rebellião, devia estar sujeito á sentença do Tribunal dos Pares. Foi Carlos notificado para comparecer, e no termo da notificação foram confiscados os dous feudos por huma sentença.

Suspeitas temerarias, postas em Carlos a respeito da morte do Delfim.

Tinha este vão insulto sido precedido de cruéis suspeitas, a respeito da morte do Delfim. Montecuculli, seu copeiro, Fidalgo Italiano, exposto aos tratos, confessou-se culpado de o ter envenenado, e accusou dous Generaes do Imperador, a quem se imputou tambem indirectamente esta culpa. Porém huma confissão feita por meio dos supplicios he muito suspeita.

Era

Era provavelmente natural a morte do Delfim ; e demais disso nenhum interesse tinha Carlos V. n'hum crime tão atroz , pois que ainda ficavaõ á França dous filhos ; antes merecia ser suspeita delle Catharina de Medicis , esposa do Duque de Orleans , mulher ambiciosa , e malvada , pois que vinha a ser Delfina. Assim o insinuou Carlos , e a sua conjectura parece bem fundada a respeito do caracter desta famosa Princeza , de que adiante trataremos.

O Rei de França , a fim de sustentar a guerra contra hum inimigo sempre tremendo , faz alliança com Solimaõ , expondo-se deste modo a novas invectivas. Semelhantes tratados até pareciaõ deshonnar o nome Christaõ. Irritar-se para a ruina huns dos outros não causava vergonha ; mas era vergonhoso unir-se com o Turco , ainda na necessidade de soccorro. Que obstaculo levantaõ entre os homens os odios de Religiaõ ! Os Turcos deviaõ acometter a Hungria , e o Reino de Napoles , ao mesmo tempo que o Milanez seria acomettido por hum exercito Francez. Desembarca Barba-Ruiva perto de Trento , e espalha ao longe o terror ; mas os Francezes não chegaõ , porque o Rei não podéra fer muito prompto em tomar as suas medidas. Este inconveniente faz frustrar-se huma

Alliança de  
Francisco I.  
cõ os Tur-  
cos.

Esta allian-  
ça não tem  
effeito.

ma

ma empresa, que devia mudar a face dos negocios: retira-se o Turco prudentemente com a chegada de huma frota mandada por Doria.

1538.

Conferencia, e trégua de Nisa.

Paulo III. (Farneze), Pontifice de avançada idade, unindo ao desejo de pacificar a Europa, o de procurar augmento para a sua familia, propôz finalmente a ambos os Monarcas huma conferencia em Nisa, a fim de finalizar a guerra, e ahi concluíraõ huma trégua de dez annos, entre o Rei, e o Imperador sem quererem vêr-se, nem fallar-se. O Papa andava sempre de hum para outro Monarca: e assentou-se que tudo ficaria na situação actual até á paz. Os dous competidores encontráraõ-se depois em Aguas-Mórtas, e deraõ hum ao outro mutuamente signaes de huma perfeita, e sincera amizade. Estas perpetuas contrariedades se explicação pelos costumes da antiga cavallaria; posto que fundamentalmente a sinceridade antiga só subsistisse na apparencia.

Matrimonio de Ottavio Farneze.

Assassinio de Alexandre de Medicis.

Alcançou o Pontifice o que desejava, obtendo para seu sobrinho, Ottavio Farneze, a filha natural do Imperador, Margarida de Austria, viuva de Alexandre de Medicis, a quem Lourenço de Medicis, seu parente, e amigo intimo assassinára por meio da mais damnada trahição.

Po-

Porém este homicida não soube tirar utilidade do seu crime. O Imperador fez passar Florença ao dominio de Cosme II., filho de Alexandre.

Próva persuasiva dos inconvenientes da guerra, ainda para os maiores potentados, he estarem os recursos de Carlos V. exauridos, dever elle ás suas tropas consideraveis soldos atrasados, e excitar sedições a falta de os poder pagar por toda a parte. Ajunta Carlos em Toledo as Cortes, ou os Estados Geraes de Castilha; representa as suas necessidades, e pede subsidios. Os Hespanhoes tinham muitas vezes murmurado dos novos impostos, que se lhes impunha para hum guerra, que não os interessava. A Nobreza, isenta de impostos pelos seus privilegios, enoja-se, clama, e não quer dar cousa alguma. Despede Carlos a Junta com indignação, e della exclue para sempre os Nobres, e os Prelados, dizendo que aquelles que não pagavaõ imposto algum, não deviaõ deliberar nas Juntas nacionaes.

1539. Carlos V. não pode obter dinheiro das Cortes.

Carlos exclue das Cortes o Cléro, e a Nobreza.

Póde-se julgar do poder, e altiveza dos Grandes de Hespanha, por hum facto particular, de que foi entaõ testemunha a Cidade de Toledo. Sahia o Imperador de hum torneio com a sua Corte, e dando hum Alcaide, a fim de lhe abrir

Altiveza, e indepēdencia dos Grandes de Hespanha.

caminho, com a vara, que levava, no cavallo do Duque do Infantado. Mette o Duque mão á espada, e fere-o. Ordena Carlos ao Alcaide-Mór que prenda logo este Fidalgo. Porém o Condestavel de Castilla adianta-se, manda retirar o Alcaide-Mór, reclama o direito que tem para julgar qualquer Grande, e guia o Duque para sua casa, acompanhado de todos os demais Fidalgos, os quaes applaudem o seu valor. Ficou só hum Cardeal com o Soberano, que teve a prudencia de dissimular; por quanto o rigor só teria então servido de irritar o mal, e inspirar a rebeiliaõ. No dia seguinte mandou o Imperador ordem, e aviso ao Duque para castigar o Alcaide, como quizesse. O qual, movido desta satisfação, em vez de requerer outra cousa, fez hum presente consideravel a este homem, e voltáraõ os Grandes á Corte.

Rebeiliaõ  
dos Gante-  
zes da qual  
Francisco I.  
não se ap-  
proveita.

Com maior violencia se sobleváraõ os Gantezes, a respeito de hum imposto, que julgavaõ contrario aos seus privilegios. Sendo condemnados pelo conselho de Malinas, offerecem a Francisco I. reconhecello por Soberano, entregar-lhe a sua Cidade, e soccorrello para a conquista da Flandres, e Artois. A situação, o commercio, e a oppulencia da terra, deviaõ fazer esta conquista tão pre-  
cio-

ciosa, quanto parecia facil. Porém o Monarca só suspirava por Milão, da qual esperava sempre a investidura. E não satisfeito de rejeitar o lisonjeiro offerecimento dos Gantezes, deo parte ao Imperador de toda a negociação.

Carlos, que conhecia perfeitamente o seu caracter, pede-lhe passagem pelo Reino a fim de ir sujeitar os rebeldes, promettendo a investidura do Milanez, tão desejada, e tantas vezes promettida em vão. Apparencia tinha de huma louca temeridade, semelhante procedimento. Todo o Conselho de Hespanha o desaprovava, e o successo o justificou. As idéas de honra, algum tanto romanescas, de que o Rei de França estava cheio, favoreciaõ os intentos do Imperador, que obteve tudo quanto desejava. Atravessa Carlos com huma comitiva de cem pessoas os Estados de seu competidor; he magnificamente recebido por toda a parte; demora-se seis dias em París, onde he tratado com todas as demonstrações de carinho, e confiança, e parte, sem deixar prova alguma authentica das suas promessas. Consternados os Gantezes, abrem-lhe as suas portas, e no mesmo dia, em que Carlos nasceo em Gante, deo nella a sua entrada, segundo as suas proprias expressões *como*

Carlos obtem a passagem pela França.

---

1540.  
Carlos do-  
ma, e cas-  
tiga os Gã-  
tezes.

So.

*Soberano , e como fuz , com o Sceptro , e com a espada.* Vinte seis dos Cidadãos mais grados foraõ mórtos ; hum grandifmo número delles desterrados , a Cidade privada dos seus privilegios , e condemnada a huma grande multa pecuniaria para a construcção de hum forte , que a sobjugará.

Carlos não  
cumpre a  
palavra q̃  
tinha dado  
ao Rei,

O mesmo , que Francisco I. podia ter antevisto , conheceo em breve tempo por meio do successo. Carlos V. eludio , negou as suas promessas , e concedeo o Milanez a seu filho Filippe II. A malicia de hum causa menos admiração , do que a credulidade do outro : e eis-aqui nova origem de guerra. Victimas feráõ ainda os Póvos das paixões dos seus Principes.



## CAPITULO V.

*Concilio geral convocado pelo Papa Paulo III. --- Continuação de tumultos, e guerras. --- Tratado de Crépi. --- Tyrannia de Henrique VIII.*

**I**NUTILMENTE se procuravaõ sempre os meios de terminar as disputas de religião, mais porfiadas do que outras quaesquer. O projecto de hum Concilio geral, renovado continuamente, continuamente inquietava a Corte de Roma, que contemporizava, segundo a sua politica ordinaria. Quando esta se rendia ás instancias dos Catholicos, com taes cautelas o fazia, que não podiaõ ser convenientes aos protestantes. Os quaes queriaõ a liberdade, e a igualdade, e requeriaõ hum Concilio em Allemanha. Para Mantua o tinha convocado Paulo III., e depois para Vincencia, e desta convocação não resultou mais que as apparencias de huma reforma ordenada pelo Pontifice. *Passa-se o tempo em curar verrugas, dizia Luthero, e desprezaõ-se, ou conservaõ-se as chagas.*

Procedimẽto de Paulo III., a respeito dos negocios dereligião.

Projectos do Concilio.

Os protestantes, em vez de hum Concilio, pediaõ ao Imperador huma conferencia infructuosa de Ratisbonna.

TOM. VII.

O

fe-

ferencia de Theologos, os quaes discutissem entre si as materias de controversia. Esta conferencia, a pezar da opposição do Papa, fez-se na Dieta de Ratisbona, em 1541. Nelle apresentou Carlos huma obra intitulada *Concordia*, escrita com huma moderação, da qual ambos os partidos ficárao descontentes. Concordárao todavia entre si a respeito de diversos artigos de theologia especulativa; mas quanto ao culto, jurisdicção, e ao que toca á prática, os interesses erao muito differentes, e as disputas muito fortes, para que se podessem conciliar.

Decreto  
condemna-  
do pelo Pa-  
pa, e defa-  
gradavel  
aos protes-  
tantes.

Perdidas as esperanças de o conseguir, obrigou o Imperador a Dieta a publicar hum Decreto, declarando que os pontos, concordados entre os Doutores, seriao observados inviolavelmente; que os outros se remetteriao para a decisão de hum Concilio geral; ou não havendo Concilio, para a decisão de hum Synodo nacional, e no caso que o Synodo não tivesse lugar, para o parecer de huma Dieta, que se ajuntaria dentro em dezoito mezes; e que entre tanto não se faria innovação alguma. Indignado o Papa com este auto o condemnou, porque se estabeleciao os leigos Juizes de huma controversia ecclesiastica. Queixárao-se tambem os protestantes das prizaões, que o Decreto pu-  
nha

nha á sua liberdade; mas Carlos desvanecio todos estes queixumes por meio de huma declaração particular, a favor do que elles desejavaõ; ainda a politica o obrigava a respeitállos.

Tinha Fernando, seu irmão, perdido huma parte do Reino de Hungria. João de Zapoli, a fim de o espoliar, tinha attrahido as armas de Solimaõ, do qual se constituirá tributario. Morre Zapoli, deixando hum filho no berço, e Fernando pretende apropriar-se da herança deste menino. O Bispo Martinuzi (\*), que era entrado na regencia com a Rainha Mãi, implora o soccorro do Turco. Emvão se empenha Fernando em precaver o feliz exito da negociação, e humilha-se a offerecer-se para pagar elle mesmo o tributo, que a Porta pedia. Marchaõ os Turcos contra Fernando, fazem levantar ao seu exercito o cerco de Buda, e alcançaõ huma victoria decisiva. Porém Solimaõ, conservando para si mesmo os Estados do Rei menino, manda-o juntamente com sua Mãi para a Transilvania. Esta noticia recebeu o Imperador, durante a Dieta de Ratisbonna. Este o motivo principal da sua condescendencia a favor dos Protestantes.

O ii

Me-

---

(\*) Martinuzi, Cardeal, grande homem de Estado, foi depois assassinado por ordem de Fernando.

Emprezas  
de Carlos  
V. sobre  
Argel.

Meditava Carlos V. por outra parte huma grande empreza contra Argel, onde esperava triumphar, assim como em Tunes. Na ausencia de Barba-Ruiva, governava o Reino de Argel Hascen Aga, oriundo de Sardenha, renegado, eunuco, e grande Capitão, cujas piratarias causavaõ á Hespanha incriveis damnos. Resoluto Carlos a vingar-se, porfiando no seu intento, e fechando os olhos ao perigo, furdo ás demonstrações, e ás súplicas do célebre Doria, embarca-se no Outono juntamente com as melhores tropas, que tinha, e apparece á vista de Argel em 20 de Outubro. Apenas Carlos desembarcou, logo huma horrorosa tormenta de agua, e vento alaga o terreno, sem o exercito ter nem barracas, nem asylo, nem socorro. Passa-se a noite em o lodo, e grande parte da frota faz-se em pedaços. Os Argelinos acomettem humas tropas frouxas, e opprimidas com o pezo das armas, e perdido ficava Carlos V., senão se retirasse promptamente. Tendo Doria, por dita sua, vencido a tempestade, esperava pelo Imperador no cabo de Metafuz, distante quasi tres dias de marcha. Chega Carlos ao Cabo de Metafuz por entre mil perigos, e antes de aportar á Hespanha, experimenta novos perigos pelo mar. Esta infeliz expedição não deixaria de enfi-

nar-

nar-lhe a quanto se expõem quem reprova os bons conselhos. Porém se ella humilhou, e abateo a sua altiva presumpção, alcançou-lhe todavia a glória de distinguir o seu valor, constancia, generosidade, e docilidade; virtudes, que não luziaõ nelle tanto no decurso das suas prosperidades. Talvez que o mesmo Carlos nunca se mostrasse tão grande, como entre os infortunios.

Pretendia Francisco I. romper a tre- Novo pro-  
jecto de  
guerra pa-  
ra Francis-  
co I.  
goa de Nisa; pois a má fé do seu competitor o excitava para a vingança. Déraõ-lhe hum motivo de contenda, mais digno para o obrigar a armar-se. Dous Embaixadores enviados por Francisco I., a fim de negociar, e tratar, hum para a Porta, e outro para Veneza, foraõ assassi-  
finados no caminho, por ordem do Marquez de Guasto, Governador de Milaõ, ao mesmo tempo que Carlos V. se preparava para a expedição de Argel. Não recebendo Francisco satisfação alguma desta injúria, empenhou-se em interessar a Europa na sua vingança. Porém não teve outros alliados senão os Reis de Suecia, e Dinamarca (primeiro exemplo de confederação com o Nórte), e Solimaõ, com o qual renovou a sua alliança, a pezar das intrigas de Carlos V. Suas allia-  
ças.

Francisco  
I. tinha a-  
lienado os  
protestâtes  
e Henrique  
VIII.

Como tratava rigorosamente os Lutheranos, a fim de desvanecer de certo modo, com algumas apparencias de zelo, o crime que se lhe imputava da alliança do Turco, não quizeraõ os protestantes de Allemanha alliar-se com elle. Muito pouco tinha respeitado o caracter violento de Henrique VIII., a quem tambem enojára, oppondo-se ao casamento de Duarte, seu filho, com Maria, Rainha de Escossia, que ainda era menina de berço: este casamento estava delineado, com o intento de reunir ambos os Reinos. Aproveitou-se o Imperador das disposições do Monarca Inglez, esqueceo-se da injúria feita a Catharina de Aragaõ, que era já morta, e concluiu com Henrique huma liga offensiva, e defensiva contra a França. Allegou pretextos de Religião contra o alliado de Solimaõ, sem ter o menor escrupulo de alliar-se com o maior inimigo da Igreja Romana.

Liga de He-  
nrique cõ o  
Imperador.

---

1542.  
Cinco ex-  
ercitos Frã-  
cezes.

Assim que a guerra se declarou, pôz Francisco cinco exercitos em campo: o que he próva da vantagem, que o Rei de França achava na constituição da sua Monarquia, onde os subsidios eraõ mais abundantes, mais promptos, e as levas de tropas mais faceis, sendo menos limitada em França a Real Authoridade. A primeira campanha não correspondeo a estes im-

men-

menhos preparos. O Duque de Orleans, Primeira campanha sem successo. cujos exitos eraõ felices nos Paizes-Baixos, teve a imprudencia de abandonar as suas conquistas, a fim de ir para o Ros-silhaõ, onde o Delfim seu irmão cercava Perpilhaõ. Lisongeava-se elle de ter igual parte com o Delfim na honra de huma victoria; porém só a teve na ignominia de levantar o cerco.

No anno seguinte, tomou Francisco Landreci, e debalde tentou Carlos restaurallo novamente. Porém o Conde de Enguien, e Barba-Ruiva precipitáraõ-se no sitio de Niza. Vêr os Francezes, e os Turcos reunidos nesta expedição, foi hum escandalo muito extraordinario para a Europa: hum successo feliz teria confundido os Censores. Mais felizes successos teve Solimaõ na Hungria, onde ainda se senhoreou de muitas Praças.

Quanto mais embaraçado estava Carlos V. por causa da guerra, tanto maior consistencia, e attrevimento tomava a famosa Liga de Esmalkalda; que ultimamente protestára com toda a solemnidade contra a Camera Imperial, pedindo que se reformasse hum Tribunal, do qual infinitas razões tinha para queixar-se, e não querendo contribuir para a defeza da Hungria. Muito importava ao Imperador, assim o precaver hum rompimento total com

Cerco de Niza, levantado pelos Francezes, e pelos Turcos.

1544.  
Attrevimento dos protestantes da Alemanha.

os protestantes, como empenhallos sobre tudo em o servir contra a França. Sobmettendo-se arditosamente ás conjuncturas, obteve dos protestantes tudo quanto desejava. A Dieta de Spira, em que presidio o Imperador, suspendeo todos os Decretos contrarios á liberdade de consciencia, e concedeo o exercicio público da Religião protestante, até ao Concilio geral, ou nacional, que ella declarou ser necessario. Nesta occasião os protestantes, e os demais membros do Imperio, declarárao-se inimigos de hum Rei alliado dos Turcos.

O Imperador grãjea a amizade dos protestantes deixando-lhes a liberdade da Religião

Victoria inutil da França em Cerizolas.

A França, exposta a tremendas invasões, não deixou todavia de gozar ainda das delicias da victoria. O Conde de Enguien, que sitiava Carinhaõ no Piemonte, tinha ordem de evitar os perigos de huma batalha. Vinha Gualto acomettello: os Francezes ardiaõ por combatter: Montluc, Official Gascaõ, animoso, e valeroso, foi despachado para o Rei a fim de obter d'elle licença para isso, a qual alcançou com o seu enthusiasmo militar sem embargo das razões do conselho. Ganhou Enguien huma victoria completa em Cerizolas; porque mais de dez mil Imperiaes ficáraõ mortos no campo, e os Francezes perdêraõ quasi duzentos homens. Quiz a desventura que entaõ estivesse o Rei-



Reino em grande perigo. O Rei chamou huma parte das tropas victoriosas : e por este meio foi inutil tão grande victoria.

Se Carlos V., e Henrique VIII. tivessem executado o seu ajuste, ameaçado estava Francisco I. de hum catastrophe quasi inevitavel. Ambos deviaõ, cada hum á frente de hum exercito numerozo, entrar pelo interior das Provincias, sem pôr cercos, a fim de unir as suas forças perto de París. Porém a vontade de tomar Praças quebrou as linhas, que tinhaõ lançado. Perdeo o Imperador cinco semanas á vista de S. Desiderio, Cidade desprovida de tudo, a qual defendeo o Conde de Sancerre com admiravel constancia: e para o determinar a render-se foi necessário fingir huma licença do Rei. Henrique, pela sua parte, sitiava Bolonha, e Montereio. Hia-se a estação adiantando. A Champanha tinha sido assolada, assim como n'outro tempo a Provença, a fim de que a penuria consumisse o inimigo. E posto que Carlos se apoderasse do Castello de Thierry, e o terror se espalhasse pela Capital, já se receava das consequencias desta expedição; de maneira que concluiu a paz em Crépi junto á Meaux, sem o consentimento do Rei de Inglaterra.

Os inimigos perdẽ o tẽpo em pôr cercos.

Tratado de  
Crépi en-  
tre Carlos,  
e Francisco.

O tratado de Crépi declara que o Imperador dará em casamento ao Duque de Orleans, ou sua filha primogenita, com os Paizes-Baixos, ou a filha segunda de Fernando seu irmão, com a investidura do Milanez; que Carlos, renunciará as suas pretensões a respeito da Borgonha, e Francisco I., as suas a respeito de Nápoles, Flandres, e Artois, e que ambos se unirão a fim de declarar guerra aos Turcos. Ambos estes Principes, se obrigão por meio de hum artigo secreto a tomar as medidas mais efficazes, ou para alcançar hum Concilio, ou para exterminar a heresia nos seus Estados. Todas as conquistas feitas depois da tregoa de Nisa deviaõ restituir-se. O Duque de Saboya devia entrar novamente na posse dos seus dominios, excepto de Pinheirol, e Montemeliano, assim que o Duque de Orleans tivesse a parte, que se lhe destinava.

Morte do  
Duque de  
Orleães que  
desconcer-  
ta as medi-  
das toma-  
das para a  
guerra.

Morreo o Duque de Orleans antes de consummar-se o seu casamento, e com esta improvisa morte, ganhava infinitamente Carlos, o qual reprovou as preposições de Francisco, que pedia alguma compensação, e des de então podia reclamar as suas antigas pretensões. Francisco, doente, e cansado de guerras, callou, e soffreo o seu justo pezar.

Henrique VIII. continuou as hostilidades, sem successos memoraveis, até o anno de 1546, em que fez a paz. Conser-  
vou Bolonha, com condição de a resti-  
tuir dentro em oito annos por oito cen-  
tos mil escudos de ouro. A guerra tinha-  
lhe custado hum milhaõ trezentas quaren-  
ta mil libras esterlinas. Deste modo he  
que se arruinão com empresas ambiciosas,  
das quaes esperavaõ tirar grandes utilida-  
des. Henrique tinha tido esperanças de  
conquistar a Normandia, Guienna, e tal-  
vez a Coroa de França: pois com quan-  
tas quiméras não entretinha elle o seu  
orgulho?

Henrique  
VIII. faz a  
paz, não  
tendo qua-  
si nada ad-  
quirido.

Demoremos-nos hum instante neste  
lugar para notar as paixões deste Monar-  
ca, das quaes sempre foi escravo, assim  
como sempre foi o tyranno do seu Po-  
vo; e os vicios que o arrastáraõ de huns  
para outros excessos, corrompêraõ as ex-  
cellentes qualidades que Henrique possuia  
da natureza. Este Principe, podendo che-  
gar a ser hum grande homem, chegou a  
ser hum monstro. A mesma Anna Bolena,  
que fora collocada sobre o Throno em lu-  
gar de Catharina de Aragaõ, experimen-  
tou em breve tempo os seus desgostos,  
e a sua barbaridade. Outro amor desvane-  
ceo aquelles encantos, a que tudo fora  
sacrificado; e a nova Rainha por humas  
sim-

Este Prin-  
cipe, escravo  
das suas  
paixões: os  
seus seis  
matrimo-  
nios.

simples suspeitas, padeceo a sentença, e supplicio, e succedeo-lhe no seguinte dia sua competidora, Joanna Seymour, fazendo o Rei declarar nullo o outro matrimonio. Morrendo Joanna Seymour em 1537, depois de lhe ter dado hum filho (o Principe Duarte), casou Henrique com Anna de Cleves, que foi quasi ao mesmo tempo repudiada por frivolas razões, que houve por boas o Cléro, e o Parlamento. Recebeo depois a sua mão Catherina Howard, para passar do thalaino ao cadafalso: o crime, porque se lhe cortou a cabeça, foi o ter tido alguns amores na sua mocidade. A mesma sorte quasi que esteve para experimentar Catherina Par, sexta mulher de Henrique; porque na conversação mostrou não discorrer como elle a respeito da Theologia. Dada estava a sentença de morte; e tendo Catharina noticia da sentença por meio de hum feliz acaso, desfarmou o tyranno com sua astucia em lisonjeallo.

Henrique  
dictava ao  
Parlamêto  
Leis absur-  
das, e san-  
guinarias.

Hum méro instrumento era da tyrannia o Parlamento, humilde, cobarde, sem força, e sem honra. As leis absurdas, e sanguinarias dictadas pelo Principe, não encontravaõ opposição alguma, e por consequente a respeito da infeliz Catherina Howard, se declarou digna de morte huma Rainha, que passando ainda por virgem

no tempo do matrimonio , não teria desenganoado o Rei , se ella mesma não o estivesse : a mesma pena se decretou contra toda a pessoa , que suscitando das desordens da Rainha , não desse parte dellas , ou ao Rei , ou ao Conselho. Deste modo huns estatutos contradictorios prohibirão sob pena de alta traição , não só defender que os dous primeiros matrimonios do Rei foraõ legitimos , mas tambem proferir palavra alguma offensiva contra as Princezas Maria , e Isabel , filhas destes matrimonios , e por isso mesmo declaradas ambas por bastardas ,

Henrique VIII. , em materias de Religião , mais do que em tudo , mostrou-se extravagante , e igualmente atroz. Exercia o poder espirital , que tinha feito attribuir a si , como Theologo despotico , armado com a espada para estabelecer as suas opiniões. Castigava com furor todo aquelle , que se attrevia a não pensar como elle , variando o mesmo Henrique no seu modo de pensar. Os seus Artigos de Fé dependiaõ de hum instante de capricho. Como era inimigo vehemente da Igreja Romana , e da sua Cabeça , tambem era vehemente zelador da maior parte dos dogmas estabelecidos pela authoridade da mesma Igreja. A presença Real , as missas rezadas , a confissão au-

Seus caprichos tyrannicos em materia de Religião.

O que Henrique VIII. pertencia q se conservasse da Igreja Romana.

Morus, e  
Fisher exe-  
cutados.

ricular, o celibato ecclesiastico, e a obrigação de observar o voto de castidade, foraõ Leis do Estado, a que ninguem podia faltar sem expôr-se aos supplicios. O Parlamento fez a respeito destes objectos hum famoso estatuto, digno de ser chamado *Estatuto de sangue*. Porém o crime maior era negar, ou duvidar da superioridade do Rei; n'humas palavras, não dar juramento de a reconhecer. Este o motivo, que levou ao cadafalso o illustre Chancellor Thomaz Moro, ou Morus, e Joaõ Fisher, Prelado de raro merecimento. Reformar deste modo a Religião, e abrir a porta ao fanatismo, parece ser quasi o mesmo.

## C A P I T U L O VI.

*Principio do Concilio de Trento. --- Guerra contra os Protestantes de Allemanha.*

*--- Fim de Francisco I., e de Henrique VIII.*

Os Catho-  
licos reque-  
riaõ sem-  
pre hũ Co-  
cilio.

**T**ODOS os projectos de Concilio geral tinhaõ sido infructuosos depois do estabelecimento do Lutheranismo. Posto que hum grande experiencia desse motivo para crêr, que estas grandes Juntas, em que  
as

as paixões humanas se confundem, necessariamente com as cousas Divinas, podem definir os dogmas sem terminar as disputas, e que os seus mais sábios, e mais prudentes decretos não curam chagas inveteradas: nenhum outro meio viaõ os Catholicos de suspender o curso da heresia, nem de remediar as desordens da Igreja. Os seus Principes importunavaõ o Papa a respeito deste importante objecto, talvez menos na esperança de hum bem sólido, do que na idéa de parecerem zelosos pela boa causa.

Desejava especialmente Paulo III. assegurar Parma, e Placencia para Pedro Luís Farneze, seu filho bastardo, e soffria com impaciencia não querer o Imperador consentir em hum desmembramento tão escandaloso do Estado Ecclesiastico. Este Pontifice interessado não podia ser hum verdadeiro reformador: com tudo sujeitava-se aos rogos da catholicidade, quanto permittia o seu interesse particular, e convocou o Concilio de Trento para o anno de 1545. O Imperador empenhou-se para obrigar os protestantes a sujeitar-se á Dieta de Worms, e a resposta, que elles déraõ, foi que nem a apologia da sua doutrina se dignariaõ de comprehender n'hum Junta sujeita á influencia do Papa; que o Papa não podia ser o seu Juiz, pois que

Paulo III. occupado com a sua familia, convocava não obstante o Concilio de Trento.

Os protestantes não se querem sujeitar ao Concilio.

que em os excommungar se tinha feito sus-  
peito, e visto que convocava este Conci-  
lio só com a idéa de os condemnar. As suas  
razões, posto que fracas, eraõ especio-  
sas, e a sua obstinação invencivel (\*).

Cessa o Im-  
perador de  
os respei-  
tar.

Desconfiavaõ os protestantes já das  
intenções de Carlos, o qual com effeito  
meditava a sua ruina. Não tendo o Im-  
perador já as mesmas razões politicas pa-  
ra respeitillos descobrio, e manifestou os  
seus sentimentos em diversas conjunções.  
O Arcebispo Eleitor de Colonia pretendia  
estabelecer o Lutheranismo, e os seus Co-  
negos appelláraõ para o Papa, e para o  
Imperador, o qual recebendo a sua appel-  
lação os protegeo, e durante a Dieta de  
Worms impôz silencio aos Prégadores Lu-  
theranos, deixando prégar contra elles hum

Porém o  
seu partido  
augmenta-  
va-se.

Monge de Italia. Porém o seu partido era  
tremendo por causa do seu número, e a  
elle se unio tambem Frederico, Eleitor  
Palatino juntamente com o seu Eleitora-  
do. Gozou Luthero, antes da sua mór-  
te deste novo triumpho. Nunca homem al-  
gum teve talvez successos tão lisonjeiros  
para o amor proprio: motivo porque des-  
prezando Luthero a fortuna, sempre foi  
susceptivel de vaidade. Morreo em 1546.

De-

---

(\*) He necessario julgar dos Protestantes, depois  
do successo.



Deve-se-lhe o seguinte elogio, que apezar do impeto do seu caracter, sempre impedio que os seus sequazes principiassem a guerra civil. Porém de quantas infellicidades não o devemos nós arguir de ter sido causa!

Já a abertura do Concilio estava feita. Quarenta Prelados somente formavaõ no principio hum Congresso, que devia representar toda a Igreja. Estes Prelados reguláraõ ao principio que se trataria ao mesmo tempo da fé, e da refórma, e o Papa pretendia que primeiramente se tratasse do dogma. O Imperador tinha requerido que a refórma, cuja idéa atemorizava sempre a Corte Romana, fosse estabelecida antes do dogma. Tanto menos disposto estava Paulo III. a favorecer as suas idéas, quaõ longe estava este Principe de confirmar a investidura de Parma, e Placencia, a favor de seu filho, allegando por motivo, que ambos estes Estados eraõ feudos do Imperio, dos quaes o Papa não podia dispôr. A Casa de Farnese os conservará com tudo até á sua extincção.

Os primeiros Decretos do Concilio acomettêraõ directamente os principios da doutrina dos protestantes. Foraõ declarados por Livros canonicos da Escriitura Santa, muitos daquelles, que antigamente se

1545.  
Principio  
do Concilio.

Investidura de Parma.

Primeiros Decretos a respeito da Escriitura, e da Tradição.

nomeavaõ *apocrifos*; decidio-se que a tradição da Igreja não tinha menos authoridade, do que a revelação; consagrou-se a *vulgata*, como traducção authentica, e o Papa queixou-se de que a Junta, ainda pouco numerosa, pronunciasse tão depressa a respeito de objectos tão importantes.

O Papa os irrita, depondo o Arcebispo de Colonia.

Porém ao mesmo tempo que estes Decretos, acompanhados de excommunhões, annunciavaõ aos protestantes huma condemnação total, o Papa augmentou a sua ira, e as suas inquietações, depondo por meio de huma Bulla o Arcebispo de Colonia, como convencido de heresia, e desfobrigando os seus vassallos do juramento de fidelidade: prova sufficientemente clara de que o Papa estava de intelligencia com o Imperador.

1546.  
Carlos V.  
une-se com  
Paulo III.  
contra os  
protestan-  
tes.

Diffimulando Carlos os seus intentos, muito tempo havia que se preparava. Concluiu com o Turco huma tregoa de cinco annos, e huma liga com o Papa; semeou ou fomentou a desunião entre os Principes Lutheranos, cujos interesses particulares deviaõ oppôr-se ao interesse geral da sua Igreja; e affectou principalmente não acommetter a sua Religião, porque o zelo da sua defeza os teria infallivelmente reunido. Finalmente trahindõ as noticias de guerra, e a marcha das tropas, sua politica, confessou Carlos na

Die-

Dieta de Ratisbonna que elle se armava ; e protestou novamente que sem pretender violentar a Religião dos subditos do Imperio , se dispunha unicamente para defender os direitos da Dignidade Imperial , e castigar alguns membros sediciosos.

O seu tratado com Paulo III. declarava todavia que elles uirãõ as suas armas para enfrear os Hereges de Allemanha , e obrigarlos a sujeitar-se , assim ao Concilio de Trento , como á Santa Sé. Em virtude deste Tratado se obrigava a repartir com o Papa as conquistas , que entre elles se fizessem , e o Papa lhe concedia por hum anno ametade das rendas Ecclesiasticas da Hespanha , além da licença de alienar nella huma certa quantida- de de terras pertencentes ás Casas Religiosas. Eis-aqui como Carlos V. , seguindo o exemplo de Fernando , o Catholico , fazia ludibrio da verdade , e enganando os homens , tendia ao seu fim.

Cedo ou tarde se descobre a verdade , e apparece a fraude. O mesmo Paulo foi quem descobrio a maranha. Altivo Paulo por causa de huma liga formada contra os inimigos da Santa Sé , publicou os seus Artigos n'huma Bulla , exhortando os fiéis a que concorressem para a mesma liga a fim de ganhar indulgen-  
P ii cias.

Condições do tratado, contrarias aos seus publicos pro- teitos.

O Papa revela imprudentemẽte o segredo.

cias. Esta triste indiscricão não desconcertou o Imperador; o qual não só perseverou nas suas falsas declarações, mas também teve a industria de persuadir huma parte dos protestantes.

Forças formidaveis dos protestantes.

O maior número conheceo melhor do que nunca quaõ ameaçadas estavaõ a sua Religião, e a liberdade do Imperio. Resolutos estes a rechassar a força por meio da força, se preparavaõ vigorosamente para a guerra. Os Protestantes sollicitáraõ os Venezianos, os Suissos (\*), Henrique VIII., e Francisco I., para os defender contra hum despotismo, que depois de ter opprimido a Allemanha se extenderia pelo resto da Europa. Nenhuma destas negociações teve effeito, nem os protestantes tinhaõ necessidade de soccorro; pois em poucos mezes pozeraõ prompto hum exercito de mais de oitenta mil homens, provido abundantemente das munições necessarias. Os Eleitores de Colonia, e Brandeburgo ficáraõ neutraes, assim como o Eleitor Palatino. Mauricio de Saxonia,

Mar-

Muitos cõ tudo tinhaõ-se de-fannexado da liga.

---

(\*) Os Suissos foraõ convidados, por hum breve do Papa, para dar soccorros contra os protestantes, e o Embaixador de Carlos V. os sollicitava fortemente para este fim. Desculpáraõ-se elles dizendo que se não queriaõ metter em negocios do Imperio, e n'huma Dieta solemne, que houve em Baden em 1547, renováraõ os mesmos Suissos a sua promettendo huns e outros defender-se fielmente.

Margrave de Misnia , declarou-se a favor do Imperador , com dous Principes de Brandeburgo. Todos eraõ protestantes. O Eleitor de Saxonia , o Landgrave de Hessa , o Duque de Witemberg , os Principes de Anhalte , e as Cidades de Aufburgo , Ulm , e Strasburgo , contribuíraõ sómente para taõ tremendo armamento. Taõ fecunda era Allemanha em guerreiros , e taõ inflammado estava o zelo religioso , e politico neste pequeno número de Estados.

Achava-se Carlos em Ratisbonna com poucas trópas ; e acomettendo-o os confederados repentinamente teriaõ sem dúvida acabado a guerra. Os protestantes , ou porque respeitavaõ os usos , ou porque temiaõ fazer-se odiosos , ou tambem por motivo da frouxeza natural dos Allemaes , em vez de obrar , escrevêraõ. O Imperador teve o valor de naõ responder ao seu manifesto , senaõ desterrando do Imperio o Eleitor de Saxonia , e o Landgrave de Hessa , que eraõ os principaes da liga : acção tanto mais affouta , quanto deveria ser regularmente authorisada por huma Dieta. Esta sentença os sujeitava ás penas da rebelliaõ , entregando os seus Estados a quem os podesse acometter. Mandáraõ entaõ os protestantes declarar guerra por hum heraldo , e principiáraõ a campanha.

Os protestantes efcrevem em lugar de acometter prôptamente.

Constancia atrevida do Imperador.

Carlos pre-  
vê as suas  
divisões.

Tiverão tempo para chegar o exercito do Papa, e outros soccorros. O Imperador, acampado perto de Ingolstadt, evitava prudentemente huma batalha, e bem que os inimigos podessem acometello com vantagem, não o fizeraõ. Ambos os seus Cabos, sendo de caracter totalmente differente, tinhaõ igual authoridade; e por conseguinte faziaõ-se mal as operações. Nada escapava á sagacidade do Imperador; o qual antevia que os Membros deste grande Corpo não se uniriaõ sempre, e que huma vez que se separassem, perderiaõ as forças: o que com effeito succedeo.

Mauricio  
de Saxonia  
acomette o  
Eleitorado  
de seu Pri-  
mo.

Mauricio de Saxonia, Principe astuto, e ambicioso, sem respeito á sua Religiaõ, nem ao seu sangue, a que todavia affectava amar, apodera-se dos Estados do Eleitor, seu primo, sob pretexto de precaver a invasão de algum Estrangeiro. Permittem os confederados ao Eleitor guiar suas tropas contra o perfido; e apenas este se aparta, logo todos se separaõ. Conhecem entaõ a sua fraqueza, e tremem. Aproveitando-se Carlos da occasião, poem-se em movimento no rigor do inverno, e assenhorea-se de algumas Cidades. Sobmette-se Ulm, e leva trás de si, com o seu exemplo, quasi todos os membros da liga. Já os confe-

derados pedem perdão de joelhos, e experimentaõ a soberania de hum Principe altivo, o qual os condemna a rigorosas compensações: como se tivera segura a fortuna.

Os côfederados dividem-se, e pedem perdão.

O Eleitor de Saxonia tinha todavia recuperado os seus Estados; além de ter tomado ao perfido Mauricio a Misnia, excepto Leipzique, e Dresda. O Imperador porém se dispunha para o destruir, assim como tambem ao Landgrave de Hessa. Este intento ficou suspenso por causa das circumstancias. E arrependendo-se já Paulo III. de ter contribuido para o augmento de huma potencia, de que a Italia poderia chegar a ser victima; escandalizado por outra parte, porque não lhe davaõ parte alguma das conquistas, nem das contribuições, e porque o vencedor, em vez de manifestar o seu zelo pela fé, tolerava no seu proprio campo a prática do Lutheranismo; Paulo, digo, retirou as suas trópas, de fôrma que o exercito Imperial ficou consideravelmente diminuido.

A Saxonia tomada novamente pelo Eleitor.

Paulo III. invejoso, retira as suas trópas.

Recebeo-se ao mesmo tempo aviso da conjuração extravagante de Fiesco, nobre, e opulento Genovez, que emprendeo exterminar os Dorias, e assenhorear-se da República. Esta conjuração, dirigida com igual habilidade, e audacia,

Côjuração de Fiesco de Genova.

fô

fô se desvanecio por motivo de hum accidente. Affogou-se Fiesco no mesmo Porto , em que ultimamente se assenhoreára da fróta. Suspeitando o Imperador que esta empreza não fora executada sem o concurso das Cortes de França , e Roma , e que se formava contra elle alguma conspiração , a prudencia o refreou para não continuar em suas proezas.

1557.  
Francisco I.  
morre quando se preparava para restabelecer o equilibrio.

Cuidava effectivamente Francisco I. em restabelecer o equilibrio, do qual toda a Europa necessitava, a fim de livrar-se da oppressão. Tratava com Solimaão, com o Papa, com os Venezianos, e com os Protestantes da Allemanha, e com a Inglaterra, e Dinamarca. Além de que augmentava os seus erarios, levantava tropas, e formava armazens. A experiencia o tinha constituido prudente, e sabio, e já as paixões não o distrahião. Muito motivo pois tinha Carlos V. para recear. Porém a fortuna, que tanto era sempre a seu favor, ainda deo mostras de contentar a sua ambição. Morreo Francisco de cincoenta e dous annos de idade, da vergonhosa molestia, que se alcançava por causa dos excessivos vicios, cuja molestia se introduzira com o ouro da America.

Suas boas,  
e mas qualidades.

As admiraveis qualidades deste Principe, a sua sinceridade, bondade, honra,



ra, generosidade, e valor, não podêraõ encobrir os seus defeitos, pois era temerario nas empresas, negligente nos negocios, leviano no proceder, e excessivo nas despezas, e delicias. Por muito merecimento que Francisco tivesse, não seriaõ tantos os elogios que prodigamente lhe fariaõ, senão tivesse protegido, e favorecido os homens sábios, cujos votos estabelecem a reputação dos Soberanos. Fundou Francisco I. o Real Collegio, e a Typografia Regia, e excitando elle mesmo a cultura das linguas sábias, teve a prudencia de ordenar que os autos públicos fossem escritos em Francez. Animou do mesmo modo as bellas Artes, edificou Fontenebleau, e principiou a obra do Louvre; e a fim de civilisar os costumes da Corte, acareou a ella as mulheres mais respeitaveis, e os Bispos mais distinctos. Porém as mulheres, e os Bispos formáraõ logo nella várias intrigas.

Protecção  
concedida  
às letras, e  
às artes.

Ao Cardeal de Tournon, mais zeloso sem dúvida do que humano, se deve principalmente a execução de huma sentença barbara do Parlamento de Aix, suspensa havia alguns annos pela Corte, e cujas consequencias foraõ horrorosas. Tinhaõ-se condemnado a ser queimados como hereges, todos os pais de familia de Merindol, com ordem de arrazar todas as casas

Barbaridade, com  
pretexto de  
religião,  
em Provença.

fas deste grande lugar, e arrancar as proprias arvores das florestas vizinhas. Assim que a Corte permittio a execucao desta sentença, dous Magistrados, mais dignos do nome de algozes, á frente de hum corpo de tropas, comettêrao crueldades, que certamente não se tinhao antevisto; pois matárao cruelmente tres mil pessoas, sem distincão nem de idade, nem de sexo. A pequena Cidade de Cabrieres, e Merindol, e vinte dous Lugares, ou Aldeias foraõ victimas das chammas. Huma barbaridade tão propria para fazer odiosos os Catholicos, pôde ser considerada como signal de guerras atrozes, que seráo ateadas no Reino pelo fanatismo.

ABretanha  
reunida á  
coroa.

Neste Reinado, foi reunida a Bretanha á Coroa em 1532, e os mesmos Bretoes foraõ obrigados a requerer a uniaõ.

Morte de  
Henrique  
VIII.

Dous mezes antes da morte de Francisco I., morreo Henrique VIII., em tudo despotico, excepto na cobrança dos subsidios. A supressão dos Mosteiros tinha-lhe alcançado grandes riquezas, das quaes elle não se aproveitou; pois os seus Cortezãos absorvêrao as rendas de todos. Carlos V. o reprehendia de *ter morto a gallinha, que lhe dava ovos de ouro*; porque com effeito tinha-se privado dos grandes impostos, que antigamente se impunhaõ assim á Igreja, como aos Monges. Ao Prin-

ci-

cipe Duarte , filho de Joanna Seymour , pertencia a Coroa , em virtude do seu testamento ; na falta deste Principe , a Maria , filha de Catharina de Aragoão , e depois a Isabel , filha de Anna Bolena. Todos tres reináráo successivamente.

---

## C A P I T U L O VII.

*Carlos V. opprime a liberdade Germanica.*

*— Henrique II., Rei de França. —*

*Continuação do Concilio de Trento.*

**E**RA Henrique II., filho, e successor de Francisco I., Principe guerreiro, porém imprudente, mais proprio para se deixar governar por huma concubina ; do que para seguir hum systema de politica. Desvanecêrao-se os receios do Imperador, e este não se demorou mais em executar o seu intento contra os principaes da liga protestante. Com desasseis mil homens sómente, soldados veteranos, equivalentes a hum numeroso exercito, marcha Carlos para Saxonia ; chega á margem do Elba defronte de Muhlberg ; emprehendo, a pesar das representações dos seus Capitães, passar á vista do inimigo, este rio, que tem de largura trezentos passos ;  
dá

A Saxonia  
acometida  
por Carlos  
Quinto.

dá elle mesmo o exemplo aventurando-se tambem ao perigo, e o exito feliz corôa o seu valor, e justifica as suas esperanças.

O Eleitor  
João Frederico  
vencido, derro-  
tado, e prisi-  
oneiro em  
Mulhosen.

O Eleitor João Frederico, por extremo irresoluto, e circumspecto nas deliberações, bem que muito valeroso na acção, e intrépido nos contratempos, não se tinha acautelado muito bem. Estava João Frederico acampado em Mulhosen junto á Muhlberg; sabe repentinamente da passagem do Imperador, que o vem acometter; e valendo-se então de todas as forças da sua alma, dispoem-se para a batalha, e combatte como hum herôe. Ficando vencido, ferido, e prisioneiro, sopporta a soberba insultadora do vencedor, sem dar mostras de abatimento, nem paixão. Não podia Witemberg, sua Capital, deixar naturalmente de succumbir, á vista da consternação, que se espalhou com o seu desbarato. Porém a Eleitora, Sibilla de Cleves, mulher digna da immortalidade, animou os habitantes, deo providencia a tudo, e foi parte para o Imperador temer-se de ficar mal á vista desta Praça.

João Frederico he condemnado á morte, sem se confternar.

Na dúvida, e embaraço, em que Carlos V. se achava, inspirou-lhe a politica huma acção de despotismo, que lhe desdourou a sua glória, assegurando-lhe o

fe-

feliz successo. Mandou condemnar á morte o Eleitor por hum Tribunal Militar, composto de Hespanhoes, e de Italianos, em desprezo de todas as Leis do Imperio. Jogava o prisioneiro o xadrez, quando lhe intimáraõ a sentença. *Voluntario morrerai*, disse o Eleitor sem alteraçãõ, *com tanto que a minha morte salve a dignidade da minha casa, e a herança dos meus filhos*: E continuou a sua partida, como se não fora nada com elle.

Sua mulher, e familia, mais atemorizados com esta noticia, do que com as armas Imperiaes, cuidáraõ unicamente em salvar os seus dias. As suas cartas, e instancias o determináraõ a entregar, por meio de hum tratado, o seu Eleitorado nas mãos do Imperador, o qual se obrigava a conservar-lhe a vida, e a dar a seus filhos a Cidade de Gotha, com hum pensão de cincoenta mil florins. Ficou o trahidor Mauricio com o espolio do seu infeliz parente; e conservando Carlos tão preciosa preza, teria trahido a ambição, que o consumia.

O seu procedimento para com Filipe, Landgrave de Hessa, foi muito mais odioso, porque o engano abriu caminho á violencia. Atemorizado o Landgrave com a decadencia do Saxonio, abraça o partido de sujeitar-se; persuadindo-lhe,

O Eleitor, cõdescendendo cõ a sua familia, cede o Eleitorado.

OLandgrave de Hessa sujeita-se.

e certificando-lhe Mauricio de Saxonia, e o Eleitor de Brandeburgo, que o Imperador não lhe tiraria a liberdade, do que ficavaõ por seus fiadores. Assigna Philippe os Artigos, que se lhe impoem, de entregar a Carlos, assim os seus dominios, como a sua pessoa, de ir-lhe pedir perdão de joelhos, &c. Sopporta elle o abatimento de tão triste cerimonia: e estando depois para partir, prende-o o Duque de Alba. Debalde pedem os dous Principes, com quem elle tinha tratado, ao Imperador, que os salve do opprobrio, que recahiria sobre elles. Que aquelle animo soberbo, e innexoravel, despreza as suas súplicas, assim como os arrebatamentos do Landgrave. Da prosperidade procedia a sua aleivosia.

O mesmo  
Landgrave  
he prezo  
por trahi-  
ção.

Despotismo  
intoleravel  
do Impera-  
dor.

Insulta o Conquistador á vista de todos o Corpo Germanico, conduzindo de Cidade em Cidade, presos os seus principaes membros, e entre estes o Eleitor de Saxonia. Opprime com exacções tudo quanto compunha a liga de Smalkalda, toma a artilharia, e desfarma os Povos, exige arbitrariamente contribuições dos seus proprios alliados, e trata-os como vassallos. Isto era o mesmo, que inspirar hum descontentamento geral, cujos effeitos não podiaõ deixar de ser suspensos por hum terror passageiro. Exercitan-  
do

do Fernando o mesmo despotismo a respeito dos Bohemios, despojou-os de quasi todos os seus privilegios.

Junta-se huma Dieta em Ausburgo, onde o Imperador pretendia determinar as disputas de Religião, e a primeira cousa, que fez, foi assenhorear-se da Cathedral; onde estabelece o Culto Romano, e depois faz hum discurso a respeito da sob-missaõ, que se deve ter ao Concilio de Trento. Mas este mesmo Concilio, em que estavaõ fundadas tantas esperanças, parecia já ameaçar ruina. O Papa, pretendendo dominar o Concilio, tinha-o transferido para Bolonha, sob pretexto de huma enfermidade contagiosa. Os Prelados subditos de Carlos V., ficáraõ fõs em Trento. Visiveis estavaõ os symptomas de hum scisma, e de parte a parte rompiaõ em censuras. A mórte de Pedro Luís Farneze, tyranno de todos abominado, e que vários conspirados assassinaõ em Placencia; enojou tanto mais o Papa, pois que as trópas Imperiaes se apoderáraõ desta Cidade. O negocio principal de Paulo III. consistio naõ em remediar as infelicidades da Igreja, mas em fuscitar inimigos ao Imperador.

O Imperador restabelece o Culto Romano em Ausburgo, e falla a favor do Concilio.

O Concilio porém estava prompto para se dissolver.

Assassinato de Pedro Luís Farneze.

Depois de ter pedido inutilmente, em nome da Dieta, que os membros do Concilio voltassem de Bolonha para Trento,

1548.

O Interim do Imperador publi-

cado na  
Dieta de  
Ausburgo.

e depois de ter protestado com desprezo contra huma Junta dependente da Corte de Roma, pretendeo Carlos regular a fé, do mesmo modo que decidia os negocios do Imperio. Publicou hum corpo de Doutrina em trinta e seis Artigos, chamado o *Interim*, ao qual seriaõ todos obrigados a sujeitar-se até o parecer de hum legitimo Concilio. A sua authoridade absoluta contribuio para que o *Interim* passasse pela Dieta sem exame algum. Os theologos, authores deste *Interim*, pozéraõ nelle o fundamento da Doutrina Catholica, e conserváraõ a fórma do antigo culto. Porém permittia-se a communhaõ debaixo das duas especies, e deixava-se aos Sacerdotes casados as funções do Sacerdocio: o que era sufficiente para excitar os clamores dos Catholicos, que não podiaõ soffrer a menor innovaçãõ. Os Protestantes, cujo systema estava destruido, queixáraõ-se com muito maior vehemencia. Nunca os temperamentos, em materia de Religiaõ, conciliáraõ dous partidos, inconciliaveis por causa do ardor das disputas, e da propria natureza das cousas. O velho, e astuto Papa não se deixou levar pela torrente do zelo, e antevendo muito bem que o *Interim* descahiria, ficou sempre n'hum politico silencio.

Os dous  
partidos  
deviaõ de-  
contêtar-se  
do *Interim*.



Mas o Imperador instou pela sua execução, como hum Senhor, que pretende ser obedecido. Os Principes, excepto o Eleitor de Saxonia, inflexivel no seu captiveiro, condescendêraõ, e sujeitáraõ a consciencia. As Cidades livres, menos trataveis, excitadas pelo zelo dos Pastores, resistirão ao principio com entusiasmo. Servio-se entaõ Carlos das suas tropas, antes que houvesse tempo para fazer alianças. Ausburgo, e Ulm, perdêraõ os seus privilegios, e o seu governo, e liberdade. Este exemplo espalhou tal terror, que com apparencias de submissão, deixou subsistir o odio, que tinhaõ a tudo quanto era sujeito ao Papa.

Inquieto o Papa com a perda de Placencia, procurava todavia todos os meios de recuperalla, e nenhum outro achou senaõ o de unir á Santa Sé os dous Ducados, dos quaes tinha feito o patrimonio de seu filho. Julgou elle que o patrimonio de S. Pedro seria mais respeitado, do que o patrimonio da sua familia. Ottavio Farneze, filho, e herdeiro de Pedro Luis, devia ser compensado por meio de outro qualquer estabelecimento; mas este Principe, em vez de condescender com as idéas do Pontifice, empenhou-se em tomar a Cidade de Parma; e não o podendo conseguir, principiou hum tra-

O Interim executado pelo terror.

1549.  
Pretende Paulo III. unir Parma e Placencia á Santa Sé.

Resiste lhe Ottavio Farneze.

Môrte do  
Papa.

tado com o Imperador, do qual pretendia que dependesse a sua fortuna; por cuja causa enojou-se tanto Paulo III., que se attribue a sua môrte á violencia da paixão. Hum velho de oitenta e dous annos bem podia morrer fômente por causa do estado da sua velhice.

Nova sociedade dos  
Jesuítas.

Tinha Paulo approvado em 1450 a nova sociedade dos Jesuítas, porque seu fundador Santo Ignacio, a consagrou inteiramente ás ordens do Papa. Hum voto particular de obediencia, unindo esta ordem mais do que nenhuma outra com a Corte de Roma, podia fazer della hum dos instrumentos principaes dos seus intentos. O número dos professos foi estabelecido ao principio em sessenta. O antigo, e o novo mundo, as Cidades, e as Cortes, se enchêraõ não obstante isso em breve tempo de Jesuítas. Este corpo, em que os talentos, e as virtudes foraõ muitas vezes unidos com preocupações, e sistemas perigosos devia algum dia experimentar, e padecer as maiores infellicidades pelo mesmo motivo, por meio do qual adquiria infinito poder.

1550.  
Principios  
de Julio III.

O novo Papa Julio III., creatura de Paulo, devedor da sua eleição aos Farneses, deo mostras do seu reconhecimento entregando Parma a Ottavio. Esta acção de generosidade, causou-lhe muito me-

nos

nos honra pela culpa, em que cahio, de conceder o chapeo de Cardeal a hum manco desconhecido, de desasseis annos, cujo merecimento consistia em ser do seu agrado, e ter tido cuidado de hum macaco da sua casa. Leviandade incomprehenfivel, n'hum tempo principalmente, em que a Santa Sé estava exposta a tantas fatyras.

Tinha-se Julio obrigado por juramento, assim como todos os Cardeaes, a convocar immediatamente depois da eleição, o Concilio desfeito por Paulo III.; e sabendo por experiencia, (pois tinha presidido no dito Concilio) quaõ difficiltoza era de governar huma Junta semelhante, não fez maior diligencia. Finalmente para satisfazer o Imperador Carlos V., convocou novamente o Concilio de Trento. A Dieta de Ausburgo reconheceo a sua authoridade, porque não podia resistir a Carlos, o qual prometteo inteira segurança aos Deputados protestantes, que assistissem ao mesmo Concilio juntamente com os Catholicos.

Mil projectos de ambição, de que Carlos estava preocupado, impediaõ necessariamente o intento, mais especioso do que sólido, de restabelecer a uniformidade de Religião. Possuindo Carlos Placencia pretendia unir-lhe Parma: Julio III.

Convoca  
Julio o Cõ-  
cilio de  
Trento.

Carlos V.  
pretende ser  
senhor de  
Parma.

naõ se attrevia a declarar-se contra Carlos a favor de Ottavio Farneze, ao qual se arrendia de ter dado este Ducado. Ameaçado o Duque de huma invasão, pediu soccorro ao Rei de França.

A Inglaterra é o governo de Duarre VI. não inquietava a França.

Achava-se então Henrique II., em estado de acometter a Casa de Austria, e Inglaterra, por morte de Henrique VIII., agitada com tumultos, com o governo de hum Rei menor. Duarte Seymour, Duque de Somersete, tio materno de Duarre VI., vendo-se senhor absoluto com o titulo de protector, tinha mudado todo o systema religioso do ultimo Reinado, abolido as ceremonias Ecclesiasticas, e estabelecido a doutrina severa, e falsa de Calvino. Tinha tambem feito guerra em Escossia, onde o fanatismo principiava a manifestar-se, esperando unir ambos os Reinos, por meio do casamento da Rainha Maria Stuart com o Rei de Inglaterra. Porém os soccorros da França animárao de novo o valor dos Escossezes; estava Maria prometida ao Delfim: Somersete, que se via rodeado de intrigas, tinha perdido a sua authoridade. Finalmente Bolonha entregue á França, por quatrocentos mil escudos.

1551.  
Henrique II.  
arma-se pe-  
la defeza  
de Farneze.

He pois natural que Henrique, cheio dos mesmos sentimentos, que seu Pai, contra o ambicioso Carlos V. se aproveitasse.

raffe da occasião para lhe atalhar huma fortuna tão rápida. Concluiu-se em breve tempo o Tratado com Farnese; do qual assim que Julio teve aviso, confiscou o Ducado de Parma, e unio-se com o Imperador. Em toda esta guerra não houve successo memoravel. Parma defendeo-se de hum cerco, que os Imperiaes levantárao, e os Francezes assolárao huma parte do Estado Ecclesiastico.

Principiava o Concilio novamente as suas operações; e posto que nelle quasi que só havia sessenta Prelados, quasi todos Italianos, ou Hespanhoes, e poucos Allemães, decidírao-se os pontos mais essenciaes, a respeito da Eucharistia, Penitencia, Extrema-Unção, sem se respeitar a huma protestaçoão solemne do Rei de França (\*). O Imperador prohibio aos Lutheranos ensinar huma doutrina contraria; desterrou os seus Ministros; e perseguiu todo aquelle, que não seguia a sua vontade como regra da fé.

Durante a Dieta de Ausburgo, tinha o Imperador dado huma prova de despotismo, do qual não havia exemplo al-

Decisões  
importantes  
do Concilio,  
posto que  
pouco nu-  
meroso.

Novos fac-  
tos do des-  
potismo do  
Imperador.

---

(\*) Este Principe mandava queimar os protestantes no seu Reino, e oppunha-se á celebraçoão de hum Concilio contra os Protestantes. *Jaques Amiot*, Embaixador do Rei, protestou formalmente contra o Santo ajuntamento.

algun na historia profana. Solicitando novamente Mauricio de Saxonia, e o Eleitor de Brandeburgo a liberdade do Landgrave de Hessa, e porfiando a respeito do auto, por meio do qual se tinhaõ constituido fiadores de que não se cometeria attentado contra sua pessoa, tinha-os o Imperador desobrigado a este respeito: como se a honra, boa fé, e consciencia, fossem, ou estivessem sujeitas ao seu imperio. Os protestantes não deixáráõ de dizer que o Imperador também arrogava a si o despotismo espirital dos Papas.

## C A P I T U L O VIII.

*Carlos V. abatido, e humilhado por Mauricio de Saxonia. --- Henrique II. toma, e conserva os tres Bispos.*

Politica sagaz de Mauricio de Saxonia.

**T**ANTOS insultos odiosos á liberdade do Corpo Germanico não podiaõ deixar de produzir alguma revolução. Mauricio, o mais poderoso dos Principes de Allemanha, depois que o Eleitorado de Saxonia se tinha unido aos seus Estados hereditarios, formava occultamente o intento de contrabalançar hum poder tão enor-

enorme. E sendo tão sagaz, como ambicioso, sabia entreter, e conservar assim o conceito do Imperador, do qual se mostrava sempre zeloso seguidor como o dos mesmos protestantes, a cuja causa tinha sido trahidor, bem que ainda lhes defendia as opiniões. Depois de ter sujeitado os seus vassallos ao *Interim*, com o socorro do tímido Melancton, a quem a constancia de Luthero já não excitava, soffocou Mauricio os clamores dos zeladores, por meio de huma declaração pública do zelo, que tinha pela refôrma. Tambem tinha solememente protestado reprovár o Concilio de Trento, menos que senão examinassem de novo os pontos já decididos, e os Theologos do partido não tivessem nelle direito de voto. Com tudo a Dieta de Ausburgo, a quem o Imperador fizera senhora, tinha-o nomeado General da guerra contra a Cidade de Magdeburgo, que foi bannida do Imperio, porque se oppunha vigorosamente ao *Interim*.

Maurício  
he nomeado  
do General  
contra Mag-  
deburgo.

Defendeo-se Magdeburgo contra hum sitio de doze mezes. O zelo da Religião fazia nesta Cidade mais forte o amor da liberdade. Mauricio dilatou a guerra, sem descobrir os seus intentos. Os mesmos artigos da capitulação foraõ conformes com as idéas de Carlos; porém o Eleitor deo

Maurício  
acomete ef-  
ta Cidade  
Lutherana,  
e adquire  
novamente  
a confiança  
dos Luth-  
ranos.

o seguro occultamente, de que os habitantes não perderião nem o exercicio público do Lutheranismo, nem hum só dos seus privilegios. N'huma palavra, dissipou Mauricio de tal sorte o odio, que todos tinham contra elle no tempo do sitio, que foi eleito por elles mesmos Burgrave, titulo antecedentemente annexo ao Eleitorado de Saxonia, e que dava huma grande authoridade. Este Principe fazia o que queria com admiravel prudencia. O Imperador, que se via muito occupado em Inspruke com os negocios do Concilio, não desconfiava de cousa alguma: e deste modo he que cahem algumas vezes a astucia na mesma filada, que arma aos outros.

Mauricio  
unido com  
a França,  
sempre dis-  
simula.

Já Mauricio estava unido com a França. Devia Henrique II., ao mesmo tempo que Mauricio, declarar guerra ao oppressor da Allemanha. Neste tratado não entrava a Religião, o qual por essa mesma razão era mais conforme com o interesse politico. Antes que Mauricio se manifestasse, ainda pedio a liberdade do Landgrave, seu sogro, e a negativa authorisava mais a sua empresa. O famoso Granvelle, Bispo de Arras, que depois foi Cardeal, Ministro de huma capacidade singular, teve aviso dos movimentos do Eleitor, e cegou-se a si proprio por hum excesso de confiança, dizendo que *hum Al-*  
le-

O mesmo  
Mauricio  
tambem é.  
ganava o  
agaz Grã-  
velle.



lemaõ bebedo não era bastante mente subtil para enganallo: e foi enganado com effeito melhor que ninguem. Estavaõ dous Ministros Saxonios sobornados, e Granvelle descansava na sua parcialidade. Descoberto que o Principe tivesse a perfidia, dissimulou taõ subtilmente com ambos os seus Ministros, que se aproveitou da sua correspondencia com Granvelle para desvanecer as desconfianças.

Assim que tudo se achou prompto para a acção, armou-se Mauricio, e publicou hum manifesto, em que expunha os seus motivos, capazes de conciliar-lhe os diversos partidos. Pretendia elle pôr em seguro a religião protestante, manter a constituição, e a liberdade germanicas, e libertar o Landgrave de Hesía de huma injusta prizaõ. Taes eraõ as razões, que Mauricio allegava do seu proceder. Appareceo ao mesmo tempo hum manifesto do Rei de França; em que Henrique II. se intitulava *protector das liberdades de Allemanha, e dos seus Principes prisioneiros*; declarando o seu intento de assegurar a independencia de todos os membros do Imperio.

1552.  
Mauricio finalmente declara-se.

Manifesto de Henrique II.

O Imperador, que se via em Inspruke, quasi sem tropas, e sem dinheiro, enfermo, e descansado, assim que teve esta noticia não esperada, ficou como assombrado

Conquista dos tres Bispos.

do de hum raio. Com a actividade dos seus inimigos redobrou a consternação: Tul, Verdun, e Metz passam sem resistencia ao poder de Henrique: atravessa Mauricio a Allemanha superior, e accerta huma conferencia em Lintz com o Rei dos Romanos, a fim de mostrar pacificos sentimentos. Porém esta conferencia acabou sem outro fructo mais que o de indicar outra conferencia. Continúa o mesmo Mauricio rápidamente a sua marcha para Tirol, e vence os obstaculos, que o teriaõ podido suspender: a sua tenção era deprehender Carlos em Inspruke. Este, algumas horas antes da sua chegada, tinha fugido de noite, com hum tempo horroroso, atormentado da gota, e levado n'huma liteira ao meio dos Alpes, e teve a felicidade de chegar a Villach, Praça forte da Carinthia.

O Imperador foge de Inspruke.

Côferências de Passaw.

Triunfante Mauricio, parte para Passaw, como tinha ajustado, a fim de ter segunda conferencia com Fernando, em que havia Deputados de quasi toda a Allemanha, e limita as suas petições aos tres artigos expostos no seu manifesto: soltura do Landgrave, exercicio público da religião protestante, restabelecimento dos privilegios, e da liberdade germanica. Estes artigos são apresentados ao Imperador, em nome de todos os Estados do Imperio,

rio, sendo então os Catholicos a favor dos Lutheranos. Responde Carlos com a sua ordinaria altivez, lifonjeando-se deste modo de ganhar tempo. E tornando logo o Eleitor a tomar armas, fez-se Carlos mais tratavel. Renovaõ-se os tratados, e todos ou por necessidade, ou por temor do futuro, desejavaõ a paz, que se concluiu em breve tempo.

As condições principaes foraõ, as seguintes: que a liberdade seria concedida ao Landgrave; que o *Interim* não teria mais lugar; que haveria em seis mezes huma Dieta para terminar as disputas de Religiaõ; que entretanto, a liberdade de consciencia seria inteira; que os protestantes poderiaõ entrar na propria Camera Imperial; que se as disputas Ecclesiasticas não tivessem fim na Dieta, o tratado actual estaria perpetuamente em vigor a este respeito; e finalmente que o exame dos agravos a respeito das liberdades do Imperio, ficava para a proxima Dieta.

Condições  
impostas a  
Carlos V.

Bem que os confederados devessem muito ao Rei de França, e se tivessem obrigado a não tratar nem da paz, nem da tregoa sem sua approvaçãõ, com tudo apenas o nomeáraõ em o tratado. “To-  
dos aquelles, que soccorrem os autho-  
res das guerras civis, pódem ter a cer-  
te-”

O Rei de  
Frãça abā-  
donado pe-  
los seus al-  
liados.

„ teza de ser desprezados deste modo ;  
 „ conforme a observação de Mr. Ro-  
 „ bertson. Assim que o odio do partido  
 „ principia a extinguir-se, os seus servi-  
 „ ços são esquecidos ; o merecimento , que  
 „ todos pretendem ter para com o Sobe-  
 „ rano , he a ingratitude , com a qual he  
 „ abandonado o protector. „ Dissimulou  
 Henrique a sua paixão , e resolveo-se a  
 defender as suas conquistas. Singularidade  
 bem notavel he que , sendo este Princi-  
 pe oppressor dos Seitarios no seu Reino,  
 avigorasse o estabelecimento da sua Seita  
 em Allemanha.

● Concilio  
 ainda inter-  
 rompido.

O mesmo effeito tivérao as emprezas  
 de Carlos V. , a fim de obrigar as con-  
 sciencias. Nem só Carlos vio o fim do  
 Concilio , do qual se lisonjeava em vão  
 que as decisões reuniriao as duas Igre-  
 jas. Tanto que a expedição de Mauricio  
 causou grande terror em Trento , os Bis-  
 pos Allemães se retirárao , e o Legado ,  
 que presidia folgou de despedir os ou-  
 tros.

Quaes ti-  
 nhaõ sido  
 os peditori-  
 os dos pro-  
 testantes.

Grandes disputas tinhaõ havido a res-  
 peito do salvo conducto , que os protes-  
 tantes pediao para os seus Theologos. Pre-  
 tendiaõ os protestantes que se lhes con-  
 cedesse voto deliberativo , e decisivo ; que  
 tudo se decidisse conforme a Sagrada Es-  
 critura ; e que o Papa se sujeitasse aos De-  
 cre-

cretos da Junta. Como poderiaõ ser admittidas taes pretensões? E no caso de serem admittidas, como poderiaõ os dous partidos obrar unanimemente, entender-se, e concordar entre si? Toda a Historia Ecclesiastica, des do Arianismo, mostra que o espirito de Seita he igualmente obstinado na disputa, e inflexivel depois da sentença. Os Concilios sim decidiraõ os dogmas, mas não sujeitáraõ, ou não persuadiraõ os Hereges.

João Frederico, Eleitor antigo de Saxonia, e o Landgrave de Hessa, assim que sahiraõ da prizaõ, depois da transacção de Passaw, só suspiravaõ pelas doçuras da paz; e Alberto, Margrave de Brandeburgo-Anspach, era o unico, que não quiz assignar a pacificação, e assolava ainda a Allemanha superior. Menos inquieto o Imperador, com estas assolações, do que fervoroso em vingar-se do Rei de França, faz grandes preparos para recuperar o que em Lorena perdêra. Por meio da conquista dos Tres-Bispados, achava-se a Champanha provida de huma fronteira, e o Imperio exposto ás armas Francezas: e por conseguinte grande era a importancia que havia em os tornar a tomar; para o que destinou Carlos todas as suas forças. O Imperador veio sitiar Metz com hum exercito de sessenta mil ho-

Grãdes preparos para tomar novamente os Tres-Bispados.

homens , ao qual se unio Arberto de Brandeburgo , depois de ter duvidado a quem serviria.

O Duque de Guisa prepara-se para defender Metz.

Tinha-se antevisto o perigo ; tomáram-se sábias , e prudentes cautelas. Francisco de Lorena , Duque de Guisa , tomou a si o defender Metz ; Cidade vastissima , mal fortificada , e incapaz de defender por si mesma hum dilatado cerco. Excitada a Nobreza principal do Reino , pelo seu exemplo , e reputação , concorreo a participar da gloria desta empreza , e Francisco restabeleceo em pouco tempo as fortificações , e augmentou outras novas ; trabalhando com os soldados , animando tudo , e fazendo agradavel a propria fadiga por meio do seu talento para grangear os corações. A despedida das bocas inuteis , a destruição dos arrabaldes , e dos moinhos , a despovoação dos campos circumvisinhos , as ordens severas dictadas pela sua Providencia , nada deo motivo a murmurações , e o mesmo Francisco de Lorena mostrava que semelhantes sacrificios eraõ devidos á Patria.

O Imperador levanta o sitio.

Teimando o Imperador sempre nas suas resoluções , a pezar dos melhores conselhos , principia o sitio quasi no fim de Outubro , julgando-se superior aos obstaculos que os seus Generaes lhe mostraõ aos olhos. Porém castigado ficou da sua

sua presumida confiança. Depois de sessenta e cinco dias de inúteis esforços, tendo-lhe causado a perda de trinta mil homens, o valor dos sitiados, os rigores da estação, e as enfermidades, levanta precipitadamente o assedio: *Bem vejo*, disse elle, *que a fortuna he semelhante ás outras mulheres, pois abandona os velhos para conceder os seus favores aos moços.* Esta desgraça merecia reflexões mais sérias.

A fortuna dava-lhe em Italia outros motivos de paixão. Perdeo o Principado de Piombino, o qual foi obrigado a ceder a Cosme de Medicis, por huma quantia pouco consideravel, de que necessitava. Perdeo Sena, que expulsando huma guarnição Hespanhola, pôz-se debaixo da protecção da França. As Cóstas de Calabria foram assoladas por Dragute, Discipulo de Barba-Ruiva, a quem Solimaão tinha mandado juntamente com huma frota. Os Turcos esperárao á vista de Nappoles pela frota Franceza: não se sabe que obstaculos a suspendêrao. E como os Turcos não tivessem noticia alguma da frota Franceza, voltárao para Constantinopla.

Suas perdas em Italia.

Excluido do Imperio o terrivel Alberto de Brandeburgo por causa de renovadas violencias, assolou ainda huma par-

---

1553.  
Morte do  
famoso  
Mauricio  
de Saxonia.

parte da Allemanha , e Mauricio de Saxonia , á frente das tropas do Imperio , vencendo , e derrotando Alberto em Sievershausen no Ducado de Luneburgo , morreu no seio da victoria. Se alguma cousa podesse desvanecer as perfidias deste Eleitor , não se poderia admirar sufficientemente os seus grandes successos , produzidos por milagres de politica. Como só deixava huma filha , que depois casou com o famoso Guilherme , Principe de Orange , João Frederico , a quem elle despojára indignamente , reclamou a Dignidade Eleitoral. Augusto , irmão de Mauricio , alcançou o Eleitorado com preferencia a João Frederico , segundo o parecer dos mesmos Estados de Saxonia. O segundo ramo , chamado do Albertino , conservou sempre o Eleitorado , que segundo a ordem natural , pertencia ao ramo Ernestino. Accrescentou-se somente Altemburgo á repartição de João Frederico ; o qual morreu no anno seguinte , mais respeitavel na adversidade por causa das suas virtudes , do que o seu oppressor n'humá brilhante , mas criminosa fortuna.

O seu ramo  
(Albertin.)  
fica na pos-  
se do Elei-  
torado.

Morte de  
João Fre-  
derico.

Successos  
da guerra.

Vejamos as consequencias da guerra entre a França , e o Imperador , as quaes foraõ cruéis para os Póvos , victimas da esteril vingança dos Principes.

Ten-



Tendo Carlos tomado de hum assalto Teruana, arrasou esta Cidade, da qual só existe o nome. Hesdin tambem ficou arruinada. Este, porém, foi todo o fructo de huma campanha, que tinha absorvido thesouros. No anno seguinte, foram tambem vistos os dous Monarcas inimigos, á frente das suas tropas, nos Paizes-Baixos, e nenhum successo houve digno dos seus preparos. Arma-se Cosme de Medicis em Italia, a fim de expulsar os Francezes de Sena; e Strozzi, Florentino, General do exercito de França, perde a batalha de Marciano, a que elle não devera aventurar-se. O valeroso Montluc defende Sena dez mezes inteiros, sendo o amor da liberdade parte para os Cidadãos sopportarem todos os rigores da penuria. Montluc capitula finalmente, com a condição de que a República conservará a sua liberdade, e os seus direitos, debaixo da protecção do Imperio (1555): capitulação violada quasi ao mesmo tempo que foi feita.

Strozzi, e  
Montluc.

Hum conloio de Religiosos esteve a ponto de procurar para o Imperador a conquista, que elle desejava com maior ambição, e inutilmente tentára com todas as suas forças. Tinha o Guardiaõ dos Franciscanos de Metz, homem intrigante, e atrevido, ganhado o conceito do

Côspiração  
dos Frânciscanos de  
Metz.

Castigo  
dos culpa-  
dos.

Governador. Este trahidor, formando tenção de entregar a Cidade aos inimigos, enganou os Religiosos do seu Convento, onde recolheo varios soldados disfarçados em Franciscanos, os quaes deviaõ abrir as portas á guarnição de Thionvilla. Descobrio-se a conjuração no mesmo dia destinado para a sua execução, e o Guardiaõ foi condemnado á morte com vinte dos seus subditos. Raivosos os Franciscanos contra o Guardiaõ, matáraõ-o com as suas proprias mãos, em hum quarto, onde os tinhaõ mettido juntos, e deviaõ confessar-se huns aos outros, e moêraõ a pancadas quatro Religiosos anciãos, que como o Guardiaõ, eraõ os authores da seducção. Ter-se-hia perdoado aos criminosos em attenção ao seu habito, se o exemplo não parecêra tão necessario. Foraõ sómente perdoados seis dos mais moços.

## CAPITULO IX.

*Reinado de Maria em Inglaterra. -- Paulo IV. inquieta a Europa por ambição. --- Renúncia de Carlos V.*

**A**O mesmo tempo que se combatia pela infelicidade da humanidade, a insaciavel ambição de Carlos V. vio que se lhe abria com grande successo nova carreira. Tinha Duarte VI. fallecido em 1553, de idade de quinze annos, e succedeo-lhe Maria sua irmã, filha de Henrique VIII., e de Catharina de Aragoão. A conspiração de Dudley, Duque de Northumberland, que pretendia a Coroa para Joanna Gray, sua nora, só servio de o perder a elle, a seu filho, e a esta mulher amavel, virtuosa, e illuminada, que contra sua vontade induzira, a fim de a metter na conspiração. Joanna Gray era sobrinha de Henrique VIII. Todos foraõ executados.

Tinha Maria succedido a Duarte VI. em Inglaterra.

Devendo o casamento de Maria fazer hum Rei de Inglaterra, concebeo logo Carlos a idéa de collocar sobre este Throno o seu proprio filho, herdeiro de tantos Reinos. Filippe, que naõ era menos ambicioso do que seu Pai, consentio

O seu matrimonio com Filippe II., desagradavel aos Ingleses.

fem grande custo em casar com huma Rainha de trinta e oito annos, bem que elle não tivesse mais de vinte e sete. A Rainha, que tinha extremo apecto á casa, de que descendia, muito mais zelosa ainda da Religião Romana, e resoluta a restabelecella, ou por meio das Leis, ou por meio dos supplicios, desejava hum esposo tal, como Philippe, cujo zelo violento já se dava a conhecer, e cujo poder lhe facilitaria os meios de executar os seus intentos. Receando a Nação Ingleza, pelo contrario a sua Religião, e liberdade, tinha horror a este casamento. Porém as intrigas, e o dinheiro do Imperador vencêraõ todos os obstáculos. Foi regulado que Philippe teria o titulo de Rei; que a Authoridade Real ficaria entre as mãos de Maria; que a constituição, as leis, e os usos nacionaes não teriaõ prejuizo, nem alteração alguma, &c.

---

1554.  
O Catholico ref-  
tabelecido.

Assim que Philippe chegou á Inglaterra, o seu ar frio, e altivo, a sua hypocrisia, e inclinação ao despotismo, confirmáraõ as suspeitas, e os temores. Pouco tempo havia que hum Parlamento reprovára *os biles* contra a heresia, e tinha sido desfeito. E outro se entrega ás vontades da Corte. O Cardeal Pole, de Sangue Real, bannido havia muitos annos, he recebido como Legado do Papa. An-  
nul-

nullaõ as duas Cameras os Autos, que tinhaõ estabelecido a Religiao p<sup>r</sup>testante, pedem a absolvição, e sollicitaõ a graça de ser reconciliadas com a Igreja Romana; o que naõ custou muito a alcançar. Ficou Julio III. agradavelmente admirado, quando os Inglezes lhe agradecerão *por ter deixado*, diz elle, *fazer o que elle mesmo devia agradecer-lhes por ter feito*. Roma triunfou, mas devia recar da sua conquista.

Eis-aqui tres mudanças de Religiao em tres Reinados consecutivos, e bem se podia antever quarta mudança, pois que o modo de pensar do Principe era a regra do Parlamento. O ferro, e o fogo forão empregados contra os heterodoxos: este era o meio para fazer odiosa, e por consequencia fragil, a fé que se devia inspirar. Maria, e Philippe consultavaõ só no seu zelo as suas tyrannicas inclinações. Huma Inquisição cruel foi estabelecida entre este Povo zeloso da liberdade: cinco Bispos, e entre elles o célebre Primaz Cranmer, de quem Henrique VIII. fazia conceito, expiráraõ valerosamente entre as chammas, e a heresia contou em tres annos duzentos setenta e sete martyres, cujo fanatismo constante naõ podia deixar de inflammar os enthusiasmos, e desaffiar o seu odio contra a Igreja.

Perseguição de Maria, e de Filipe.

ja. Semelhantes atrocidades produzirão hum descontentamento quasi universal.

De que procedia este espirito de perseguição entre os Christãos.

Os heterodoxos tiveram affim como os outros o mesmo espirito de perseguição.

A barbaridade dos costumes, á hum rancor de superstição, aos antigos exemplos muito communs, e algumas vezes preconizados na Historia, á mania absurda de governar as opiniões humanas, he que cumpre attribuir este espirito perseguidor, evidentemente contrario ao espirito do Christianismo, e não obstante tão contagioso, que se communicava aos proprios cabeças da refórma. Mudando os dogmas, tinhaõ elles ser hum crime capital o não crêr do mesmo modo, que elles criaõ. No tempo de Duarte VI., Principe naturalmente bom, ateáraõ-se as fogueiras mais de huma vez para a heresia. Assignando Duarte hum dia, com as lágrimas nos olhos, a condemnação de huma mulher: *Se eu faço mal*, disse a Cranmer, *vós sereis responsavel a isso*. Deste modo seguia Cranmer, cuja moderação era conhecida, a torrente do uso. Luthero tinha sido hum exemplo da intolerancia: Calvino mandou queimar em Genebra o douto Servete, Medico Hespanhol, a quem elle accusou de ser inimigo da Trindade. Por toda a parte reinava o fanatismo.

Infellicidades que necessariamẽte

Nenhuma razão tinhaõ affás sufficientes para se convencerem de que tanto importava

porta refrear os perturbadores do descanso público, especialmente em materia de Religião, quanto he injusto castigar opiniões, e erros por meio de supplicios reservados para os mais insignes malvados. Mas não se devia por ventura vêr ao menos que, se o partido perseguido viesse por fim a ficar victorioso, seria infallivelmente perseguidor, que a perseguição era huma semente de guerras civis, e que com o admiravel pretexto de vingar a causa de Deos, que manda, e ordena aos homens a caridade fraterna, sem excepção, nem distincção de culto, se introduzia na sociedade christã, o rancor, odios, e furores, de que quasi que não ha exemplo algum no paganismo?

O incendio, ateado ao principio em Allemanha, felizmente se extinguiu, ao mesmo tempo que as suas affolações se preparavaõ para dilatar-se por outras comarcas. Tinha o Imperador abandonado os seus projectos de despotismo: Fernando, Rei dos Romanos, que convocou nova Dieta em Ausburgo, necessitava de conciliar os corações. O famoso Decreto da Dieta estabeleceo huma paz de Religião muito conveniente a ambos os partidos, posto que imperfeita a certos respeito. Concede-se total liberdade de consciencia aos Estados, que seguirem a confis-

te resulta  
do espirito  
de perse-  
guição.

---

1555.  
Dieta de  
Ausburgo,  
õde se tra-  
ta da paz  
de Religião

Artigos do  
Decreto.

fissaõ de Ausburgo : os Calvinistas , e os Zuinglienses , não gozavaõ desta vantagem ; a qual obtiveraõ pelo tratado de Vestphalia. Ordena-se que as vias pacificas de conferencia , e persuasão sejaõ dalli por diante as unicas , de que se use , para terminar as disputas religiosas : Lei admiravel , que deveria ter prevenido as guerras civis. Deixaõ-se aos protestantes os bens Ecclesiasticos , dos quaes se tinhaõ assenhoreado. Concorde-se tambem em que todo o Beneficiado , que abandonar a Religiaõ Romana , perderá des de logo o seu Beneficio , para o qual os Colladores nomearãõ como se estivesse vago. Esta he a *reserva ecclesiastica* , tão justa no seu fundamento , como propria para enfrear o Cléro no gremio da Igreja.

O Decreto devia offender a Corte de Roma , que pretendia unica-mente decidir.

Semelhante auto não podia deixar de desagradar á Corte de Roma , ou porque emanava de huma Junta em grande parte leiga , ou porque os Papas attribuiãõ a si o direito exclusivo de sentenciar as causas de Religiaõ. Não examinaremos , até onde se pôde estender , em certas circunstancias , o direito dos Principes , e dos Póvos , quanto ao que respeita essencialmente á tranquillidade pública ; nem advertiremos que antigamente os regulamentos ecclesiasticos se faziaõ muitas vezes em Juntas nacionaes , em que se achavaõ



vão unidos os Cavalleiros , e os Bispos : julgar-se ha offendida a Santa Sé, e nesta occasião se ateará huma sanguinolenta guerra.

Entregue Julio III. , mais ás delicias do que aos cuidados do governo , falleceo em huma pessima reputação. Marcello II. , seu successor , possuio sómente vinte e hum dias a Thiara , de que era digno , e apartou de Roma a sua familia. Succedeo-lhe o Cardeal Caraffa com o nome de Paulo IV. , e servio-se de hum systema totalmente differente. Este Pontifice , de idade de oitenta annos , que entrára na Ordem de S. Domingos em sua mocidade , e que se tinha ao depois despojado de grandes beneficios , a fim de fundar a Ordem dos Theatinos , cujo instituto prescrevia a pobreza a mais severa , com prohibição de pedir cousa alguma ; e que tirado segunda vez do claustro , e condecorado com a purpura , observára excessivamente toda a aspereza dos seus costumes: este Pontifice occupando o Throno Pontificio pareceo outro homem differente ; pois affectou huma magnificencia extraordinaria. Perguntando-lhe o seu Mordomo , como queria ser tratado : *Como grande Principe* , respondeo Paulo com altiveza. Os seus sobrinhos , condecorados com os principaes empregos , cheios de ambição ,

Paulo IV.  
( Caraffa )  
ao principio Religioso austero.

Paulo, com oitenta annos de idade , muda de costumes.

ção, e senhores do seu animo, persuadirão-lhes que emprehendesse huma conquista, para lhes dar Estados, e augmentar os seus.

Sua aspereza, e sua altiveza.

Ameaça Paulo o Imperador, e faz alliança com a França.

O seu caracter, e as suas máximas lhes offereciaõ os meios para o obrigar aos procedimentos mais attrevidos. Como inimigo mortal dos hereges, tinha Paulo estabelecido contra elles a Inquisição em Italia horrorisando-se da indulgencia, que em Allemanha lhes concediaõ. Informado Paulo de todas as preoccupações antigas a respeito do poder do Pontificado, acrescentava-lhe aquella arrogante altiveza, tantas vezes empregada em defendellas. Os seus sobrinhos o determináraõ a propôr ao Rei de França a conquista, e repartição do Reino de Napoles. Confirma-o na sua resolução o Decreto de Augsburgo: ameaça com a sua cólera assim Carlos V., como Fernando, se logo o não annullarem; e representando-se-lhe os perigos, e a impossibilidade desta violencia; responde elle que na causa de Deos, e da Igreja não se deve consultar a prudencia mundana: e depois disso conclue occultamente o seu tratado, com a França, como a favor da causa de Deos, e da Igreja.

1556.  
Abdicação de Carlos

Dá por este tempo o Imperador á Europa o espectáculo de huma abdicação  
não

naõ esperada , a qual confunde todas as idéas da politica. Alguns annos havia que elle suspirava pelo retiro. As enfermidades , os desgostos , a declinação da sua fortuna , affrouxavaõ os sentimentos ambiciosos de que continuamente era agitado : e naõ podendo sopportar mais o pezo dos trabalhos , e receando desencarregar-se delles em outrem , porque fazia depender de si mesmo os successos , pretendia conservar toda a sua glória , e lisonjeava-se tambem de augmentalla , consagrando-se á soledade , a que por outra parte os sentimentos de Religião o convidavaõ a fim de cuidar na sua salvaçaõ. Tinha já cedido o Milanez , e o Reino de Napoles a Philippe , seu filho ; pois o via com vinte e oito annos de idade , exercitado nos negocios , e capaz de os reger bem : e n'hum grande Junta dos Estados, convocada em Bruxellas , lhe entregou solemnemente os Paizes-Baixos , accrescentando-lhe poucos mezes depois as Coroa de Hespanha , e da America.

*Respeitai inviolavelmente a Religião ; sustentai a fé catholica em toda a sua pureza. Sejam sempre as Leis da Nação sagradas nos vossos olhos. Naõ altereis já mais nem os direitos , nem os privilegios do vosso Povo. E se algum dia succeder que queirais gozar das doçuras da vida particular ; praza*

V. a favor de seu filho.  
Discurso de Carlos com Philippe em Bruxellas.

*a Deos que tendeis hum filho digno de que lhe renunciéis o Sceptro, com igual satisfação, á que eu tenho em renunciallo para vós!* Este discurso que o Imperador pronunciou na Junta de Bruxellas, provocou a lágrimas os que o ouviaõ. Seguiu Filippe II. os conselhos de seu Pai a respeito de alguns artigos conformes aos seus proprios sentimentos. Porém vello-hemos sacrificar os direitos do Povo ao zelo supersticioso, de que era animado, e tanto soffrerá a Religião como o Povo.

---

## C A P I T U L O X.

*Guerra de Henrique II. com Filippe II., excitado por Paulo IV. --- Morte de Carlos V.*

Carlos V. celebrou huma trégua com a França.  
**A**CABAR a guerra com a França, e pacificar a Europa toda, depois de a ter alagado em sangue, he o que podia coroar a glória de Carlos V. Assim o comprehendeo. Concluio-se huma trégua de cinco annos, durante a qual cada hum ficaria na posse das suas conquistas. O Condestavel de Montmorenci, sabia e prudentemente opposto á alliança de Roma, determinou Henrique II. a esta trégua,

goa, que, além dos Tres-Bispados, lhe conservava quasi todos os Estados da Casa de Saboya. Porém o Duque de Guisa, e seu irmão o Cardeal de Lorena, eraõ muito ambiciosos, para soffrer com paciencia a tranquillidade pública.

Sendo elles os Authores do tratado feito com os Caraffas, proseguirão com industria a sua execução. Paulo IV. usou da sua artificiosa politica; pois mostrando aquelles desejos de paz, que requeria a qualidade de Pai commum, e fazendo-se medianeiro, instava com a Corte de França para renovar as primeiras obrigações; representando facil a conquista de Napoles. Os Guisas, e a famosa Diana de Poitiers, Duqueza de Valentinois, concubina de Henrique, fizeraõ prevalecer humas razões, que a boa fé, e o bem público deviaõ condemnar. Tinha o Monarca jurado a tregoa; mas pouco custou ao Cardeal Caraffa, Nuncio do Pontifice, desobrigallo do seu juramento.

Porém a ambição de Paulo IV., e dos Guisas ate a novamente a guerra.

Assim que Paulo soube o successo do tratado, desprezando as proprias regras do decoro, prendeo hum Ministro Hespanhol; excommungou, e despojou os Colonnas, apaixonados pela Casa Imperial; e suppoz a Filippe culpado de rebelliao, pelos ter defendido, e privou-o dos seus direitos a respeito do Reino de Napoles.

Procedimentos violentos do Papa.

Es-

Escrupulos  
de Filippe  
II.

Este Principe, supersticioso, e igualmente politico, não se attreueo a armar-se sem consultar os Theologos. Sendo favoravel o seu parecer, o Duque de Alba, que governava em Italia, atemorizou, e causou grande terror á propria Roma. O Papa, a pezar da sua indomavel altiveza, vio-se obrigado a pedir-lhe huma suspensão de armas, a qual obteve, porque o Rei de Hespanha tinha sempre os mesmos escrúpulos.

1557.  
O Duque  
de Guisa  
precipita-se  
na guerra  
de Napoles.

Chegando o Duque de Guisa, que tinha a cargo o mando das tropas, mostra-se Paulo mais attrevido do que nunca; pois fulmina excommunhões, e julga-se senhor de Napoles. Não pode todavia dar nem as tropas, nem o dinheiro, que promettêra. A grande reputação de Guisa ficou em desdouro por motivo de huma campanha infructuosa; ao mesmo tempo que a França, mettida pela ambição deste Cavalleiro, e do Cardeal de Lorena, em huma guerra fatal, se achou exposta aos maiores perigos.

Cerco de  
São Quintino.

A Rainha de Inglaterra, governada, e não amada por Filippe, tão odiada da Nação, como seu esposo, tinha-se alliado com Henrique II., a pezar da repugnancia dos Inglezes. Em breve tempo entra hum tremendo exercito na Picardia, e poem cerco a Santo Quintino. Este ex-

er-

ercito capitaneava Manoel Filisberto, Duque de Saboya, excellente General, e Philippe, que de nenhum modo era invejoso da glória militar, contentava-se com a observação dos successos. Não se esperava por este cerco; e estava a Praça sem guarnição. Quiz a ventura, que o Almirante de Coligni, hum dos maiores Capitães daquelle seculo, tivesse o valor de entrar na Praça com algumas tropas. Porém o Condestavel de Montmorenci, seu tio, a fim de o soccorrer, aventurou-se a hum batalha, com forças muito inferiores ás do inimigo. Aproveitando-se o Duque de Saboya deste erro, o acommetteo, e appresou; derrotou os Francezes, e não chegou a perder cem homens.

Môtmorê-  
ci vencido,  
e derrota-  
do pelo  
Duque de  
Saboya.

Se Philippe II. fora menos timido, ou menos circunspecto, e ousára, seguindo o conselho do General, a marchar direito para París, onde com a noticia da batalha de Santo Quintino lavrava grande consternação; quasi que não teria provavelmente encontrado resistencia alguma. Teima Philippe no cerco de Santo Quintino. O terror dos Francezes se desvanece; de todas as partes concorre a Nobreza armada; as Cidades assignalaõ o seu zelo por meio de contribuições voluntarias; e o Rei acha-se em breve tempo em es-

Filippe ap-  
preveita-se  
pouco da  
victoria.

ta-

tado de defender-se. Santo Quintino, o Catelete, Ham, e Noyon, forão os unicos fructos de huma victoria, a qual parecia que não deixaria de destruir, e arruinar aquella poderosa Monarquia.

O Escorial,  
edificado  
por voto.

Hum facto caracteriza aqui a devoção de Filippe. Em memoria da batalha vencida no dia de S. Lourenço, faz elle voto de edificar huma Igreja, hum Mosteiro, e hum Palacio, que seriaõ consagrados ao Santo Martyr, e quiz que estes edificios tivessem o feitio de humas grellhas, porque S. Lourenço, segundo os Lendarios, fora queimado n'humas grellhas. Vinte e dous annos continuou nesta obra com immensas despezas, e esta he a origem do Escorial perto de Madrid, que chegou a ser a residencia dos Reis de Hespanha.

Paulo IV.  
faz a paz  
com a Hespanha, e a  
abate.

O Duque de Guisa tinha sido chamado de Italia para a defeza do Reino; do que se queixou Paulo IV. como de huma trahição: e como necessitava da paz, aproveitou-se tambem das inquietações supersticiosas de Filippe, que requereo, ao mesmo tempo que fazia a paz, que o Duque de Alba viesse a Roma pedir-lhe perdão de ter acomettido o patrimonio da Igreja. O altivo Hespanhol submetteu-se em nome do Rei a esta vergonhosa, e humilde Lei; e Filippe restituiu Placencia



ao Duque de Parma, que desejava ter pelo seu partido. Cosme, Duque de Toscana, teve a industria de obter Siena, pelas quantias que o Monarca lhe devia. Tomárao então consistencia os Estados de Italia; onde o equilibrio não foi tão desigual, e voltárao-se para outra parte os grandes esforços da guerra.

Com tudo o Duque de Guisa, que fora recebido em França como hum salvador, sendo nomeado Tenente General do Reino, meditava hum a expedição digna do seu genio, e gloria. Mette-se no coração do inverno, em acção, engana o inimigo com falsas marchas; e vai cercar rapidamente Calais. Esta Praça, que havia mais de duzentos annos abria a França aos inimigos, e que Duarte III. não pode tomar senão depois de onze mezes de cerco, e passava por inconquistavel, foi forçada no fim de oito dias. Costumavaõ os Inglezes retirar de Calais quasi toda a guarnição no fim do Outono; de maneira que o conselho de Maria tanto se cegou, que até não fez caso do proprio parecer de Philippe, o qual pretendia metter-lhe trópas. A confiança de alguns até chegava a dizer que se Calais fosse acometida no inverno, elles se encarregavaõ de a defender com humas varinhas. Deste modo he que sem antever os peri-

1558.

O Duque  
de Guisa to  
ma Calais.

gos, se introduzem as infellicidades. Guínes foi tomada de hum assalto, e ficarão os Inglezes sem cousa alguma no Reino.

Tomada  
de Thion-  
villa.

Batalha de  
Graveli-  
nes.

Depois de huma conquista tão gloriosa, preparando-se o Principe Loreno, para novas emprezas, gozava do descanso do inverno. Tomou depois Thionvilla, que se defendeo, e sosteve o cerco tres semanas; mas hum exercito Francez, capitaneado pelo Marechal de Termes, foi vencido, e derrotado pelo Conde de Egmond em Gravelines. O acaso, como muitas vezes succede, decidio esta vez da sorte das armas. Os Francezes, posto que muito inferiores em número, fazião indecisa a victoria, quando huma esquadra Ingleza ouvindo a artilharia, adiantou-se, e lhes fez fogo com a sua. Quasi dous mil ficáraõ mortos; e o General, e muitos Officiaes distinctos foraõ prezos.

Tudo se  
dispõe para  
a paz.

Ambos os Monarcas desejavaõ igualmente a paz: Filippe, porque não gostava da guerra, e porque suspirava pela Hespanha, não podendo soffrer nenhuma outra habitação; e Henrique, porque desejava especialmente suspender os progressos da heresia no seu Reino, e porque a Duqueza de Valentinois, descontente dos Guífas, cujo crédito se augmentava com

a guerra, lhe inspirava os sentimentos que julgava mais uteis para si mesma. Deo-se authoridade a Montmorenci, prisioneiro ainda em Hespanha, para principiar os Tratados. Adiante veremos os seus successos.

Se Carlos V. podéra dispôr do Imperio, assim como dos seus Estados hereditarios, teria deixado todo o seu poder nas mãos de seu filho. Grande motivo de dôr era para elle o ter procurado para seu irmão o titulo de Rei dos Romanos. Duas vezes tinha tentado fazello renunciar este titulo, offerecendo-lhe feudos em troca; e não querendo Fernando, até se tinha empenhado, e com o mesmo fructo, em acarear huma Dieta. O Corpo Germanico conhecia por experiencia quanto era perigoso para a sua liberdade hum Chêfe muito tremendo, e Carlos, antes de se encerrar na solidão, ainda fez nova tentativa, e não podendo vencer a opposição de seu irmão, renunciou a favor d'elle a Coroa Imperial. O auto, passado em 1556, só foi apresentado aos Eleitores no principio de 1558.

A Dieta de Francfort reconheceo voluntariamente a Fernando I.; que todavia encontrou extraordinarias difficuldades em Roma, onde o seu Embaixador dava ao Papa as demonstrações ordinarias de res-

Carlos V.  
deixa a pe-  
zar seu o  
Imperio a  
Fernando,  
seu irmão.

Opposiçã  
de Paul IV  
aos annos  
da Dieta.

peito. Paulo IV. que tão enfatuado estava das prerogativas da sua Sé, como se tivesse vivido dous seculos antes, declarou nullos os autos da Dieta, e sustentou que a elle lhe pertencia nomear hum Imperador, no caso de renúncia; que Fernando, por ter favorecido os Hereges, se constituíra indigno do Imperio; e que os Eleitores protestantes, porque tinham abandonado a Igreja Romana, por isso mesmo perdêraõ o direito do voto. Pretendia este Papa que o Imperador se mostrasse arrependido do passado; que renunciasse o titulo, de que irregularmente fora revestido em Francfort, e que se referisse á sua authoridade, e á clemencia do Papa. Em vão fez o Rei de Hespanha as mais fórtres instancias, para que Paulo desistisse de humas pretensões, que de nenhuma maneira se podiaõ sustentar: e o Imperador não foi reconhecido pela Corte de Roma, até o fim deste Pontificado.

O que Paulo requeria do Imperador.

Retiro de Carlos V. para hum mosteiro.

Tinha-se Carlos V. retirado para o Mosteiro de S. Justo da Estremadura, onde, solitario, socegado, sem o menor apparato de grandeza, cultivando o seu jardim, divertindo-se com a mecanica, fazendo relógios, e conversando com hum pequeno número de particulares, gozava das doçuras do descanso, meditava em

o nada do mundo, e procurava na Religião bens mais sólidos, do que aquelles, a que tinha dado de mão. Viveo Carlos deste modo hum anno, affás ditoso, para gozar de si mesmo, depois de ter sido tanto tempo o ludibrio de huma ambição inquieta, e insaciavel.

Alguns mezes antes da sua morte, redobrando a gorta os seus ataques, cahio Carlos n'huma terrivel melancolia: enfraqueceo-se-lhe a cabeça; a sociedade dos Monges, os seus exercicios, e as suas penitencias, lhe leváráo todos os seus momentos. Intentando Carlos mandar celebrar as suas exequias, e dellas ser hum triste espectador, conduzírao-o em hum esquife para a Igreja; cantou-se o officio dos defuntos, e fizerao-se as funebres ceremonias. No dia seguinte foi Carlos acomettido da febre, que o matou, sendo de idade de quarenta e nove annos.

Carlos morre melancolico, devoto, e de idade de quarenta e nove annos.

Nunca Principe algum (\*) tinha possuido hum Imperio taõ vasto. Os seus talentos, e a sua prodigiosa actividade tanto correspondia a aquelle vasto dominio, quanto o póde permittir a fraqueza humana. Nove viagens á Allemanha, dez aos Paizes Baixos, sete á Italia, seis á Hes-

Sua actividade, e seus talentos.

---

(\*) Na Europa, e nos tempos da Historia Moderna.

Carlos de-  
veria terfe-  
guido ou-  
tro cami-  
nho diffe-  
rente.

Hespanha, quatro á França, duas á Inglaterra, e duas á Africa, provaõ o ardor do seu genio para tudo quanto desafiava a sua ambiciosa politica. Conheceo Carlos os homens, e a eleição dos que empregou foi huma das causas principaes do feliz successo das suas empresas. Que gloria não teria Carlos merecido, se em vez de atear por toda a parte as dissensões, e a guerra, consagrara sua vigilancia á felicidade dos seus vassallos ! *Os Fidalgos me roubão*, dizia elle hum dia, *os Letrados me instruem, e os mercadores me enriquecem*. Reflectindo Carlos deste modo a respeito dos differentes objectos, não podia deixar de ter alcançado que hum Soberano se constitue feliz, não por meio de conquistas ou do despotismo, mas por meio da sabedoria do governo, equidade das leis, e tudo quanto faz florecer os seus Estados.

Seus senti-  
mentos a  
respeito da  
persegui-  
ção.

Zelo violen-  
te de Filip-  
pe II. para  
a catholici-  
dade.

Conta-se que não podendo Carlos no seu retiro ajustar perfeitamente dous relogios, se arguira como de huma loucura, de ter querido sujeitar os homens á uniformidade da fé. Seu filho nem por isso deixou de ser menos despotico, e desapiedado a respeito daquelles, cuja fé não era a sua. Parecia Philippe disputar com Paulo IV., a qual dos dous cometeria maiores barbaridades por meio da

Inquisição. Constantino Poncio , Prêgador, e Confessor de Carlos V. foi queimado em estatua por herege : pouco faltou que senão anniquilasse a memoria do proprio Imperador. O Rei , para maior horror , sabendo hum dia que trinta pessoas ao menos tinhão morrido ultimamente em hum *auto da fé* , requereo que se fizesse na sua presença huma execução semelhante. Vio elle com gosto quarenta victimas consagradas ao supplicio por meio do falso zelo. E pedindo-lhe perdão hum delles, homem distincto: *Naõ*, respondeo asperamente Philippe , *ainda que meu proprio filho fosse , o entregaria ás chammas , se teimasse na heresia*. Bem se póde ajuizar des d'agora que infelices naõ virá a produzir taõ atroz superstição , e quanto soblevará os religionarios fanaticos , e os seguidores da liberdade.

## CAPITULO IX.

*Reina Isabel em Inglaterra , e muda a Religião. --- Paz de Cateau-Cambresis.*

*--- Fim de Henrique II. , e de Paulo IV.*

1558.  
Isabel succede a Maria em Inglaterra.

**A**RAINHA de Inglaterra , Maria , cujas crueldades foram parte para ser odiada a sua Religião , e cujo governo estava tambem aviltado com a perda de Calais , desprezada de seu esposo , e consumida de paixões , morreu sem filhos , em 1558. Isabel , sua irmã , filha de Anna Bolena , occupou o Throno , segundo a ordem de successão estabelecida por Henrique VIII. , e confirmada pelo Parlamento. Esta Princeza , sempre em perigo de morte durante o ultimo Reinado , tinha-se instruido na escola da adversidade. Abundante de engenho , conhecimentos , valor , e de politica , posto que moça , e não tendo ainda vinte e seis annos , podia sustentar com gloria o pezo do governo , nas conjuncturas as mais tumultuosas. Os seus primeiros procedimentos a darão em breve tempo a conhecer.



Apezar da averção occulta , que tinha á Religião Romana , a qual desejava abolir , conserva hum Ministro em Roma , e o encarrega de dar parte ao Papa da sua exaltação ao Throno , e a orgulhosa imprudencia de Paulo IV. mostrasse nesta occasião sem reboço algum , pois trata a Isabel de bastarda : admira-se de ter ella tido o attrevimento de tomar posse , sem sua approvação , de hum Reino feudatario da Santa Sé ; cuida que está ainda no seculo do Rei João , e de Innocencio III. : e digna-se sómente de dar-lhe esperanças de Indulgencia , quando queira sujeitar-se , e pedir perdão. Clemente VII. , que tinha perdido Inglaterra por culpa sua , não se tinha conduzido tão imprudentemente a respeito de Henrique VIII.

Isabel tratada indignantemete por Paulo IV.

Aproveitou-se a Rainha em breve tempo da vantagem , que lhe dava hum insulto , que a Nação levava a mal. Não quiz porém proceder arrebatadamente ; porque as mudanças de Religião n'hum Estado requerem infinita prudencia. Cuidou em ganhar os corações , e preparar os animos. Consummou a obra o Parlamento , assegurando-lhe a superioridade , e concedendo-lhe com o titulo de *Governadora da Igreja* , a authoridade espiritual que seu Pai , e seu irmão tinhaõ exercido.

Isabel muda a Religião cõ prudencia.

do. Abolio-se sem opposição a Missa, e a Liturgia Romana, da qual porém se conservárao as ceremonias sufficientes, para que o Culto exterior dêsse passagem ás grandes innovações. Razaõ por que todos os Curas, e Beneficiados da segunda classe, se sujeitárao á mudança. Hum unico Bispo jurou a superioridade; os mais forão depostos. Que tinha pois adquirido a Fé Catholica com as violencias de Maria, e de seu esposo? Os supplicios nunca já mais regulárao a fé: antes estaõ muito longe da persuasão; e podendo só constituir hypocritas, tudo muda huma vez que já naõ os receaõ.

Utilidades  
políticas da  
reforma.

Se a Inglaterra teve a infelicidade de apartar-se do caminho da salvação, a reforma lhe foi util, a muitos respeito, na ordem civil, e politica. Assim que se abolio o celibato religioso, á povoação avultou. Hum grande número de festas, mal santificadas por causa da madraçaria, naõ suspendeo já os trabalhos necessarios á sociedade, nem interrompiaõ já a harmonia interior do Governo as disputas de jurisdicção, entre o Sacerdocio, e o poder temporal. A industria cessou de vêr-se cingida, e soffocada pelas immensas possesões do Cléro, e Monges. Livráraõ-se das emprezas, e das exacções prejudiciaes da Corte de Roma, e per si mesmos se des-

desvanecêraõ quantidade de abusos que faziaõ perder o dinheiro ; o tempo , e os vassallos.

Os autos de Rymer provaõ quanto era prejudicial á Inglaterra a unica peregrinação de S. Thiago de Compostella. Novecentas e dezasseis pessoas obtivêraõ licença de ir a S. Thiago em 1428 ; duas mil quatrocentas e sessenta , em 1434 ; e duas mil e cem , em 1445. Esta particularidade basta para julgar do mais.

Quão prejudicava ao Reino a unica peregrina de S. Thiago.

Tanto que Isabel occupou o Throno , os Reis de França , e Hespanha pretendêraõ á porfia a sua amizade. O segundo , com a esperanza de reinar em Inglaterra , offereceo-lhe a mão de esposo , e solicitou huma dispensa de Roma para a receber. Muito longe estava a sagaz Princeza de acceitar este offerecimento , taõ contrario ás suas proprias inclinações , como aos desejos dos Inglezes. Dissimulou todavia , e Philippe defendeo ao principio com grande fogo os interesses de Isabel , nos Tratados , e negociações , que continuavaõ em Cateau-Cambresis ; porém vendo-a arruinar o Catholicismo , resfriou nas suas pretensões : o que era arruinar a obra do mesmo Philippe , assim como de Maria. As duas potencias tratáraõ separadamente com Henrique II. , e todavia

Conducta de Philippe II. com Isabel.

Tratados, e negociações de Cateau-Cambresis.

entre ambos os tratados só houve hum dia de intervalo.

1559.  
Tratado cō  
Isabel, que  
abandona  
Calais.

O tratado de Inglaterra não contém cousa memorável, salvo o artigo de Calais. E não podendo Isabel recuperar esta Praça, nem ceder della sem aventurar a sua honra, por oito annos a deixa ao Rei de França, com a condição de entregalla depois, ou de pagar quinhentos mil escudos; com tanto porém que Inglaterra não rompa a paz, nem com a França, nem com a Escocia. Salvou Isabel as apparencias, no que fez muito. Nem se pôde crêr que ella teria esperanças de entrar novamente na posse de Calais; pois importaria para isso sacrificalla, ou tomalla novamente por força. As circumstancias faziaõ necessario o sacrificio, e a politica o encobrio aos olhos do Povo, de modo que não excitou murmuração alguma. Hum Ministro prudente conserva a opiniaõ, e parece governalla algumas vezes. Adiante veremos os desassocegos, que causavaõ á Rainha de Inglaterra as pretensões de Maria Stuart, esposa do Delfim.

Tratado cō  
Filippe II.

Em virtude do Tratado com a Hespanha, restituiu Henrique hum grandissimo número de Praças, por Santo Quintino, Ham, e o Catelete: restituíraõ-se ao Duque de Saboya os seus Estados,

ex-

excepto Turim , Pinheiról , Chivas , e Villia-Nova ; Monferrato foi entregue ao Duque de Mantua ; e as Cidades conquistadas em Corfega , á República de Genova. O Pápa , o Imperador , Dinamarca, Sueffia , Polonia , Portugal , Escoffia , &c. foraõ comprehendidos neste Tratado , como alliados de hum , ou do outro Rei. A França conservou Metz , Tul , e Verdun, porque Filippe não se interessava muito por Fernando , seu tio. Os dous ramos da Casa de Austria algum tempo foraõ mais competidores , do que amigos hum do outro. Não se esquecia Filippe de não querer Fernando ceder-lhe o Imperio.

Murmurou a Naçaõ Franceza alta , e poderosamente de hum Tratado taõ contrario ás suas esperanças , indignando-se da cessaõ , que se fazia , de cento oitenta e nove Praças fôrtes , conquistadas nos Paizes-Baixos , ou na Italia. O Condestavel de Montmorenci , author da paz , impaciente por concluilla , tinha achado expediente para obrigar a Corte a consentir nella. Este expediente eraõ dous casamentos ; hum da irmã de Henrique com o Duque de Saboya , e outro de Filippe com a filha primogenita de Henrique. Os casamentos dos Principes , que raras vezes são laços de huma sincéra uniaõ , muitas

A França ce-  
de muito ,  
estas uniõ-  
es são des-  
culpadas  
por meio  
de dous  
matrimoni-  
os.

tas tem sido meios honestos para coroar o que envergonharia, se de outro qualquer modo se fizera.

Succedendo finalmente as festas aos combates, custáraõ estas a vida a Henrique II., que foi mortalmente ferido em hum torneio, depois de ter quebrado nelle muitas lanças.

1559.  
Morte de  
Henrique  
II.

Seu zelo af-  
fectado, e  
funesto.

O zelo sanguinario deste Principe contra os innovadores, lançou as sementes das guerras do Calvinismo; pois que até chegou a querer perseguir a Duqueza de Ferrara, filha de Luís XII. cuja Corte era o asylo das pessoas doutas instruidas na doutrina heterodoxa. Ordenou aos Juizes que mandassem prender por hereges todos aquelles, que os sollicitassem a favor dos Religiosos condemnados a supplicios inhumanos. Alguns membros do Parlamento toraõ prezos, por ter sido de parecer que se moderasse o rigor das Ordenações. Quem não diria que o zelo ordenava barbaridades! Porém o fructo que estas viráõ a produzir, será o de arrastar a Religião, e o Estado para a sua ruina.

Morte de  
Paulo IV.,  
abominado  
em Roma.

No mesmo anno de 1559 morreo Paulo IV., hum daquelles Pontifices fervorosos que pareciaõ ter nascido para abraçar a Europa, cheio de maldições do Povo Romano. A sua estatua foi despadada,

da, e lançada no Tibre, e os prezos da Inquisição soltos : demolida, como monumento de horror a prizaõ edificada por Paulo. Pouco faltou que não reduzissem a cinzas o Convento dos Dominicanos, que presidiaõ a este Tribunal. Expulso os Caraffas de Roma por ordem de Paulo, depois de ter sacrificado tudo á sua fortuna, contribuíraõ para a eleição de Pio IV. (Medichino), cujo reconhecimento durou pouco tempo, porque no anno seguinte os mandou matar. Este novo Papa reconheceo a Fernando por Imperador, e fez célebre o seu Pontificado, pon-do fim ao Concilio de Trento, que parára des do anno de 1552.

Pio IV.

---

## C A P I T U L O XII.

*Fim do Concilio de Trento. --- Sua disciplina, rejeitada em França. --- Socinismo, Literatura, &c.*

**O**S tumultos de Religiaõ, que já inquietavaõ a França, como bevemente veremos, craõ parte para que se desejasse hum Concilio nacional, em que provavelmente teria havido muitas disputas infructuosas. Semelhantes Juntas atemorizavaõ mui-

Requeria-se em França hu Concilio Nacional.

Proposições  
feitas ao  
Papa por  
Catherina  
de Medicis.

muito mais a Corte de Roma, do que hum Concilio geral, cujas operações podia Roma ou dirigir, ou suspender. Além de que, a Rainha Mãi, Catherina de Medicis, arbitra do governo durante a menoridade de Francisco II., propunha ao Papa humas razões muito melindrosas para a Santa Sé: a saber, tirar as Imagens que se adoravaõ, diminuir algumas ceremonias do Baptismo, conceder a Comunhaõ debaixo de ambas as especies, celebrar o Officio Divino, e especialmente a Missa na Lingua vulgar, abolir a festa do Corpo de Deos, e as Procissões do Santissimo Sacramento; Artigos que pareciaõ ser mais uteis para os Protestantes, do que para os Catholicos. Receando pois o Papa, que a Corte, e o Cléro de França não venceassem as difficuldades, diligenciou ajuntar, e convocar sem demora o Concilio. Fez-se novamente a abertura d'elle pela ultima vez em o mez de Janeiro de 1562.

Pio IV. convocou, e ajuntou o Concilio de Trento.

Naõ podendo Pio atrahir os protestantes para o Concilio, propoem que se armem cõtra elles.

Fez-se diligencia para que viessem ao Concilio os protestantes de Allemanha, os quaes pretendiaõ todavia que as antigas decisões do Concilio fossem examinadas, e ser Juizes junto com os outros, anteendo que a sentença seria pronunciada contra elles. O Imperador Fernando, em vez de apertar a sua liberdade, não acci-



ceitou a bulla de convocação. Mostrou Pio IV. logo quaes eraõ as suas disposições a respeito dos Religiosarios, propondo huma liga, cujo fim era opprimillos por toda a parte. O meio das armas parecia-lhe mais efficaç, que o dos Canones, e censuras Ecclesiasticas: quando era só proprio para armar os mesmos, que importava muito convencer, e converter.

Entre os mesmos Catholicos, se levantavaõ algumas nuvens de máo agouro para o Concilio de Trento, em que a Corte de Roma tinha huma influencia muito manifesta. *Roma enviava o Espirito Santo na mala do Correio*, diziaõ algumas pessoas distinctas. Este bom dito indecente, he attribuido especialmente a Lansac, hum dos Embaixadores de França. O sabio Pibrac, que era outro Embaixador Francez, disse claramente, n'hum discurso, que fez á Junta, que os Concilios convocados no tempo de Paulo III., e de Julio III. não tinhaõ feito cousa alguma, que boa fosse, e sustentou que este não devia ser continuação dos dous primeiros.

Queixas  
dos Frãce-  
zes cõtra o  
Concilio.

He certo que os Legados, e Bispos Italianos empregavaõ toda a sua astucia, para que todas as cousas se fizessem ao gosto, e satisfação do Papa. Lainez, General dos Jesuitas, forcejou por provar, por

Influencia  
dos Lega-  
dos, e dos  
Italianos.

meio de hum dilatado discurso, que toda a authoridade espirital dimanava sómente do Papa, em quem só se incluía toda a jerarquia. Não só não se pôde fazer decidir que a instituição dos Bispos era *de Direito Divino*; senão que hum dos Canones principaes insinúa, que todos elles recebem os seus poderes do Papa. Estes são os proprios termos do Canon: *Se algum differ que os Bispos, que são eleitos pela authoridade do Papa, não são verdadeiros, e legitimos Bispos, mas que isto he huma invenção humana, seja excommungado.* As disputas foraõ taõ violentas a este respeito, que se víraõ a ponto de hum rompimento manifesto, e sem remedio.

Muitas intrigas, e disputas.

Fra-Paulo, e o mesmo Pallavicini, nas suas Historias do Concilio, descobrem o contexto das intrigas, contestações, subterfugios, e vãs subtilidades, que se confundirão muito com as materias as mais respeitaveis. Sem demorar-nos em pontos de Fé recebidos na Igreja, e que se não devem já examinar, observemos sómente alguns Decretos de disciplina, em que respira o antigo espirito de dominio, e independencia.

Decreto proposto para a reforma dos Principes.

Ao mesmo tempo que o grande objecto deste santo Senado devia ser reformar a Igreja, e cortar pela raiz tantos abusos, que os innovadores lhe arguiaõ,

tra-

traçou-se hum Decreto de refórma para os Principes , que conta de treze Artigos a fim de estabelecer as immuniades do Cléro , taes como os seculos de ignorancia as tinhaõ produzido , já quanto ás pessoas , já a respeito dos meſmos bens patrimoniales. Ferrier , hum dos Embaixadores Francezes , levantou-se contra esta temeraria empreza , com igual razão , e eloquencia. Alguns arguíraõ o seu discurso de heretico ; e pelo menos a maior parte o julgáraõ escandaloso. Retirou-se Ferrier , conforme as ordens da Corte , do mesmo modo que os seus Collegas já tinhaõ feito , e o Decreto se reduzio a humma simples exhortação feita aos Principes , para proteger a liberdade da Igreja , e manter as immuniades , e jurisdicção dos Ecclesiasticos. Porém ordenou-se a execução de todas as constituições dos Papas a respeito deste ponto.

Opposiçaõ  
dos France-  
zes , a qual  
pouco se  
respeita.

Deste modo humma grande multidão de bullas evidentemente contrarias ás Leis civís , á authoridade dos Principes , e dos Magistrados , e ao bem commum da sociedade , chegáraõ a ser outras tantas Ordenações do Concilio. E o que mais espanta , he vêr como só a França , ou para melhor dizer antes humma parte da Nação , rejeitou constantemente semelhante disciplina. Por outras partes se contentáraõ de

Todas as  
cõstituições  
a respeito  
das im-  
munidades  
ecclesiasticas,  
confir-  
madas.

termos geraes, a fim de salvar os direitos da soberania.

Outros Decretos contrarios ao direito commum, ou ao direito civil.

Por meio de outros Decretos, as causas dos Bispos, em materia criminal, são attribuidas ao Papa; a quem attribuem o direito de commetter, ou de evocar para si as causas, cuja sentença pertence aos Bispos. Consigna-se a estes, *como Delegados da Santa Sé*, humas funções essencialmente annexas ao seu ministerio. Por outra parte, se lhes attribuem certos direitos, que o poder civil pôde revindicar. Os Bispos são estabelecidos Juizes dos Livros, administradores dos Hospitales, executores dos Legados pios, &c. Ordena-se em certos casos condemnações pecuniarias, confiscações, prizões, e tambem penas capitaes contra o duello.

A respeito do matrimonio.

O Decreto de Doutrina a respeito do matrimonio, não só estabelece impedimentos de afinidade espiritual, da qual he necessario absolutamente ter dispensa; mas declara legitimos os matrimonios dos filhos de familia, sem o consentimento de seus Pais, com excommunhaõ contra aquelles, que defenderem o contrario.

A respeito da profissão religiosa.

O contrario se tem sustentado em França por muito boas razões: e finalmente, authorisa-se a profissão religiosa de dezasseis annos para ambos os sexos. A Ordenação de Orleans, de 1560, tinha prohi-

hibido a profissão religiosa para os homens antes de vinte e cinco annos, e antes de vinte para as mulheres. He cousa bem singular, que não sendo admittida a disciplina do Concilio a respeito de outros pontos, tenha sido admittida a respeito deste, a pezar dos inconvenientes visiveis, que della resultavaõ.

Perderíamos o tempo em referir as Disputas a fórtes disputas, que se levantáraõ entre os Embaixadores de França, e Hespanha, a respeito da precedencia, n'hum Congresso, onde se tratava da Fé Christã, e da tranquillidade dos Póvos. Basta saber que o Papa, depois de grandes difficuldades, sendo no principio favoravel aos Hespanhoes, decidiu a favor dos Francezes.

Disputas a respeito da precedencia.

De tudo quanto se fez em Trento, com a mira em reformar a Igreja, parece ter produzido maior effeito, o estabelecimento dos Seminarios, por ter influido mais a respeito dos principios, e costumes. A educação decide ordinariamente do procedimento dos homens; e sendo necessarias luzes, e virtudes raras para o Sacerdocio, devia a mocidade ser educada com grande cuidado, a fim de satisfazer dignamente ás suas funções. Porém entre preocupações, superstição, e fanatismo, era para reccar que se não inspirasse a hipocrisia juntamente com a piedade.

Estabelecimento dos Seminarios util, mas imperfecto.

dade, o enthusiasmo com o zelo, principios falsos com a disciplina, o espirito da cavilação, e disputa com a Theologia ordinaria, e menos moral sólida, do que práticas exteriores. Com effeito, a educação dos Seminarios conservou por muito tempo diversos abusos confundidos com utilidades reaes; e se se examinarem bem as cousas, he esta huma das principaes razões, por que o Ministerio Ecclesiastico se vio ainda exposto a tantas censuras. Pio IV. fundou o Seminario Romano, e o confiou aos Jesuitas; e o seu systema servio de exemplo para os outros.

Pio IV. cõ-  
firma o Cõ-  
cilio com  
precipita-  
ção.

Este famoso Concilio, que se conta pelo vigesimo geral, acabou em 1563. Alguns Cardeaes eraõ de parecer, que não fosse confirmado tão depressa; porque, segundo diziaõ, não podendo muitos Canones observar-se, os escandalos, ou as dispensas se multiplicariaõ infinitamente. Que apparencia podia haver, por exemplo, de que fosse abolida sómente pela força de hum Decreto a pluralidade dos beneficios? Não deixou Pio de publicar a Bulla de confirmação, prohibindo toda, e qualquer glosa, Commentario, ou interpretação da doutrina do Concilio; e reservando para a Santa Sé o direito de explicar, ou decidir tudo o que

que fosse necessário. Se a Bulla tivera tido o seu total effeito, nunca o Papa fora mais poderoso.

Portugal, Veneza, e o Duque de Saboya, recebêrao tudo sem difficuldade. O Rei de Hespanha mostrou publicamente a mesma submissão, dando ordens secretas para a conservação da Authoridade Real. Em França recusárao publicar o Concilio; e o Cardeal de Lorena, que acabava de fazer nelle a maior figura, debalde oppoz o seu crédito ás razões do Chanceler Hospital, e do Parlamento.

Como foi recebido o Concilio e os Estados.

Trabalhava o Imperador Fernando I. por unir as duas Igrejas, por meios de conciliação, dignos de ser preferidos ás excommunhões, e violencias, e obteve do Papa a Communhão debaixo das duas especies para os seus vassallos. Tendo-o a morte roubado muito cedo, seu filho, e seu successor, Maximiliano II., requereo outro ponto mais importante, o matrimonio dos Clérigos. Encontrao-se nos Historiadores os motivos, os quaes elle encarregára ao seu Embaixador que fizesse muito para dar-lhes vigor. Grandes, e fortes razões tinha a Corte de Roma para oppôr-se a isso, e o Papa Pio foi inflexivel a este respeito.

Maximiliano II. requer o matrimonio dos Clérigos.

O Concílio,  
é o *Index*  
não fazem  
senão escā-  
dalizar os  
protestâtes.

Desvaneceu-se então a esperança de reduzir os protestantes; os quaes desprezavaõ hum Concílio, de que se tinhaõ esperado milagres. O *Index* dos Livros prohibidos, que o Pontifice publicou em breve tempo, augmentou a sua indignação, e os mesmos Catholicos illuminados não podiaõ deixar de gemer, vendo que este *Index* denigria huns Authores, e humas obras dignas de elogios.

Origem do  
Socinianis-  
mo, que  
reprova os  
Mysterios.

Como os protestantes não concordavaõ, nem entre si, nem com os Catholicos, a respeito do sentido das Escrituras, as quaes sujeitavaõ ao exame da razão; como os Mysterios se confundem mais por meio das disputas, e o entendimento humano, inquietando-se em meio de profundas trévas, cahe de precipicio em precipicio: cedo ou tarde devia originar-se algum novo systema perigoso, em que a fé quasi que se reduziria a humas idéas philosophicas. Lelio Socino, natural de Siena, foi o que lançou as primeiras sementes para elle. Tinha-o a Inquisição apartado da sua Patria, e irritado sem dúvida contra a Religião. Fausto Socino, seu sobrinho, desenvolveo os principios de seu tio, e temendo as perseguições de Calvino em Genebra, passou para Polonia a fim de dogmatizar, e fundar, assim como na Transilvania, a Seita dos Socinianos.

Lelio, e  
Fausto So-  
cino.



nianos. Esta Seita não admitte Myſterio algum, e honra a Jeſus Chriſto como hum Sábio, destinado pela Providencia para guiar os homens pelo caminho das obrigações, e da virtude. Affim os Catholicos como os proteſtantes, todos igualmente ſe horrorifáraõ de huma Doutrina, que deſtruia os fundamentos da Fé Chriſtã. Proſcripta eſta Seita da Polonia, introduzioſe entre as Seitas da Hollanda, e Inglaterra, cauſando pouca novidade por ſer pouco propria para inflammarmos o fanatiſmo, e occaſionar tumultos. Morreo Fausto Socino em 1604.

Se as Letras podesſem conſolar o Gênero Humano das infelicidades cauſadas pelos tumultos de Religião, roubar-nos-  
hãõ agradavelmente as atenções os princípios do Século XVI. A Italia teve o ſeu Ariosto, o ſeu Machiavelo, o ſeu Guichardino, Bembo, Sadoletto, Annibal Caro, Paulo Jove, Sannazar, &c.; a França, Budé, os Bellais, Ramus, Molino; os Eſtevãos, os Eſcaligeros, e outros muitos ſábios. Eraſmo illuſtrou a Hollanda, e mereceo a univerſal admiração. Copernicó deſcobrio em o Nórte o verdadeiro ſystema do mundo, que Galileo deo depois diſſo á luz, e a Inquiſição condemnou. Sleidan foi em Allemanha hum Hiſtoriador respeitavel. Por eſte meſmo tempo

Gente de  
letras da-  
quelle tem-  
po.

Rafael , e Miguel Angelo.

po fazião Rafael , e Miguel Angelo as suas Obras , que naquelle genero eraõ consummadas. Porém os furores da superstição , que cedo exporão aos olhos scenas sempre mais sanguinolentas ; apenas permittiaõ aos melhores entendimentos dar apreço ás vantagens da Literatura , e das Sciencias , e Artes , que civilisaõ a humanidade. Além de que o *Príncipe* de Machiavelo , a pezar do merecimento das outras obras deste Escriitor , espalhava huma politica abominavel muito propria para produzir novos crimes.

Ramus perseguido pelos Doutores,

A perseguição , que Ramus soffreo em França , affaz he para dar a conhecer até onde chegava o absurdo , e a barbaridade nas proprias escólas , das quaes parece que devia sahir a razaõ , e espalhar os verdadeiros principios da vida humana. Sendo Ramus hum Filosofo , Mathematico , e sabio Letrado , foi exposto no principio á censura dos Doutores , por não imitar a sua má pronúncia do *Q* ; pois ensinava a pronunciar *quanquam* , e não *kankam* , o que era hum crime. Acometter o peripatetismo foi outro crime muito mais enorme. Foi Ramus taxado de heresia ; e hum dos seus cobardes competidores o mandou matar no famoso dia de S. Bartholomeu , do qual brevemente trataremos ; e os Estudantes ultrajáraõ o seu cadaver. Quan-

to mostraõ taes exemplos a tyrannia das preocupações , especialmente daquellas, que o espirito de corporação consagra , e eternisa , quanto póde !

Insigne desgraça era , e foi longo tempo para a Religião serem acomettidos , como seus inimigos , huns homens illuminados , virtuosos , sujeitos á Fé , indoceis sómente aos erros vulgares , e cheios de hum nobre zelo assim a favor da verdade , como do bem público. Que extravagancia não he , querer ornar com seus nomes a lista dos hereges , e dos incredulos ! Os libellos , e as accusações contra Erasmo , por exemplo , causavaõ-lhe talvez menos damno , do que ao Catholicismo.

Imprudencia dos zeladores apaixonados



## UNDECIMA ÉPOCA.

### GUERRAS DE RELIGIAÕ EM FRANÇA.

SOBLEVAÇÃO DAS PROVÍNCIAS UNIDAS CONTRA FILIPPE II. --- INGLATERRA FLORECENTE NO REINADO DE ISABEL.

*Des do anno de 1559, até o Reinado de Henrique IV.*

#### CAPITULO I.

*Reinado de Francisco II. --- Principio dos tumultos de Religião em França.*

Obrigaçã  
penosa, e  
perigosa de  
hum Histo-  
riador.

**N**AÕ se trata já agora, diz o illustre Historiador de Thou, nem das excellentes máximas, nem das grandes acções dos nossos Pais: cumpre-me expôr os desastres do Estado, isto he, os nossos erros, e vícios, que quarenta annos ha, que assolaõ este Reino n'outro tempo tão florecente. A nosso pezar, e sobmettendo-nos á verdade da Historia, fallaremos da ambição, avareza, má fé, e perniciosos confelhos de algumas pessoas; por quanto

„ OS

„ os Historiadores amigos da verdade,  
 „ são obrigados a dizer tudo, com tan-  
 „ to que seja com candura, sem paixão,  
 „ e sem odio. Tanta distancia vai daquel-  
 „ le tempo a este, em que escrevo, que  
 „ me não devem dar por suspeito, nem de  
 „ prevenção, nem de odio. „ (L. XXII.  
*no fim.*) De boa vontade cito estas pala-  
 vras de hum grande homem, porque em  
 nosso proprio seculo a verdade historica  
 acha censores sempre promptos para con-  
 demnar o mesmo, que ignoraõ, ou aquil-  
 lo que huma falsa politica lhes encobre.

A Corte de França, depois da mór-  
 te de Henrique II. estava cheia de facções  
 inmultuosas. Catharina de Medicis, Mãe  
 de hum Rei fraco, e incapaz de tudo,  
 além de ter huma grande vontade de do-  
 minar, era dotada do espirito de doble-  
 za, dissimulação, perfidia, e atrocidade.  
 Não fazendo escrupulo de nada, a fim de  
 effectuar os seus intentos, respirava de al-  
 guma sorte o puro machiavelismo. Os Gui-  
 fas, tios da joven Rainha, Maria Stuart,  
 estavam de posse da authoridade do go-  
 verno; e arrastados da ambição, o seu  
 proprio merecimento vinha a ser origem  
 de infellicidades para a Patria. Dous Prin-  
 cipes de sangue, Antonio de Borbon, Rei  
 de Navarra, e seu irmão Luís, Principe de  
 Condé, indignando-se por não terem cré-  
 di-

Facções na  
Corte de  
França.

Catherina  
de Medicis.

Os Guifas.

Os Borbons.

Montmorenci.

dito, estavam bem dispostos para perturbar o Estado por motivo de seus interesses pessoaes. Finalmente o Condestavel de Montmorenci, e sua poderosa familia tambem tinham pretensões, e idéas incompatíveis com a tranquillidade do Reino. Quiz a desgraça que huns, e outros se servissem da Religião, como de instrumento o mais util para sediciosos. Por este meio atearam as guerras civis, em que a ambição, e o fanatismo se irritavam á porfia, por assim dizer, contra os Cidadãos, Estado, e os mesmos Reis.

Progressos da Doutrina protestante em o Reinado de Francisco I.

No Reinado de Francisco I., tinha-se a nova Doutrina espalhado na Corte, assim como pela Capital, e Provincias. O gosto da novidade teria sido sufficiente para lhe ganhar profelytos, ainda quando as razões especiosas dos protestantes, e especialmente os abusos, a que elles se oppunham, tivessem sido menos proprios para abalar os animos. Tinha Calvino dedicado ao Rei o seu Livro da *Instituição Christã*, que continha todo o fundamento dos seus erros: o que prova, bem que Calvino tivesse já buscado guarida fóra do Reino, quantos sequazes tinha este deixado á roda do Throno. A severidade dos Decretos não procedia certamente tanto do zelo de Francisco, como da influencia das conjuncturas. Sua irmã, a Rainha de Na-

var-

varra, protegia os Religiosarios, ao mesmo tempo que estes soffrião as perseguições do Cléro, e Parlamento.

A execução de Cabrieres, e de Merindol, os supplicios que Henrique II. multiplicou sem consideração, em vez de abater o espirito da Seita, irritárao-o mais; como sempre se deve esperar, quando reina o enthusiasmo. Huns aspiravao ao martirio; porque não duvidavao que o fosse, o morrer pela sua doutrina; outros, que erao em maior número, confundiao com o seu zelo o ardor da liberdade, e vingança. Sabiao elles, que o Almirante de Coligni, que Andelot, e o Cardeal de Chatillon, seus irmãos, sobrinhos do Condestavel, se tinhao declarado a favor da reforma, e que o Principe de Condé se inclinava a abraçar este partido. Semelhantes protectores defendiao a audacia, que inspira a persuasão religiosa.

Por outra parte, mostrando-se catholicos zelosos os Guisas, que governavao no Reinado de Francisco II., novos exemplos de rigor augmentaao o rancor dos protestantes. Anna do Burg, Conselheiro Notario do Parlamento, recommendavel pelos seus costumes, e inteireza, muito mais do que pela sua nobreza, morreo enforcado por herege. Disse elle ao Povo antes da execução, que morria *pelo Evangelho de Deos.*

O mal tinha-se augmentado em o Reinado de Henrique II.

---

1559.  
Supplicio de Anna do Burg, em o Reinado de Francisco II.

*Deos.* Não ha palavras , com que explicar quanto a plebe se encolerisou com o supplicio deste Magistrado. Das suas cinzas , como diz de Thou , sahio huma seára funesta de conſpirações , e de rebelliões.

Inquietavaſe , e irritavaſe os Calvinistas.

Inquietava demais diſſo o Governo continuamente os Calvinistas , a quem ſe armavaſo filadas , a fim de ter occaſião de os caſtigar. Em vez de corrigir toda a ſuperſtição , que ſe tinha introduzido no Culto , accreſcentavaſe-lhe práticas muito mais ſuperſticioſas. Nos cantos das ruas ſe collocárao imagens de Noſſa Senhora , e de Santos , diante das quaes accendiaſe vélas , ou alampadas : ajuntavaſe o Povo de roda , entoava canticos , e forçava os que paſſavaſo a deitar dinheiro em pequenos mialheiros para o gaſto das luzes. Se qualquer homem não ſaudaſſe eſtas Imagens , e não paraſſe com reſpeito , quando o Povo fanatico lhes tributava aquelle culto , era ou moido com pancadas , ou prezo , ou ao menos insultado , e injuriado. Não refrear taes deſordens , era o meſmo que authoriſallas. Furioſos os proteſtantes ſó eſperavaſo por hum cabeça para emprender tudo.

1560.  
Cõjuraçãõ  
de Amboiſa.

Em breve tempo ſe formou a célebre conjuraçãõ de Amboiſa , cuja alma inviſivel foi o Príncipe de Condé , e que Renau-



naudie , Cavalleiro protestante , diuigo com igual astucia , e actividade. O seu intento especial era tirar o governo aos Guisas, aborrecidos como Estrangeiros , e perseguidores. Estes deviaõ ser exterminados de Amboisa , onde estava a Corte , dar a administraçaõ dos negocios a Condé , e assegurar por meio de hum Decreto a liberdade de consciencia. Estava já o dia aprazado para a execuçaõ deste intento , e tudo taõ bem concertado , que o exito feliz parecia infallivel. Porém ao mesmo tempo que milhares de conspiradores guardavaõ inviolavelmente o segredo , hum Advogado , muito bom Cidadãõ , posto que Calvinista , o entregou , por lhe causar horror huma rebelliaõ. Dá logo o Duque de Guisa , nomeado Tenente General do Reino , mostras da sua prudencia , e de seu costumado valor. Os Huguenotes ( este o nome que se dava por injúria aos Calvinistas ), concorrendo de todas as Provincias para o lugar destinado , saõ sorprehendidos , trucidados , ou morrem ás mãos dos algozes.

Taõ numerozo , e apaixonado partido não podia deixar de irritar-se muito mais na adversidade , e era necessario ou apasiguallo , ou esperar novas empresas. Convoca-se huma grande Junta para Fontenbleau , a fim de se deliberar a respeito

Assembléa em a qual Coligni apresenta hū requerimẽto dos Se-  
narios.

das necessidades do Estado. O Almirante de Coligni apresenta nesta Junta ao Rei hum requerimento, por meio do qual pedem os Calvinistas o exercicio público do seu culto, a fim de que não se possa dali em diante imputar-lhes como crime os seus ajuntamentos particulares; declarando que cincoenta mil homens estão promptos para assignar este requerimento.

Discursos  
de dous Bis-  
pos mode-  
rados.

Montluc, Bispo de Valença, e Mar-  
rilhac, Arcebispo de Vienna, fallão com  
vehemencia contra os abusos, que moti-  
vavaõ tantos tumultos, e tamanhas des-  
ordens. Expoem os vicios da Corte Ro-  
mana, a ignorancia, e a corrupção do  
Cléro Nacional, a avareza dos Italianos,  
que possuiaõ a terça parte dos beneficios  
do Reino sem residir nelle, a injustiça da  
perseguição, que confundia os innocen-  
tes com os culpados; n'huma palavra,  
expoem os escandalos, e as preoccupações  
como origem das calamidades públicas:  
condemnaõ os Religionarios sediciosos, os  
quaes importava muito refrear, e castigar;  
mas notaõ que não deviaõ ser tratados co-  
mo criminosos huns homens pacificos,  
afferrados de boa fé ao erro; que os seus  
supplicios tinhaõ acreditado as suas opi-  
niões; que os espectadores tinhaõ tido  
vontade de conhecer, e abraçado muitas  
vezes huma Doutrina, que viaõ defendi-  
da,

da , e sustentada em meio das chammas por homens honrados , e de costumes irreprehensíveis : e insistindo a respeito da necessidade de huma refórma , concluem em convocar hum Concilio Nacional , se o Papa recusasse hum Concilio Geral , e em não empregar a severidade das Leis , senão com os verdadeiros crimes. Tal era a substancia dos dous discursos.

Fallou Coligni depois com toda a sinceridade , e queixou-se da guarda , que se tinha nomeado , e posto para defeza do Rei ; dizendo que o essencial para hum Soberano era fazer-se amar , e que nada lhe era mais funesto do que temer os seus Póvos , e ser pelos mesmos temido , e ramatou dizendo que era necessario supprimir a guarda , ajuntar os Estados Geraes , e procurar os meios de extirpar o erro na Igreja. Os Principes Lorenos sustentárao o seu caracter: O Duque de Guisa protestou que nenhum Concilio o poderia fazer mudar de Religião ; o Cardeal levantou-se contra o requerimento de Coligni , o qual tratou de sedicioso. Com tudo os Estados foraõ convocados , os supplicios suspensos , e huma apparencia de tolerancia deixou respirar os Seitarios ; os quaes não deixáraõ de foblevar-se em algumas Provincias (\*) ;

Queixas, e  
petições de  
Coligni.

Opposiçãõ  
dos Guisas.

U ii

taõ

(\*) Porque os Seitarios encontráraõ em algumas Provincias , Ecclesiasticos intolerantes , e perseguidores , Magistrados hypocritas , e freuxos,

taõ contagiofo era já o resentimento , ou o fanatismo !

O Rei de Navarra, e o Principe de Condé, avisados para os Estados de Orleans.

Depois da conjuração de Amboisa , o Principe de Condé tinha sido prezo , sem provas convincentes. Tendo-se este Principe attrevidamente justificado em pleno conselho , e reduzido o mesmo Duque de Guisa a diffimular , e a defendello , assim que se vio livre , logo se declarou protestante. Accusáraõ o de nova conjuração , e queriaõ perdello , e segurar-se de seu irmão , o Rei de Navarra , que a pezar da sua irresolução , e vagar , inquietava fortemente os Principes Lorenos. Ambos são mandados para Orleans , onde os Estados deviaõ ajuntar-se. Chegaõ ambos a Orleans com muita confiança , e ahi experimentaõ a perfidia bem antevista pelos seus amigos. Condé foi prezo , e julgado por hunos commissarios , a quem recusa responder , e reclama os direitos da paz , e sem que isto obste , he condemnado á morte. De Thou julga que a sentença não fora assignada , e o Rei de Navarra , em quanto durou este processo , esteve com sentinellas á vista.

Processo de Condé.

C A P I T U L O II.

*Principios de Carlos IX. --- Primeira guerra civil de Religião.*

**M**ORRE por este tempo Francisco II. depois de ter reinado defassete mezes ; e Carlos IX. , seu irmão , sobe ao Throno, na idade de dez annos. Muda então a scena na Corte. Catherina de Medicis , cujas idéas todas propendiaõ para o dominio , e cuja alma artificiosa moldava-se a todas as circumstancias , assim como a sua maxima valida era *dividir para reinar* , e que , por conseguinte , devia favorecer ou oppôr-se successivamente aos partidos contrarios ; contemplando simplesmente a Religião como hum principio de politica , e attendendo sómente ao Estado , em quanto podia referir-se ao seu interesse pessoal ; esta perigosa Princeza não podia , por meio das suas variações , deixar de augmentar os mesmos tumultos , que dava mostras de querer apasiguar. Oppoem hum contrapezo ao poder enorme dos Guisas. O Principe de Condé he solto , e livre ; o Rei de Navarra , nomeado Tenente General do Reino , e o Condestavel de Mont-

1560.  
Carlos IX.  
succede a  
Francisco II.

Politica  
da Rainha  
Mãi.

Mudanças  
na Corte.

morenci , desgraçado des do principio do ultimo Reinado , restituído com honra. Certas apparencias de concordia succedem ás mais fortes inimizades ; porém o odio fica arraigado nas almas.

O Chancel-  
ler do Ho-  
pital.

O homem mais capaz de remediar as infelicidades públicas , se as leis tivessem força contra a raiva das facções , era Miguel do Hopital , Chanceller virtuoso , superior assim ás preocupações , como aos vicios dominantes , Magistrado que teria sido digno do Senado Romano nos admiraveis seculos da República. Tinha elle tirado ao Parlamento o conhecer do crime de heresia , para o attribuir aos Bispos , por meio do Edicto de Romorantin , ainda que este crime tinha pena de morte. Porém não houve outro meio de impedir o estabelecimento da Inquisição , que o Cardeal de Lorena pretendeo ajuntar aos flagellos , sob que a França gemia. Ao menos entre os Prelados alguns se encontravaõ homens moderados ; e os mais sevéros por ventura eraõ tanto para temer , como os desapiedados Inquisidores ? Entre dous males , só se podia entaõ eleger o menor.

Decreto de  
Romoran-  
tin.

Discurso  
do Chancel-  
ler aos Es-  
tados.

Defendeo o Chanceller nos Estados de Orleans a sua reputação por meio de hum discurso eloquente , no qual expoz ao principio o fim das Juntas da Nação ,

e as suas utilidades , para instruir os Soberanos das suas obrigações : “ Obrigacões hoje em dia desprezadas , diz o mesmo Chanceller , porque os Reis não vem , nem ouvem , senão pelos olhos , e pelos ouvidos dos outros ; e só vivem , governaõ , e decidem a respeito dos negocios mais importantes , pelo sentimento ou fantasia dos seus Ministros ; e cercados de filadas , que de todas as partes se lhes arma , sendo destinados para governar os outros , saõ elles mesmos governados por aquelles , que os cercaõ. ” Descreveo depois Miguel do Hopital os abusos introduzidos em todas as Ordens ; condemnou os excessos em materia de Religiaõ , e accrescentou que se deviaõ abolir aquelles nomes odiosos de Lutheranos , Huguenotes , e Papistas , que se assemelhavaõ com as antigas facções Guelfa , e Gibellina , sendo sómente necessario conservar o admiravel nome de Christaõ. Exhortou os membros da Junta a despojar-se de toda a idéa , e affecto particular , a fim de expôr livremente tudo quanto julgassem util , e vantajoso para o Reino.

Com tudo a falta de harmonia nos Estados , a competencia das tres jerarquias , a força das preocupações , e os interesses de partido , eraõ hum obstaculo in-

Nenhuma harmonia e os Estados.

Ordensão. venível para o zelo do Chanceller. Por es que na hume parte, invektivou-se contra a igno- quelle tem- rancia, e desordens do Cléro; requerendo-se tam- po se fizé- ben Ecclesiasticos fosse destinada para pagar as dividas do Estado. Por outra parte, enfureceo-se o Orador do Cléro; de maneira que chegou a pedir que se castigasse como Herege, todo aquelle que tivesse apresentado, ou apresentasse requerimentos a favor dos Protestantes. Vio-se porém obrigado a dar a Coligni huma satisfação deste insulto. Prohibio-se, sob pena de mórte, o acomettêrem-se mutuamente por causa de Religião. Ordenou-se que se restituísse a liberdade, e os bens a todos aquelles, que delles tinhaõ sido privados pela mesma causa. Porém as ordenações eraõ muito fracas contra tantas, e taõ defenfreadas paixões. A unica mudança permanente, que os Estados de Orleães produziraõ, foi passar toda a administração da justiça para os Desembargadores, e os Bailios, e os Senescaes militares, foraõ substituidos pelos seus Tenentes.

1561.  
Celloquio  
perigoso de  
Poiss.  
Nem os Catholicos, nem os Protestantes queriaõ ceder. Catherina de Medicis, que entaõ estava de posse do governo, propoem várias conferencias públicas; perigoso meio, e proprio para pôr em risco a boa Doutrina, sem dar nun-



ca fim ás disputas. A pezar da Corte de Roma, fez o Cardeal de Lorena abraçar este partido, a fim de ter occasião de satisfazer a sua vaidade, ostentando de eloquente, e sábio. Disputou pois no famoso colloquio de Poissi, contra Theodoro Beza, discipulo de Calvino. Mas cada hum arrogou a si a honra da victoria, cada hum conservou obstinadamente as suas opiniões, e o colloquio só servio de envenar os corações. Lainez, Geral dos Jesuitas, tratou neste colloquio os Calvinistas de macacos, raposas, e monstros; e reprehendeo alta, e poderosamente a Rainha por se metter em causas ecclesiasticas. Obteve todavia, por meio do crédito dos Cardeaes de Lorena, e Tournon, o primeiro estabelecimento da sua sociedade em fórma de Collegio. Esta sociedade só era com tudo tolerada em París, posto que Henrique II. tivesse ordenado que a admittissem.

Audacia de Lainez.

Eustaquio do Bellai, Bispo da Capital do Reino, sendo consultado a respeito dos Jesuitas, declarou que aquella sociedade, assim como todas as novas Ordens, era infinitamente perigosa, e que mais parecia instituida para excitar tumultos, do que para restabelecer a paz na Igreja. A Universidade intentou contra elles hum famoso processo, em que Estevão Pasquier, advogando contra, fallou aos

O Bispo de París, e a Universidade contra os Jesuitas.

Jui-

Juizes nestes termos : “ Algum dia vos  
 „ arguireis , mas muito tarde , de ter fi-  
 „ do muito crédulos , quando virdes a  
 „ destruição da Ordem , e da tranquillida-  
 „ de pública , não só neste Reino , mas  
 „ em todo o mundo Christão , por causa  
 „ das astucias , dolos , superstição , diffi-  
 „ mulação , fingimentos , prestigios , e ar-  
 „ tificios abominaveis da nova sociedade. „  
 He cousa bem singular que todas as ra-  
 zões allegadas então contra o estabeleci-  
 mento dos Jesuitas , tenham servido nos  
 nossos dias para a sua anniquilação. As suas  
 respostas tambem tem sido sempre as mes-  
 mas.

O Rei de  
 Navarra u-  
 ne-se com  
 o triumvi-  
 rato.

O Rei de Navarra tinha defendido os  
 protestantes , sem declarar-se a favor da  
 sua Seita , e a Corte de Roma , e o Rei  
 de Hespanha se empenhavaõ por acareal-  
 lo ao partido contrario. Promettiaõ-lhe ,  
 ou restituir-lhe a Navarra , ou dar-lhe em  
 troca a Sardenha. Deixando-se o Rei le-  
 var destas vãs promessas , entrou na mes-  
 ma facção , que sempre inquietára , e unio-  
 se com o triumvirato , composto do Du-  
 que de Guisa , do velho Condestavel , e  
 do Marechal de Santo André , Catholicos  
 fervorosos ao menos no exterior. Sem em-  
 bargo do que diz o Padre Daniel , que  
 o colloquio de Poissy contribuiu sem dú-  
 vida pouco para a mudança deste Princi-  
 pe ;

pe ; que necessitava não de argumentos , mas de outra cousa.

Para equilibrar tão poderosa facção , mostrou-se a Rainha mais favoravel aos Calvinistas. As Juntas illegitimas eraõ prohibidas pelo Decreto de *Fulho* ; mas os Calvinistas não o observavaõ ; e muitas vezes os criminaõ daquillo mesmo , que lhes era licito. Tudo eraõ contínuas disputas , injúrias , e violencias. Ajuntáraõ-se os Chéfes dos Parlametos , a fim de procurar juntamente com os Calvinistas os meios de restabelecer o socego , e a boa ordem. O discurso , que lhes dirigio o Chanceller merece ser lido em de Thou. Refutou aquelles , que pretendiaõ que se declarassem absolutamente a favor de hum dos dous partidos. “ Isto he o mesmo que  
 „ dizer , notou elle , que o Rei deve ar-  
 „ mar hum partido para acometter ou-  
 „ tro ? Não seria isto por ventura oppôr os  
 „ membros aos membros , para destruir  
 „ o corpo todo ? Não seria isto huma cou-  
 „ sa indigna , não só do Christianismo ,  
 „ mas da humanidade ? ... Trata-se de re-  
 „ gular o Estado , e não de estabelecer a  
 „ Fé. Muitos , que de nenhuma maneira são  
 „ Christãos , pôdem ser Cidadãos ; e se-  
 „ parando-se da Igreja , não se deixa de  
 „ ser bom vassallo do Rei. Todos pode-  
 „ mos viver em paz com aquelles , que

Assembléa de Magist-  
 dos , a fim  
 de restabe-  
 lecer a boa  
 ordem , e  
 a paz.

O Châcel-  
 er falla nesta  
 Assembléa  
 a favor da  
 tolerancia.

„ tem

„ tem ceremonias , e usos diversos dos  
„ nossos , &c. „

1562.  
Decreto  
moderado,  
registado  
por força.

Depois das deliberações , appareceo o Decreto de *Janeiro* , por meio do qual se concedia aos protestantes o exercicio da sua Religião , fóra das Cidades , e com justas moderações. Foraõ necessarias tres ordens para o mandar registrar , accrescentando tambem esta clausula , *até á decisão do Concilio geral a respeito dos pontos contestados*. As preocupações da Magistratura não eraõ o menor obstaculo para os intentos beneficos do Chancellor.

Os Calvi-  
nistas ar-  
mados por  
causa da  
mortanda-  
de cruel de  
Vally.

Ter-se-hia finalmente restabelecido o socego , se os odios de Religião conhecessem Leis em meio do ardor do fanatismo. Hum successo não esperado os animou repentinamente , e dissipou toda a esperança de paz. Passando o Duque de Guisa por Vally na Champanha , huma parte da sua comitiva insultou os Calvinistas , que assistiaõ ao seu Sermaõ n'huma granja. Principia o cõmbate , quando o Duque correo para aplacar o tumulto ; e sendo ferido com huma pedrada , enfurecem-se os seus criados , e mataõ sessenta pessoas. Esta cruel mortandade , muito exaggerada pela noticia pública , motivou em fim os feitarios a pegar em armas. Poem-se o Principe de Condé á sua frente , com o pretexto de que Catharina de Medicis o cha-  
ma-

mava para soccorrer o Rei ; por quanto o Rei de Navarra , e o Triumvirato tinham-se assenhoreado da sua pessoa. Tal foi a origem das guerras civis , de cujos feitos principaes faremos só menção.

Assenhorea-se o Conde , de Orleans , onde constitue a sua Praça de armas. Vê Ruaõ , e outras muitas Cidades debaixo do seu poder , e cede o Havre a Isabel , Rainha de Inglaterra , a fim de obter o seu soccorro. Não nos admiremos de huma guerra civil , em que a Religião encobria o espirito de rebellião , ter soffocado os sentimentos de Cidadão ; porque já não havia , por assim dizer , nem Francezes , nem Patria ; mas tudo estava cheio , ou de fanaticos enojados huns contra os outros , ou de sediciosos que sacrificavaõ a França , e a Religião á sua fortuna. O Parlamento declara os religionarios por proscritos , ordena aos Catholicos que os persigaõ , e matem , sem temor da justiça. Julgaõ todos estar no tempo de Sylla , e de Mario. Os sorprendimentos , e as cruéis mortandades renovaõ-se continuamente ; cada Cidade do Reino he quasi hum theatro de sangue , e horrores. Deste modo padecerá a França durante huma dilatada serie de erros.

Primeira  
guerra ci-  
vil atroz.

Naõ ha cousa , que maior attenção mereça , do que o catastrophe daquelles que  
eraõ

Sítio de  
Ruaõ.

Batalha de  
Dreux.

eraõ parte para tantas infelicidades. O Rei de Navarra cercou, e tomou novamente Ruaõ, onde morreo de hum ferida. O Marechal de Santo André morreo na batalha de Dreux, ganhada pelo Duque de Guisa capitaneado pelo Condestavel. Singularidade he desta batalha terem ficado prisioneirõs ambos os Generaes, o Principe de Condé, e Montmorenci, aquelle deitou-se no mesmo leito, que o Duque, seu vencedor.

1563.  
Francisco  
Duque de  
Guisa, affas-  
sinado por  
Poltrot.

Estava este para assenhorear-se de Orleans, e tendo já tomado de hum assalto hum dos arrabaldes, foi assassinado por Poltrot, Cavalleiro calvinista, o qual julgou servir a Deos cometendo hum crime para vingar a sua feita. Deste modo morreo Francisco de Guisa, *o maior homem do seu seculo, como confessão os seus proprios inimigos*; do que poderá ser testemunha Mr. de Thou. A ambição do Cardeal de Lorena, mais do que a sua propria inclinação, o tinha constituido Chéfe de partido; a torrente das conjuncturas o arrastou de hum para outro excessõ, sem deslumbrar o esplendor da sua grandeza de alma, e heróicas qualidades. Os homens grandes são os que se devem temer mais, quando se affastão do que lhes cumpre.

Com

Com hum edicto de pacificação se-  
renáraõ hum pouco as tormentas. Este  
edicto perdoava o passado, declarava que  
o Principe de Condé, e seus seguidores  
em nenhuma outra cousa tinhaõ tido a mi-  
ra, senão no serviço do Rei, confirmava  
a liberdade de consciencia, e ordenava  
que em todos os bailios assignar-se-hia hu-  
ma Cidade, na qual os protestantes teriaõ  
exercício público da sua Religião. Estas van-  
tagens foraõ, em breve tempo cerceadas.  
A Rainha entreteve Condé na esperan-  
ça das mesmas honras, e poder, que ti-  
nha tido o Rei de Navarra. Era este o  
verdadeiro meio, se se executassem as pro-  
messas que lhe fizeraõ, para o desarraigar  
de hum partido sempre perigoso. Suspende-  
a a paixãõ das facções, e do fanatismo,  
como que o zelo patriotico animou os Fran-  
cezes a tomar outra vez o Havre á Ingla-  
terra, e Isabel recusou restituir-lho em  
quanto Calais não fosse entregue. Decla-  
ráraõ-lhe logo guerra: o Havre foi nova-  
mente tomado; Calais não foi entregue,  
e as hostilidades acabáraõ por meio de  
hum ajuste. Tinha-se passado em Inglaterra,  
e Escocia vários successos, de que agora fa-  
rei de huma vez menção por evitar con-  
fusões.

1563.

Pacificação  
favoravel  
para os Cal-  
vinistas.

O Havre  
tomado no-  
vamente aos  
Inglezes.

## CAPITULO III.

*Maria Stuart , até o tempo da sua prisão. ---  
Rebellião dos Flamengos. --- Continua-  
ção das guerras civis em França.*

Progreſſo  
do Calvi-  
niſmo em  
Eſcoſſia.

**O**S Eſcoſſezes , hum dos Póvos da Eu-  
ropa o mais ignorante , e ruſtico daquelle  
tempo , eraõ por eſte meſmo motivo hum  
dos mais ſuſceptiveis de fanatiſmo. Tinha  
lavrado entre elles a nova doutrina no  
Reinado de Jacques V. , e Maria de Guíſa ,  
viuva deſte Principe , facilitou os ſeus pro-  
greſſos , por meio da moderação , e cir-  
cuſpecção , com' que ſe houve a reſpeito  
dos reformados. Deſte modo abriu cami-  
nho para a regencia. A ambição de ſeus  
irmãos , que tinhaõ em França muito po-  
der , foi parte para ella lançar as linhas  
contra as ſuas inclinações. Os Guíſas inten-  
tavaõ exaltar a jôven Rainha Maria Stuart  
ao Throno de Iſabel , e a ruina dos pro-  
teſtantes parecia ſer hum meio neceſſario  
para iſſo ; e porque deixáraõ de os tole-  
rar na Eſcoſſia, iſto os motivou a enojar-  
ſe. Certos Fidalgos poderôſos , e indoceis  
ſe pozéraõ á ſua frente : hum eſpirito de  
liberdade , ou de independencia animava o



zelo religioso, do qual extrahia a sua maior força: em 1557 fizeraõ os Seitarios huma liga contra a *Congregação de Satanaz*; este o nome, que davaõ á Igreja Romana, e a sua liga se intitulava a *Congregação de Jesus*. Todos elles se obrigavaõ a huma mutua defeza, para a conservação, e propagação da Palavra Divina, *contra os perversos, que pretendessem perturbar a sua santa liga; renunciando a todas as abominações, e idolatrias do demonio.*

Congrega-  
ção rebel-  
de:

João Knox, Escotez, apaixonado discipulo de Calvino, tinha vindo de Genebra, atizar tão violento fogo. N'hum motim popular, foraõ as Imagens quebra-  
das; as Igrejas saqueadas, os Sacerdotes acomettidos no Altar, e os Mosteiros destruidos. Mr. Robertson, excellente Historiador, não deixa dúvida alguma de que as violencias do governo, inspiradas pelos Principes de Lorena, não tenhaõ sido a origem das rebelliões; e a idéa dos principaes não tenha sido principalmente livrar-se do jugo da França.

João Knox  
discipulo de  
Calvino.

Maria Stuart, sua Rainha, esposa do Delfim, Francisco II., tinha tomado por conselho dos Guisas, seus Tios, as armas, e o titulo de Rainha de Inglaterra. Não tinha o nascimento de Isabel por legitimo; o que lhe dava direitos a esta Coroa, da qual era herdeira presumpti-

Isabel de-  
fede os Es-  
cotezes.

Tratado  
de Edim-  
burgo.

va. Não podia pois Isabel deixar de havelle como inimiga , e era interesse seu manter os tumultos da Escóssia : razão porque mandou soccorro á congregação fanatica. Os Inglezes citiárao Leith defendida por trópas Francezas , e o Ministerio de França vio-se reduzido a assignar o humilde tratado de Edimburgo , em 1560 , em virtude do qual Maria Stuart , e seu esposo devião renunciar o titulo de Inglaterra , e se obrigavao a não fazer paz nem guerra sem approvação do Parlamento , o qual authorisavao mais para deliberar a respeito dos negocios de Religião.

Mudança de  
Religião.

Abolio o Parlamento o Culto Romano , debaixo de penas rigorosissimas ; porque o espirito de intolerancia era commum a ambos os partidos. O Episcopado foi supprimido , assim como nas Repúblicas de Genebra , e de Suissa , e Knox fez com que a Igreja adoptasse aquelle governo *presbyteriano* , em que se julgou acharem-se novamente as máximas , e os usos dos primeiros fiéis. He este tambem hum fructo do zelo perseguidor dos Guisas.

Maria Stuart  
art acomedida  
pelo  
fanatismo.

Tendo Maria Stuart perdido o seu crédito , por morte de Francisco II. , e vendo-se exposta ao genio melancolico da Rainha Mãe , deixou a França com pezar seu , a fim de voltar para hum Reino , onde a barbaridade reinava por toda a

par-

parte. A pezar dos seus talentos , porte engraçado , mansidão , e circunspecções soffreu Maria Stuart em breve tempo , como Catholica , o odio , e ultrajes do fanatismo. Knox , que fallava sempre como Profeta , chamou-a publicamente Jesabel ; citando-lhe a ella mesma os exemplos de Phineas , Samuel , e Elias , como prúvas , de que hum santo zelo póde inspirar justas violencias , e dava a entender que se podia destruir o Throno á satisfação da superstição. Passado algum tempo desmentindo Maria com grandes defeitos a sifudeza do seu procedimento passado , entregou-se , por assim dizer , ao odio feroz dos seus inimigos. Tinha casado com o Lord Henrique Darnley , seu primo , filho do Conde de Lenox ; e Isabel , sempre invejosa debaixo das apparencias de huma fingida reconciliação , não podia desaprovar sinceramente este casamento , o qual lhe poupava a inquietação de vêr casar a sua competidora com algum Soverano. Affectou pois oppôr-se a elle , mas debalde. Darnley , condecorado com o titulo de Rei , sem o concurso do Parlamento , correspondeo muito mal aos beneficios , e amor de Maria ; pois como inconstante , dissoluto , orgulhoso , e perdendo a sua estimação , inspirou-lhe indifferença , e vingou-se della de hum modo atroz.

Maria Stuart casa cõ Henrique Darnley , e arrepende-se do casamento.

Homicidio  
de Rizio.

Chegando Rizio, Musico Piamontez, a ser Secretario da Rainha, suspeitou-se delle que era seu amante, bem que de huma figura muito desagradavel. Além de que era muito digno de odio, pela insolencia com que abusava do seu favor. Hum dia que comia á meza com esta infeliz Princeza certos Fidalgos o matárao a puñhaladas á vista della em 1566. O seu crime, em que o Rei tinha parte, tanto mais horroroso era, quanto maior o risco de vida, que corria a Princeza com hum parto adiantado. Pario todavia Maria Stuart hum filho chamado Jacques, o qual veremos unir as Coroas de Escocia, e Inglaterra.

Homicidio  
do Rei.

Huma fatal inclinação a affeição depois ao Conde de Bothwel, geralmente desacreditado por seus vicios. Mostra-se repentinamente Maria reconciliada com o Rei, o qual morre em breve tempo assassinado. A voz pública accusa Bothwel, o qual se livra da accusação por meio de huma sentença irregular. Rouba este a Rainha, e casa com ella, e fica então Maria abominada como sua cúmplice. Sobre-vaõ-se os Escocsezes, prendem-a, e obri-

A Rainha  
casa com  
Bothwel, e  
perde a Co-  
roa.

Maria Stu-  
art foge pa-  
ra Inglaterr-  
a, onde I-  
sabel a a-  
bominava.

gaõ-a a renunciar a Coroa. Foge apressa-  
damente, e refugia se em Inglaterra (1568).  
Adiante veremos o tratamento, que Ma-  
ria ha de ter de Isabel em Inglaterra.

Go-

Governava esta o seu Reino com huma prudencia admiravel, cuidando na marinha, no commercio, na agricultura, e finalmente em todos os objectos da administração politica; mas não via em Maria senão huma rival, que a excedia em formosura, e lhe causava inquietações. Não era tão generosa, que sacrificasse o interesse á virtude; pois era bastantemente cobarde, apezar das suas grandes qualidades, para se entregar com excesso a hum fraco ciúme de mulher.

Sabio, e prudête governo desta Princeza.

Voltemos para os negocios do Continente, onde os tumultos de Religião, o que a prudencia de Isabel sabia prevenir no seu Reino, não cessava de revolver outros Estados.

O despotismo supersticioso de Filippe II. não podia deixar de excitar rebelliões por toda a parte. Este Principe, que não se fartava de sangue heretico, pretendia que a Inquisição obrasse em Italia, e Flandres o mesmo, que obrava em Hespanha. Os Milanezes, e Napolitanos, sobleváram-se contra o Tribunal, cujo jugo empenhava-se Filippe por lhes impôr. Mais terribes effeitos produzio o amor da liberdade, mais natural entre os Flamengos.

Filippe II. pretende mas é vão sujeitar a Inquisição Napoles, e Milão.

Como a doutrina protestante se achava muito espalhada pelos Paizes-Baixos, o zelo feroz de Filippe se inclinava especial-

Sedições e os Paizes-Baixos.

cialmente para esta parte. A eleição de treze Bispos novos feita nestas Provenças por Paulo IV., se encaminhava evidentemente a atormentar as consciências, e chegava a ser de peso excessivo para os Povos. Margarida, Duquesa de Parma, irmã do Rei, que governava os Paizes-Baixos, regulava-se pelo parecer do Cardinal de Granvelle, Arcebispo de Malinas, cuja inflexibilidade activa irritava os corações. Fervião os queixumes; as ordens severas da Corte de Hespanha irritavaõ o mal; pretendia-se que os Decretos do Concilio de Trento fossem observados; usava-se para isso de violencia. Finalmente manifestou-se a sedição; tanto mais perigosa, quanto eraõ mais illustres, assim por seus meritos, como pelo seu nascimento, os dous homens, que tinha por Chefes, Guilherme de Nassau, Principe de Orange, e o Conde de Egmond; ambos capazes de dirigir taes moveis de Religião, de que tanta força extrahia a politica dos ambiciosos.

---

1565.  
Cõferencia  
de Bayona,  
a qual atemorisa os  
protestâtes.

Visitava entã Catherina de Medicis a França, juntamente com seu filho Carlos IX., debaixo dos pretextos do bem público, e a Rainha de Hespanha, irmã de Carlos, parte da Bayona, a fim de se ajuntar com elles, acompanhada do célebre Duque de Alva, que pouco tempo de-

depois virá a ser o flagello dos Flamengos. O objecto da viagem era huma conferencia já de longe preparada. Adriani, continuador de Guichardin, diz, que esta conferencia se teve á instancia, e por solicitação do Papa, o qual desejava, que o mesmo Filippe assistisse à esta conferencia, em que tudo foi segredo, tudo mysterioso. Porém crendo os Protestantes descobrir o mysterio, julgáram com bastante probabilidade, que se tinha traçado a sua ruina. Desconfiados, descontentes, e vexados em França assim como por outras muitas partes, a pezar do Decreto de pacificação, não era necessario mais para lhes inspirar novos projectos de rebellião. Qual loucura não era a dos governos! pretendia-se exterminar os Cidadãos para ter Catholicos.

A Corte de Roma tambem deo aos Seitarios novos motivos de odio. Pio IV., Papa voluptuoso, pouco havia que era fallecido. Tinha elle seguido o exemplo dos seus predecessores, pela paixão do nepotismo; e concedido prodigamente os seus favores aos Borromeos, filhos de sua irmã, hum dos quaes era o Cardeal Carlos, e Arcebispo de Milão, Prelado Santo, cuja memoria he honrada, e venerada pela Igreja. O novo Papa (Ghisleri) Pio V., de nascimento humilde, e

Môrte de Pio IV.

Zelo violento de Pio V.

de severidade innexoravel, era mais proprio para espalhar o terror. do que para governar com prudencia, e sabedoria. Tinha sido Dominico, e Inquisidor geral no tempo de Paulo IV., em que se mostrara digno Ministro do zelo violento deste Pontifice. Apenas se vio exaltado á Santa Sé, mandou logo queimar por heresegues huns homens distinctos; hum Carnesecchi, que Cosme de Medicis, posto que o honrasse com o seu favor, teve a pusillanimidade de entregar; hum Zannetti, entregue do mesmo modo pelo Senado de Veneza, e o sabio Paleario, cujo crime foi ter chamado á Inquisição, hum punhal levantado contra os sabios. Huma Ordenação rigorosa, que Pio V. publicou contra as meretrizes, teria infallivelmente, assim como as pessoas sábias, e prudentes o representavaõ, occasionado as maiores desordens entre os celibatarios, que povoavaõ Roma, senão fosse moderada. Julga-se pois que este Papa bastantemente conhecido pela Bulla *In cæna Domini*, publicada em 1568, era pouco conveniente para as necessidades urgentes da Igreja, e que o Romano Culto cada dia se fazia mais odioso para os protestantes.

Os dos Paizes-Baixos, chamados os *Pobres*, perdêraõ toda a esperanza de paz. A Inquisição, os novos Bispados, as leis pa-

Pessoas, q  
Pio V. mã-  
da queimar  
por here-  
ges.

Ordenaçãõ  
contra as  
meretrizes.

1567.  
Rebellião  
dos Pobres  
em Fláдрес.



para obrigar a consciencia, as vexações, e os supplicios, pareciaõ provocallos á rebeliaõ. E não obtendo nada os Pobres por meio dos seus requerimentos, entregáraõ-se aos excessos do fanatismo. Delibera Philippe II. em hum grande conselho a respeito dos meios para suspender a sedicão: debalde propoem os mais sabios, e prudentes os meios de brandura: segue Philippe a sua inclinação, e os conselhos sanguinarios do Duque de Alva (Alvaro de Toledo: nomea, e manda este Duque com tropas, a fim de vingar a causa de Deos, e a honra da Coroa: o que era o mesmo que mandar hum tyranno, o qual ou exterminaria os Póvos, ou os faria furiosos, e indomaveis. O Principe de Orange tinha-se prudentemente retirado para Allemanha: os Condes de Egmond, e de Horn, não o quizéraõ acompanhar, fiando-se muito no seu crédito, e poder. Estes foraõ prezos em breve tempo: as prizaõs se enchêraõ; as forcas, os cadafalsos, e as fogueiras, inspiráraõ horror por toda a parte.

O Duque de Alva he mädado para Flãdres.

N'huma palavra, a Inquisição de Hespanha, consultada pelo Rei, decidio que todos os Póvos dos Paizes Baixos, excepto hum pequeno número, eraõ apostatas, hereges, criminosos de leza-Magestade, e particularmente os Nóbres, que

Parecer da Inquisição de Hespanha.

ti-

Os Condes  
de Egmōd,  
e de Horn  
executados

tinhaõ apresentado requerimentos, ou publicado queixas, contra a Santa Inquisição. Este parecer servio de regra, e Egmond, a quem especialmente se deviaõ as victorias de Santo Quintino, e Gravelinas, foi executado juntamente com Horn. O seu sangue, com o de hum número infinito de victimas, avigorou de algum modo os fundamentos da famosa República de Hollanda, que veremos formar-se em breve tempo.

Novas  
guerras de  
Religião &  
França.

Tambem a França experimentou novamente os horrores das guerras de Religião. Hum corpo de seis mil Suissos, que a Rainha Mãi tinha levantado sob falso pretexto, provavelmente para opprimir os Religionarios, tanto mais os irritou, quanto eraõ infinitos os motivos, que tinhaõ de queixa. Armandose novamente os Religionarios, foraõ vencidos em S. Diniz, onde o Condestavel de Montmorenci, vencedor, morreo crivado de feridas, com perto de oitenta annos de idade. Fazendo-se a paz no anno seguinte de 1568, só aturou seis mezes, porque tendo Catharina de Medicis, infiel a todos os ajustes, resolvido mandar prender o Principe de Condé, e o Almirante de Coligni, sobleváraõ-se outra vez os protestantes. O Duque de Anjou, irmão do Rei, dirigido pelo Marechal de Tavannes, ganhou con-

Tres bata-  
lhas perdi-  
das pelos  
calvinistas.

contra elles a batalha de Jarnac , em que foi morto a sangue frio o Chéfe do partido , o proprio Condé , Principe digno dos maiores elogios , se não fora hum rebelde. Henrique IV. , Principe de Bearne ainda moço , filho do Rei de Navarra , tendo fômente defasseis annos , foi declarado Chéfe da liga. Coligni , e Dandelot acháraõ recursos assim no seu genio , e actividade , como em os protestantes de Allemanha , e o Duque de Anjou alcançou segunda victória em Montcontur , quasi que sem tirar della utilidade alguma.

1569.  
Batalha de Jarnac.

Depois de quatro batalhas perdidas , como que querem os Calvinistas impôr condições de paz. Por meio do Tratado de S. Germano , entre muitas Cidades de segurança , que lhes foraõ concedidas , foi huma dellas a Cidade da Rochella ; foraõ declarados capazes de todos os em- gregos , e deste modo augmentou-se muito a liberdade de consciencia , que era ao principio o unico objecto dos seus desejos. Para julgar da cegueira das Cortes , e dos zeladores do seculo decimo sexto , affaz he huma só simples reflexão. Que mal teria produzido a indulgencia , quando o progresso , e o fanatismo das Seitas pareciaõ requerella ? Teria extinto o fanatismo , precavido as guerras , conservado o sangue dos Christãos , e assim a Igreja

1570.  
Tratado de S. Germano, por meio do qual obtem os Calvinistas tudo quanto desejavaõ.

Huma sabia , e prudente indulgencia teria apoucado grandes infellicidades.

já como as Coroas teriaõ certamente perdido muito menos, pois que as perseguições sempre foraõ o motivo das rebelliões. Brevemente veremos a mortandade cruel do dia memoravel de S. Bartholomeu abrir novamente as chagas assim da Religiaõ, como do Estado.

---

## C A P I T U L O IV.

*Guerra famosa com os Turcos. --- Pio V. ---*

*Dia memoravel de S. Bartholomeo. ---*

*Fim de Carlos IX.*

Desgraça  
do Chancel-  
ler do Ho-  
pital por  
hum Bul-  
la de Pio V.

**C**ATHERINA de Medicis, antigamente taõ favoravel aos protestantes, dos quaes tinha entaõ precisaõ, já não cuidava n'outra cousa senaõ em destruillos; porque os temia. O Chanceller do Hospital tinha descahido da graça des do anno de 1568. Como era amigo da paz por amor que tinha á Patria, desconfiáraõ da sua Religiaõ; e os seus sabios, e prudentes conselhos não foraõ ouvidos. Tinha Pio V. permittido ao Rei o poder alienar bens ecclesiasticos, por cincoenta mil escudos de renda, com condiçaõ de empregar esta quantia em exterminar os hereges, ou em obrigarallos a sujeitar-se. Mostrou

Ho:

Hopital a inhumanidade desta Bulla ; e conforme diz Mr. de Thou , esta foi a occasião da sua desgraça : agouro funesto para o Reino !

Divulgava-se então a Bulla *In cœna Domini*. Esta Bulla excommungava a todo o Principe , que pretendesse dos Ecclesiasticos qualquer contribuição que fosse ; excommungava a todo aquelle que julgasse ser o Papa sujeito ao Concilio geral , e que appellasse para o Concilio dos seus Decretos. Aniquilava os Direitos do poder civil , e reservava para o Pontifice Romano a absolvição das innumeraveis excommunhões , que ella continha. Dir-se-hia , que Pio V. pretendia determinar os Catholicos a facodir , do mesmo modo que os Seitarios , o jugo de Roma. Levantando-se Philippe II. , o mais supersticioso de todos os Principes , contra a Bulla , prohibio a sua execução ; debaixo de rigorosas penas , e os Papas publicárao novamente esta Bulla todos os annos até o Pontificado actual ; porém tem-se ferido a si proprios com esta perigosa arma.

Bulla *In cœna Domini*.

Além das dissensões civis , e religiosas , com que a Europa se destruia , muito tempo havia que durava a guerra do Turco ; e os Christãos preferiaõ antes arruinar-se huns aos outros por alguns pontos da sua fé , do que unir as suas forças

Guerra cõ os Turcos.

Sítio de  
Malta.

ças contra o inimigo mortal da Christandade. Os Hespanhoes tinhaõ ultimamente tomado algumas Praças no Reino de Argel, quando Solimaõ mandou huma frota de trezentas vélas sitiar a Ilha de Malta em 1565. Este famoso sítio custou-lhe quasi quarenta mil homens. O Graõ-Mestre de la Valette, de Nação Francez, seguindo o exemplo de Aubusson, e de Lisle-Adam, que se immortalisáraõ em Rhodes, teve a glória de expulsar os Musulmãos; os quaes todavia tomáraõ Scio no anno seguinte, e acomettêraõ as côstas de Italia. Tomou Solimaõ de hum assalto a Cidade de Zigeth em Hungria.

Morte de  
Solimaõ.

Morreo tres dias antes da tomada da fortaleza, com setenta e seis annos de idade: heróe mais virtuoso, e tambem mais illuminado, do que a maior parte dos grandes potentados do seu seculo. Tinha-se instruido na escola da Historia, e estudava especialmente pelos Commentarios de Cesar, os quaes mandára traduzir na sua lingua. Reinava em immensas regiões, des d'Argel até o Eufrates. A Hungria inteiramente conquistada, abria-lhe as portas da Allemanha.

Ilha de  
Chypre to-  
mada pelos  
Turcos.

Seu filho Selim II. tomou aos Venezianos a Ilha de Chypre em 1571: O Senador Bragadino, Governador de Famagusta, foi esollado vivo pelos Turcos, fu-

furiosos com a horrorosa perda , que tiveram no sitio desta Praça , a qual importava , segundo dizem , em oitenta mil homens.

Pio V. , que excitava soblevações em Inglaterra , que excommungava Isabel, e a declarava privada da sua Coroa ; e que por meio da sua Bulla *In cæna Domini* , parecia declarar guerra a todos os Principes Christãos ; occupado com tudo em projectos louvaveis , tinha-se unido com o Rei de Hespanha , e com os Venezianos , a fim de salvar huma Ilha tão importante. As galéras do Papa eraõ capitaneadas por Marco Antonio Colonna , e as de Filippe pelo Principe Doria. Sahio a frota ; mas não concordando os Generaes entre si , e obrando só lentamente , não teve successo algum. Animou Pio outra vez , e em breve tempo a *Jagrada liga*. Hum armamento tremendo de duzentas galéras , e outros muitos navios , se fez quasi repentinamente , e o célebre D. João de Austria , filho bastardo de Carlos V. , foi nomeado Generalissimo : Colona , e o Veneziano Veniero , tinhaõ cada qual o seu mando.

Guardavaõ as côstas da Morea quasi duzentas e cincoenta galéras Turcas , que foraõ acomettidas perto do golfo de Lepanto , e perdêraõ huma victoria completa,

1571.  
Liga de Pio  
V. cõtra os  
Turcos

Batalha de  
Lepanto vñ-  
cida por D.  
João de  
Austria

ta, com mais de cento e cincoenta galé-  
ras. Os vencedores todavia não adquiri-  
rao então outra coisa, senão a gloria.  
El-Rei Filippe, com toda a sua dissimula-  
ção, deo a conhecer o ciúme, que ti-  
nhá do merecimento de seu irmão. Foi D.  
João feliz, disse Filippe, porém arriscou  
muito. O Papa, muito mais interessado no  
succesço de hum dia tão glorioso, excla-  
mou: *Houve hum homem mandado por Deus,*  
*o qual se chamava João.* Dous annos depois,  
afienhoreou-se D. João de Tunes, de cu-  
ja conquista fô hum anno se gozou a  
Hespanha.

1572.  
Alliança q̃  
o Papa pro-  
poem aos  
Arabes, e  
Persas.

Conta-se que a morte de Pio V. fo-  
ra festejada em Constantinopla com tres  
dias de festas; tão tremendo para os Tur-  
cos se tinha este Pontifice constituido! e  
solicitou contra os Turcos a alliança dos  
Persas, e dos Arabes; escrevendo a estes  
Póvos, que a differença de Religião não  
os devia impedir de unir-se com os Chris-  
tãos; e que os homens, unidos por hum  
commum interesse, não deviaõ conside-  
rar-se como separados, nem pela diversi-  
dade de sentimentos, nem pela distancia  
dos lugares: maxima muito digna de ob-  
servação na boca do mais terrivel inimi-  
go dos hereges. O interesse commum da  
sociedade, da humanidade, e do Christia-  
nismo, não podia unir entre si os Chris-  
tãos;

Côtradição  
digna de  
observação



tãos , divididos a respeito de alguns pontos de dogma , ou de culto ; ao mesmo tempo que hum interesse politico os podia alliar com Póvos inimigos da Fé Christã ? Estas extravagantes contradições , tão frequentes na historia , e tão proprias para descobrir a influencia da paixão , e preocupação , parecem-me huma origem de luzes para todo aquelle , que pretender conhecer os principios do coração humano.

Em virtude do poder que Deos lhe tinha concedido , e porque , *como Pastor lhe pertencia examinar quem merecia honras extraordinarias , por motivo do zelo para com a Santa Sé* , creou Pio V. a Cosme de Medicis *Graõ-Duque* de Toscana , e deste modo decidio a differença deste Principe com o Duque de Ferrara , a respeito da precedencia ( 1569. ) Condecorado Cosme , a pezar da reclamação do Imperador Maximiliano , com este novo titulo , partio para Roma , a fim de fazer-se coroar , e dar o juramento nas mãos do Pontifice.

Hum Graõ Duque de Toscana , creado por Pio V.

O Cardeal Commendon , habil negociador , empenhou-se em justificar o procedimento de Pio V. , citando por provas tantas Coroas dadas pelos Papas ; e até se atreveo a dizer , que o Papa fora quem transferira o Imperio do Oriente para o Occidente , e estabelecêra os Eleitores ,

Falsas razões para authorisar semelhãte procedimento.

que Chilperico fora degradado pelo Papa Zacharias, e Pepino feito Rei de França pelo mesmo Papa. Accommodou-se o negocio por dinheiro em 1574, no Pontificado de Gregorio XIII. (Buoncompagno) Successor de Pio.

Continua-se a obri-  
gar as con-  
sciencias.

Se he cousa estranha ter a Corte de Roma, assalteada por todas as partes, defendido animosamente as suas antigas pretensões, muito mais estranho he ter-se teimado depois de tantas, e tão funestas experiencias, em obrigar as consciencias, e combater a heresia por via dos supplicios. Por huma parte, o Duque de Alva reduzia os Flamengos á desesperação, fundava a fortaleza de Anvers, a fim de opprimillos, e erigia para si mesmo hum pomposo monumento de bronze, em que pizando aos pés os Religionarios, blasonava de ter certo o triunfo da Religião, e avigorado a paz das Provincias. Por outra parte, executou-se em França a memoravel facção do dia de S. Bartholomeu, que foi o cumulo dos horrores.

Matrimo-  
nio do Rei  
de Navarra  
cô a irmã  
de Carlos  
IX.

Acariciavaõ-se os protestantes, a fim de os soffocar. Tinhaõ offerecido Margaritha, irmã de Carlos IX., a Henrique, Rei de Navarra. Este casamento o trouxe a París, e veio com seu primo o Principe de Condé, e os mais grados do partido, que seguiraõ os seus passos, a fim de af-

fis-

sistir aos seus desposorios. O mesmo Almirante de Coligni se deixou cegar, com a esperança de huma guerra contra Filipe II., a respeito da rebelliao dos Paizes-Baixos. Desejava elle anciosamente vingar os Calvinistas das perseguições deste Monarca. A sua prudencia se deixou enganar de huma illusão lisongeira, e finalmente todos os odios pareciao soffocados entre festas, e prazeres. Porém a Rainha Catharina, e Carlos seu filho erao capazes de todas as perfidias da tyrannia.

Huma carta referida por Mr. de Thou, Carta para o Almirante de Coligni. a qual recebeo o Almirante em París, e della se mostrou indignado, dará a conhecer as suspeitas, e temores de alguns protestantes menos crédulos: a sua substancia he esta: “ Lembrai-vos de huma maxima recebida entre os Papistas, como ponto de Religiao, *que não se deve guardar a fé aos hereges.* Lembrai-vos que os protestantes á sua vista são hereges; que eternamente serão por elles aborrecidos; e que a Rainha os pretende exterminar. Lembrai-vos que huma mulher Estrangeira, Italiana, de huma familia de Papas, naturalmente astuciosa, não póde deixar de romper nos ultimos excessos contra os seus inimigos. Vede de qual foi a educaçao, que o Rei recebeo. Jurar, perjurar, corromper mu-

X ii

,, lhe-

„ lheres assim solteiras como casadas;  
 „ disfarçar a sua fé, religião, e intentos;  
 „ concertar o semblante: eis-aqui o que  
 „ no principio lhe ensinárao a ter por pas-  
 „ satempo. E a fim de o acostumar ao  
 „ sangue dos seus Póvos, fizérao-o gos-  
 „ tar des da infancia, de vêr degollar,  
 „ e despedaçar animaes. Tempo vira em  
 „ que Carlos, como fiel discipulo de  
 „ Machiavello, persuadido de que os pro-  
 „ testantes resolvêrao tirar-lhe a Coroa,  
 „ e a vida, não consentirá já mais que  
 „ huns homens, que tomárao armas con-  
 „ tra elle, justa, ou injustamente, gozem  
 „ da paz, que elle lhes concedeo, &c.,  
 „ Erao por ventura frivolas estas descon-  
 „ fianças? Pelo facto o julgaremos.

1572.  
 Mortanda-  
 de cruel do  
 dia memo-  
 ravel de S.  
 Bartholo-  
 meu.

Celebrou se o casamento do Rei de Navarra a 17 de Agosto de 1572; e retirando-se Coligni, para sua casa, foi ferido com hum tiro de arcabuz no dia 22. Carlos IX. o visita, promette-lhe castigar este assassínio, de que lhe dá mostras da mais viva dôr. Com tudo na noite de 23 para 24 começa por ordem da Corte hum horrorosa, e cruel mortandade dos protestantes. O Duque de Guisa (Henrique, o *Acutilado*, filho de Francisco) chega á porta do Almirante, e manda degollar este grande homem. As ruas, e as casas nadavao em sangue. A raiva dos assas-  
 si-

finos não distingue idade nem sexo , e confunde os proprios Catholicos com os Huguenotes. O mesmo Rei comette a barbaridade de atirar aos seus infelices vassallos , e contempla depois com gosto o cadaver de Coligni , ultrajado pela plebe. A mesma carniceria se ordena pelas Provincias : n'humas palavras , os Historiadores contaõ ao menos sessenta mil , e alguns cem mil victimas desta infernal execução. Houve todavia Governadores de Provincias , bastantemente valerosos para não quererem ser algozes dos Cidadãos : a sua desobediencia he hoje em dia a materia do seu elogio.

Para que nada faltasse a esta atrocidade , faltava-lhe pôr de algum modo o sello das leis , e da Religião. O Rei declara que tudo se executára por ordem sua , tomando por pretexto huma conspiração quimerica dos Seitarios contra a Real Familia. Ordena o Parlamento huma Proclamação annual , a fim de celebrar o livramento do Reino. Manda-se cunhar huma medalha com esta lenda : A PIEDADE ARMOU A JUSTIÇA ; lenda que a justiça , e a piedade deviaõ proscrever como injuriosa. O dia memoravel de S. Bartholomeu foi para Roma , e Hespanha motivo de festas públicas. Ao menos era necessario suspender as festas , até que se po-

Semelhança  
barbaridade  
de authori-  
dade , e ce-  
lebrada.

podesse julgar das consequencias do successo.

1573.  
Os Calvi-  
nistas che-  
gaõ a ser  
mais for-  
midaveis.

Tudo quanto a prudencia deveria ter antevisto, tudo succedeo. O Calvinismo, em vez de ser aniquilado pela cruel mortandade, torna-se mais tremendo por meio da desesperação, e vingança. Ateou-se quarta guerra civil. A Rochella defendeo-se com furor contra o Duque de Anjou, o qual perdeu quasi todo o seu exercito neste sitio. A Cidade de Sancerre sustentou hum mais de sete mezes, mostrando-se os habitantes outros tantos heróes do fanatismo; de maneira que foi necessario conceder-lhes a liberdade de consciencia. Os Rochelezes, não só obtiveraõ huma capitulação vantajosa, mas tambem incluíraõ nella as Cidades de Nimes, e Mont-Albano. Carlos IX., que sempre estava doente des do dia memoravel de S. Bartholomeu, morreo entre os tumultos, em 1574, sem filho varão, na idade de vinte e quatro annos; e Amiot, seu Mestre, tinha-lhe dado o gosto das letras, que naturalmente inspira humanidade; porém sua Mãe, os seus Cortezãos, e especialmente o Marechal de Retz, Florentino, tinhaõ-o instruido com máximas abominaveis, mais proprias para inspirar-lhe os crimes todos da tyrannia.

Môrte de  
Carlos IX.

## CAPITULO V.

*Principios do Reinado de Henrique III. --  
Continuação dos tumultos, nos Paí-  
zes-Baixos.*

**E**LEITO o Duque de Anjou, Rei de Polonia, por diligencias de Montluc, Bispo de Valença, succede ao Throno de França, com o nome de Henrique III.: e he este o terceiro filho de Catharina, que occupa o Trono, e não será menos infeliz. Receando Henrique ser prezo pelos Polacos, foge como se fora hum prisioneiro. Debalde o aconselhaõ o Imperador, e os Venezianos, na passagem que fez pelas suas terras, a tratar os Calvinistas com brandura, para restabelecer o socego no seu Reino. Era Henrique hum dos authores da cruel mortandade, e encobria com apparencia da mais vil superstição costumes os mais depravados; os seus validos eraõ os seus oraculos, cujos conselhos segue, e governa segundo as suas fantasias, dá annuncios de hum Rei sanguinario; constitue-se odioso, e desprezivel aos seus vassallos, n'huma palavra, perde, logo no principio do seu Reinado, a famosa

1574.  
Henrique  
III. perde  
em breve  
têpo a sua  
reputação.

reputação, de que era devedor aos talentos de alguns Generaes.

Facção dos  
políticos.

Tinha ainda outro irmão, que era o Duque de Alençon, depois Duque de Anjou. Este Principe inconstante, e turbulento tinha-se posto á frente de huma conspiração chamada dos *políticos*, cujo alvo era o abatimento dos Principes Lorenos poderosissimos para com a Rainha Mãe. O Rei de Navarra, obrigado por Carlos IX. a abjurar o Calvinismo depois do memoravel dia de S. Bartholomeu, era entrado na mesma facção. E tendo-os Carlos mandado prender a ambos, Henrique os soltou, mas não soube acareallos. Seu proprio irmão conspirou contra a sua vida, e depois retirou-se secretamente da Corte acompanhado pelo Rei de Navarra, que se declarou des de logo bom protestante. O Principe de Condé, fugitivo em Allemanha, tinha-lhe dado o exemplo da conversão á heresia. Tanto he verdade, que se a força pôde obrigar a dissimular, não muda, ou para melhor dizer faz com que criem raizes as opiniões religiosas.

Morte do  
Cardeal de  
Lorena.

Deste modo se achão fortificados os protestantes pelos *políticos*; o irmão do Rei he a cabeça da rebellião; os Principes de sangue são os inimigos do Monarca. Eis-aqui como hum pessimo governo fo-



fomenta as discordias, e as guerras civis. O Cardeal de Lorena, author principal dos tumultos, morreo então em idade pouco adiantada. Facil he julgar se a ambição, ou o verdadeiro zelo era a alma do seu procedimento. Este grande zelador, negociando com os protestantes de Allemanha em 1562, dava-lhes esperança, assim como o Duque de Guisa, seu irmão, de que em França poder-se-hia estabelecer a confissão de Ausburgo. Este reformador, que no Concilio de Trento teimára fortemente contra a pluralidade dos benefícios, estava de posse de nove Arcebispados, ou Bispados, e de nove Abbadias. Hum Prelado de Corte, ambicioso, e cruel, só era proprio para irritar o fanatismo. E muito teria perdido por sua morte a facção catholica, (pois não se vê aqui outra cousa senão facções) se o novo Duque de Guisa não fora dotado de todas as eminentes qualidades de Chefe de partido.

Falsidade  
do seu zelo.

Na critica situação dos negocios, vindo hum exercito Allemao em soccorro dos confederados, conheceo-se a necessidade de fazer a paz. Os Calvinistas obtiverão condições muito mais vantajosas, do que as precedentes; a saber, o exercicio público da sua Religião, excepto duas leguas distante da Corte; e concl-

1576.  
Quinto Decreto de pacificação, o mais favoravel para os Calvinistas.

claves nos oito Parlamantos do Reino. Os filhos dos Clérigos, e Monges casados são reconhecidos por legitimos. A memoria de Coligni purificou-se de toda a infamia: os Chéfes da confederação são declarados fiéis vassallos: ao Morgado do Duque de Alençon se accrescenta Anjou, Mena, Tourena, e Berri, e compra-se a mesma retirada dos Allemães: a França experimentava, assim como a Allemanha, que as guerras de Religião só servião para dilatar as idéas, progressos, e poder dos Religionarios. Este he o quinto Decreto de pacificação a favor delles.

Filippe II.,  
causa principal de todas as infellicidades.

A Filippe II. se devem attribuir, em grande parte, estes desastres, e os mais que nos restaõ para lamentar. Não satisfeito de dar aos seus vassallos motivos de rebellião, com o despotismo que affectava a respeito das consciencias, animava a Corte de França para os mesmos rigores, e excitava por toda a parte os mesmos tumultos, a fim de aproveitar-se das infellicidades dos seus vizinhos. Triste reparação do damno, que causava aos seus Estados!

Os Mouriscos  
cos perfe-  
guidos, e  
rebeldes.

Os Mouriscos de Hespanha (este o nome que se dava aos Mouros) convertidos na apparencia por causa do temor, erãõ atormentados a respeito das suas prácticas, do seu modo de vestir, e da sua pro-

própria lingua. Hum Theologo sanguinario tinha proferido a sentença contra elles em duas palavras ; *de inimigos, sempre o menos*. Soblevárao-se os Mouriscos em 1568 ; chamárao em seu soccorro os Argelinos, e os Turcos ; sustentárao huma furiosa guerra civil, e talvez teriao abraçado o Reino todo, se a natureza do seu culto fora de enganar os Hespanhoes ; finalmente não se sujeitárao em quanto se lhes não assegurou o perdaõ geral. Os tumultos dos Paizes-Baixos, arredados do Monarca, n'hum territorio fecundo de homens livres não podiao deixar de ramatar n'huma revolução.

Quanto mais crueldades comettia o Duque de Alva com o seu Tribunal *de sangue*, quanto mais opprimia aquelle Povo livre com imposições inauditas, quanto mais encobria estas violencias sob pretexto de Religião, tanto mais se abraçavao em odio os Seitarios contra a Igreja, e a Monarquia. Em 1570 appareceo o Principe de Orange á frente de hum pequeno exercito, e os Estados de Hollanda, e de Zelandia o estabelecerão Stathouder, e dous annos depois abjurárao a fé Romana. O amor da liberdade constitua Heróes huns homens pouco acostumados ás armas : e finalmente foi o Duque de Alva chamado á Corte em 1573. Dezoito mil

O Duque de Alva continúa as suas crueldades.

Rebellião cõpleta dos Holâdezes.

pes-

peſſoas entregues ao verdugo em cinco annos por causa de heresia, clamavaõ vingança contra este perseguidor, que se gloriava de tudo quanto obrára.

Governo  
de Requesens.

Requesens, que lhe succedeo, mandou demolir a estatua, em que elle insultava a humanidade. Debalde publicou o novo Governador hum offerecimento de abolição; porque Filippe principiava a recer que os remedios violentos não augmentassem sempre o mal. Preferirão antes combater, do que fiar-se na clemencia de hum Rei perfido. Requesens, com as grandes virtudes, e talentos, que tinha, era capaz de restabelecer os negocios; porém morreo em 1576: e Leide sitiada pelas suas tropas, foltando os diques, e sobmergindo o territorio, escapou do perigo.

D. Joaõ de  
Austria successor  
de Requesens.

O filho bastardo de Carlos V., aquelle mesmo D. Joaõ de Austria, célebre pela victoria de Lepanto, e tomada de Tunez, foi o successor de Requesens. Partio D. Joaõ com poder de conceder tudo aos rebeldes, excepto a liberdade de consciencia. *Nunca consentirei em semelhante cousa*, disse Filippe, *ainda que houvesse de arriscar a propria Coroa*. Era logo melhor perder Provincias, e deixar nellas triunfante a heresia, do que conservallas, e converter os hereges, se possivel fosse,

ou

ou fazer delles outros tantos bons Cida-  
dãos ? A superstição discorre de hum mo-  
do incomprehensivel. Toda a brandura ,  
de que D. João se valeo ao principio foi  
inutil , ou porque o enthusiasmo , e a vin-  
gança estavaõ já de posse dos animos , ou  
porque a ambição do Principe de Oran-  
ge procurava exaltar-se com os tumultos.  
Breve recommençará a guerra , e Filippe II.,  
a pezar de todas as suas forças , encon-  
trará resistencia invencivel.

Já infinitos Flamengos , que fugiaõ Os Flamen-  
gos refugi-  
giaõ-se pa-  
ra Ingla-  
terra.  
da perseguição , tinhaõ transportado para  
Inglaterra as suas manufacturas , e Isabel  
aproveitava-se dos erros de Filippe. Os  
movimentos excitados contra ella a fa-  
vor de Maria Stuart , não lhe permittí-  
raõ declarar-se abertamente a favor dos  
Hollandezes , e esperava circumstancias  
favoraveis , das quaes cedo veremos apro-  
veitar-se.

## CAPITULO VI.

*Origem da Liga. — Filippe II. mette-se na posse de Portugal, e perde as Pro-  
vincias-Unidas.*

Vícios, e  
hipocrisia  
de Henri-  
que III.

**O**ULTIMO decreto de pacificação, concedido aos Calvinistas de França, era para elles muito vantajoso, e por isso não podia deixar de enojar violentamente os Catholicos; e Henrique III. procedia muito mal, para não vir a ser victima do odio de huns, e outros. A mesma hipocrisia, com que elle encobria os seus infames vícios, devia ser parte para que o desprezassem todos aquelles, cujas devoções affectava seguir. Irmandades de penitentes, azues, brancos, e pretos, inventadas em Italia, onde o espirito antigo dos Flagellantes parecia reviver, fahírao a público, não só pelas Provincias, mas no centro da Corte. O Monarca vestia-se do mesmo modo que elles, e assistia ás suas procissões, coberto com hum sacco de panno grosso, com humas contas grossas na mão, e trazendo humas disciplinas pendentes de huma corda, que o cingia. Entendia elle que assim enganava os

Irmãdades  
de peniten-  
tes.

Catholicos; sem vêr que além da torpeza conhecida dos seus costumes, o triunfo dos protestantes era nos olhos de todos elles huma especie de crime indelevel.

Forma-se instantaneamente a *Santa liga*, traçada havia muito tempo pelo Cardeal de Lorena, na qual se vê impresso o seu arrogante, e sedicioso genio. Segundo a formula de associação, feita na Picardia, obrigaõ-se a huma mutua defeza, *ou por via da justiça, ou das armas, sem respeitar pessoa alguma*; todo aquelle que recusar associar-se he declarado *inimigo de Deos, desertor da Religião, rebelde ao Rei, trahidor á Patria, e abandonado a todas as injúrias, e oppressões possiveis*. Unem-se os conspiradores em defeza da Catholicidade, do Rei, e do Estado; sem se envergonharem de encobrir com as proprias apparencias do patriotismo o espirito de rebellião mais manifesto.

Tinhaõ os protestantes dado em muitas terras o exemplo destas confederações, e tanto mais dignos são de ser reprehendidos, pois levantáraõ-se contra a Religião estabelecida. Não se pôde todavia negar, ao condemnallos, que quando elles rompêraõ nestes sediciosos procedimentos, já a sua doutrina estava espalhada. Pretendendo obrigallos a crêr, acomettria-se a sua fé, e liberdade, e igualmente as

1576.  
Origem da  
Liga.

As cõfederações dos protestâtes menos extraordinarias.

suas

suas pessoas. Os Catholicos em tal caso só devem queixar-se dos progressos de huma Seita, que por desgraça elles mesmos alentárao com suas violencias; pois que se conjuraõ para a sua ruina, emprehendem tirar-lhes o beneficio de muitos Decretos de paz, soblevaõ-se contra o Soberano, e fazem desta soblevação hum dever. Muito nos lastima a necessidade de descrever a paixãõ, e o furor do falso zelo; porém he este o unico, ou o melhor meio para livrar delle os homens.

Estados de  
Blois.

O Rei decla-  
ra-se Ché-  
fe da Liga.

Henrique, Duque de Guisa, alma do partido, preparava-se para ser o seu Chéfe: o Rei temeo-se tanto do Duque de Guisa, que nos Estados Geraes convocados em Blois, algumas proposições se arri-scárao, que tendiaõ ao abatimento da Authoridade Real. Declarando-se o mesmo Rei Chéfe da Liga, julgou livrar-se do perigo; procedimento absurdo, por meio do qual animou, e avigorou hum partido, de que tinha tudo para recear. Des de entãõ a liberdade de consciencia não podia deixar de ser supprimida: os Estados resolvêrao que só se consentisse no Reino a Religiaõ Catholica. Separou-se tambem a seguinte clausula, que tinha passado ao principio com muita razão: *com tanto que a tranquillidade pública não padeça, e não seja necessario, para semelhante*

ef-



*effeito tomar armas.* Os Prelados sollicitavaõ a acceitação do Concilio de Trento: a qual teriaõ obtido, se os Deputados de algumas Provincias não se lhes oppozerem.

Estes Estados, e o procedimento do Rei espalháraõ novas sementes de guerra. Foi necessario outro novo Decreto de pacificação, por meio do qual se concedeo aos protestantes a tolerancia, mas não o publico exercicio do seu culto. Que cousas deviaõ produzir tantas variedades, tantas inconsequencias? O desprezo das Leis, a inquietação, e rancor dos partidos, e huma grande enfiada de guerras civis. Continha o Decreto, ( cousa bem digna de observação ) estas palavras: “ em  
„ quanto não fosse do agrado de Deos  
„ unir, pelo meio de *hum bom, livre, e*  
„ *legitimo Concilio*, todos os vassallos com  
„ a Igreja Catholica. „ O Concilio de Trento tinha produzido tão pouco bem a este respeito, que apparentemente se julgava que se devia propôr outro Concilio. Mas eraõ necessarios milagres para mudar as opiniões, e conciliar huns animos, que o rancor unia com os seus sentimentos, não menos que os motivos religiosos.

1577.  
Outro Decreto mais de pacificação.

Hum Principe sabio, prudente, e illuminado, sendo constante e docil, mo-

O procedimento do Rei annuncia novos tumultos.

derado e justiceiro, teria ao menos precavido os tumultos. Henrique III. occupava-se sómente com seus prazeres, gastava prodigamente com os seus validos os erarios do Estado, e descansava em meio das facções, das quaes em breve tempo virá a ser victima. A melhor cousa, que elle fez no tempo da paz, foi o estabelecimento da Ordem do Espirito Santo, na qual unicamente pôdem entrar os Catholicos. Porém por muito ambiciosos que os homens sejam de toda a distincção, que reina na Corte, os Cavalleiros Calvinistas tinhaõ entãõ huma ambição mais corrupta, qual era a de governar hum partido, e fazer-se respeitar pelo partido contrario.

Este era tambem nos Paizes-Baixos o movel do Principe de Orange. Depois da chegada de D. João de Austria, tornou a suscitar huma confederação em Bruxellas. Os Flamengos elegêraõ para seu Governador o Archi-Duque Mathias, irmão do Imperador Rodolfo II. O mesmo Principe de Orange esperava governar com o nome de Archi-Duque, e vendo frustradas as suas esperanças, oppoem-lhe o Duque de Anjou, que d'antes o era de Alençon, a quem os Catholicos daõ o mando; porque o jugo Hespanhol tinha soblevado, assim os Catholicos, como

---

 1578.

Quatro  
Principes  
arruinãõ  
os Paizes-  
Baixos.

mo os protestantes. Deste modo arruinavaõ então quatro Principes hum Paiz, onde as contendas de Religião, e os abusos do despotismo eraõ a origem de todas as infelicidades. Filippe II., envejofo de feu irmão, e desconfiando dos seus intentos, não lhe dava os soccorros necessários em circumstancias tão criticas. D. João todavia venceo, e derrotou os rebeldes em Gemblours, tomou-lhes muitas Praças, e morreo entre os seus trofeos, deixando o governo a seu sobrinho, Alexandre Farneze, Principe de Parma, digno successor de hum Heróe.

Ao mesmo tempo que o Monarca Hespanhol se via a ponto de perder em breve tempo a Hollanda, a sua ambição se aproveitou de huma Coroa, que não devia pertencer lhe. D. Sebastião, Rei de Portugal, preocupado daquelle enthusiasmo de cavallaria, cujos exemplos chegavaõ a ser cada vez mais raros, e levado do impeto imprudente da mocidade, quiz absolutamente distinguir-se em Africa contra os Mouros. Aceitou as proposições de Muley Mahamete, a quem Muley Moluco, seu Tio, tinha expulso dos Reinos de Fez, e Marrocos; e entregou-se todo, contra o parecer dos sábios, e prudentes politicos, a huma expedição, que Filippe prudentemente rejeitára. De-

Sebastião,  
Rei de Portugal, mor-  
to em hũa  
expedição  
de Africa.

sembarcou em Africa, com hum exercito de quasi quinze mil homens. Os inimigos, que eraõ muito mais numerosos, déraõ-lhe a batalha; e elle desprezando o perigo, combatteo, e foi morto; quasi todos os Christãos morrêraõ, ou ficáraõ prisioneiros. Ambos os Reis Mouros, perdêraõ a vida, do mesmo modo que o Rei de Portugal.

---

1579.  
O Cardeal  
Henrique  
sucede-lhe.

Não tinha D. Sebastião filhos. E succedendo-lhe o Cardeal Henrique, seu Tio, Sacerdote, e Arcebispo, requereo ao Papa dispensa para casar, como a Nação desejava. Mas Filippe, que aspirava a esta Coroa, empenhou-se tanto, que a dispensa nunca chegou, e Gregorio XIII. deixou passar tempo, conforme a politica Romana, que era tudo quanto se pretendia.

Depois da  
morte de  
Henrique,  
Filippe II.  
apossa-se  
da Coroa  
de Portu-  
gal.

No anno seguinte morre o Rei-Sacerdote. A sua successão he disputada entre muitos pretendentes: Filippe, sobrinho por parte materna; o Duque de Bragança, esposo da neta do Rei D. Manoel; D. Antonio, Prior do Crato, filho bastardo de hum Infante; o Duque de Saboya, o Duque de Parma, Catharina de Medicis, e o mesmo Papa, o qual renovava a antiga quimera de direito senhorio a respeito desta Coroa, e além deste direito allega outro mais que era o de recolher

lher o espolio de hum Cardeal. Os direitos do Duque de Bragança preferiaõ a todos os mais. Porém o Rei de Hespanha tinha-se acautelado ; hum exercito lhe podia supprir ao titulo. Foi recebido em Lisboa. O Prior do Crato, com tropas, e hum esquadra Franceza, que a Rainha Mãi lhe concedeo, forcejou, mas debalde contra hum Principe poderosissimo. As Ilhas dos Açores, ou as Terceiras, chegando a ser o theatro da guerra, foraõ sujeitas pelo Marquez de Santa Cruz, e D. Antonio refugiou-se em França.

Tinha Filippe posto em preço a sua cabeça: a do Principe de Orange tambem foi posta em preço algum tempo depois: a do Almirante de Coligni • tinha sido em França. Que as guerras civis renovassem as proscricções Romanas, nenhuma admiração nos deve causar; mas que hum Religião de paz, e caridade fosse o primeiro pretexto destas barbarias, he cousa que todo o homem sensato não póde tolerar, e que deveria inspirar para sempre o maior horror a respeito do fanatismo, medonho instrumento das paixões mais contrarias á humanidade.

De poderosos soccorros necessitavão os confederados dos Paizes-Baixos, contra hum despotico, senhor dos thesouros

Várias cabeças illustres postas em preço.

União de Utreque, que não se podia desfer por si mesma.

do novo mundo, e de huma grande parte da Europa, implacavel em seus odios, e perseguidor obstinado das consciencias. Exhauridos porém por causa da guerra, pareciaõ não poder resistir. Alexandre Farnese tinha, além de todas as qualidades de politico, as de hum General. He certo que o Principe de Orange tinha formado des do anno de 1579 a famosa uniaõ de Utreque, entre os Estados de Hollanda, Zelandia, Utreque, Zutphen, e Gueldres, Overissel, Frieslandia, e Groninga: uniaõ, que brevemente foi recebida em Gante, Anvers, Bruges, Bruxellas, e n'huma palavra na maior parte das Provincias. Mas ainda o Rei de Hespanha era reconhecido por seu Soberano, e só se chamavaõ unidos para oppôr-se ás injustiças do governo. Conhecendo o Principe de Orange a necessidade de recorrer a hum poder estrangeiro, inspirou aos confederados que se entregassem ao Duque de Anjou, herdeiro presumptivo do Rei de França.

---

1581.  
Os Estados  
geraes de  
claração Fi-  
lippell. pri-  
vado da So-  
berania.

Finalmente os Estados geraes, juntos em Haya, declaráraõ solememente a Filippe II. privado do Principado, por ter violado, contra o seu juramento, os privilegios dos Póvos. O auto continha em substancia: "Que os Póvos não nascêraõ  
„ para os Principes, porém que Deos es-

„ ta-

„ tabelecêra os Principes para os Póvos;  
 „ que não pôde haver Principe sem Po-  
 „ vo, porém que o Povo pôde subsistir  
 „ sem Principe; que a obrigação do Prin-  
 „ cipe he amar os seus vassallos, como  
 „ hum Pai ama os seus filhos, e gover-  
 „ nallos com perfeita equidade; que se  
 „ elle assim não obrar não he já hum  
 „ Principe, mas hum tyranno, e o Povo  
 „ não lhe deve obediência; que infinito  
 „ tempo havia que elles se lamentavaõ  
 „ da crueldade dos seus Governadores;  
 „ que as suas queixas, e os seus requeri-  
 „ mentos tinhaõ chegado ás mãos do  
 „ Rei; que em lugar de obter cousa al-  
 „ guma delle, não tinhaõ podido des-  
 „ viallo do intento de impôr-lhes hum  
 „ jugo insupportavel, com o pretexto de  
 „ proteger a Religião Catholica, que el-  
 „ les não acomettiaõ; que as Leis Di-  
 „ vinas, e Humanas, tantas vezes vio-  
 „ ladas a seu respeito, os poem nova-  
 „ mente na sua liberdade natural, e lhes  
 „ concedem o direito de eleger novo  
 „ Principe, para governallos conforme  
 „ os seus privilegios, liberdades, e isen-  
 „ ções, &c., Deste modo se achava a  
 „ rebelliaõ consummada. (*Vide de Thou,*  
*L. LXXIV.*)

Huma cousa talvez tão digna de ob-  
 servação, como este auto das Provincias-

Filippe sú-  
 dâdo-se em  
 huma dis-  
 pensa do P.

Uni-

côstituiu o  
juramento  
dos seus  
vassallos se  
effeito al-  
gum.

Unidas, he que o Rei de Hespanha, no seu Decreto de proscripção contra o Principe de Orange, reconhece não ter sido fiel ao juramento, que tinha dado, quando tomou posse dos Paizes-Baixos, e funda-se sobre hum a dispensa do Papa. Filippe por este meio dava aos Flamengos hum especioso pretexto para se julgarem dispensados elles mesmos do seu juramento; porque se o Pontifice podia dispensar o Principe das suas obrigações para com os seus vassallos, como teriaõ os proprios vassallos respeitado o seu mesmo juramento, o qual estava unido com condições formaes ao do Principe? Guilherme, que fora proscripto, já tinha publicado hum a apologia, na qual accusava a Filippe com aquella altiveza, que a mesma proscripção parecia permittir-lhe.

1583.  
Fim infeliz  
do Duque  
de Anjou.

O Archi-Duque Matthias tinha-se retirado. Se o Duque de Anjou tivera prudencia, hum governo recto tello-hia sem dúbida afeiçãoado áquelle Povo, cuja eleição livre o tinha ultimamente estabelecido Soberano. Porém cioso do Principe de Orange, e enganado pelo attractivo da ambição, pretendia fazer-se absoluto, asenhorear-se das Cidades, e augmentar a sua authoridade por meio da força; e só veio a conseguir o perder-se; de maneira que vendo-se obrigado a voltar para Fran-

O Duque de  
Anjou este-  
ve quasi pa-  
ra casar co  
Isabel.

ça,



ça, morreo em 1584. A Rainha de Inglaterra o tinha lisongeado com esperanças de casamento, e até se tinha obrigado com promessas. Porém, posto que enamorada deste Príncipe, receando sempre ter nelle hum Senhor, e hum marido, e reflectindo nas legitimas inquietações da Nação ( porque Inglaterra teria podido annexar-se á Coroa de França ), rompeo com o Duque de Anjou, do mesmo modo que enganára outros muitos Príncipes, dando-lhes a esperança da sua mão.

Depois de ter-se livrado de duas conspirações, foi o Príncipe de Oranje victima de hum fanatico Borgonhez, chamado Gerardo, o qual julgou-se inspirado para cometter semelhante assassínio. Certifica-se que o Rei de Hespanha dissera, quando soube a noticia da sua morte, que *aquelle golpe deveria ter-se feito doze annos antes, para interesse da Religião, e seu: razão* porque se suspeitou ter elle sido o author della. As Provincias-Unidas, necessitando mais do que nunca de soccorro, offerecêrao a Soberania ao Rei de França. Que occasião para hum Príncipe capaz, e valeroso! Recusou Henrique; nem as suas fracas mãos podião sustentar já o sceptro.

Assassínio  
do Príncipe de Oranje.

## CAPITULO VII.

*Declara-se a liga contra os Borbons. --- Excessos de Sixto V. --- Processo da Rainha de Escocia. --- Triunfo Isabel da Hespanha.*

1584. **S**OMOS chegados ao tempo, em que os conspiradores ir-  
 ritam-se contra o Rei de Navarra herdeiro da Coroa. Os conspiradores manifestaõ os projectos de rebelliaõ, que encobrirá sempre hum zelo disfarçado, e que taõ funestos serão para o Reino por motivo de huma cega supersticiaõ. Por morte do Duque de Anjou, o Rei de Navarra, a quem já de antemaõ chamarei Henrique IV., pois que mereceo com tempo a glória annexa a este nome; como primeiro Principe de sangue, vinha a ser o herdeiro presumptivo da Coroa. O ambicioso Duque de Guisa, que só tinha a mira em apofar-se da Real Dignidade, aproveitou-se sagazmente da occasiaõ assim de excluir hum Principe herege, como de destruir hum Rei fraco, o qual tanto odio como desprezo merecia. Valeo-se dos grandes principios do fanatismo. Os Clérigos, e os Monges, assim nos pulpitos, e nas escólas, como nos ajuntamentos fizeraõ def-

descripções lastimosas do eminente perigo, de que a Igreja se achava ameaçada; representando o Navarro, como defensor da heresia, e Henrique III. como hum fautor de Hereges, a pezar de todas as suas devoções. Estes Ecclesiasticos moverão, e dispozêrão finalmente os animos até ao ponto, que o Duque desejava.

Hum Jesuita Loreno, por nome Matheus, fervoroso emissario da liga, perguntou ao Papa *se para manter a Religião Catholica, podiaõ os vassallos sobtrahir-se á obediencia do Soberano.* A resposta de Gregorio XIII. estava certamente antevista. Respondeo este Papa verbalmente. Authorisados os escrupulosos com este oraculo, não duvidáraõ mais da legitimidade da rebelliaõ: os outros não necessitavaõ nem do Papa, nem de casuistas. Ninguem discorria sufficientemente para vêr, que se o zelo de Religião justificasse este procedimento dos Catholicos, daria aos Seita-rios meio de executar as suas soblevações, pois que estes se julgavaõ obrigados a manter a sua falsa doutrina, como se fora a verdadeira Religião.

Antes de se sublevarẽ, consulta-se o Papa Gregorio XIII.

Deixou Gregorio naturalmente docil, e tímido, fallar em seu nome, sem querer dar nem Bulla, nem Breve, e veio a morrer, antes de declarar-se a rebelliaõ.

Fim deste Pontificado.

liaõ. A elle se deve a refórma do Kalendario , taõ necessario , e naõ obstante taõ mal recebido pelos protestantes. Tinha excommungado os transgressores da Bulla *In cæna Domini* , e consequentemente os seus principios eraõ os mesmos dos conspiradores. Seu filho natural ( Buoncompagno ) tinha usado de todas as vantagens do nepotismo : Sixto V. , seu successor , que fora Franciscano , subindo da humilde indigencia ao cumulo da fortuna , varão de engenho vasto , altivo , severo , inflexivel , e obstinado em todas as máximas ultramontanas , naõ podia deixar de fazer huma grande figura nestes tumultuosos tempos.

Sixto V.

---

1585.  
O Cardeal  
de Borbon  
declara-se  
chefe da  
Liga.

Como o Duque de Guisa naõ cuidava ainda em descobrir-se , pôz á frente do partido o velho Cardeal de Borbon , tio de Henrique IV. ; depois de lhe ter persuadido , que constituindo a heresia a seu sobrinho incapaz de reinar , a elle pertencia a Coroa. Logo appareceo hum manifesto do Cardeal , por meio do qual se declarava chefe da liga , e nomeava o Papa , o Imperador , o Rei de Hespanha , e infinitos Principes Catholicos , que eraõ os protectores della ; declarando mais , que se armavaõ unicamente para honra da Igreja , conservaçaõ da Fé , alivio do Povo , aboliçaõ dos novos impostos , com  
que

que o Reino gemia, &c. A esta declaração de guerra se seguirão as hostilidades.

Ainda que superior em forças, temeo o Rei, tratou, e concluiu o tratado de Nemurs, todo a favor dos conspiradores. E ao mesmo tempo, que os Calvinistas foram privados de tudo quanto tinhaõ obtido por meio dos decretos, elles obtiverão Cidades de segurança, quantias de dinheiro, e huma approvação das suas empresas. Que meio podia haver mais efficaç para soblevar os Calvinistas, constituir a liga mais atrevida, e augmentar o abatimento do Poder Real? Porém o governo era hum méro ludibrio das facções, e tumultos.

Tratado de Nemurs a favor dos cõspiradores.

Fulmina então Sixto V., sem fazer caso da liga, aquella famosa Bulla, huma das mais intoleraveis, que Roma tinha produzido; por meio da qual, depois de hum pomposo elogio do poder Pontificio, *muito superior a todas as potencias da terra, que faz descer do Throno os Soberanos do mundo, a fim de precipitallos no abysmo; como Ministros de Lucifer*; excomunga o Rei de Navarra, e o Principe de Condé, *geração impia, e bastarda da illustre Casa de Borbon, Hereges, relapsos, inimigos de Deos, e da Religião*. Declara os Sixto privados de todos os seus direi-

Bulla de Sixto V. cõtra os Borbons.

tos,

tos, indignos assim elles como os seus descendentes, de possuir já mais principado algum; e desobriga do juramento de fidelidade todos os seus vassallos.

Protesta-  
ção de He-  
rique IV.  
fixada em  
Roma.

A Corte de França, tão cobarde como o Soberano, contenta-se de embarçar a publicação desta Bulla. Mas Henrique IV. manda affixar em Roma huma protestaçoão, em que appella da Bulla, como abuso, para o Tribunal dos Pares, desmentindo a Sixto, *denominado Papa*; accusando-o de ser elle mesmo herege; offerecendo-se para provallo em hum Concilio livre, e legitimo; declarando que se este Pontifice recusar sujeitar-se ao Concilio, elle o não considerará mais, senão como hum excommungado, e hum anti-Christo, e que espera vingar-se do ultraje feito ao Rei, á Familia Real, ao seu sangue, e a todos os Parlametos do Reino. Sixto, que era muito capaz de julgar dos homens, admirou des de então o animo deste Principe, do mesmo modo que admirou o da Rainha Isabel. Fallando de hum, e da outra, dizia muitas vezes que elle não conhecia outros, senão a elles no mundo, verdadeiramente dignos de reinar, excepto a Religião, e com os quaes quererá communicar os seus grandes intentos.

Sétimentos  
do Papa a  
respeito  
deste Prin-  
cipe, e de  
Isabel.

Com tudo a Bulla , que hum sentimento de Patriotismo , e razão deveria ter reduzido a cinzas , servia de alimento ao furor do vulgo , e á rebelliaõ dos sediciosos. Vio-se o Rei obrigado a perseguir com maior rigor os Calvinistas , a quem ordenou por meio de hum decreto , que ou abjurassem , ou sahisses de França , dentro em quinze dias. O Rei de Navarra , por sua parte , publicou contra os Catholicos huma sevéra proclamação , e deste modo , quasi sem trópas , e sem dinheiro , nem poder , teve de sustentar duas guerras civis , assim contra os Catholicos conspiradores , como contra os Protestantes.

A Bulla ex-cita huma duplicada guerra civil.

Voltemos por algum tempo os olhos para Inglaterra , onde o supplicio de Maria Stuart he hum dos successos célebres. Sigamos os passos da politica de Isabel até esta sanguinolenta tragedia , e vejamos essa mistura de grandeza , e fraqueza humana , que caracteriza singularmente a filha de Henrique VIII.

Quando em 1568 , preza Maria pelos seus vassallos fugio , e se refugiou nas terras da sua competidora , Isabel ficou logo suspenso entre a generosidade , e o interesse. Não cuidou depois disso n'outra cousa , senão aproveitar-se industriosamente das conjuncturas. Sob pretexto de que a decencia não lhe permittia soccorrer , nem

Politica de Isabel a respeito da Rainha de Escocia.

Maria con-  
servada pri-  
sioneira por  
Isabel.

vêr esta infeliz Princeza , cheia de atrozes accusações , persuadio-lhe que se sujeitasse a huma especie de sentença , e a tomasse por arbitra. Os Escossezes mandárao accusadores , e produzírao próvas duvidosas. Arrependeo-se Maria , e não quiz responder. Debalde pedio ella soccorro , ou a liberdade de passar para França ; pois Isabel a reprezou. Isto era expôr-se a conspirações inevitaveis ; porém semelhantes conspirações lhe parecêrao menos perigosas , do que a liberdade de huma competidora , que lhe causava tantas , e tão grandes inquietações.

Movimen-  
tos a favor  
de Maria.

Nunca a Rainha de Escossia pareceo mais digna de amor , e respeito , do que no seu dilatado cativeiro. A infelicidade realçava os encantos , e agrados da sua pessoa , e animava o seu engenho , e grandeza de alma. O Duque de Norfolk , o primeiro Cavalleiro de Inglaterra , entregou-se ao desejo de casar com Maria , entrou n'huma conspiração para forçar o consentimento de Isabel , foi accusado de crime de alta trahição , e executado. O zelo dos Catholicos devia especialmente excitar muitos tumultos , e a Corte Romana , a de Hespanha , e a de França , quero dizer , os Guifas , trabalhavao n'huma rebelliao.

Os Catho-  
licos cons-  
piraõ, e são  
castigados.

Pio V. fulminou os raios do Vaticano. Hum fanatico affixou a sua Bulla em Lon-



Londres , julgando merecer a palma do martyrio (1571), e o Rei de Hespanha mandou , em nome de Gregorio XIII. , tropas para Irlanda , terra ainda cheia de barbaria , e superstição. Porém os Hespanhoes , e os rebeldes foraõ cruelmente mortos. (1580.) Todas estas empresas causáraõ aos Catholicos rigorosos tratamentos. Multiplicando-se as suas conspirações , sempre a favor de Maria Stuart , irritou-se Isabel , e o Parlamento desterrou do Reino os Sacerdotes da Igreja Romana , especialmente os Jesuitas , e os discipulos dos seus Seminarios , cujo zelo vehemente não respeitava a Coroa. Todos aquelles , que ou ficáraõ , ou entráraõ novamente foraõ castigados com pena de morte. A tolerancia , até entaõ observada com prudencia , não subsistio mais , e o Tribunal da *Alta Commissão* , novamente estabelecido para os negocios Ecclesiasticos , pareceo ser imagem da Inquisição de Hespanha.

Ensinava-se entaõ na Theologia o tyrannicidio , representavaõ-se como tyrannos os Principes rebeldes á Santa Sé , e por meio de abominaveis preocupações , com desprezo das máximas santas da Religião Christã , se consagrava o homicidio , excitando-o contra as proprias cabeças coroadas. Guilherme Parry , Cavalleiro Inglez , tendo aprendido esta doutrina em

A Doutrina do tyrannicidio reduzida a praxe.

Parry pretende matar a Rainha.

Italia, resolveo-se de a pôr em praxe. Achou quem o incitasse para este fim, assim na Corte de Roma, como na Leitura de hum Theologo Inglez; o qual depois foi Cardeal. Accusado Parry por hum dos seus complices, confessou o seu crime, e padeceo a morte. (1584.)

Ballardo, e Babington seguem os passos de Parry.

Dous annos depois, formou-se huma conjuração da mesma natureza, porém mais para temer. Ballardo, Presbytero, que tinha ultimamente sahido do Seminario Inglez de Rheims, fundado pelo Cardeal de Lorena, veio inspirar o seu fanatismo a Babington, moço rico, bem educado, a quem nada faltava para viver feliz. Este adquirio outros Catholicos para o seu partido; e ajustárao entre si matar a Rainha, collocar sobre o Throno Maria Stuart; e restabelecer por este meio huma Religião, por motivo da qual todos fazião ser merecimento o cometer taes attentados. Escreveo Babington a Maria, e recebeu huma resposta cheia de approvação, e promessas. Porém Valsingham Ministro de Isabel; tão vigilante como illuminado, descobrio tudo, apanhou as cartas, e mandou prender os conspiradores. E sendo estes quatorze, forão todos executados, e destes confessárao a conjuração sete.

Se Maria tivesse formado intrigas só para o seu livramento, não havia cousa mais desculpavel. Se ella se tivesse conjurado para a morte de Isabel, sua inimiga, sendo Rainha de Escocia, esta criminosa empreza não a constitua fujeta á jurisdicção de hum Tribunal Estrangeiro. Com tudo quarenta Commissarios são nomeados para instruir o seu processo, e vão inquirilla na prizaõ, em que estava. Depois de Maria ter protestado, que não reconhecia Juiz algum, n'hum terra, onde especialmente lhe he negada a protecção das Leis, deixa-se imprudentemente persuadir a responder. Ambos os seus Secretarios, sem ter sido expostos aos tratos, attestavaõ que Maria tinha recebido cartas de Babington, ás quaes respondêra, e o seu testemunho se verificava com a confissão de Babington. Nega Maria o facto, e todavia requer ser acareada com os Secretarios. Este requerimento he desattendido, porque as Leis de Inglaterra não ordenaõ a acareação nos crimes de leza-Magestade. Finalmente voltando os Juizes para Londres, pronunciaõ a sentença de morte.

Processo de Maria Stuart.

Sobre quaes provas he codenada Maria Stuart.

Esta a occasião, em que Isabel se trahe a si propria por causa da sua mesma dissimulação. Impaciente por vêr-se livre de Maria, affecta interessar-se fortemente na

1587.  
Dissimulação hypocrita de Isabel.

Maria he  
executada.

sua sorte. Convoca o Parlamento, a fim de parecer que não obrava, senão á satisfação da Nação. Confirma o Parlamento a sentença, e faz grandes instancias com a Corte, para que a mande executar. Poem a Rainha os animos na incerteza. Os seus Cortezãos, e Ministros, com as suas razões, e instancias, como que não pôdem mover o seu generoso coração. Para obter della hum auto de rigor, que ella quere-ria ter já feito, são necessarios motivos extraordinarios: e por isso tem o cuidado de espalhar noticias de invasões, e conspirações, proprias para inflamar os animos crédulos. Finalmente assigna a ordem fatal; mas, segundo o que ella dizia, assignou sómente a ordem a fim de servir-se della em caso de necessidade mais urgente. Penetrando os Ministros o interior da sua alma, poem tudo em execução para a satisfazer, e morre a Rainha de Escocia n'hum cadafalso, como heroína Christã. Com a noticia desta execução, lamenta-se, enfurece-se, aparta os Ministros da sua presença, n'hum palavra, chega a sua hypocrisia ao ultimo excesso. Vã, e odiosa subtileza! O seu seculo, e a posteridade não tiverão, senão hum só vóz para condemnar esta acção, tão escandalosa, que nenhuma razão de Estado havia, que a constituísse necessaria.

Al-

Alcança Isabel por outros caminhos a geral admiração. Vendo as Províncias Unidas o desprezo do Rei de França, em 1585, tinhaõ-lhe offerecido reconhecella por sua Soberana. O temor de se expôr ao vituperio de usurpação, ou de não poder conservar-se neste Principado, a apartava prudentemente desta empresa muito arriscada. Contentou-se pois de fazer humã alliança defensiva com a nova República, e mandou-lhe tropas capitaneadas pelo Conde de Leicester, seu válido. Já os armadores Inglezes ameaçavaõ os Hespanhoes até á America. O famoso Drak tinha feito o gyro do globo, e voltou carregado de despojo. Exaltado Drak ao grão de Almirante, tomou S. Domingos, Carthagena, &c. O gosto das expedições maritimas animou-se cada vez mais: Inglaterra vio as utilidades, que podia tirar do Oceano: e lançou des de entaõ os fundamentos mais sólidos da sua grandeza.

Descede Ita-  
bel as Pro-  
vincias-U-  
nidas.

Chegaõ os  
Inglezes a  
ser tremen-  
dos por  
mar.

Com tudo o Rei de Hespanha fazia immensos preparos para conquistar este Reino; porque Sixto V. lho tinha ultimamente concedido por meio de hum Bulla, como hum feudo da Igreja Romana. O animoso Pontifice teve tambem a ousadia de prometter recompensas a todo aquelle, que entregasse Isabel, para que

Sixto V.  
cõcede In-  
glaterra ao  
Rei de Hes-  
panha.

Fróta invencível para a conquista.

que os Catholicos a castigassem por causa dos seus crimes. Isto era o mesmo, que convidalla não só para huma vigorosa defesa, mas para huma guerra implacavel contra a Santa Sé. O armamento de Filippe II. pareceo todavia certificar o effeito da Bulla. Consistia este em cento e trinta náos, com vinte mil homens de desembarque, carregadas de duas mil seiscentas peças grandes de artilharia, e de mantimentos para seis mezes. Alexandre, Duque de Parma, já célebre pelas suas proezas nos Paizes-Baixos, tinha de fazer hum desembarque, para favorecer a fróta *invencível*: a qual teria merecido este nome, que lhe concedia o presumido orgulho, se as forças humanas podessem ser superiores aos acaos da fortuna. Esta he tambem huma lição importante, para abater a confiança temeraria dos Soberanos.

Prudencia, e valor da Rainha em o perigo.

A marinha de Inglaterra se reduzia a vinte oito náos pequenas, quando o Reino se vio ameaçado com tão terrivel tormenta: mas a tudo suprem o valor, e a prudencia da Rainha. Excita Isabel o zelo da Nação, e todos se apressão em prodigalizar com ella os soccorros, e em construir náos. Londres, a quem Isabel pedia quinze náos, prepara trinta: os mesmos Catholicos, de quem o Papa esperava fazer outros tantos

tos rebeldes, mostraõ-se pela maior parte bons Cidadãos. Hum numeroso exercito se poem prompto para defender a Patria. Apparece a Rainha em campo, a cavallo, exhorta as trópas, e protesta que antes ha de morrer em meio do combate, do que vêr sujeito o seu Povo. *Eu não tenho senão o braço de huma mulher*, disse Isabel com intrepidez, *porém tenho a alma de hum Rei, e o que mais he, de hum Rei de Inglaterra.* Se hum Principe grangear o coração, e a estimação dos seus vassailos; se der o exemplo; logo os constitue capazes dos mais heróicos esforços. Tudo teriaõ os Inglezes sacrificado pela sua Rainha, na pessoa da qual faziaõ consistir a salvação pública.

Servirão tambem diversos accidentes para o seu triunfo. A frota invencivel, partio de Lisboa, e foi demorada por causa de huma tempestade. O Duque de Medina Sidonia, que tinha recebido contra sua vontade o mando della depois da morte do valeroso Marquez de Santa Cruz, não tinha conhecimento algum da marinha. Huns pilotos, e marinheiros pouco exercitados, e pouco instruidos governavaõ mal aquellas enormes, e fluctuantes máquinas. Os Inglezes, muito mais destros na manobra, aproveitavaõ-se da propria pequenheza, e ligeireza dos seus navios,

---

1588.  
O armamento Hespanhol he quasi destruido.

vios , e muitas vezes combatteraõ com vantagem. O Duque de Parma , sem náos de guerra , não julgou dever arriscar hum desembarque. Finalmente os Hespanhoes perdendo as esperanças de feliz successo , voltáraõ pelas Orcadas , e foraõ assalteados de hum horrorosa tempestade , que acabou de arruinar a sua fróta ; da qual Filippe perdeu mais da metade , além da perda de quasi vinte cinco mil homens , e trinta e seis milhões.

Como esta  
noticia foi  
recebida e  
Hespanha.

Recebeo Filippe II. com muito soccego a noticia de taõ grande desastre. *Tinha eu expedido a minha fróta , disse elle , não para combatter com os elementos , mas com os Inglezes. Louvado seja Deos.* Os Sacerdotes Hespanhoes , cujas profecias estavaõ confundidas , attribuíraõ , segundo dizem , a causa disto aos Infiéis , que havia no Reino. Sem dúvida que a Inquisição ainda lhes não parecia sufficientemente sanguinaria.



## CAPITULO VIII.

*Liga dos Dezaseis. --- Affassinio dos Guis-  
sas. --- Fim de Sixto V.*

**E**M França, para onde nos guia o fio dos successos, offerecem o fanatismo, a rebelliaõ, e a anarquia, os mais tristes espectaculos. No centro de París, se formou a Liga dos *Dezaseis*, que traz o seu nome dos dezaseis bairros desta Cidade, e excede em furor á liga principal. Consistia o seu projecto em privar o Soberano do Throno, e dar a Coroa ao Duque de Guisa. Henrique III., vil ludibrio dos sediciosos, não só não se póde unir com o Rei de Navarra, bem que assim o requeria o seu commum interesse, mas he obrigado a fazer-lhe sempre guerra, e conhecido já Henrique IV., por hum Heróe, distingue-se mais do que nunca na batalha de Coutras em Guienna (1587), a qual ganha contra o Duque de Joyeuse. Este valido foi morto a sangue frio depois da acção. Os odios civís, e religiosos multiplicavaõ as atrocidades em ambos os partidos. Nunca se comettêraõ tantos crimes em França, a pezar da inclinação

Liga dos  
Dezaseis é  
París.

Henrique  
III. obriga-  
do a fazer  
a guerra a  
seu herdeiro.

ção da Nação a todas as virtudes sociais.

O Duque  
de Guisa  
triunfante.

Hum exercito Allemaõ vinha em socorro dos Calvinistas, e sendo acometido pelo Duque de Guisa em o Gatinois, e territorio de Chartrain, foi derrotado pelo mesmo Duque, que foi apregoadado em Paris como salvador da França; e a fim de lhe abrirem caminho para o Throno, fizeraõ decidir pela Sorbona que *se póde tirar o governo a hum Principe incapaz, do mesmo modo que se tira a administração a hum tutor suspeito.*

Requeri-  
mētos sedi-  
ciosos dos  
Principes  
Lorenos.

Cada passo dos Principes Lorenos prognosticava a ruina do Monarca. Huma Junta, que estes Principes tiveraõ em Nanci com os principaes conspiradores, dirige ao Rei hum memorial, em que lhe pediaõ que apartasse da sua Corte as pessoas, que lhe nomeavaõ; que entregasse aos Chéfes da Liga taes Praças que indicáraõ; que mandasse publicar o Concilio de Trento; que estabelecesse a Inquisição nas capitaes, e confiasse o seu exercicio aos estrangeiros, com preferencia aos Francezes, &c. Este ultimo artigo especialmente causa horror; pois tornar-se-hia a metade da França n'hum fogueira para os Cidadãos.

Inquisição,  
e Concilio  
de Trento.

Observemos neste lugar que a ordenação de Blois, em 1579, tinha já estabe-

ci-

lecido diversos pontos de disciplina. conformes aos Decretos do Concilio de Trento; tinha apprazado para a idade de dezafeis annos a profissão religiosa, sábia, e prudentemente retardada pela Ordenação de Orleães: e ou fosse abuso, ou não, tudo era igual, com tanto que se triumphasse dos seus adversarios, nas mesmas coufas, em que a razaõ estava evidentemente pela sua parte.

Indignado o Rei sahe finalmente do seu lethargo, ajunta trópas, e prepara-se para castigar os Dezaseis. Manda hum Decreto ao Duque de Guisa, pelo qual lhe prohibe a entrada de París: onde o Duque não obstante isso apparece. Tendo os sediciosos tomado armas em breve tempo, formão atalhos, cercaõ os soldados, e Henrique foge. Guisa, senhor da Capital, impoem as condições do ajuste: porque os Parisienses davaõ mostras de arrependimento; mas o Rei não tinha forças para castigar os rebeldes. Este infeliz Principe jura, por meio de hum Ediçto de reuniaõ, assignado em Ruaõ, que não faria já mais paz, nem trégua com os Hereges, que exterminaria a heresia no seu Reino; e prescreve a seus vassallos hum juramento de não receber para seu Rei, depois da sua morte, Herege algum, nem protector de Hereges. Daqui se seguiu fi-

car  
Guisa, senhor da Capital.

Ediçto de reuniaõ dictado ao Rei.

car

car Henrique IV. privado do direito de successão.

Pretêdem-  
lhe impôr  
obrigações  
muito ma-  
is crueis.

Ajuntaõ-se depois os Estados geraes em Blois, onde se declara Lei Fundamental este Edicto que o Soberano violentamente passou. Fazem-lhe novos requerimentos, que respiraõ sempre a sedição: vê-se Henrique obrigado a excluir nomeadamente da Coroa o herdeiro presumpivo della: querem que elle publique incessantemente o Concilio de Trento. Nas disputas, que se levantáraõ a este respeito, trahio o Arcebispo de Lyaõ as liberdades da Igreja Gallicana, até descrevellas como attentados contra a Santa Sé. O Cardeal de Gondi tratou de ignorantes os defensores destas liberdades, que sô são hum resto do direito commum das Igrejas. A cegueira até chegava a querer destruir as proprias leis nacionaes, para serem escravos da Corte Romana.

Henrique  
mãda assassinar o Duque, e o Cardeal de Guisa.

Finalmente, tendo o Duque de Saboya invadido o Marquezado de Saluça, com o pretexto de oppôr huma barreira á heresia, e sendo o Duque de Guisa suspeito de intelligencia com elle, e tendo só hum passo que dar para privar do Throno hum Monarca fantástico, Henrique, sem recurso algum da parte das Leis, julgou achar a sua salvação na violencia; pois mandou assassinar o Duque, e o Cardeal

deal de Guisa. Este Prelado, tão colérico quanto tinha de circumspecto o Duque, muitas vezes disse que era necessario mandar abrir huma Coroa de Capucho ao Rei. O Duque de Mayena, seu irmão, estava em Lyaõ, e não foi prezo. Prendeo-se o Cardeal de Borbon.

Depois de huma acção tão grave, seria necessario aproveitar-se da consternação dos sediciosos, senhorear-se de París, destruir os Dezaseis, e mostrar vigorosamente huma authoridade abatida havia muito tempo. O Rei nada disto fez; não deo ordem alguma, não se acautelou, e contentou-se de fazer a sua apologia em manifestos.

Morreo então sua Mãi, a famosa Catherina de Medicis, desprezada havia algum tempo, depois de ter ateado tantas guerras, e tantas discordias, por meio da mais fervorosa, e pérfida ambição, que já mais houve. As infellicidades do Principe, e do Estado desmentiaõ cruelmente a sua máxima: *que para reinar he necessario dividir*. Estando para morrer aconselhou ao Rei que se reconcilhasse com Henrique IV., e que deixasse a liberdade ás consciencias. Ao menos isto era aconselhar huma vez o que requeria o bem público.

Já o fanatismo dos conspiradores tinha vencido todos os obstaculos. Esta vil

---

1589.  
Henrique  
cahe nova-  
mente em a  
sua frouxi-  
daõ.

Môrte de  
Catherina  
de Medicis.

Fanatismo  
dos Deza-  
seis.

fac-

facção, composta de alguns Sacerdotes, e em grande parte de huma plebe insensata; os Dezaseis, digo, raivosos, e enfurecidos por causa do homicidio dos Guisas, deitáraõ fogo á Capital. A preocupação, que cegava a maior parte dos Ecclesiasticos, e Religiosos, favorecia muito a sua furia. Impetuosos Prégadores, e Confessores muito mais temiveis, fizéraõ por toda a parte da rebelliaõ hum dever sagrado. A Sorbona authorisou a rebelliaõ por meio de hum Decreto, no qual se pretendia obrigar o Parlamento a assinar.

O Parlamẽto conduzido para a prizaõ.

Naõ querendo o Parlamento subscrever o Decreto, hum Procurador chamado Bussi le Clerc, estabelecido pelo Duque de Guisa, governador da Bastilha, guiou para a prizaõ o illustre Achilles de Harlai, primeiro Presidente, e atrás do Chêfe se seguiraõ os outros Magistrados. Outro novo Parlamento, creado pelos Dezaseis, apossa-se do templo da justiça, confirma a liga com todas as suas condições, e accrescenta-lhe o juramento de vingar a mórtte dos Guisas, contra os authores, e complices do assassínio.

Reconciliação de ambos os Reis

Determina-se finalmente Henrique III. a fazer na ultima extremidade aquillo mesmo, que deveria ter feito no principio dos tumultos. Reconcilia-se com o Rei de Navarra-

varra ; o qual , a pezar de tantos motivos de desconfiança , tem o valor de unir-se com o mesmo Henrique III. Apparece então hum monitorio de Sixto V. , o qual ordena ao Rei de França que compareça perante o mesmo Sixto em pessoa , ou por procuração , dentro em sessenta dias , a fim de justificar-se do homicidio do Cardinal de Guisa ; e o declara excommungado em virtude da Bulla *In cana Domini* , se acaso não informar a Santa Sé da sua obediencia. O Monarca tinha solicitado a absolvição de Roma , e atemorizado com aquelle novo raio , tremia segundo o seu costume. *Vençamos* , lhe disse Henrique IV. , *e seremos absolvidos ; porém se ficarmos vencidos , seremos excommungados , aggravados , e reaggravados.*

Monitorio  
de Sixto V.

He certo que a Corte de Roma pretendia tomar conselho do successo , e muito mais certo he , que importava ser conspirador , ou outra qualquer cousa semelhante , para não reprovar huma situação tão odiosa. Com tudo o Monitorio foi publicado em Meaux , e tambem em Chartres , a pezar da opposição do Bispo , que costumava dizer que *as censuras do Papa não tem nenhum valor para a parte daquém dos montes , e congelão-se na passagem dos Alpes.* (Veja-se a Traducção de de Thou , restituções , e correcções em o Liv. 95.)

O Monitorio he publicado em algumas Cidades.

Am-

Sítio de Pa-  
rís. O Rei  
assassinado  
por Jacques  
Clemente.

Ambos os Reis cercaõ París, e acam-  
paõ em S. Cloud, onde Henrique III. foi  
morto a punhaladas por Jacques Clemen-  
te, Religioso Dominico ainda moço, a  
quem os Pregadores, Casuistas, e o seu  
Prior tinhaõ induzido a cometer este cri-  
me, mostrando-lhe o Ceo, como recom-  
pença do regicidio. Este trahidor tinha-se  
introduzido com o pretexto de commis-  
sões importantes; foi logo alli mesmo  
morto, e deste modo livrou-se do suppli-  
cio, e do mesmo interrogatorio. O fana-  
tismo o canonisou em París, exaltou-o  
mais que a Judith, e collocou a sua ima-  
gem nos Altares, e segundo diz hum ex-  
ercito dos conspiradores, exclamando Six-  
to V. de admirado, a respeito da empre-  
za de Clemente, não teve pejo de a com-  
parar com a Incarnação do Verbo, e com a  
Resurreição do Salvador. “Não se com-  
,,prehende, diz o sabio, e prudente de  
,,Thou, como Sixto V. pode explicar-  
,,se com termos tão indecentes, e tão  
,,indignos do Pai commum dos fiéis. ,,  
Se acaço Sixto assim se explicou, tudo  
se pôde explicar por meio do delirio ge-  
ral.

Morte de  
Sixto V.

Este Pontifice, hum dos homens mais  
extraordinarios do seu seculo, morreo no  
anno seguinte de 1590, com sessenta e  
nove annos de idade. Por meio de huma  
uf-



justiça rigorosa, restabeleceo a segurança no Estado Ecclesiastico, onde os vícios do governo tinhaõ estabelecido roubos violentos; e huma grande economia, se pôz em estado de adornar Roma com obeliscos, chafarizes tão uteis como soberbos; edificar hum Palácio, e a Bibliotheca do Vaticano; alcançar para o Povo huma abundancia continuada; enriquecer a sua familia, sem excitar clamores; e deixar quando morreo mais de cincoenta milhões de ouro. Este Papa meditava a conquista do Reino de Napoles. *Na verdade, que hum cumprimento com huma haquenea não tem comparação com hum Reino,* tinha dito Sixto V. quando recebeo da parte de Filippe II. a ordinaria homenagem. Bem se vê que Sixto não era victima do zelo hypocrita deste Principe.

Factos do seu Pontificado.

Projecto a respeito de Napoles.

Desprezando Sixto V. a Henrique III., disse hum dia, conforme Naudé: *Eu tenho feito tudo quanto he passivel para livrar-me da condição de Monge, e Henrique faz tudo quanto pôde para cahir nella.* (Science des Princes.) Os elogios, que Sixto fazia a Henrique IV., e a Isabel, são próva de que se acafo abusava do poder Pontificio contra o direito das Coroas, possuia a alma, e o genio de hum homem feito para reinar. Talvez que Sixto V. tivesse reinado em outro qualquer lugar com

Desprezo para cõ Henrique III.

maior glória , do que no Estado Ecclesiastico.

Dito de Isabel a respeito deste Papa.

Isabel , com a qual Sixto V. negociava occultamente a respeito de Napoles , falou delle , como diz Leti , nos seguintes termos. *Sixto não he hum Papa Sacerdote ; he hum Papa Principe.* Por desgraça seguiu elle excessivamente nas occasiões as maximas dos Sacerdotes do seu tempo. Com tudo não gostava dos Jesuitas , desses grandes zeladores das opiniões , e interesses de Roma ; e ordenou-lhes que sahissem de Inglaterra.

Urban.VII. e Gregorio XIV.

Urbano VII. , seu successor , apenas gozou da thiara , e Gregorio XIV. , Milanez , apaixonado pelo seu nascimento , e principios , e pela Corte de Hespanha , distinguio o zelo , que tinha a favor da Liga , como agora veremos na Época de hum Reinado eternamente memoravel na Historia.

*Fim do Tomo setimo.*



# S U M M A R I O

DAS MATERIAS DESTE SETIMO VOLUME.

---

## OITAVA ÉPOCA.

### O I M P E R I O G R E G O

DESTRUIDO PELOS TURCOS.

OS MEDICIS EM FLORENÇA. --- FERNANDO ,  
E ISABEL EM HESPAÑA.

*Des do meado até quasi ao fim do decimo  
quinto seculo.*

---

CAP. I. *Progressos dos Turcos des de Othomano até  
Mahomet II. --- Tomada de Constantinopla.* 3

**E**STADO infeliz do Imperio Grego depois de Miguel Paleologo. Restabelece Othmano os Turcos. Orcano, seu filho, genro de Cantacuzeno. Constantinopla tributaria por Amurath I. Tumultos em Constantinopla fomentados pelos Genovezes. Os Principes da Europa marchaõ contra Bajazeto I. Estes mesmos Principes vencidos, e derrotados em Nicopoli no anno de 1396. Pede Manoel Paleologo soccorros de todas as partes, e Tamerlaõ se declara contra Bajazeto. Bajazeto vencido, e prezo por Tamerlaõ. Defendem-se todavia os Turcos. Constantinopla ameaçada por Amurath II. Rompem os Gregos a união feita com a Igreja

Bb ii  
Ro-

Romana. Amurath, suspenso por Hunniadas. Abdicação do Sultão. Tregoa quebrada indignamente com os Turcos. Principios falsos dos Christãos daquelle tempo. Vence Amurath, e derrota os Christãos em Varna, e renuncia segunda vez. Scanderberg toma Albania aos Turcos. Mahomet II, successor de Amurath II. Cerco de Constantinopla. Constantino Paleologo morto, e a Cidade tomada. Mahomet não se porta como barbaro. Successos dos Turcos no seu Reinado. Sua morte em 1481. Nenhuma Potencia da Europa defendeo Constantinopla; e porque?

CAP. II. *Fim do Reinado de Carlos VII. --- Luis XI. até á morte do ultimo Duque de Borgonha.* 16

Fim de Carlos VII. Refórma da Universidade. Tropas reguladas. O direito perpetuo da talha. Jacques Cœur, negociante, feito Ministro dos erarios, indignamente perseguido. Idéa do Reinado de Luis XI. Pio II., sendo Papa, muda de principios. Extinção da Pragmatica de Carlos VII. Carta singular do Papa a Mahomet II. Liga do bem publico contra Luis XI. Faz o Rei hum tratado ignominioso, para o violar. Suspeita-se de Luis, ter mandado matar seu irmão. Cahe este Principe na mesma cilada, que traçou contra o Duque de Borgonha. Ambição, e temeridade do Duque Carlos. Vencido, e derrotado Carlos pelos Suissos foi morto na Lorena. Simplicidade dos Suissos. A Borgonha unida á Coroa de França. Matrimónio da herdeira do Duque com Maximiliano de Austria.

CAP. III. *Facções de York, e Lancastre, as quaes destroem a geração dos Plantagenetos. --- Tratado de Pecquinh.* 26

Rebellião do Duque de York contra Henrique VI. A Rainha Margarida de Anjou combate como heroína. Henrique privado do Throno por Duarte IV.

IV. Margarida vencida segunda vez , e fugitiva. Attrahe Duarte a si o odio do Conde de Warwik. Intrigas deste Cavalleiro. Henrique VI. restabelecido. Nova, e repentina revolução. Homicidios dos Principes. Acomette Duarte IV. a França. Luís XI. compra humo tregoa. Tratado de Pecquinhí. Manda Duarte matar seu irmão. Usurpação atroz do Duque de Gloucester ( Ricardo III. ) Ricardo privado do Throno pelo Conde de Richemond [ Henrique VII. ] Casa de Plantageneto extincta em sangue. Henrique VII. armou-se com hum Bulla do Papa. Idéa do seu Reinado. A Authoridade Real devia augmentar-se.

CAP. IV. *Particularidades do Reinado de Luís XI.* 35

Crueldades de Luís XI. para com os Grandes. Todos os feudos principaes, excepto Bretanha, e Flandres, reunidos á Coroa. Razaõ porque a Anarquia feudal diminuia todos os dias. Regulamento a respeito dos mórgados. Contradições de Luís XI. O dinheiro foi o seu meio principal. Não pretendeo Luís nada de Genova, que ao mesmo tempo que se submettia, logo se soblevava. Não entrou Luís em Napoles. Postas estabelecidas. Ordem de S. Miguel. Commercio Ministros indignos deste Rei.

CAP. V. *Governo tumultuoso de Florença, até Lourenço de Medicis inclusivamente.* 39

Florença não faz o que deve para a fundação de hum República. Governo feliz, porém breve, depois da morte de Frederico II. Facções, e revoluções. A Nobreza excluída do Governo. Gonfalonneiro. Justiça arbitraria. Os Florentinos se arruinão. Com tudo os Florentinos se conservaõ. Bulla de Gregorio XI. contra os Florentinos. Que as reformas não remedeão nada. Sabedoria, e autho-

thoridade dos Medicis. Cosme Pai da Patria. Commissão para governar. Conspiração contra os Medicis. Juliaõ , e Lourenço , assassinados na Igreja. Florença excommungada por Sixto IV. complice da conspiração , e protegida por Luís XI. Absolvição dos Florentinos. Governa Lourenço como homem grande : determina estabelecer a paz em Italia : consegue o seu intento. Sua morte em 1492.

**CAP. VI. Reinado de Carlos VIII. em França. ---**  
*Conquista esteril de Napoles.* 48

Tumultos no principio do Reinado de Carlos VIII. O Duque de Orleans , rebelde , e prisioneiro. Casamento do Rei com a herdeira de Bretanha. O Archi-Duque Maximiliano , duas vezes offendido , toma as armas: Carlos VIII. em lugar de despojar o Archi-Duque pretende conquistar Napoles. Carlos em Florença. Attrevimento dos Florentinos. Alexandre VI. trahidor a Carlos. Paz entre elles. Zizim entregue , e envenenado. Conquista rápida do Reinó de Napoles. Que os Italianos não conheciam a arte da guerra. Erros dos Francezes. Liga contra Carlos. Volta Carlos para França. Sua victoria de Fornova. Perda do Reino de Napoles. Morte de Carlos VIII. em 1498.

**CAP. VII. A respeito da Hespanha. --- Reinado de Henrique IV. em Castella. --- Principios do Reinado de Fernando , o Catholico , e de Isabel.** 55

Henrique IV. [o impotente] , Rei de Castella. Desordem , e vicios desta Corte. Beltraõ de la Cueva , valido. Rebelião contra Henrique. Henrique deposto em estatua. Batalha de Olmedo , em a qual o Arcebispo de Toledo se distingue. Heroínas Hespanholas. Henrique IV. he obrigado a desherdar sua filha Joanna. Isabel , sua irmã , e sua herdeira procurada para casamento. Como Isabel foi casada

da com Fernando de Aragoão. Nova guerra civil. Morte de Henrique IV. em 1474. Suspeitas de ser o Rei envenenado: Fernando ao principio descontente em Castella. Isabel o detem. Guerra com Portugal acabada em breve tempo. Desordens publicas, que se pretendem reprimir. A *Santa Irmandade*. Governo vigoroso. Atrocidade da Inquisição por causa de Torquemada, e de Mendoza. Processos odiosos de semelhante Tribunal, sem appellação. Seus familiares. *Auto da fé*. Reflexão a respeito de semelhantes rigores. Fernando, herdeiro de Aragoão, e de Sicilia. Seus intentos a respeito da Navarra.

CAP. VIII. *Conquista do Reino de Grenada. — Expulsão dos Judeos de Hespanha.* 66

Os Mouros de Grenada divididos entre si. Fernando, e Isabel acomettem o Reino de Grenada com feliz successo. Sitio de Grenada. O Rei Mouro capitula cobardemente. Reprehensões de sua Mãe. Expulsão dos Judeos a fim de os despojar. Que semelhante violencia arruina o Estado. O que os Judeos chegaram a fer.

CAP. IX. *Observações Geraes.*

71

Revolução geral, que começa em o decimo quinto seculo. Arte militar differente. Decadencia da cavallaria. Politica mais cultivada, porém com subtilidades funestas. Os crimes multiplicão-se, e porque. A imprensa utilissima a pezar dos abusos, que della se deviaõ fazer. Esta invenção admiravel foi calumniada. Falsamente se attribue aos Gregos o renascimento das letras. As linguas sábias fizêraõ ao principio mais pedantes, do que sujeitos de gosto. Desprezâraõ-se infelizmente as linguas vulgares. Preoccupações da Escola, em a qual reina Aristoteles. Disputas ridiculamente sérias dos Realistas, e dos Nominaes. Disputas de Thomistas, e de Sco-  
tis.

tistas , mais sérias. Savonarola accusado de heresia. Experiencia do fogo , que se offerece , e que se nega de soffrer. Supplicio de Savonarola. Conclusões de Pico de M. randola. Sua condemnação em Roma , e sua apologia. A Corte de Roma não estava reformada. Condução interessada dos Papas. Calixto III. Pio II. Paulo II. Sixto IV. Innocencio VIII. Alexandre VI. Infellicidades proximas.

## NONA ÉPOCA.

### CHRISTOVAÕ COLOMBO, OU DESCOBRIMENTO DO NOVO MUNDO.

LIGA CONTRA VENEZA. --- LEAÕ X., E  
LUTHERO.

*Des do fim do decimo quinto seculo , até o  
anno de 1519.*

CAP. I. *Progressos da navegação , até o descobri-  
mento da America.*

85

Influencia da navegação a respeito do systema politico. Primeiros navegantes. Corsos dos antigos Dinamarquezes. Pretende-se que os Dinamarquezes abordarão á America. Julga-se que os Eskimãos procedem dos Dinamarquezes. Ideas absurdas a respeito dos antipodas , até o decimo quinto seculo. Invenção da bussola. D. Henrique excita os navegantes em Portugal. D. Henrique obteve de Martinho V. hum direito de conquista , com Indulgencias Descobrimto do Cabo da Boa-Esperança.

CAP.



CAP. II. *Viagens de Christovão Colombo ao novo mundo.*

90

Conjecturas , e projectos de Christovão Colombo. Christovão Colombo he tratado de fantastico em Genova , e em outras partes. O que determina a Corte de Hespanha a empregar Colombo. Primeira viagem de Christovão Colombo para America. Honras , que Colombo recebeu quando voltou da sua viagem. Colonia de Hispaniola , ou S. Domingos. Rebellião dos Hespanhoes contra Colombo. Colombo vai justificar-se para a Corte. Colombo descobre o continente da America. Novas injustiças que Colombo experimenta. Uso que Colombo faz de hum eclipse. Fim desgraçado deste grande homem. Barbaridade contra os Salvagens. Americo Vespucio attribue a si injustamente o descobrimento do novo mundo. Pretensões de alguns Inglezes a semelhante descobrimento. Os Hespanhoes , e os Portuguezes disputão entre si os seus direitos estranhos de conquista. O processo terminado singularmente por Alexandre VI.

CAP. III. *Conquistas dos Portuguezes na Asia. --- O Mexico , e o Perú conquistados pelos Hespanhoes.*

99

Os Portuguezes vão á India pelo Oceano. Barbaridade , e superstição em estas vastas empresas. Tudo estava salvagem na America , excepto o Mexico , e o Perú. Imperio do Mexico. Fernando Cortez entra no Mexico com muito pouca gente. Terror que Cortez inspira. Cortez obriga o Imperador Montzuma a sujeitar-se. Em vão se pretende tirar-lhe o mando. Os Mexicanos soblevão-se por causa de huma violencia. Fim tragico de Montezuma. Cortez sitiado em Mexico. Cortez entra novamente vencedor nesta Cidade , e subjuga o Imperio. Supplicio do Imperador Guatimozino.

Cor-

Cortez mal recompensado. Tres aventureiros comprehendem a conquista do Perú. Os Incas ; suas obras , &c. Costumes dos Peruvianos. Particularidades desta conquista Os conquistadores irritados huns contra os outros. Enfermidade ingnominiôsa, e outros males que devemos á America. Descobrimientos feitos em diferentes tempos.

CAP. IV. *Costumes dos Americanos Salvagens.* 111

Governo dos Salvagens. Nenhuma pena havia regulada para o crime. Seus costumes meio suaves , e meio ferozes. Casamentos , educação , &c. Idéas religiosas. Industria humana descoberta no Mexico, e no Perú. Os Salvagens mais dignos de observação.

CAP. V. *Luis XII., e Fernando , o Catholico , até a liga de Cambrai. --- Alexandre VI.* 117

Luis XII. occupa o Throno. Luis pretende repudiar sua mulher , a fim de casar com a herdeira de Bretanha. Alexandre VI. tudo concede , e Borja seu filho he recompensado. Conquista do Milanez contra Ludovico Sforça. Liga com Fernando , o Catholico , para a conquista de Napoles. Gonçalo de Cordova. Os Hespanhoes , senhores da conquista. Mórte de Alexandre VI. Fortuna caduca de Cesar de Borja. O Cardeal de Amboisa pretende ser Papa : o que causa huma grande infelicidade. Tratado de Blois , cujo fim era desmembrar a França. Fim da Rainha Isabel em Castella. Tumultos depois da sua mórte. Fernando he nomeado Regente. Oran conquistada pelo Cardeal Ximenes. Ximenes faz estabelecimento para as letras. Emprezas ambiciosas de Julio II.

CAP. VI. *Des da liga de Cambrai contra Veneza, até o fim de Luís XII. --- Julio II.* 126

Governo de Veneza, des da sua origem em o quinto seculo. Tribunos. Doge. Conselho principal. Aristocracia hereditaria em 1289. Conselho dos Dez. Inquisidores de Estado. Veneza governada por meio do terror; mas de hum modo invariavel. Ambição desta República. Veneza irrita o Imperador Maximiliano, e derrota as suas tropas. Liga de Cambrai. Veneza recusa o soccorro do Turco. Luís XII. obriga os Venezianos a se humilharem. Julio II. he trahidor aos alliados, desfobriga Fernando da liga, e toma de assalto Mirandola. Escrupulos perniciosos em França. Perde-se o Milanez, e Genova. Concilio de Pisa contra o Papa. Fernando usurpa a Navarra, em virtude de hum excommunhão. Morte de Julio II. Successo das suas empresas. Leão X. lhe succede. Henrique VII. tinha firmado a sua authoridade em Inglaterra. Simnel, e Perkin. Henrique VIII. Liga contra Luís XII. Picardia, e Borgonha invadidas. Dijon salvada. Paz de Luís com o Papa, e com Inglaterra. Sua morte. Bondade, e erros de Luís XII.

CAP. VII. *Principios de Francisco I., até a origem do Lutheranismo.* 139

Francisco I. entrega-se ao gosto das conquistas. Vernalidade odiosa dos empregos. Batalha de Marignan contra os Suissos. Morte de Fernando, o Catholico. Como Fernando merece ser arguido. Os Napolitanos não quizeraõ acceitar, a pezar de Fernando, a Inquisição. Fernando deixa todas as suas Coroas a Carlos, a quem não amava. Regencia de Xênes, o qual abate os grandes. Morte do Imperador Maximiliano, que tinha pretendido ser Papa. Circulos de Allemanha. Camera Imperial. Con-

Conselho Aulico. Exacções da Corte de Roma em Allemanha. Circunstancias criticas para o Papa. Concordata de Leão X., e de Francisco I. em 1516.

CAP. VIII. *O Lutheranismo estabelece-se em o Pontificado de Leão X.* 146

Leão X. manda vender Indulgencias. Luthero levanta-se com audacia contra o abuso. Luthero em lugar de ser applacado, he irritado imprudentemente pelo Pontifice. Luthero nada mais respeita. Luthero condemnado pelo Papa com rigor. Sua Bulla, e as Decretaes queimadas. Progressos rápidos do Lutheranismo. A sciencia dos seus Theologos contribuiu muito para o Lutheranismo. Erasmo tinha razão em os seus pareceres. He verdade que huma reforma era muito difficilissima. Porém o Papa cegava-se extraordinariamente. Espalhava-se materia para desprezar as Bullas, e as excommunições. A razão só teria produzido pouca mudança. Verdadeiras causas da revolução. Ofanatismo armou em breve tempo os Suissos, e os Paizanos de Allemanha. Anabaptistas.

CAP. IX. *Revoluções em o Nórte, especialmente na Suecia, e em Dinamarca.* 157

Margarida de Valdemar unio Sueffia, Dinamarca, e Noruega. Por sua morte quebrou-se a uniaõ. Christiano II Troll, Primaz de Sueffia, trama huma sedição a favor do tyranno. Perfidia de Christiano. O Senado de Sueffia morto cruelmente. Sueffia libertada por Gustayo Vasa. Vingança atroz do tyranno. Christiano privado do Throno pelos Dinamarquezes por meio de huma sentença do Senado. Mudança de Religião em o Nórte executada facilmente. Moscovia, e Polonia. Os Jagellões. Governo Polonez cheio de vicios. A Prússia sob o mando da Ordem Teutonica. Alber-

berto de Brandeburgo divide a Prússia com o Rei de Polonia.

## DECIMA ÉPOCA.

### CARLOS QUINTO,

#### IMPERADOR.

PODER DA CASA DE AUSTRIA. -- CON-  
CILIO DE TRENTO.

*Dès do anno de 1519 , até quasi o an-  
no de 1560.*

CAP. I. *Eleição de Carlos V. -- Suas guerras até  
à batalha de Pavia.* 164

Idéa desta Época. Qualidades de Carlos V. Carlos V., he Rei de Hespanha em 1516. Rebellião fãbia, e prudentemente applacada. Carlos he eleito Imperador, a pezar de Francisco I. Capitulação assignada por Carlos V. Carlos V. não mandada para Roma a Embaixada de obediencia. Com tudo o mesmo Carlos pegou depois no freio, e no estribo ao Papa. Competencia de Carlos, e de Francisco. Wolsey, Ministro de Inglaterra. O Rei de França, e o Imperador grangeão successivamente a amizade de Wolsey. Variações politicas de Leão X. Navarra tomada, e reconquistada. A França perde o Milanez, e Genova. As delicias, e dissipações da Corte, causas das infellicidades. Adriaão VI. succede a Leão X. Carlos grangea novamente a amizade de Wolsey. Proce-

di-

dimento do novo Papa. Grande liga contra França. O Condestavel de Borbon perseguido. Borbon abraça o partido de Carlos Quinto. Bonivente vencido em Italia. Morte do célebre Cavalleiro Bayardo. Sitio de Marselha levantado. Novos erros de Francisco I. Este era o fructo de hum a temeridade inexcusavel. Liga contra o Imperador. A-alliança de Inglaterra quebrou-se.

CAP. II. *Tratado de Madrid sem execução. --- Tratado de Cambrai. --- Divorcio de Henrique VIII. e scisma de Inglaterra.* 178

Condições prescriptas por Carlos Quinto a Francisco I. Tratado de Madrid. Semelhante tratado não se executa. Roma sitiada por Borbon. Roma he saqueada. Hypocrisia do Imperador. Caricis de desafios, e desmentidos entre dous grandes Monarcas. Separação funesta de André Doria. Tratado de Cambrai. Henrique VIII. prepara-se para o divorcio. Sua paixão por Anna Bolena. Henrique enganado por Clemente VII. Desgraça de Wolfey. Os Theologos approvaõ o divorcio com hum a pessima razão. Catharina de Aragoã repudiada. Inovações Religiosas. Com tudo Henrique receava quebrar com Roma. Scisma causado pola precepitação do Papa. Progressos dos Turcos governando Solimaõ II. Tomada de Rhodes. Hungria, e Bohemia disputadas ao Archiduke Fernando. Progresso das Seitas inimigas da Igreja Romana.

CAP. III. *Em que se trata do Lutheranismo depois da Dieta de Worms. -- Carlos Quinto vencedor dos Turcos.*

189

Dieta de Worms, em á qual Luthero compareceo. Como Luthero escapou aos Catholicos. Adriaõ VI. exhorta para o proseguir, e faz protestos singulares. Operações notaveis da Dieta de Nuremberga. Matrimonio de Luthero com Catharina de Bore. Progresso da refórma no tempo da guerra do Imperador com Clemente VII. Dieta de Spira, donde procede o nome de *Protestantes*. Confissão de Ausburgo. Decreto severo contra os reformados. Os Protestantes ligão-se em Esmalkalda. Fernando, eleito Rei dos Romanos. Liberdade de consciencia concedida por causa dos Turcos. Grande vantagem alcançada por meio da liberdade de consciencia, contra Solimaõ. Barba-Ruiva usurpador de Tunes. Barba-Ruiva vencido, e derrotado por Carlos Quinto. Saque de Tunes. Tratado com Muley-Hascen. Negociações de Francisco I. sem effeito. Zelo, que Francisco I. affecta contra os Religiosarios, aos quaes tinha-se mostrado favoravel. Francisco I. procura os meios para reunir os animos. Francisco I. tem novos intentos a respeito do Milanez. Elle deixa passar o tempo, quando he necessario obrar.

CAP. IV. *Carlos Quinto acomette a França. --- Alliança de Francisco I. com os Turcos. Tregoa de Niza. --- Rebelião dos Gantezes.* 200

Carlos Quinto pretende conquistar França. A Provença acommettida, e libertada. Invasão também inútil na Picardia. O Imperador citado para o Parlamento. Suspeitas temerárias postas em Carlos a respeito da morte do Delfim. Alliança de Francisco I. com os Turcos. Esta aliança não tem effeito. Conferencia, e tregoa de Niza. Matrimonio de Ottavio Farneze. Assassínio de Alexandre de Medicis. Carlos Quinto não pode obter dinheiro das Cortes. Carlos exclue das Cortes o Cléro, e a Nobreza. Ativez, e independencia dos grandes de Hespanha. Rebelião dos Gantezes, da qual Francisco I. não se aproveita. Carlos obtem a passagem pela França. Doma Carlos, e castiga os Gantezes. Carlos não cumpre a palavra que tinha dado ao Rei.

CAP. V. *Concilio geral convocado pelo Papa Paulo III. --- Continuação de tumultos, e de guerras. --- Tratado de Crépi. --- Tyrannia de Henrique VIII.* 209

Procedimento de Paulo III., a respeito dos negocios de Religião. Projectos do Concilio. Conferencia infructuosa de Ratisbona. Decreto condemnado pelo Papa, e desagradavel aos Protestantes. Fernando perde huma parte da Hungria. Emprezas de Carlos Quinto a respeito de Argel. Novo projecto de guerra para Francisco I. Suas alianças. Francisco I. tinha alienado os Protestantes, e Henrique VIII. Liga de Henrique com o Imperador. Cinco exercitos Francezes. Primeira campanha sem successo. Cerco de Niza, levantado pelos Francezes, e pelos Turcos. Atrevimento dos

Pro-



Protestantes de Allemanha. O Imperador grangea a amizade dos Protestantes deixando-lhes a liberdade de Religião. Victória inuail da França em Cerizolas. Os inimigos perdem o tempo em pôr cercos. Tratado de Crépi entre Carlos , e Francisco. Mórte do Duque de Orleans , a qual desconcerta as medidas tomadas para a guerra. Henrique VIII. faz a paz não tendo quasi nada adquirido. Este Principe , escravo das suas paixões ; os seus seis matrimonios. Henrique dictava ao Parlamento Leis absurdas , e sanguinarias. Seus caprichos tyrannicos em materia de Religião. O que Henrique VIII. pretendia que se conservasse da Igreja Romana. Morus , e Fisher executados.

CAP. VI. *Principio do Concilio de Trento. ---*  
*Guerra contra os Protestantes de Allemanha. ---*  
*Fim de Francisco I. , e de Henrique VIII. 222*

Os Catholicos requeriaõ sempre hum Concilio. Paulo III. occupado com a sua familia , convoca não obstante o Concilio de Trento. Os Protestantes não se querem sujeitar ao Concilio. O Imperador cessa de os respeitar. Porém o seu partido augmentava-se. Principio do Concilio. Inveitidura de Parma. Primeiros Decretos a respeito da Escritura , e da Tradição. O Papa os irrita , depondo o Arcebispo de Colonia. Carlos Quinto une-se com Paulo III. contra os Protestantes. Condições do Tratado contrarias aos seus públicos protestos. O Papa revela imprudentemente o segredo. Forças formidaveis dos Protestantes. Muitos com tudo tinhaõ-se desannexado da Liga. Os Protestantes escrevem em lugar de accometter promptamente. Constancia atrevida do Imperador. Carlos prevê as suas divisões. Mauricio de Saxonia acomette o Eleitorado de seu Primo. Os confederados dividem-se ; e pedem perdaõ. A Saxonia

*TOM. VII.* Cc nia

nia tomada novamente pelo Eleitor. Paulo III. invejoso, retira as suas tropas. Conjuração de Fiesco em Genova. Francisco I. morre quando se preparava para restabelecer o equilibrio. Suas boas, e más qualidades. Protecção concedida ás Letras, e ás Artes. Barbaridade, com pretexto de Religião, em Provença. A Bretanha reunida á Coroa. Morte de Henrique VIII.

CAP. VII. *Carlos Quinto opprime a liberdade Germanica. --- Henrique II., Rei de França. --- Continuação do Concilio de Trento.* 235

A Saxonia acometida por Carlos Quinto. O Eleitor João Frederico vencido, derrotado, e prisioneiro em Mulhausen. João Frederico he condemnado á morte sem se consternar. O Eleitor, descendendo com a sua familia, cede o Eleitorado. O Landgrave de Hessa sujeita-se. O mesmo Landgrave he prezo por trahição. Despotismo intoleravel do Imperador. O Imperador restabelece o Culto Romano em Ausburgo, e falla a favor do Concilio. O Concilio porém estava prompto para se dissolver. Assassinato de Pedro Luis Farneze. O *Interim* do Imperador, publicado na Dieta de Ausburgo. Os dous partidos devião descontentar-se do *Interim*. O *Interim* executado pelo terror. Paulo III. pretende unir Parma, e Placencia com a Santa Sé. Ottavio Farneze resiste-lhe. Morte do Papa. Nova sociedade dos Jesuitas. Principios de Julio III. Julio convoca o Concilio de Trento. Carlos Quinto pretende ser senhor de Parma. A Inglaterra em o governo de Duarte VI. não inquietava a França. Henrique II. arma-se pela defeza de Farneze. Decisões importantes do Concilio, posto que pouco numeroso. Novos factos do despotismo do Imperador.

CAP.

**CAP. VIII.** *Carlos Quinto abattido , e humilhado por Mauricio de Saxonia. -- Henrique II. toma, e conserva os Tres-Bispados.* 246

Politica sagaz de Mauricio de Saxonia. Mauricio he nomeado General contra Magdeburgo. Mauricio acomette esta Cidade Lutherana , e adquire novamente a confiança dos Lutheranos. Mauricio unido com a França sempre dissimula. O mesmo Mauricio tambem engana o sagaz Granvelle. Mauricio finalmente declara-se. Manifesto de Henrique II. Conquista dos Tres-Bispados. O Imperador foge de Inspruk. Conferencias de Passao. Condições expostas a Carlos Quinto. O Rei de França , abandonado pelos seus alliados. O Concilio ainda interrompido. Quaes tinhaõ sido os peditorios dos Protestantes. Grandes preparos para tomar novamente os Tres-Bispados. O Duque de Guisa prepara-se para defender Metz. O Imperador levanta o sitio. Suas perdas em Italia. Morte do famoso Mauricio de Saxonia. O seu tronco [ Albertino ] fica na posse do Eleitorado. Morte de João Frederico. Successos da guerra. Strozzi , e Montluc. Conspiração dos Franciscanos de Metz. Castigo dos culpados.

**CAP. IX.** *Reinado de Maria em Inglaterra. --- Paulo IV. move a Europa por ambição. --- Renúncia de Carlos Quinto.* 259

Maria tinha succedido a Duarte VI. em Inglaterra. O seu matrimonio com Filippe II. , desagradavel aos Inglezes. O Catholicismo restabelecido. Perseguição de Maria , e de Filippe. Donde procedia semelhante espirito de perseguição entre os Christãos. Os Heterodoxos tiveram assim como os outros o mesmo espirito de perseguição. Infellicidades , que necessariamente resultão do espirito de perseguição. Dieta de Ausburgo , onde se trata da paz de Religião. Artigos do Decreto. O Decreto devia offender a Corte de Roma , que pretendia unicamente decidir. Paulo IV. ( Caraffa ) ao principio Religioso Austéro. Paulo com oitenta annos de idade muda de costumes. Sua aspereza , e sua altivez. Paulo ameaça o Imperador , e faz alliança com a França. Abdicação de Carlos Quinto a favor de seu filho. Discurso de Carlos com Filippe em Bruxellas.

**CAP. X.** *Guerra de Henrique II. com Filippe II. , excitada por Paulo IV. --- Morte de Carlos V.* 268

Carlos Quinto conclue huma tregoa com a França. Porém a ambição de Paulo IV. , e dos Guisas ateia novamente a guerra. Procedimentos violentos do Papa. Escurulos de Filippe II. O Duque de Guisa precipita-se na guerra de Napoles. Cerco de Santo Quintino. Montmorenci vencido , e derrotado pelo Duque de Saboya. Filippe aproveita-se pouco da victoria. O Escorial edificado por voto. Paulo IV. faz a paz com a Hespanha , e a abatte. O Duque de Guisa toma Ca-

Calais. Tomada de Thionvilla. Batalha de Gravelinas. Tudo se dispoem para a paz. Carlos Quinto deixa, a pezar leu, o Imperio a Fernando seu irmão. Opposição de Paulo IV. aos actos da Dieta. O que Paulo requeria do Imperador. Retiro de Carlos Quinto para hum Mosteiro. Carlos morre melancolico, devoto, e de idade de quarenta, e nove annos. Sua actividade, e seus talentos. Carlos deveria ter seguido outro caminho differente. Seus sentimentos a respeito da perseguição. Zelo violento de Filippe II. para a catholicidade.

CAP. XI. *Isabel reina em Inglaterra, e muda a Religião. --- Paz de Cateau Cambresis. -- Fim de Henrique II., e de Paulo IV.* 280

Isabel succede a Maria em Inglaterra. Isabel trata da indignamente por Paulo IV. Isabel muda a Religião com prudencia. Utilidades públicas da reforma. Quanto prejudicava ao Reino a unica peregrinação de S. Thiago. Conducta de Filippe II. com Isabel. Tratados, e negociações de Cateau Cambresis. Tratado com Isabel: esta abandona Calais. Tratado com Filippe II. A França cede muito; estas uniões são desculpadas por meio de dous matrimonios. Morte de Henrique II. Seu zelo affectado, e funesto. Morte de Paulo IV., abominado em Roma. Pio IV.

CAP. XII. *Fim do Concilio de Trento. -- Sua disciplina, reprovada em França. -- Socinianismo, literatura, &c.* 287

Requeria-se em França hum Concilio nacional. Proposições feitas ao Papa por Catherina de Medicis. Pio IV. convoca, e ajunta o Concilio de Trento. Não podendo Pio attrahir os Protestantes para o Concilio, propoem que se armem contra elles. Queixas dos Francezes contra o Concilio. Influencia dos Legados, e dos Italianos. Muitas intrigas, e disputas. Decreto proposto para a refórma dos Principes. Opposição dos Francezes, a qual pouco se respeita. Todas as constituições, a respeito das immuniidades Ecclesiasticas, confirmadas. Outros Decretos contrarios ao direito commum, ou ao civil. A respeito do matrimonio. A respeito da profissão religiosa. Disputas a respeito da precedencia. Estabelecimento dos Seminarios, util, porém imperfecto. Pio IV. confirma o Concilio com precipitação. Como foi recebido o Concilio em os Estados. Maximiliano II. requer o matrimonio dos Clérigos. O Concilio, e o *Index* não fazem senão escandalizar os Protestantes. Origem do Socinianismo, que reprova os Mysterios. Lelio, e Fausto Socinio. Gentes de letras d'aquelle tempo. Rafael, e Miguel Angelo. Ramus perseguido pelos Doutores. Imprudencia dos zeladores apaixonados.

---

---

## UNDECIMA ÉPOCA.

### GUERRAS DE RELIGIAO EM FRANÇA.

SOBLEVAÇÃO DAS PROVINCIAS UNIDAS CONTRA FILIPPE II. --- INGLATERRA FLORECENTE NO REINADO DE ISABEL.

*Des do anno de 1559, até o Reinado de Henrique IV.*

---

CAP. I. *Reinado de Francisco II. --- Principio dos tumultos de Religiao em França.* 300

Obrigaçao penosa, e perigosa de hum Historiador. Facções na Corte de França. Catherina de Medicis. Os Guisas, os Borbons. Montmorenci. Progressos da doutrina protestante em o Reinado de Francisco I. O mal tinha-se augmentado em o Reinado de Henrique II. Supplicio de Anna de Bourg, em o Reinado de Francisco II. Inquietação-se, e irritavação-se os Calvinistas. Conjuração de Amboisa. Assamblêa, em a qual Coligni apresenta hum requerimento dos Seitarios. Discursos de dous Bispos moderados. Queixas, e petições de Coligni. Opposição dos Guisas. O Rei de Navarra, e o Principe de Condé, avisados para os Estados de Orleans. Processo de Condé.

CAP.

**CAP. II. Principios de Carlos IX. --- Primeira guerra civil de Religiao.**

309

Carlos IX. succede a Francisco II. Politica da Rainha Mãi. Mudanças na Corte. O Chanceller de Hopital. Decreto de Romorantin. Discurso do Chanceller em os Estados. Nenhuma harmonia em os Estados. Ordenações, que naquelle tempo se fizêrão. Colloquio perigoso de Poissi. Audacia de Lainez. O Bispo de Paris, e a Uuiversidade contra os Jesuittas. O Rei de Navarra une-se com o Triumvirato. Assamblêa de Magistrados, a fim de restabelecer a boa ordem, e a paz. O Chanceller falla nesta Assamblêa, a favor da tolerancia. Decreto moderado, registado por força. Os Calvinistas armados por causa da mortandade cruel de Vassy. Primeira guerra civil atroz. Sitio de Ruaô. Batalha de Dreux. Francisco, Duque de Guisa, assassinado por Poltrot. Pacificação favoravel para os Calvinistas. O Havre tomado novamente aos Inglezes.

**CAP. III. Maria Stuart, até o tempo da sua prizaõ. --- Rebellião dos Flamengos. --- Continuação das guerras civis em França.**

320

Progressos do Calvinismo em Escossia. Congregação rebelde. João Knox, Discipulo de Calvino. Isabel defende os Escociezes. Tratado de Edimburgo. Mudança de Religião. Maria Stuart acometida pelo fanatismo. Maria Stuart casa com Henrique Darnley, e arrepende-se do casamento. Homicidio de Rizio. Homicidio do Rei. A Rainha casa com Bothwel, e perde a Coroa. Maria Stuart foge para Inglaterra, onde Isabel a abominava. Sabio, e prudente governo desta Princeza. Filippe II. pretende, mas em vão sujeitar a Inquisição. Napoles, e Milaõ. Sedições em os Paizes-Baixos. Con-



ferencia de Bayona , a qual atemorisa os Proteſtantes. Mórte de Pio IV. Zelo violento de Pio V. Peſſoas , que Pio V. mandou queimar por hereges. Ordenação contra as meretrizes. Rebelião dos *Pobres* em Flandres. O Duque de Alba he mandado para Flandres. Parecer da Inquiſição de Heſpanha. Os Condes de Egmond , e de Horn executados. Novas guerras de Religião em França. Tres batalhas perdidas pelos Calvinistas. Batalha de Jarnac. Tratado de S. Germano , por meio do qual obtem os Calvinistas tudo quanto deſejaõ. Huma ſabia , e prudente indulgencia , teria apoupadõ grandes infelicidades.

CAP. IV. *Gnera famosa com os Turcos. --- Pio V. --- Dia memoravel de S. Bartholomeu. --- Fim de Carlos IX.* 332

Deſgraça do Chanceller d'Hopital por huma Bulla de Pio V. Bulla *In cœna Domini*. Guerra com os Turcos. Sitio de Malta. Mórte de Solimaõ. Ilha de Chypre tomada pelos Turcos. Liga de Pio V. contra os Turcos. Batalha de Lepanto vencida por D. João de Austria. Alliança , que o Papa propoem aos Arabes , e aos Perſas. Contra-dição digna de obſervação. Hum Graõ-Duque de Toſcana , creado por Pio V. Falsas razões para authorisar ſemelhante procedimẽto. Continúa-se a obrigar as consciencias. Matrimonio do Rei de Navarra com a irmã de Carlos IX. Carta para o Almirante de Coligni. Mortandade cruel do dia memoravel de S. Bartholomeu. Seme'hante barbaridade authorisada , e celebrada. Os Calvinistas chegaõ a ſer mais formidaveis. Mórte de Carlos IX.

**CAP. V. Principios do Reinado de Henrique III.**  
*— Continuação dos tumultos em os Paizes-Baixos.* 343

Henrique III. perde em breve tempo a sua reputação. Facção dos politicos. O Rei de Navarra unido com o Duque de Alençon. Morte do Cardeal de Lorena. Falsidade do seu zelo. Quinto Decreto de pacificação, o mais favorável para os Calvinistas. Philippe II., causa principal de todas as infellicidades. Os Mouriscos perseguidos, e rebeldes. O Duque de Alba continua as suas crueldades. Rebellião completa dos Hollandezes. Governo de Requesens. D. João de Austria successor de Requesens. Os Flamengos refugião-se para Inglaterra.

**CAP. VI. Origem da liga. — Philippe II. senhoreia-se de Portugal, e perde as Provincias-Unidas.** 350

Vícios, e hypocrisia de Henrique III. Irmandades de penitentes. Origem da Liga. As confederações dos Protestantes; menos extraordinarias. Estados de Blois. O Rei declara-se Chêfe da Liga. Outro decreto mais de pacificação. O procedimento do Rei annuncia novos tumultos. Quatro Principes arruinão os Paizes-Baixos. Sebastião, Rei de Portugal, morto em huma expedição de Africa. O Cardeal Henrique succede-lhe. Depois da morte de Henrique, Philippe II. apodera-se da Coroa de Portugal. Várias cabeças illustres postas em preço. União de Utreque, a qual não se podia defender por si mesma. Os Estados geraes declaraõ Philippe II. privado da Soberannia. Philippe fundando-se em huma dispensa do Papa constitua o juramento dos seus vassallos sem effeito algum. Fim infeliz do Duque de Anjou. O Duque de Anjou esteve quasi para casar com Isabel. Assassínio do Principe de Orange.

**CAP.**

CAP. VII. *A liga declara-se contra os Borbons. --- Excessos de Sixto V. --- Processo da Rainha de Escocia. --- Isabel triunfa da Hespanha.* 362

Os conspiradores irritão-se contra o Rei de Navarra, herdeiro da Coroa. Antes de se soblevarem, consulta-se o Papa Gregorio XIII. Fim deste Pontificado. Sixto V. O Cardeal de Borbon declara-se Chêfe da Liga. Tratado de Nemurs a favor dos conspiradores. Bulla de Sixto V. contra os Borbons. Protestação de Henrique IV. fixada em Roma. Sentimentos do Papa a respeito deste Principe, e de Isabel. A Bulla excita huma duplicada guerra civil. Politica de Isabel a respeito da Rainha de Escocia. Maria conservada prisioneira por Isabel. Movimentos a favor de Maria. Os Catholicos conspirão, e são castigados. A doutrina do tyrannicidio reduzida em praxe. Parry. pretende matar a Rainha. Ballardo, e Babington seguem os passos de Parry. Processo de Maria Stuart. Sobre quaes prôvas he condemnada Maria Stuart. Dissimulação hypocrita de Isabel. Maria he executada. Isabel defende as Provincias-Unidas. Os Inglezes chegão a ser formidaveis por mar. Sixto V. concede Inglaterra ao Rei de Hespanha. Frota *invencivel* para a conquista. Prudencia, e valor da Rainha em o perigo. O armamento Hespanhol he quasi destruido. Como esta noticia foi recebida em Hespanha.

CAP. VIII. *Liga dos Dezaseis. — Affassinio dos Guisas. — Fim de Sixto V.* 377

Liga dos Dezaseis em París. Henrique III. obrigado a fazer guerra a seu herdeiro. O Duque de Guisa triunfante. Requerimentos sediciosos dos Principes Lorenos. Inquisição, e Concilio de Trento. Guisa, Senhor da Capital. Edicto de reunião dictado ao Rei. Pretendem-lhe impôr obrigações muito mais cruéis. Henrique manda assassinar o Duque, e o Cardeal de Guisa. Henrique cahe novamente em a sua frouxidão. Morte de Catharina de Medicis. Fanatismo dos Dezaseis. O Parlamento conduzido para a prizaão. Reconciliação de ambos os Reis. Monitorio de Sixto V. O monitorio he publicado em algumas Cidades. Sirio de París. O Rei assassinado por Jacques Clemente. Morte de Sixto V. Factos do seu Pontificado. Projectos a respeito de Napoles. Desprezo para com Henrique III. Dito de Isabel a respeito deste Papa. Urbano VII., e Gregorio XIV.

*Fim do Summario das materias do setimo Volume.*

## LIVROS MODERNOS, QUE SE VENDEM EM CASA

de Francisco Rolland, Impressor-Livreiro em Lisboa ao Bairro alto, na Esquina da rua do Norte.

**A**VENTURAS de Talemaco: Nova Traducção augmentada, em 8.

Atlas novo para apprender facilmente a Geografia, com 24 Mappas, em 8.

Arte Poetica de Horacio, trad. e illust. por Candido Lusitano, em 8.

Adagios, Proverbios, e Anexins da lingua Portugueza.

Arte de Prêgar segundo o Espirito do Evangelho, em 8.

Amigo do Principe, e da Patria, ou bom Cidadão, em 8.

Avisos Religiosos, traduzidos do Francez, em 8.  
4 Vol.

Bom Lavrador, ou o Apaixonado da Lavoura, em 8.  
2 Vol.

Boa Lavradora, ou Caseira Economica, em 8.

Belizario de Marmontel: Segunda Edição com o retrato, em 8.

Catecismo Romano, ou Compendio da Doutrina Christã, em 8.

Costumes dos Christãos por Fleury, em 8. 2 Vol.

Costumes dos Israelitas por Fleury, em 8.

Diario do Christão, santificado pela Oração, e meditação, em 8.

Discurso sobre o modo de fomentar a Industria do Povo, em 8.

Dialogos dos Mortos para desabufar a Mocidade, em 8.

Despedidas da Marechal de " a seus filhos, em 8.

Descripção das Enfermidades dos Exercitos por Van-Swieten, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes de Marmontel, e outros, em 8. 5 Vol.

Escola fundamental, ou methodo facil para aprender a lêr, escrever, e contar, com os primeiros Elementos da Doutrina Christã, por hum Professor.

Espirito do Christianismo, ou Conformidade do Christão com Jesu Christo, em 8.

Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca, em 8.

Elo-

- Elogios dos Reis de Portugal por Fr. Bernardo de Brito, e addicionados por D. José Barbosa, em 8.
- Fabulas de Esopo com applicações moraes, em 8.
- Historia Geral de Portugal por La Clede, em 8. grande, 10 Vol.
- Historia Geral de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 8 Vol.
- Historia Ecclesiastica, ou os Seculos Christãos por Ducreux, em 8. gr. 7 Vol.
- Historia Universal do Abade Millot em 8. gr. 7 Vol.
- Historia de Carlos Magno, augmentada com as acções, e Victorias de Bernardo del Carpio, em 12. 3 Tomos, em 2 Vol.
- Historia de Theodosio o Grande por Flechier: Traducção posthuma do Capitaõ Manoel de Sousa, em 8.
- Homem Escrupuloso, util para as Almas escurpulosas, em 8.
- Heroifino da Amizade: David, e Jonatas, Poema, em 8.
- Imitação de Christo por Kempis: Segunda Edição emendada por hum Religioso Arrabido, com estampas, em 12.
- Imitação da SS. Virgem, para servir de continuação á *Imitação de Christo*, em 12.
- Livros dos Meninos; Traduzido do Francez, em 8.
- Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol.
- Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronymo Corte Real, em 8.
- Noticia da Mythoolgia, ou Historia do Paganismo, em 8.
- Noites d'Young: Traducção de Vicente Carlos d'Oliveira, em 8. 2 Vol. com estampas.
- Noites Clementinas; Poema em 4 Cantos á morte de Clemente XIV, (Ganganelli). trasladado em vulgar por hum Anonimo; ajuntou-se-lhe no fim o Poema Original em Italiano, em 8. 1785. bom papel.
- Officio da Semana Santa; Nova Edição augmentada com Meditações, e Orações para a confissão, e Communhaõ, &c., em 12. com estampas.
- Origem, e Orthografia da lingua Portugueza por Duarte Nunes de Lyaõ, em 8.

Obras de Sá de Miranda , com a sua Vida , e Comedias , em 8. 2 Vol.

Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita , em 8. 2 Vol.

Obras Poeticas de Valadares Gamboa , em 8.

Obras escolhidas do Marquez de Caracioli , em 8. 4 Vol.

Panegyricos , e Discursos Evangelicos , em 8. 4 Vol.

Peregrinação de Christão debaixo da allegoria de hum sonho , em 8.

Prática da Devoção do Sagrado Coração de Jesus pelo Padre Croiset , com a Vida da Veneravel Margarida A-la-Coque , em 8. 1786.

Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade , em 12.

Regras da Versificação Portugueza por hum Anonimo , em 8.

Reflexões sobre a Misericordia de Deos pela Duqueza de la Valiere , em 8. 1786.

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens , em 8.

Retrato da Morte com hum Dialogo entre hum Vivo , e hum Morto , em 8.

Secretario Portuguez : Nova Edição augmentada com dous Supplementos sobre muitos pontos concernentes á Theorica , e Prática do Commercio. *O primeiro contém* : Cartas de Commercio com as respostas. = Instrumento de Procuração , e de Fretamento. = Escritura de Compromisso. = Modelos para Letras de Cambio. = Protesto de huma Letra de Cambio. = Várias Fórmãs de Recibos. *O segundo contém* : Quanto o Negociante he util , e prestadio ao Estado. = Das Letras de Cambio , e máximas concernentes ás ditas. = Das Lerras de Crédito , e de Transporte. = Da Liquidiação. = Das Partidas dobradas. = Das Sociedades. = Da Especulação. = Do Syndico dos Fallidos. = Balanço geral dos bens de hum Fallido : Com hum Tratado dos Cambios , e huma Taboada do valor do dinheiro Estrangeiro de Amsterdaõ , Londres , Paris , &c. em Lisboa , e Porto , segundo o Cambio , que gyra entre aquellas , e estas duas Praças Commerçiantes , &c. , em 8. grande , 1787.

Syn-

Syntaxe Latina , explicada segundo o moderno systema philosophico , em 8. 1785.

Theſouro de Prégadores por Fr. Antonio de Padua e Bellas ( hoje Bispo do Maranhão ) em 8. 2 Vol.

Tratado das Obrigações da Vida Christã pelo Padre de Thracy , em 8. 2 Vol.

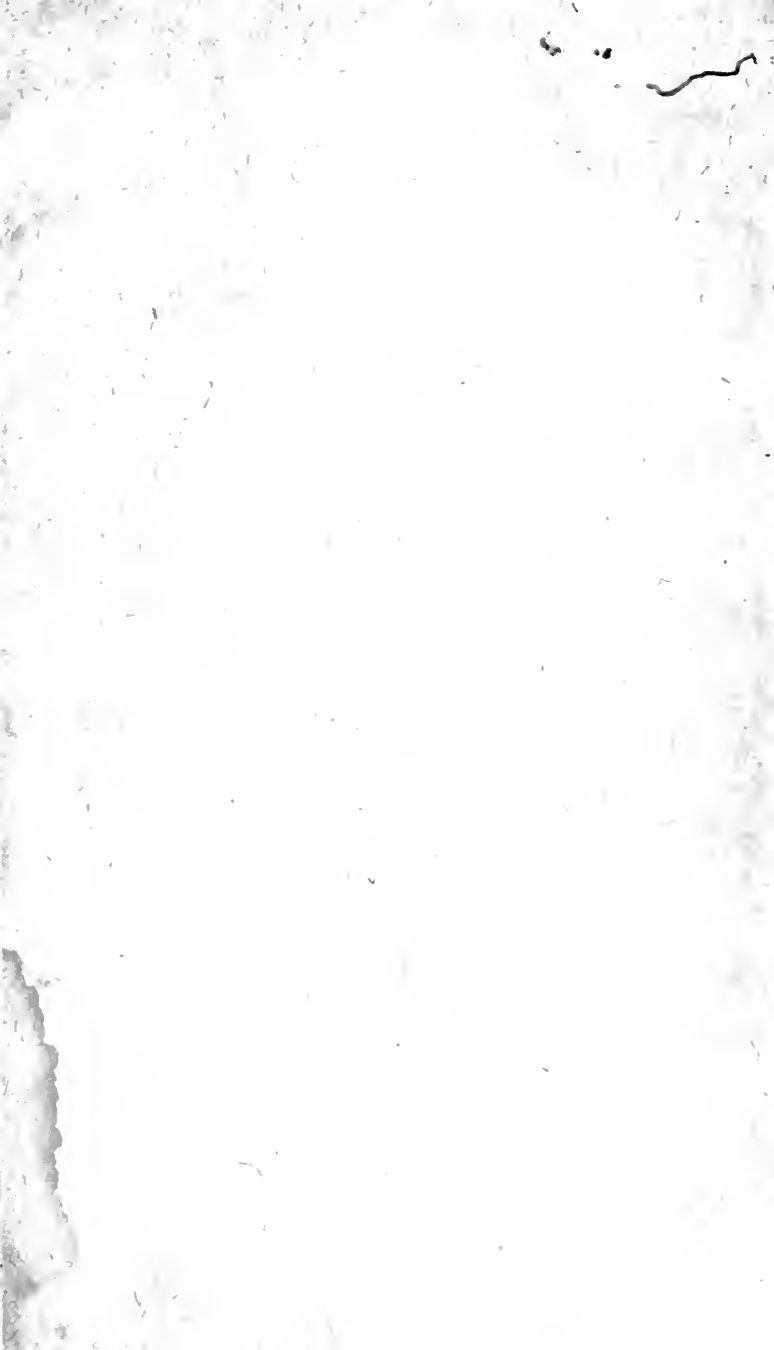
Tratado Physico-Medico-Chimico das Aguas das Caldas , em 8.

Vida de D. João de Castro por Jacintho Freire de Andrada : Nova Edição adornada com estampas , &c. em 8. 1786.

Vida de Jesus Christo na Eucharistia , traduzida do Francez , em 8.

*N. B. O mesmo Francisco Rolland encarrega-se de apromptar qualquer encommenda de Livros, e não tem dúvida de trocar os Livros mencionados neste Catalogo contra qualquer outro genero de fazenda.*







**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

D  
18  
M5419  
1801  
v.7  
c.1  
ROBA

Not wanted in RESC.

